

FERNANDA CAMPOS

*AS
ESTRELAS
SABEM*



Para Jesse Zambello,
Debora Theobald
e todas as garotas que
alimentam um coração clichê.

**“As pessoas são estúpidas por não verem que não importa a aparência,
mas sim o que acontece dentro dela.”**

(O Diário da Princesa – Meg Cabot)

**“Em vão tenho lutado sem sucesso. Deve permitir que eu te diga o quão
ardentemente te admiro e te amo”**

(Orgulho e Preconceito – Jane Austen)

PEQUENAS NOTAS INTRODUTÓRIAS

Eu sei que, no geral, as notas dos autores vem no final. Tudo bem – eu nunca fui muito ortodoxa. Escrevo esse primeiro texto para dizer de onde falo, sobre o quê e, principalmente, para ajudar na leitura que você tem as mãos. Para quem me conhece de outras histórias, disponibilizadas gratuitamente em plataforma digital, alguns personagens não serão estranhos. Reencontre com eles. Admire o quanto cada um mudou nesses anos. Esse texto pode ser lido depois, ou nem lido, se não quiserem. Vocês sabem de que ponto estou falando.

Para quem não me conhece, sugiro a leitura dessas linhas, antes de começar a torcer pelo casal protagonista.

Sou psicóloga e feminista. E, embora pareça bobagem dizer isso, é importante ressaltar que, portanto, meus romances perpassam por minhas duas visões de mundo. A história que se desenrolará nas próximas páginas vai dialogar com esses dois campos de saber, mas isso não impede que os personagens tomarem posicionamentos machistas em determinados momentos. Isso nunca impede, não é? Infelizmente, a estrutura que vivemos é profunda e a mudança é difícil para todos – inclusive para quem se coloca na luta. Os personagens não são diferentes. Você pode revirar os olhos para eles – eu revirei várias vezes. Pode não concordar. Pode querer brigar. Mas não perca a paciência – a evolução faz parte de todas as histórias, inclusive a nossa. Ainda bem que somos bem diferentes do que cinco anos atrás, certo?

Ponte Belo foi uma cidade criada em 2016 e é um reflexo de muitas cidades pequenas, reféns de famílias poderosas. Talvez você reconheça – eu espero que não. De todo modo, alguns personagens aqui já tiveram suas histórias contadas – Vênus foi a primeira, seguida por Luana. Você pode procurar por elas na internet, porque continuam disponíveis (Tudo Aquilo Que Eu Não Sou e Doses Lunáticas de Amor e Café), caso se interesse pelo que é dito aqui. No geral, a ordem cronológica afeta pouco a narração, a não ser em se tratando dos casais já formados. O epílogo é um presente para velhos leitores e, portanto, não se espante com o tamanho dele: a história da Juliana encerra o que eu chamo de Squad Ponte Belo, esse grupo tão presente nesse romance que nos faz repensar, o tempo todo, o que é família.

No mais, espero que você goste, dê risadas e xingue os personagens algumas vezes – a Deusa sabe que eles merecem, vez ou outra. E se interesse em conhecer mais histórias dessa cidade pitoresca dos confins de Minas Gerais, tanto quanto eu me interesse em contar as histórias desses personagens.

É só isso.

E, ah, claro, beijos cafeinados.

[1] AMOR: EVITE, SE POSSÍVEL

Sirius Black está morrendo.

Tudo bem, eu sei que ele já *morreu*, há *muitos anos*. Mas toda vez que vejo essa cena, eu choro. Mesmo que seja ridículo. Porque, de todo modo, sou um pouco ridícula, sim.

Pior: sou uma ridícula com maquiagem borrada. Culpa da minha irmã, que está maratonando Harry Potter e escolheu justo o momento que estava passando pela sala ver A Ordem da Fênix. Quem revê a Ordem da Fênix, pelo amor de Deus? Existe um limite de masoquismo na vida e ele se chama: não reviver a morte de Sirius Black. E, óbvio, eu não resisto ao masoquismo.

— Sua amiga está atrasada, não é? — Júlia questiona, então franze o cenho para mim. — Você tá chorando de novo?

Júlia não entende meu amor por personagens. Entenderia menos ainda se eu dissesse que Sirius Black foi meu primeiro *crush* literário, e já é duro demais saber que não ficaríamos juntos porque ele não existe na vida real — é insuportável saber que, além disso, ele está morto. Morto. Pelo amor de Deus, Joanne!

— Você sabe que ele não existe, não é? Nunca existiu — ela diz, enquanto a cantoria “eu matei Sirius Black” ecoa pela sala.

— Para. — Fecho os olhos.

— Juliana, olha pra mim. — Eu a encaro. — Personagens literários não existem. Para de sofrer por eles. Não faz o me-nor sentido.

— Você é babaca.

— E você é idiota. Sabe o que você deveria fazer? Parar de imaginar que vive um amor com personagens inexistentes e viver um amor, que tal?

— Sim, onde estão seus amores vividos mesmo?

— Pelo menos, eu transo.

Eu rosno, sem me conter. Júlia e eu somos muito diferentes, e não só porque ela é uma garota da saúde, com seu curso de odontologia, desfilando bons hábitos por todos os cantos da casa; nem mesmo porque ela teve coragem de deixar Ponte Belo para trás e fazer faculdade em outra cidade. É muito antes disso, uma diferença originária, como se a gente tivesse combinado, implicitamente, que seríamos tão discrepantes quanto possível, para nossos pais saberem quem era quem.

Não que sejamos parecidas. Júlia tem olhos castanhos, pele morena, e cabelos extremamente pretos e volumosos. É magra, daquele tipo que nunca precisa se preocupar com as calorias; é inteligente sem precisar gastar horas estudando; é popular sem precisar se esforçar e todos os garotos sempre a chamam para sair.

Eu sou mais baixa, mais encorpada, mais desengonçada e, infelizmente, preciso de muito mais tempo estudando para aprender qualquer coisa que seja. Mas herdei os olhos verdes da minha mãe – o que faz Júlia me desprezar sempre que pode.

— Você, ao menos, já beijou na boca?

— Isso não é da sua conta.

— Como você conseguiu ficar amiga da Vênus? Ela é completamente louca. Não faz o menor sentido.

Antes que eu responda, a campainha toca e dou um pulo do sofá, contente por poder ignorar essa conversa.

— Você devia consertar a maquiagem antes de abrir a porta.

— Vai se danar.

Júlia ri, repetindo “vai se danar” como se isso fosse muito engraçado. Abro a porta esperando encontrar minha amiga, que já está vinte minutos atrasada, mas é o cara do Correios que vejo a minha frente.

— Juliana Galli? Encomenda. — Estica a prancheta para mim. — Boa tarde.
— Me entrega o pacote e vai embora.

— Mais um pacote? — Júlia berra da sala. — Você ainda não desvendou isso, maluca?

Ignoro minha irmã e abro o pacote, na porta de casa mesmo. Os pacotes começaram a chegar há mais ou menos um ano, sem remetente, com uma letra de forma sem marca pessoal. O primeiro, uma edição de luxo de Orgulho e Preconceito, eu encontrei no jardim de casa. Achei que alguém apenas havia perdido, até ver a dedicatória com meu nome na contra-capá.

Nos primeiros meses, fiquei louca atrás de quem havia mandado. Tentei achar um padrão nas letras e identificar nos caras que conheço, mas não cheguei a nenhum lugar porque não conheço tantos garotos assim e os que conheço ou não gostam de ler ou namoram minhas amigas. E, céus, é perturbador achar que um namorado de uma amiga me manda livros em segredo. Então, antes que surtasse com o fim da linha, outra encomenda chegou, dessa vez pelo Correios.

Eu esperava que o segundo livro clareasse melhor o mistério, porque poderia ser um padrão. Mas o livro escolhido foi O Guia do Mochileiro das Galáxias, e, de novo, não havia nenhuma marca conhecida na dedicatória: só uma letra de forma sem graça e informal, numa dedicatória dolorosa de quase bonita. Sério, tudo bem, é poético citar passagens de um livro na dedicatória, mas, quando vem escrito “para a garota que mais evita o amor no mundo”, é *cruel*.

Joguei o livro embaixo da cama, irritada com a audácia. A garota que mais evita o amor. Tá bom. Como se a pessoa por trás disso enfrentasse muito bem o amor, se escondendo em remetentes invisíveis e letras sem graça, não é? Claro.

O terceiro livro continuou fora do padrão – um volume de cartas de Clarice Lispector – mas teve uma dedicatória melhor, algo como aproveitar minhas epifanias diárias. Esse é o quarto livro que eu recebo, e continuo tão encantada pelo presente, quanto irritada por não conseguir saber quem me enviava, para agradecer por todo o trabalho.

Estou tirando o livro da caixa quando Vênus aparece, com um vestido de estampa do Arctic Monkeys e coturnos nos pés.

— Outro livro?

— Você está atrasada.

— Eu nunca me atraso. Sempre chego na hora que tenho que chegar.

— Você está mesmo citando Senhor dos Anéis? – Encaro minha amiga com descrença. – Pedro está fazendo uma lavagem cerebral em você?

Vênus namora, há quase dois anos, meu professor e orientador de TCC. Ela também fez História por seis meses, antes de desistir e ir cursar Psicologia. Não faço ideia de como ela namora Pedro, porque ele é a pessoa mais nerd e perfeccionista que conheço, mas, de um jeito bizarro, eles são um bom casal. Do tipo que seriam fofos numa história para jovens-adultos, eu acho.

— Vai à merda. E por que você tá com a cara toda borrada?

— Júlia está vendo A Ordem da Fênix.

— E você chorou com Sirius outra vez. – Ela revira os olhos. – E tira logo esse livro da caixa, estou curiosa.

— Claro que está. – Desembrulho o livro. – Ah. Minha. Nossa.

— Uau – diz Vênus e até ela parece um pouco impressionada. – Por favor, esfregue isso na cara de Pedro, por mim. Ele está louco nessa edição.

É a biografia de Tolkien, O Senhor da Fantasia, de edição limitada e de capa dura. Passo a mão pela capa, com carinho, mas antes que eu faça qualquer coisa, minha melhor amiga tira o livro das minhas mãos e o abre.

— Ei!

— “Que você se agarre a algo bom nesse mundo, pelo qual vale a pena lutar”. Que filosófico.

— É uma frase do Sam. – Puxo o livro da mão dela, mas Vênus apenas dá um sorrisinho. – Que foi?

— Isso é mesmo sua cara, não é? A garota que nunca se apaixona por ninguém real, recebendo livros de uma pessoa que não diz o nome. Não sei quem é esse cara, mas ele tá de parabéns pela genialidade. Só assim para deixar alguém como você envolvida.

— Isso não é verdade – resmungo, entrando em casa.

— Sério? Porque não me lembro da última vez que você beijou na boca.

— Então, minha irmã já beijou na boca? – Júlia ergue o rosto do sofá para nos olhar.

— Eu não sei como você não ficou louca tentando descobrir quem é o infeliz que tá brincando com você desse jeito. Eu teria infernizado tanto os Correios que eles teriam me dito o nome, nem que tivessem que inventar um.

— Não é culpa dos Correios.

— Não ligo para quem é a culpa. – Ela sobe a escada atrás de mim. – Por que você não tenta descobrir quem é?

— Eu já tentei.

— Você fingiu que tentou e desistiu na primeira oportunidade. Isso não faz sentido. Você tem tanto medo de romances reais? De onde vem esse trauma, hein? Porque seus pais são superfelizes e sua irmã é bem resolvida.

— Só porque você faz Psicologia não quer dizer que pode me psicologizar o tempo todo. É chato.

— Miga, eu sou chata. Você anda comigo há quase duas décadas, já era para saber. – Revira os olhos. Nunca vi alguém tão bem resolvida com sua própria chatice do que Vênus. E, por isso, a admiro. É necessária muita coragem para se aceitar chata assim. – Tô falando sério. Por que você age como se não se importasse em descobrir quem é o admirador secreto?

— Sei lá. Talvez porque não seja importante?

Vênus me encara como se eu fosse um extraterrestre roxo com antenas fluorescentes sobre a cabeça.

— Acho que, se a pessoa quisesse ser descoberta, ela não se manteria no anonimato – coloco o livro na estante.

— Bom, acho que se ela não quisesse ser descoberta, não te enviaria presentes de amor simbólicos assim, com toda essa declaração de amor.

— Pode não ser uma declaração de amor.

— *Com certeza.* Sério, vamos pensar nas possibilidades. Acho que você não conhece tantos caras para que fique difícil elegermos alguns candidatos, não é?

— Os caras que conheço ou não gostam de ler ou estão namorando.

— Podemos tirar Pedro da lista. – Ela se joga na minha cama. – Ele jamais te daria esse livro, porque o quer com todas as suas forças.

— Achei que fosse porque ele é apaixonado por você.

— Isso também. Caio, com certeza, não te mandaria, porque ele, sim, está muito apaixonado por Luana para notar qualquer outra coisa. Você tem conversado com Luís?

— Tanto quanto os experimentos químicos dele permitem.

Luís é um caso antigo – e complicado. Não sei nem se ainda gosto dele, embora ele esteja na minha lista de *crushs* atuais. Certo, tudo bem: ele sempre esteve. Fomos da mesma sala por quase toda a escola e, embora ele fosse tão nerd quanto possível, do tipo que não levantava os olhos dos livros para falar com ninguém, nós nos aproximamos quando os outros resolveram curtir todas as festas da cidade e nós descobrimos que não gostávamos tanto assim de socialização.

E, passando tanto tempo ao lado dele, que entendia minhas referências

nerds, não ria das minhas piadas idiotas, do meu aparelho nos dentes e das minhas espinhas, eu me apaixonei.

O que eu posso falar?

Eu era patética assim.

Mas, em minha defesa, tinha quinze anos. Todas as garotas estavam namorando. E eu ainda não tinha beijado na boca. Pelo menos, não até ele me dar um beijo na sala de sua casa, sem nenhum aviso prévio, e sem nunca mais tocar no assunto depois.

E, por tudo isso, acho que sempre vou ter uma certa quedinha por ele. Fala sério, ele foi meu primeiro amor. Todo mundo sabe que é difícil esquecer totalmente o primeiro amor.

— Você chamou para a festa de hoje?

— Aham. – Fico na frente do espelho para consertar o borrado da maquiagem. – Por hábito. Eu sei que ele não vai.

— Então, por que você perde tempo? – Vênus revira os olhos. Quando estou passando o rímel, ela completa: – Rafael vai, você sabe, não é?

Minha mão treme e meu olho fica mais borrado. Deixo o rímel cair e solto um grunhido, o que faz Vênus dar uma risadinha.

— Cara, se você está a fim do Rafael, por que você não dá para ele de uma vez?

— A vida não se resume a sexo. – Faço uma careta.

— Claro que não se resume. Mas fica muito melhor com isso.

— E, além disso – eu a ignoro, focando-me em consertar a maquiagem –, Rafael não está a fim de mim desse jeito.

— Jura? Ele conversa contigo todos os dias por, sei lá, dois anos? E não me venha dizer que vocês têm assuntos em comum. Eu sei que ele não gosta

de ler e o mundo dele se resume a exatas e cálculos, que é tudo o que você odeia.

— Nós temos assuntos em comuns. E a vida é muito mais do que faculdade e livros.

— A minha vida, com certeza. A sua? – Ela aponta o quarto, lotado de livros e textos espalhados. – Eu não teria tanta certeza.

— Vai se danar.

— Quem fala “vai se danar” com vinte e um anos, pelo amor da Deusa? Que seja. Conserta logo essa maquiagem porque estamos atrasadas.

— Eu não precisaria consertar se você tivesse chegado no horário, para começar.

— Você não culpa o cara que descobriu o átomo pela bomba atômica, não é? Isso que você disse não faz o menor sentido.

— Não, Vênus. Isso que *you* disse não faz o menor sentido.

Ela dá de ombros.

— Mas não pense que esqueci essa história. Vamos descobrir quem é o cara misterioso dos livros. Ou não me chamo Vênus Maia.

— Não podemos deixar isso para lá? Gosto da ideia de ser só livros. E de ser inexistente.

— Claro que você gosta. Esse é seu sonho de princesa realizado. Um *crush* sem nome, sem cor, sem forma, mandando livros. Clichê. Pior, patético. Preciso descobrir quem é para chutá-lo e mandá-lo virar homem e tomar coragem de se declarar.

— Eu, provavelmente, sairia correndo se isso acontecesse.

— Você não entendeu? – Ela abre um sorriso tão grande que beira o sinistro. – É por essa cena que estou aqui, gata.

Não gosto do tom que Vênus usa. Mas não vai adiantar dizer a ela para não se meter: ela se meteria assim mesmo, porque esse é o jeito da minha melhor amiga. Além disso, ela é muito melhor descobrindo coisas do que eu – o fato de conseguir ser a pessoa mais irritante que alguém pode conhecer ajuda a conseguir tudo o que quer.

Não seria de todo ruim descobrir quem está por trás dos livros. Eu poderia agradecê-lo. Não só pelos presentes, mas, principalmente, pelas palavras. Palavras, no geral, podem mudar o mundo.

As palavras dessa pessoa mudaram o meu.

[2] É NAS DIFERENÇAS QUE A GENTE SE FAZ

Existe aquele momento da vida que você descobre que a sua experiência deu errado. Geralmente, é quando você percebe que tem gostos peculiares que pouco têm a ver com um quarto com brinquedos sexuais e que, de um modo geral, você não se adapta nem se encaixa em nenhum tipo de grupo. E esse momento sempre é doloroso.

Eu não me achava uma garota diferente.

Quando me olhava no espelho, via uma garota como a maioria das garotas. Eu tinha dois braços, duas pernas, dois olhos, um nariz, uma boca. Meu cabelo ainda era castanho, o que me fazia pertencer à maioria, outra vez. Eu aprendi a falar e a andar na faixa etária normal. Meus dentes de leite caíram na curva padrão de todo mundo. Estava tudo ótimo. Até que.

Sempre tem um “até que”. Eu tive dois que foram muito marcantes para mim. E não de um jeito bom.

O meu primeiro “até que” foi quando comecei a ser alfabetizada. Todo mundo da sala aprendeu a ler primeiro. A professora dizia que estava tudo bem, meus pais me deram muitos livros e minha mãe praticava comigo todos os dias antes de dormir. Mas alguma coisa não se encaixava. As letras no papel não faziam sentido, como se fosse um novo idioma, muito mais difícil, que só eu conseguia ver. Piorava quando tinha que ler em voz alta, porque, por vontade de acertar e medo de retaliação, ficava tão nervosa que não enxergava letra nenhuma. E não conseguia explicar para as outras pessoas o que acontecia comigo.

Terminei o primeiro ano de alfabetização lendo muito mal. Conseguia compreender morfemas simples: bola, casa, gato. Mas, se tinha *casa* e *cara* na mesma linha, eu não sabia diferenciar. Meus pais continuaram falando que não havia nenhum problema comigo, que algumas crianças têm mais dificuldade do que as outras. Mas, quando o segundo ano de alfabetização terminou e eu lia pior do que as crianças do primeiro, eles decidiram que, talvez, não fosse assim tão normal.

Foi aí que comecei a pular de médico em médico, na busca de um

diagnóstico que aliviasse meus pais. Eu não era burra, era o que todos diziam. Eu era boa em matemática, ainda que não genial. Tinha coordenação motora, falava bem, era criativa e, raramente, incomodava na sala de aula. Exceto por aquele pequeno probleminha que cada dia ficava mais gigantesco: não conseguia aprender a ler.

Levou anos para que achassem o que eu tinha. E até hoje me espanto em como foi por acaso. Minha mãe não foi trabalhar no dia, porque Júlia estava muito doente, e, enquanto eu via televisão, e ela corria de um lado para outro, tentando fazer a febre da minha irmã baixar, o jornal da manhã começou e o tema da matéria era dislexia. Eu tinha nove anos e fiquei intrigada com a palavra, repetindo várias vezes para tentar aprender. Era um método que fazia para tentar ler – e que funcionava na maior parte dos casos. E talvez tenha sido isso que chamou a atenção da minha mãe. Ou a frase da repórter ao definir como “dificuldade de leitura”.

De todo modo, a partir desse dia, deixei de ser uma criança normal e me tornei a criança disléxica.

Não foi de todo ruim, na verdade. Depois que isso ficou esclarecido, meus professores passaram a ter mais paciência comigo. Frequentei médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e, em dois anos, consegui ler como a maior parte das crianças da minha idade e, na maior parte do tempo, as pessoas nem se lembravam que eu tinha aquele pequeno probleminha. Exceto quando tinha que ler textos muito longos, ou escrever por muito tempo, tudo parecia perfeitamente normal.

Eu era uma garota normal.

Aí eu fiquei adolescente.

Ninguém é normal na adolescência, mas eu sabia que era um pouco pior para mim. Por conta da minha dificuldade em aprender a ler, cresci uma garota retraída, tímida e muito insegura. Minha única amiga era Vênus, que nunca se importou pelas vezes que gaguejei na frente da sala. Foi por isso que ela se tornou minha melhor amiga. Porque, apesar de ser uma garota cruel e sádica muitas vezes, ela nunca riu de mim – pelo menos, não riu do meu problema. Das outras coisas ela ria, mas isso não era importante.

Quando você é a criança que está no centro das piadas e retaliações, invariavelmente você cresce uma adolescente com dificuldades de relacionamento. É lógico e cruel e era minha desculpa perfeita por não conseguir conversar em grupos e, principalmente, com garotos.

Eu sabia que não era só isso. Eu via garotas da minha idade loucas por caras idiotas, beijando um atrás do outro sem se preocupar com nada. E eu não conseguia achar graça nenhuma naquilo. E não achar graça era um choque e tanto, especialmente quando sua melhor amiga era a garota que mais beijava na boca em toda sua escola.

Vênus nunca teve restrições. Ela achava divertido as loucuras que fazia. Bebia desde os quinze anos, fumava, se drogava, passou por maus bocados até aceitar tratamento numa clínica de reabilitação, e, por muito tempo, culpei o jeito tresloucado dela por minha falta de vontade de divertir como todo mundo se divertia.

Não que fosse culpa, exatamente, dela. Mas, quando você tem uma amiga louca, que fica bêbada e sempre parece disposta a dar vexame, você acaba ficando responsável por ter que diminuir os impactos disso. Quer dizer, você bebe menos, para que consiga cuidar dela. Ou está sempre de olho, com medo do que pode acontecer. É como acabar se tornando uma babá de alguém que tem a sua idade. Não é legal. Mas se tornou minha desculpa perfeita.

“Não, eu não posso ir para um canto mais reservado com você, porque, olha, tá vendo minha amiga? Olha o estado dela. Ela não pode ficar sozinha”, era minha frase preferida. E quase todo mundo me olhava com um misto de admiração seguido de uma expressão que deixava claro que me achavam trouxa. E, tudo bem, eu sou mesmo um pouco trouxa.

Mas não era só isso.

Eu não sabia o que era – mas eu sabia que era diferente. E isso era um inferno, porque tudo o que um adolescente quer é ser igual. E eu queria ser igual. Eu queria beijar na boca e gostar, em vez de sentir gosto de papelão. Eu queria falar de sexo sem sentir... nada. Eu queria olhar para um cara e querer ficar com ele. Mas eu não queria.

E, quando todo mundo quer essas coisas e faz essas coisas, e você é a única que não quer, não é legal.

Não que eu sentisse nojo de beijar na boca. Mas é que tinham tantas coisas melhores para fazer do que trocar saliva com alguém...

Como ver séries e filmes, por exemplo, que acabaram se tornando minhas primeiras paixões. E, depois, por ironia do destino, ler. Primeiro porque livros estimulavam minha capacidade léxica e me faziam treinar a leitura, de forma que as coisas ficavam menos difíceis para mim. E, depois, porque me possibilitavam viver uma vida normal, segura, e muito diferente da que eu vivia: uma vida que eu não era a garota idiota que não sentia atração por ninguém.

Ler me possibilitava ser coisas maravilhosas: uma aluna de Hogwarts, um Hobbit na Terra Média, um humano no meio do espaço. Uma burguesa num salão de festas lotados por duques e condes. Uma adolescente em sua primeira paixão. Eu conseguia ser uma garota que podia vivenciar um interesse por alguém, sem que fosse eu.

E isso, sim, era maravilhoso.

Porque eu podia ser qualquer coisa que quisesse ser, sem deixar de ser eu. Mas, principalmente, e mais importante do que isso, sem ser eu.

E isso era muito melhor do que qualquer cara real que quisesse se relacionar comigo.

Até que aconteceu.

[3] ATRAÇÕES NÃO FÍSICAS

Como quase tudo na minha vida que dá errado, Vênus Maia está envolvida.

Ela é um perigo para a sociedade, capaz de causar um desastre em uma piscada de olhos, sem nem precisar abrir a boca. É um dom. Por isso, não me admira ela ter dedo nessa situação toda, ainda que ela, provavelmente, nem sonhe com isso.

Parando para pensar, talvez ela não fosse a única culpada. Foi no nosso primeiro período de faculdade – dois anos atrás. Nossa amiga em comum estava flertando com nosso professor de História Antiga, o ruivo, inteligente e com um sorriso muito misterioso, Pedro. Ele não estava nem um pouco na dela, mas isso nunca foi impedimento para Drica. De todo modo, ela convenceu a mim e a Vênus a ir num bar atrás dele. E, como é uma lei entre amigas que a gente nunca deixa a outra sozinha, por medo de que algo dê muito ruim e ninguém possa ajudar, nós fomos.

Pedro não deu nenhuma abertura para Drica. Na verdade, Pedro estava muito mais interessado em Vênus – o que ficou comprovado pouco tempo depois, quando ele a beijou. Mas essa parte da história não é importante.

O importante era quem estava sentado ao lado de Pedro, porque ele também estava com dois amigos. Vênus se sentou ao lado de Caio, então eu tive que sentar ao lado do outro. Não fosse tudo isso, nós não começaríamos a conversar. E nada disso teria acontecido.

Não foi de imediato que Rafael me chamou atenção. Eu o achei bonito, é claro, porque acho que era inevitável que isso acontecesse. O fato de não querer beijar não quer dizer que não reconhecesse a beleza delas. Rafael é um desses caras que poderia estampar uma propaganda na mídia, embora tivesse escolhido se dedicar a estruturas de prédios.

Eu lembro que ele sorriu para mim, quando nós três nos aproximamos da mesa, e Drica tentou fazer charme para Pedro, e Vênus soltou alguma de suas piadinhas irritantes só para deixar todo mundo desconfortável. Eu não lembro exatamente o que Drica fez ou o que Vênus disse, mas lembro do sorriso dele.

Vênus me empurrou e eu quase caí sobre a mesa, o que foi muito constrangedor. Mas Rafael não riu. Na verdade, quando me sentei ao lado dele, ele apenas inclinou a cabeça para o lado e disse:

— Isso é o que se chama de ataque de alunas em professores jovens e indefesos?

— Eu não diria que Pedro é indefeso.

— Não, indefeso não. Mas certinho e moralista demais para se envolver com alunas.

— Você acha?

— Eu o conheço a vida toda. Aquela cara ali é de quem, com certeza, pretende cometer um assassinato. E acho que a vítima é sua outra amiga.

— As pessoas geralmente querem matar Vênus. Não que ela ligue, é claro.

— Garota esperta. – Piscou. – Então, como é Pedro como professor? Um babaca?

— Na verdade, ele é bem legal. Mas ele só vai dar aula por algum tempo na nossa sala, então não faz muita diferença.

— Vou dizer a ele que não faz. – Ele sorriu, mostrando quase todos os dentes. – Ele vai surtar.

— Tem sempre um no grupo de amigos que gosta de irritar o outro, não é?

Rafael riu.

A risada dele era quase rouca, como se ficasse no meio caminho entre um garoto bem moleque e um homem sensual. Como, geralmente, os personagens de livros românticos eram descritos – daquele jeito surreal que a gente sabe, em nossa cabeça, que não vai encontrar na festa, mas, mesmo assim, torce para ter essa chance.

Eu havia passado muito tempo da minha vida planejando quando eu

conheceria caras como meus personagens preferidos – caras que me fizessem suspirar, e não revirar os olhos como a maioria dos que eu conhecia.

Ponte Belo é uma cidade cheia de babacas. Não só porque é oligárquica por natureza, mas porque os garotos que entravam na faculdade não passavam mesmo de garotos mimados que achavam que uma pergunta sobre como você estava e um sorriso depois já conquistavam o direito de tentar beijar você.

— Para que servem os amigos senão para irritar os outros?

— Não sei. Que tal... apoiá-los acima de tudo? Defendê-los? Ajudá-los quando precisa?

— Ah, isso também. Mas isso é muito mais engraçado quando você pode criticá-los e ainda assim ser amigos. – Ele ainda me encarava, de modo que foquei meus olhos na primeira coisa que vi. – Você quer uma cerveja? – Ele perguntou, assim que percebeu para onde estava olhando. – Espera, você bebe?

— Bebo. Mas não quero.

— Entendi. Você também olha muito para as coisas para ver em que momento elas vão parar de fazer sentido, embaraçar e sumir da sua mente?

— Hein?

— Eu faço muito isso. É um excelente jeito de fazer os outros pararem de falar com você, não é? Você é uma garota bem inteligente. – E bebeu a cerveja, sem deixar de sorrir.

E foi aí que percebi que estava sorrindo também.

Eu devia ter notado que aquilo era perigoso e parar. Eu sei. Os homens raramente me faziam sorrir com poucas palavras, porque, no geral, eu os achava mais babacas do que atraentes. Parando para pensar, eu podia contar nos dedos os caras que realmente achei atraentes em minha vida.

E eu devia ter parado naquele momento.

Mas eu não parei.

Porque eu sou trouxa.

E gosto de ser feita de trouxa, como bem diz Vênus.

E é por isso que, dois anos depois, ainda estou nessa situação. Só que agora não posso mais culpar minha amiga. Porque não é ela quem responde as mensagens dele, indica livros e discute sobre séries e filmes sempre que pode. Não é ela que vira noites conversando, no lugar de sair no sábado para uma festa. E que dá sorrisos bobos com mensagens idiotas de *memes* da internet, que só tem graça porque é ele quem manda.

Traduzindo para um bom e velho português: eu estou ferrada.

Pra caralho, como diria minha sábia amiga, que não para de falar ao meu lado, enquanto caminhamos até a casa de seu namorado para a festa que ela arranjou. Ela não fecha a boca, mesmo que eu só solte “hm” aleatórios, e resmungue que concordo, para fingir que escuto. Vênus raramente fica em silêncio – essa é uma de suas maiores qualidades, e, também, defeitos.

— Você tá ouvindo o que estou falando?

— Com certeza.

— É mesmo? Então tudo bem eu ter acabado de falar que você vai se vestir de Princesa Jujuba¹ hoje e dançar em cima da mesa até Rafael te jogar nos ombros dele e te beijar descontroladamente?

— Quê? – Eu quase berro. – Claro que não.

— Bom, você acabou de concordar com isso quando não estava me escutando. – Ela dá de ombros.

— Desculpa.

— No que você tanto pensa, Cérebro?² Conquistar o mundo?

— Engraçadinha. Como, raios, Rafael vai na festa? Ele nunca vem pra cá às sextas-feiras.

— Nunca reparei que ele não vinha às sextas. – Ela franze o cenho. – Você conhece mesmo a rotina dele, não é? Devia aproveitar e conhecer outras coisas.

— Vênus!

— Juliana! – rebate, no mesmo tom. – Rafael é um *boy* maravilhoso, não sei por que você ainda não beijou a boca dele.

— Acho que ele não está interessado nisso.

— Claro. Porque um cara fica mesmo trocando mensagens com uma garota sem estar interessado.

— Nós somos amigos.

— O quê? Você só vai tomar uma atitude quando o vir com outra garota? Tu tá dando bobeira, sabe. Rafael é bonito e gente boa demais para ficar solteiro por tanto tempo.

— Eu não estou interessada nele nesse sentido, Vênus.

— E tem como estar interessada em alguém de outro jeito? – Ela me encara, franzindo o cenho.

Eu sei que poderia explicar para minha amiga o que quero dizer. Mas eu a conheço. Ela é o tipo de pessoa que gosta de sexo mais do que qualquer coisa na vida. O tipo de pessoa que acredita que atração física vem primeiro do que qualquer coisa. O tipo de pessoa que eu nunca seria.

Por isso, só para variar, fico com minhas opiniões para mim. Afinal, é chato explicar para quem nunca vai entender.

E como eu posso culpá-la? Até eu tenho dificuldade de, às vezes, me compreender.

[4] UM PERFEITO CAVALHEIRO

— Você não parece querer estar aqui. – Brinco, parando ao lado de Pedro. O namorado da minha amiga está encostado na porta de entrada do terraço, com a testa franzida e os braços cruzados, olhando a pequena confusão de gente que só Vênus é capaz de trazer para o mesmo lugar.

Há tantas pessoas de gostos tão diferentes que é até difícil visualizá-las dividindo o mesmo espaço.

— Você queria? – Ele arqueia a sobrancelha pra mim.

— Queria, antes de ver todo esse pessoal.

— Esse é meu espírito.

— Imagino. Você está com cara de quem queria estar fazendo um milhão de coisas...

— Ah, por falar nisso... – Ele descruza o braço e enfia as mãos no bolso da calça jeans. – Eu queria falar com você sobre seu projeto...

Arqueio a sobrancelha para meu futuro orientador. Ainda estamos no pré-projeto e, por mais que Pedro tenha se comprometido a ir comigo até o fim, eu sempre me pergunto quando ele vai abandonar meu trabalho, por conta dos erros de português inevitáveis na escrita de alguém que não vê as letras como a maioria das pessoas. Escolhi-o, justamente, por ele ser conhecido, mas é um tormento porque ele é o cara mais inteligente que conheço e, mesmo com aquela idade, tem um dos melhores currículos do nosso curso. E, toda vez que ele me procura, meu peito se aperta esperando o fatídico momento em que ele soltará que não poderá me ajudar.

— ... estou com algumas sugestões...

— Não ouse! – Vênus sibila, aparecendo sabe-se Deus de onde, com os olhos cerrados e entregando uma *long-neck* para ele. Pedro arqueia a sobrancelha para minha amiga. – Isso aqui é uma festa. Não. Ouse. Falar. De. Trabalho.

Desvio o olhar no momento que os olhos de Pedro ficam ainda mais doces do que geralmente são, como sempre ficam quando Vênus o desafia naquele tom. É constrangedor conviver com isso, quase nauseante, embora minha parte romântica ache a coisa mais fofa do mundo.

Antes que Pedro responda, no entanto, uma pequena confusão se arma no canto oposto onde estamos. Duas garotas estão discutindo. Faço uma careta porque a garota negra que fala não tem a fama de mais boazinha da UFBelo, e a garota que escuta, encolhendo-se, é doce demais para rebater à altura. Acontece muito rápido, como geralmente as confusões em festas acontecem, e logo a negra passa por mim, seguida por sua amiga, sumindo do campo de visão.

O rastro de silêncio que ela deixa para trás, no entanto, permanece. O que faz a outra garota se encolher mais.

Caminho até ela antes que me dou conta. Isabella é da sala de Vênus e, embora fosse romântica demais, acabou se aproximando bastante da minha amiga. Como eu não nego uma conhecida romântica por perto, para discutir sobre livros clichês com finais felizes, ela se tornou uma colega minha também.

— Você tá bem? – pergunto, vendo-a tomar, de uma vez, um copo inteiro de vodca.

Eu tenho pouca experiência com porre, mas muita experiência cuidando de pessoas que bebem demais. E é justamente desse jeito que grandes PTs de festas começam.

Por um momento, fico feliz por ela estar com uma amiga que poderia cuidar dela. Um pensamento bem mesquinho e egoísta, porque eu não quero fazer esse papel. Desde que minha amiga saiu da reabilitação, eu não preciso mais ocupar esse lugar. E, sendo bem sincera, não sinto a mínima falta.

Antes que possa me arrepender de pensar desse jeito, o mundo gira, e a amiga dela me pune, sem saber.

— Uau – ela fala, encarando a porta. – Quem é o gato?

Sigo o olhar dela e vejo Rafael entrar no terraço. Ele para ao lado de Pedro, e os dois trocam aquele típico cumprimento de amigos homens que faz pouco sentido e piora com o passar dos anos, quando ficam velhos demais para manter velhos hábitos – ainda que mantenham. Rafael está com uma camisa branca, de gola V aberta, e calça jeans. Os cabelos estão bagunçados, como se tivesse acabado de acordar, e ele sorri tão abertamente ao lado do amigo que seus olhos quase se fecham.

É uma visão torturante.

— É Rafael – murmuro.

A menina caminha até lá, com uma confiança que me provoca inveja. Eu jamais andaria tão firme na direção de um homem.

Quando ela se aproxima, Pedro já saiu de perto e se aproximou de Vênus, provavelmente decidindo o que fazer em relação a pequena confusão. O som da festa volta, um sertanejo ruim que faz meu estômago revirar por um momento. Ou talvez seja o fato de que Rafael está ali, sorrindo para a garota, e eu não consigo desviar o olhar.

Tento não me sentir incomodada. Tento me lembrar que não temos nada além de uma amizade estranha que eu nem sei como continuo. Tento esquecer o que ele me causa, mesmo à distância, porque é ridículo e não vai me levar a lugar nenhum, além de decepção e dor.

Mas, claro, falho.

Pareço aquelas mocinhas irritantes de livros – talvez porque eu gaste muito tempo da minha vida lendo esse tipo de livro. É difícil separar o que é coisa minha e o que é das minhas histórias preferidas porque, gostando disso ou não, a leitura moldou minha vida, minhas opiniões, meus gostos e meu romantismo.

Isabella, a garota que tem os cabelos da cor que sempre sonhei, e com a qual pinto meus fios há mais de cinco anos, me dá um sorriso quando me pega encarando Rafael. É um sorriso estranho, como se ela entendesse. E é por isso que viro um copo de bebida de uma vez, meus olhos enchendo-se de

lágrimas pelo nível de álcool.

— Acho que precisamos de mais bebidas – ela diz, quando ficamos tempo demais em silêncio.

Antes que percebo, ela está me levando até onde a amiga está. Que, claro, é ao lado de Rafael.

Aquela festa está cada vez mais problemática.

Ele me dá um sorriso antes que me aproxime, mostrando seus dentes brancos e retos. Sinto aquele velho e estranho aperto no coração, que vem me acompanhando nos últimos meses. Ainda não entendo por que ele, um homem feito, com a vida profissional ganha, perde seu tempo vago conversando comigo – uma garota que quer morrer provinciana, estudando o passado porque tem medo de viver o presente.

— Jubsjubs. – Ele brinca, fazendo aquele apelido ficar ainda mais ridículo dito por um homem daquele tamanho. Sinto minhas bochechas esquentarem e desvio o olhar, para diminuir o impacto que os olhos dele têm em mim.

É ridículo ter escolhido esse homem para me apaixonar.

— Não sabia que você vinha – falo, quando me sinto segura para encará-lo.

Os olhos de Rafael diminuem de tamanho, assim como seu sorriso, o que o deixa ainda mais charmoso. Ele é um homem que causa impacto. Tenho certeza de que as autoras românticas adorariam escrever sobre ele.

— Decidi de última hora. Tinha algumas coisas que precisava organizar, antes de sair de BH.

Rafael é engenheiro civil na capital mineira, cidade que fica há pouco mais de três horas de Ponte Belo. Essa é a melhor parte da nossa relação: ele está longe. E também é a parte ruim, porque, nos últimos tempos, é com ele que eu passo mais tempo conversando. Ele foi uma ajuda e tanto quando Vênus quase morreu de overdose e teve que ser internada.

Acho que foi justamente quando parei de me focar tanto na minha amiga

problemática, que fazia de tudo para se destruir como estratégia de defesa, quando fiquei sozinha, me sentindo culpada por ter fracassado tentando ampará-la e raivosa pelas mentiras que ela me contou – uma série absurda de ela ter se aproximado do ex-namorado traficante, escondido drogas para ele e ainda terminar se vitimando, em resumo – que Rafael se aproximou.

Foi logo depois que a gente se conheceu, e eu não esperava vê-lo de novo tão cedo, muito menos falar com ele. Sua postura no bar, daquele jeito confiante sem ser arrogante, charmoso sem ser vaidoso demais, do jeito que sabia que, se quisesse, conquistaria a mulher que desejasse, me assustou. Ele era diferente dos homens que eu havia conhecido até então. Não usava as mesmas cantadas baratas e o mesmo sorriso presunçoso; parecia um cara da capital, mesmo que soubesse que crescera em Ponte Belo e tinha tato o suficiente para saber quando uma mulher não estava a fim, respeitando isso. E sabia o que dizer para manter a conversa, como se a recusa silenciosa não ferisse o ego dele.

Talvez não ferisse.

Ele é bonito demais para se importar com alguns nãos conquistados pelo caminho.

E eu não sei como reagir a isso.

Com os caras que conheço em festas, aprendi a lidar. Se eu estivesse bêbada, às vezes até conseguia beijá-los, apesar de me sentir péssima e suja no dia seguinte, não importasse quanto álcool ingerisse para esquecer. Fazia isso – de beijar por beijar – com mais frequência do que queria, porque queria me encaixar no padrão que via à minha volta.

Todo mundo beija bocas desconhecidas. Boa parte das pessoas transa sem nem saber o nome do outro. E eu me sentia estúpida, infantil e culpada por não conseguir. Mas, então, quando tentava ser igual à maioria, eu me sentia estúpida, infantil, culpada e suja. Não era uma alternativa muito melhor.

Os lábios macios de Rafael me tiram do próprio devaneio, quando encostam na minha bochecha, num beijo breve. Ele tem cheiro cítrico – não chega a ser de limão, mas também não é doce como laranja. É alguma coisa

no meio do caminho, e meu coração dispara antes que me dê conta.

De novo: é ridículo.

Ele é um homem vivido de quase trinta, e eu sou uma garota de vinte e um anos, que não consegue se relacionar amorosamente com ninguém, porque gosta de contato físico menos do que o resto do mundo. Não precisa ser inteligente para saber que a gente nunca vai dar certo.

— Queria mesmo falar com você. – Ele pisca, seus longos cílios pretos, me encarando.

Eu me sinto zozza.

Céus, eu não devia ter bebido aquela dose inteira de uma vez.

— Mas primeiro preciso de uma bebida, porque acabei de chegar de viagem e também sou filho de Deus. Vem comigo?

É só então que percebo que nem Isabella nem a amiga dela estão por perto. Pedro e Vênus também sumiram. E eu não posso dar desculpa nenhuma para fugir.

Ah, droga, a interação era muito melhor quando mediada por um celular.

— Como Vênus consegue conhecer tantas pessoas diferentes? – pergunta, quando caminhamos em direção às bebidas.

— O dom dos extrovertidos – digo, ignorando seus olhos em mim. Rafael deve ser, pelo menos, uns trinta centímetros maior que eu. Dos amigos do Pedro, ele é de longe o mais alto, o mais forte e o mais bonito também. Talvez o mais bem-sucedido.

Quer dizer, Pedro é professor universitário, mas Rafael se deu bem muito rápido na carreira que escolheu – caiu pra prática, enquanto o melhor amigo foi estudar teoria. Ele não é o chefe de uma empresa, nem está numa lista estúpida de trinta homens com menos de trinta mais ricos do mundo, como os livros contemporâneos adoram pintar nos seus protagonistas. Ele talvez ficasse em algo do tipo, se tivesse permanecido em Ponte Belo e trabalhado

na empresa da cidade, como seu pai queria. E talvez, por isso, ele seja muito melhor do que os protagonistas românticos modernos – porque ele escolheu o caminho mais difícil.

E, certo, esse tipo de pensamento não estava ajudando em nada.

— Você vai querer? – ele diz, pegando uma *long-neck*.

— Hm, acho melhor não. Eu acabei de beber uma coisa horrorosa que não tenho a menor noção do que era e estou pensando em... parar depois disso.

Ele ri, fechando os olhos, enquanto bagunça o cabelo com a mão esquerda.

— Existe uma garota mais centrada do que você nesse universo?

Sinto minhas bochechas corarem, porque, na voz de qualquer outra pessoa, aquilo seria uma crítica. Rafael faz parecer um elogio.

— Como andam os livros? Já elegeu o melhor do ano?

— Ainda estamos em fevereiro, Rafael. – Reviro os olhos, sentindo os ombros relaxarem pela primeira vez. Falar de livros é bom, porque é um terreno que eu conheço.

— O que você anda lendo? Eu comecei aquele que você me indicou, de Star Wars...

— Tá gostando?

— Estou tentando. – Ele abre um pouco mais o sorriso, bebendo a cerveja. Rafael não é o melhor leitor do mundo. Na verdade, na nossa primeira conversa, ele havia deixado claro que odiava ler. Boa parte do nosso diálogo naquela noite se resumiu a tentar convencê-lo de que ler era legal e que ele só não tinha achado o gênero que gostava. Ele me pediu ajuda quanto a isso, piscando seus cílios longos, e não consegui dizer não. Jamais diria não para qualquer pessoa que me pedisse indicação de livros. Mas ter dito aquele sim foi a maior cilada da minha vida. – Eu adoro Star Wars, os filmes. Mas confesso que O Iluminado foi uma leitura muito mais inspiradora.

— Stephen King é mais a sua cara.

Os olhos dele brilham, de um jeito diferente, que ainda não entendi por quê. Mas geralmente é o prelúdio de um comentário provocador, divertindo-se às minhas custas. E, como eu já imaginava, ele diz em seguida:

— Está me chamando de assustador, Juliana?

Rafael raramente me chama de Juliana.

E é sempre estranho quando ele diz, porque as sensações que provoca com isso são muito diferentes do que ocorre quando me chama de Jubsjubs – o apelido que ele me colocou e que insiste em usar, mesmo eu dizendo que é ridículo.

— Talvez um pouco – admito.

— Lisonjeado. – Ele leva a mão ao peito, sorrindo. E eu tenho que desviar o olhar outra vez. – Mas, então, qual sua leitura atual?

— Nenhuma. – Dou de ombros. – Na verdade, só estou relendo um livro que gosto muito. Nada demais.

— Sobre o que é?

— Uma releitura de Cinderela, num romance de época.

Eu não digo que o personagem me lembra ele.

E por conta desse pensamento, e do jeito que ele me olha, como se o que estou dizendo realmente o interessasse, continuo:

— Não que eu esteja podendo muito, porque Pedro está acabando comigo no projeto de TCC.

— Você quer que eu dê uma surra nele? Não seria nenhum sacrifício.

Dou uma risada sem me conter, sentindo o resto da tensão de tê-lo visto desaparecer. É sempre assim, fico apreensiva quando meus olhos o

encontram, mas, depois de cinco minutos, com o jeito leve e a conversa fácil que ele tem, volto a me sentir confortável ao seu lado.

O que, claro, só torna tudo ainda pior.

— Alguém não enlouquece produzindo um TCC?

— Isso porque você está só no começo – ele debocha. – Se Pedro te tirar do sério, me avise. – Ele inclina a cabeça para baixo, aproximando-se mais de mim, de modo que consigo sentir seu hálito de cerveja misturado a creme dental sabor menta. – Ele anda merecendo uma surra...

— Homens – reviro os olhos, do jeito mais dramático que consigo.

— Mulheres – ele devolve no mesmo tom, o que o deixa ridículo. – Mas não é sobre meu amigo supergênio e incrivelmente chato que vim falar com você.

— Então, sobre o que é?

— Adivinhe só! – Abre um sorriso que, de novo, quase faz seus olhos fecharem. – Estou voltando para Ponte Belo.

O quê?, quase grito. E quando seus olhos se abrem, eu sinto uma enorme vontade de vomitar.

[5] UM MOMENTO OU DOIS

Eu aperto com tanta força o copo vazio na minha mão que ele amassa, me fazendo dar um pulo ao lado de Rafael. Ele ainda está me olhando e sinto minhas bochechas esquentarem tanto que acho que vou pegar fogo.

Por favor, que eu pegue fogo. Para não precisar continuar essa conversa depois do que ele disse.

— Você deve mesmo ter bebido algo muito ruim. — Ele franze o cenho, enquanto o sorriso vai diminuindo, e o brilho do seu olhar perde a diversão. — Ou talvez você só tenha odiado o que eu disse.

— Não. — Tento consertar, mas Rafael não desvia o olhar de mim, me deixando mais desconfortável. — Eu só... não esperava... Você sempre fala que adora BH... que não se imagina longe de lá... do seu trabalho...

— E adoro. — Ele dá de ombros, ainda me encarando. — Eu só... bem, precisava voltar.

— Por quê?!

Ele franze ainda mais o cenho, seus olhos ficando no tom mais escuro que já vi.

— Eu passei no mestrado.

— Ah!

Diga parabéns, sua imbecil.

Mas não consigo abrir a boca. E quando consigo, as palavras não saem.

— Nossa — diz e, finalmente, desvia o olhar. — Definitivamente, essa não era a reação que eu esperava.

Sinto meu coração parecer ser esmagado e sinto meus olhos encherem-se de lágrimas, mas ainda não consigo falar. Estou em pânico. Tenho vontade de correr o mais rápido que posso, ficar longe do barulho, da música ruim, dele,

de tudo, para voltar a pensar.

Estar apaixonada já é ruim o bastante, mas, com os quilômetros nos separando, nossa interação feita apenas por mensagem, e eu o vendo no máximo uma vez por mês, é quase fácil lidar na maior parte do tempo. Quer dizer, não há nenhuma pressão para ficarmos, porque a distância é uma excelente desculpa para deixar tudo como está.

Mas com ele perto...

Mordo meu lábio com força, minha mente uma negritude vazia.

Eu tenho que falar alguma coisa. Eu sei que tenho que falar alguma coisa. Mas o quê?

— Ei, você! — Vênus pula na frente dele. — Pedro acabou de me contar. Você só pode estar louco por voltar a estudar, cara. Pra que você tá fazendo isso com sua vida? Tem drogas muito mais divertidas.

— Vênus — Pedro diz, com a mão na cintura dela.

— Eu provavelmente tô louco mesmo. Mas uma hora tinha que voltar para a Academia. A gente sempre volta. — Dá de ombros.

— Eu só espero que você não vá voltar para a casa de seus pais.

— Na verdade... — Encolhe os ombros, e eu apenas sinto isso, porque ele está ao meu lado, e eu não consigo voltar a encará-lo. — Eu vou ficar aqui por um tempo, atrapalhando a vida de casado de vocês, enquanto não acho um apartamento pra ocupar.

— Nós não somos casados.

— Fala sério! Tem um *puf* roxo na sala do meu amigo.

— Ficaria feliz se você não apressasse as coisas. — Pedro faz uma careta.

— Eu só estou dizendo um fato. Vocês estão casados. E, por falar em casados, o outro casal acabou de chegar.

Vejo Caio, outro melhor amigo de Pedro, e Lua, a dona da cafeteria da cidade, entrarem. Eles caminham até nós, Luana com sua típica tiara vermelha na cabeça e sua saia florida rodada, e Caio sempre com seu visual desligado, de quem coloca no corpo a primeira coisa que vê pela frente.

— Vocês já estão casados. – Rafael aponta para eles.

— Bom, eu adoraria. Mas Lua se recusa a mudar pra minha casa.

— Cala a boca. – Ela sorri.

Os dois se encaram e, de novo, sinto meu coração acelerar ao me dar conta que há outro casal apaixonado perto de mim, para me lembrar que aquilo não é só coisa de filme.

— Eu aceito casar com você – fala Rafael. – Tô mesmo precisando de um lugar para morar.

— No cartório, na segunda-feira? – Caio sorri. – Você sempre foi meu sonho de consumo.

— Sabe de uma coisa? – Vênus diz, cruzando os braços. – Vocês formariam um lindo casal.

Todos eles riem, e eu tento rir, mas sai forçado e fico ainda mais desconfortável. Não consigo olhar para Rafael e sei que ele não me olha, e me sinto péssima e idiota por ter sido incapaz de ter dado parabéns.

— E você vai beber comigo amanhã – Vênus bate no ombro de Rafael. –, porque o Pedro tem um artigo para terminar.

— Você já está bebendo hoje. – Pedro arqueia a sobrancelha para ela.

— Mas amanhã é outro dia. E Rafael merece uma comemoração. Provavelmente a última, antes de ser engolido pela universidade outra vez.

— Obrigado pelas palavras.

— De nada, gato. Agora deixa eu ir em outro grupo, antes que me xinguem

de péssima anfitriã.

Pedro revira os olhos, mas a solta, e ela se vai. Quero ir atrás dela, mas meus pés não se mexem.

— Você tá bem? – Lua pergunta.

— Hm? – Levanto o rosto e vejo que ela, Caio e Pedro estão me olhando. Rafael está compenetrado na garrafa que segura. – Só... bebi demais.

— Você bebeu demais? – Caio arqueia a sobrancelha. – Você é uma péssima companhia, Rafael.

— Parece que sim. Vou pegar mais bebida. Vocês querem?

— Vou contigo. – Pedro bate no ombro dele.

— Vamos – Caio complementa.

E os três homens se vão.

— Você tem certeza de que está bem? – Lua repete. – Foi você que se serviu? Não pegou bebida de estranho?

— Não. Eu que sou fraca pra bebida mesmo. – Passo a mão na minha testa e decido mudar de assunto. – Escuta só. Recebi outro livro lá em casa.

Os olhos de Lua brilham.

De todas as pessoas que converso, Luana é a mais romântica, do tipo que sempre quis viver um conto de fadas. Ela própria parece uma princesa dos anos cinquenta perdida nas ruas mal calçadas de Ponte Belo, com seu olhar sonhador e sua fé no melhor das pessoas. Desde o primeiro livro, ela foi a única a se empolgar de verdade com a história. Vênus só revirava os olhos e mandava eu descobrir logo quem era o palhaço. Júlia ria da minha cara. Drica, minha amiga da faculdade, é descrente demais na humanidade para achar isso bonito. Lua é a única que entende.

— Eu já estava me perguntando quando ia chegar um novo! – Ela dá um

pulinho, que me faz sorrir. – Dessa vez demorou mais do que as outras, né?

Confirmo com a cabeça.

— Que livro é?

— Tolkien – O Senhor da Fantasia.

— Tá brincando?! Pedro! Volta aqui! Você vai gostar de saber disso! Juliana acabou de ganhar o livro que você está falando há meses!

Os três voltam com suas respectivas bebidas. Caio entrega um copo de refrigerante para Lua.

— O que você disse?

— Juliana acabou de ganhar aquele livro do Tolkien que você queria. Do admirador secreto.

— Admirador secreto? – Rafael franze o cenho.

— Você ainda tá recebendo aqueles livros idiotas? – fala Caio e, no segundo seguinte, leva um soco na barriga. – Au!

— Idiota é você, seu ogro insensível! – Lua reclama.

— Eu só não vejo sentido. Quer dizer, se o cara tá a fim, por que ele não manda a real de uma vez?

— Disse o cara que levou vinte anos para saber que estava apaixonado pela Lua... – Pedro zomba, e ele e Rafael riem.

— É diferente.

— Por quê? – Rafael pergunta. – Porque você é idiota e cego?

— Porque eu estava com medo de perder a amizade, babaca. E porque minha vida é uma zona e não achava justo enfiar Lua nisso.

— Mas, principalmente, porque você é idiota – Pedro diz, sorrindo torto.

— Ah, claro, porque você é muito melhor, né? O cara que quase destruiu a própria casa quando descobriu que estava apaixonado pela Vênus...

— Ouvi meu nome?

— Puta merda, você tem um radar para sempre adivinhar quando falam de você? – Rafael diz.

— Eu sei a hora de chegar nos lugares.

— Estamos falando sobre o novo livro que a Ju recebeu – Lua comenta.

— Pra mim, é a maior palhaçada. Mas como minha amiga é retardada, ela acha fofo. Acha tão fofo que nem quer descobrir quem manda. Porque ela é completamente idiota.

— Parece que temos um Bonde dos Idiotas – Rafael diz.

— Só não quero perder o encanto.

Vênus bufa, revirando os olhos.

— Você nunca entenderá.

— Espero mesmo que não. Se eu recebesse um negócio desses, vomitaria de nojo.

— Se você recebesse um negócio desses, eu teria alguns dentes para destruir.

— Quem vê até pensa que é um namorado passional, né? – Vênus sorri para Pedro e ele dá de ombros, levando a garrafa a boca. – Se isso acontecesse, nós só daríamos boas risadas.

— Vocês são nojentos. – Rafael faz careta.

— O quê?! Olha para esses dois aqui – ela aponta para Lua e Caio –, que

não se desgrudam hora nenhuma. Vocês, com certeza, cagam de porta aberta para evitar a separação.

— Cala a boca! – Lua faz uma careta. – Nojenta.

— Você deveria embebedar sua namorada. Ela está falando demais – Caio provoca.

— Só não vou discutir com você, porque eu adoraria me embebedar mesmo. Inclusive, vou buscar bebida. – E se afasta de novo.

— Então... – Lua volta a me encarar. – Você acha que pode ser o Luís?

— Aquele garoto idiota? – Rafael ri. – Posso colocar minha mão no fogo que ele nunca pensaria em algo do tipo.

Franzo o cenho e o encaro, pela primeira vez desde que ele falou que ia mudar para Ponte Belo. Ele devolve meu olhar, apenas o suficiente para ver que está magoado comigo.

Eu sou mesmo uma babaca.

Mas agora é tarde demais para consertar as coisas.

— Por que você acha isso? – Lua pergunta. – Nas poucas vezes que o vi, ele parecia bem gracinha.

— Bem gracinha é mesmo um excelente adjetivo para um homem. Se você, alguma vez, usou isso para me definir...

— Você é um ogro de marca maior. Nunca usaria “gracinha” e “Caio” na mesma frase.

Caio bufa, cruzando os braços.

— E o Luís é só... um garoto. Vocês não entenderiam. São homens demais.

— Viva a testosterona – Rafael provoca, levantando a garrafa de cerveja.

— Vocês todos são tão babacas – suspira.

— Se fôssemos menos babacas, você não nos amaria tanto. – Pedro passa o braço pelo ombro dela.

— Que seja. A gente devia mesmo tentar descobrir quem está te mandando esses livros. Quer dizer, deve ser um cara especial. Talvez o cara, Ju. – Os olhos de Lua piscam.

— O cara não existe – Vênus fala, parando ao lado de Rafael dessa vez.

— Ei! – Pedro protesta.

Mas ela apenas dá um longo gole na sua cerveja barata.

— Se você acredita, ele existe.

— Ah, com certeza, Luazinha, vai me dizer que esse idiota do seu lado é o cara da sua vida?

— Ei! – Caio protesta.

— Vou andar por aí, porque não sou obrigado a ver caszinho romântico – Rafael interrompe.

— Você vai é seduzir as garotas – Pedro diz.

— Saudações solteiras para os casados. – Ele levanta a garrafa de cerveja e se afasta, sem olhar para mim.

Tem alguma garota no mundo mais trouxa do que eu?

É estranho ficar num grupo de casal, por mais que eles tentem te incluir nas brincadeiras e não serem tão românticos e amorosos em público, então, pouco tempo depois dou uma desculpa para escapulir dali. Adoro todos eles e adoro como eles me aceitaram num grupo tão antigo – quer dizer, Pedro, Caio e Rafael são amigos desde que suas mães engravidaram, e Lua conhece os três há duas décadas. Sei que aceitaram Vênus muito rápido no grupo, mas não é comparável, porque Vênus é a garota mais extrovertida que conheço, e todo

mundo sempre adora tê-la por perto, por mais maluca que seja, e, também, porque ela é a namorada de Pedro. Eu sou só a amiga dela, e fui aceita com o mesmo carinho, brincadeiras e atenção.

Me sinto grata por isso, mas não quer dizer que fico à vontade quando eles estão em casal. Nenhum solteiro fica.

Por isso, quando avisto Isabella bebendo no outro canto, enquanto dança, resolvo ir até lá. Finjo que não sei onde Rafael está, finjo que não *quero* saber onde ele está, e, bebendo mais do que deveria, quase acredito que não me importo.

Muitos copos depois, arranco meus saltos do pé para dançar *funk*. Minha vista está embaçada, estou leve como se pudesse voar e sei que estou muito, muito bêbada. Eu gargalho de alguma coisa que Isabella fala, e nós nos abraçamos, para tentar não cair no meio do terraço.

Tudo roda, e roda, e roda, e roda, e roda e sei que vou cair.

Mas alguém me segura pela cintura antes que eu chegue ao chão.

— Ei, obriii-gads – é o que sai da minha boca, numa fala enrolada, enquanto pisco meus olhos com força para conseguir enxergar Rafael.

Ele está com um sorrisinho se insinuando em seu rosto. Seu cabelo está mais bagunçado e seus olhos estão dilatados.

— Parece que alguém ficou bêbada.

— Parece. – Eu rio e seguro na blusa dele. – Ei! Desculpa aquela hora. Eu devia... ter dado parabéns.

— Devia mesmo.

— Você me pegou de suuurpresa.

Rafael me olha em silêncio. Há um momento estranho, porque estamos mais próximos do que já ficamos desde que começamos a conversar. Eu ainda estou segurando a camisa dele e ele ainda não deixou de me segurar

pela cintura. Ele pisca, devagar, e consigo perceber o movimento enquanto o mundo gira muito rápido a nossa volta.

Ele tira o fio de cabelo que cai no meu olho, seus dedos gelados, por causa da garrafa de cerveja, em meu rosto quente por causa de toda bebida que ingeri. O mundo gira de novo, mas dessa vez tenho consciência de que tem pouco a ver com o álcool no meu sangue.

Por um momento, tenho certeza de que Rafael vai me beijar.

Não consigo olhar para nenhum outro ponto além da íris castanha dele e, sem saber como, dou um passo em sua direção. Agora nossos corpos estão mesmo perto. Ele arqueia a sobrancelha pra mim e fecha os olhos, por um segundo tão longo que parece uma eternidade.

Mas, quando volta a me encarar, sei que o momento passou.

Ele me dá um meio sorriso e inclina a cabeça para o lado.

— Vem. Vou te levar para casa. Você está bêbada demais para ficar sozinha aqui.

— Ah! – falo, olhando ao redor e percebendo que a maior parte da festa já se dissipou, e os que ficaram estão se agarrando como se o mundo fosse acabar daqui meia hora. – Na verdade, vou dormir aqui.

— Melhor ainda, porque não confio na minha capacidade de dirigir no momento. Eu estou descendo, se você quiser.

Só consigo assentir e Rafael mantém sua mão na minha cintura, aumentando a pressão quando tropeço nos meus pés, com os passos trôpegos. Fico admirada que ele consiga andar com tamanha precisão, mesmo tendo bebido.

Rafael não diz nada enquanto espera o elevador, e também não diz nada enquanto o elevador desce, e fala menos ainda quando abre a porta do apartamento de Pedro. Mas, a todo momento, me segura pela cintura e me guia entre os móveis até chegar no quarto da irmã caçula do amigo. Ele abre a

porta para mim, e eu pisco os olhos, vendo os pôsteres de banda de rock e as fotos do time de vôlei que Dafne rodar rápido demais na minha frente. Meu corpo bate no umbral da porta e dou uma risadinha.

— Merda. Me dê um segundo. Eu já volto.

Arqueio as sobrancelhas, confusa, mas Rafael some do meu campo de visão antes que eu consiga responder. Ainda estou no mesmo lugar quando ele volta e estica uma garrafa de água gelada para mim.

— Você vai precisar – diz.

Antes que consiga falar qualquer coisa, ele me empurra gentilmente pro quarto, me encara uma outra vez, piscando devagar, então recua e fecha a porta. Estou zonga enquanto escuto os passos dele se afastarem pelo corredor. Zonga demais para entender por que ele não me beijou, quando tinha certeza de que faria. E bêbada demais para pensar.

[6] NADA NO LUGAR

Quando acordo, não é minha cabeça que está sendo esmagada por um objeto pesado e desconfortável. Acho que, em algum ponto, isso acontece mesmo. Mas não é o que me faz sair do sono pesado, provocado por muita bebida de baixa qualidade. Me remexo na cama e o responsável pelo peso que me esmaga resmunga, me dá um tapa e rola pro lado. Pisco confusa, encarando minha amiga, de boca aberta, o cabelo castanho espalhado pelo rosto, ao meu lado.

— Que merda?

— Porra, minha cabeça – Vênus resmunga. E é só quando ela termina a frase que sinto minha cabeça latejar.

— Por que você tá dormindo aqui?

— Hein? – Ela me olha por dois segundos, resmunga e abraça o travesseiro. – Rafael e Caio dormiram no quarto de Pedro.

Eu rolo pela cama, então percebo que não estamos só nós. Alguém solta um gritinho, mas, quando meus olhos focalizam, o corpo que grita já está no chão, o barulho da queda fazendo minha cabeça latejar mais uma vez.

— Merda – a voz doce de Lua ganha um tom quase áspero. – Sou sempre eu que caio da cama, mesmo que seja a menos bêbada.

Dou uma risadinha, mas me arrependo no segundo seguinte. O som corta minha garganta seca e eu rolo pela cama, à procura de algo. A garrafa de água está intocada ao lado de Lua e, quando a pego, lembro de Rafael. Lembro dos olhos dele. Do sorriso. Do toque gelado de seus dedos no meu rosto. De como ele me deixou aqui, na porta do quarto.

E minha cabeça dói mais.

Dói tanto que fecho os olhos com força, sentindo meu estômago embrulhar.

Dou um gole tão longo na água, agora já não gelada, que quase acabo com todo conteúdo da garrafa. Mesmo assim, ainda sinto sede.

Eu odeio ressaca.

— Posso tomar um banho?

— Pode fazer qualquer coisa, desde que pare de falar – é a resposta de Vênus, enquanto coloca o travesseiro sobre seu rosto. – As toalhas estão no armário do banheiro.

Reviro os olhos, mas me arrependo assim que faço, porque, sem o peso de minha amiga sobre meu corpo, sinto minha cabeça doer de verdade. Eu me sento, devagar, e tudo roda ao meu redor. Meu estômago embrulha de novo e tenho certeza de que vou vomitar.

— Por favor – fala Lua, que ainda está abaixo de mim. – Nem pense nisso.

Eu quase rio, mas o enjoo fica tão forte que corro quarto afora, enquanto Vênus ri e resmunga alguma coisa parecida com “fracote”. A casa está silenciosa e vazia e é um alívio, porque não tenho tempo nem de fechar a porta do banheiro.

Abraço o vaso sanitário, naquela posição nada digna, e penso, enquanto coloco tudo o que tenho para fora, que nunca mais vou beber.

Mas, mesmo antes de concluir o pensamento, sei que não vou cumprir.

Depois do que parece uma eternidade, com a cabeça latejando, e o banheiro todo rodando, decido que o melhor que tenho a fazer é tomar um banho para parecer mais humana. A água do chuveiro fria me faz sentir de novo o chão como algo sólido, e respiro aliviada por afastar a sensação de enjoo após alguns minutos. Me visto com uma blusa e um short de Vênus, largados sobre o armário de portas abertas, e saio para a cozinha.

Ainda me sinto zozza e minha cabeça dói tanto que tenho vontade de morrer. Me arrasto pelo corredor escorando na parede e é nesse estado, com o corpo molhado, a sensação de quem ainda está levemente bêbada, que Rafael,

chegando da rua, me vê.

Ele arqueia a sobrancelha para mim. O suor desce pelo rosto dele e se acumula na sua sobrancelha. Sua camisa verde também está molhada e moldada em seu corpo. Ele me dá um sorriso de canto.

— Bom dia.

— Pra quem? – resmungo, sem sair do lugar. – Como você não está sofrendo os efeitos do álcool?

— Eu sou especial – debocha e larga as chaves sobre o balcão ao lado da porta. – Fiz café antes de sair, acho que vai ser uma boa para você.

Só mexo minha cabeça, e como ele não tira o sorriso debochado daquele maldito rosto, resmungo até a cozinha. Rafael pega as canecas de café, e, porque estou me sentindo péssima, com o corpo doendo, o estômago ainda revirando e a cabeça estourando, ainda que sem som, apenas me sento no banco da bancada e deito a cabeça no mármore frio.

A sensação é excelente. Sinto a temperatura espalhar toda pelo meu rosto e quase suspiro de gratidão, mas o risinho baixo de Rafael atrapalha o momento. Apoio o queixo na pedra e o encaro.

— O que tem de engraçado?

— Você.

— Não acredito que você saiu para fazer exercício físico depois de uma festa e não tem nenhum sintoma de ressaca!

— Eu não tenho ressaca. – Ele encolhe os ombros, enquanto coloca café na caneca.

— Que injusto!

Rafael levanta o braço, como quem diz “fazer o quê”, o que só faz minha indignação aumentar. Ele coloca a caneca de café na bancada e a empurra para mim.

— Acabei de voltar da casa dos meus pais. Precisava ocupar a mente com algum exercício.

Faço uma careta, que é uma mistura do café horrível que estou bebendo e a menção de Rafael sobre sua própria família.

Eu não conheço a família Albuquerque além dos comentários ditos pelas pessoas ao meu redor, mas sempre me incomodo com o jeito que tratam Rafael. Principalmente, o pai e o irmão. Às vezes, quando não estou tão mal fisicamente, penso como um cara como Rafael foi criado dentro da sua família, sem ser contaminado com os valores estranhos.

Famílias muito ricas de interior podem ser muito, muito problemáticas.

— Você não tinha um horário melhor para ir, sem ser depois de uma noite de bebedeira?

— E perder a oportunidade perfeita de fazer meu pai jogar na minha cara como sou imprestável, imaturo e idiota?

— Você é maluco.

— Precisava ver minha mãe. Meu pai e meu irmão são um efeito colateral. E você? O que te tirou tão cedo da cama?

— Vênus – resmungo, voltando a deitar meu rosto na bancada fria. A sensação volta a ser agradável e eu ronro sem me conter, o que faz Rafael dar outra risadinha. – Ela dormiu em cima de mim. Estou com tanta dor no corpo que tenho vontade de morrer. E depois Lua caiu da cama...

— Espera! Luana caiu da cama?

— Ela sempre cai da cama.

Ele ri e, antes que percebo, estou rindo também, porque a risada de Rafael é sempre contagiante – o barulho, o jeito como seu rosto fica, como seu corpo se move, tudo isso é encantador demais para resistir.

— Bom, o outro quarto não estava muito melhor. Pedro dormiu agarrado

na perna de Caio.

— Você tá zoando!

Rafael tira o celular do bolso e abre a galeria de imagens, me mostrando. Eu explodo numa gargalhada tão alta que sei que vou acordar a casa inteira. Mas não me importo. Não me importo nem quando faço um barulho estranho, ao tentar puxar o ar, ou quando minha cabeça dói tanto que quase choro.

— E onde você estava dormindo? – pergunto, secando as lágrimas de risada que escorreram pelo meu rosto.

— No chão. Eu não estava tão bêbado assim para dividir a cama com dois homens.

— Ah, a sempre frágil heterossexualidade masculina...

Rafael pisca, abrindo um sorriso e sacudindo os ombros ao mesmo tempo. Ele se inclina um pouco mais e sinto seu cheiro cítrico misturado a suor. A cozinha roda pela primeira vez e eu resmungo, fechando os olhos e voltando a encarar a pedra de mármore.

— Você quer um remédio? Tomei um pra dor de cabeça mais cedo.

— Rá! Então, você tem ressaca.

— Não exatamente. – Ele se mexe, e eu escuto uma gaveta ser aberta. Mas não levanto o rosto para observar. Me deixa menos zozza se eu mantenho os olhos num ponto só. – Eu levei no bolso, porque sabia que ir na casa de meus pais me daria dor de cabeça. Então, tomei antes de correr.

— Como foi? – Eu apoio meu queixo de novo na bancada.

Rafael fica um tempo em silêncio, enquanto pega o copo de água e descarta o comprimido da cartela. Ele me empurra o copo, do mesmo jeito que me empurrou a caneca, e abre a mão com o comprimido para que eu pegue. Vulcano, o *husky* siberiano de Pedro, arranha a porta de vidro que separa a cozinha da varanda, e eu olho em sua direção, para não olhar para os

olhos do cara a minha frente.

Sou uma garota de sorte e reconheço isso.

Meus pais ganham um bom dinheiro, mas não deixam isso comandar a própria vida. E também nunca deixaram que isso fosse o norteador das escolhas minhas e da minha irmã. Não era para ser raridade – tenho certeza de que isso não é raridade para boa parte das pessoas. Mas Ponte Belo é uma cidade tão oligárquica que as famílias mais ricas entram nesse jogo sem ter consciência do que estão fazendo.

A família de Pedro é a primeira delas. A de Caio também, até sua mãe enlouquecer. As várias internações fizeram os Bittencourt se tornarem menos mesquinhos que o resto da classe alta da cidade. E mesquinaria é tudo o que define os Albuquerque.

— Foi o que eu esperava. Mas, ao menos, agora você não é a dona da pior reação ao me ouvir dizer que entrei pro mestrado.

O barulho sai da minha garganta antes que perceba e meu coração se aperta, uma mistura de dor e culpa pelo jeito com que reagi. Eu paro de encarar Vulcano, que agora está parado em frente a porta, para olhar para Rafael. Ele está com o braço cruzado e, ainda que esteja quase sorrindo, seus olhos estão escuros, mesmo com a luminosidade da manhã.

— Fiquei feliz com sua aprovação. Só... fiquei surpresa demais.

Ele franze a sobrancelha para mim.

— Então, o que você vai pesquisar?

— Resistência de material. – Ele abre um sorriso. – Na verdade, vou testar a resistência de um material sustentável para uma construção civil. É algo que já tenho feito no trabalho, então só vou... registrar, acho.

— Urgh! Só de pensar tenho vontade de vomitar.

— Você tem vontade de vomitar porque bebeu demais. Pare de culpar minha dissertação.

— Babaca.

Ele abre o primeiro sorriso verdadeiro desde o começo da conversa.

— O que seus pais disseram?

— Minha mãe ficou feliz. Meu pai só me jogou na cara que Renato começou o mestrado no semestre passado, e ele é mais novo que eu, então não tinha por que sentir orgulho de mim.

— Sinto muito.

E sinto mesmo.

Não entendo por que o pai de Rafael tem essa mania de inferiorizá-lo. Ele é uma pessoa maravilhosa, um bom engenheiro, com um bom emprego e é centrado demais para se enfiar em problemas. Como o pai dele poderia não valorizar isso?

— Tá tudo bem. Eu já sabia.

Tenho vontade de falar que sei que saber não adianta muito, que isso não alivia o desconforto, a decepção ou a dor que a negação do seu pai causa nele. Mas não digo, porque, embora ele e eu conversemos sobre quase tudo, e eu sei mais ou menos a situação dele com a família, esse assunto é sempre periférico nas conversas. Ele trata como desimportante, o que para mim só mostra como é um ponto de real importância para ele. E não julgo.

A primeira coisa que aprendi com minha dislexia foi que palavras, embora não sejam só palavras, nunca dizem tudo aquilo que se pretende dizer.

E é por tudo isso que fico em silêncio.

Estou pensando em algo para dizer quando a porta se abre num murro e os passos pesados ressoam pelo assoalho. Antes que me dê conta, Luana joga algo sobre o balcão e, só quando vejo a capinha de Star Trek, percebo que é meu celular.

— É melhor você desligar o wi-fi ou mandar Luís calar a boca de uma vez, antes que Vênus te assassine. E você está fedendo. — Ela aponta para Rafael, antes de se servir de café. Antes que desbloqueio a tela do meu celular, ela cospe o líquido e grita: — Que merda é essa?

— Bom dia para você também, Lua. — Rafael se inclina e beija a bochecha dela. — Se me dão licença...

Ele não me olha quando sai da cozinha e isso, junto a mensagem de Luís, me faz franzir o cenho.

O mundo roda mais uma vez, e fico zozza e enjoada de novo. Não sei onde está nada e, por um momento, mesmo sentada, tenho certeza de que vou cair. Me seguro na bancada, sentindo o enjoo aumentar.

— Você está bem?

Faço que sim, enquanto espero tudo parar de rodar. Quando acontece, ainda não sei onde estão as coisas.

E não gosto do jeito que o mundo está.

[7] GAROTA CINZA

No fim, não há nada demais nas mensagens de Luís. Vênus publicou uma foto de madrugada e ele está apenas comentando que a festa parecia boa. Nunca vou entendê-lo. Num momento, ele parece inatingível. E, no segundo seguinte, conversa comigo como se estivesse interessado.

Ele me pergunta como tem andado meu *vlog* de Literatura – também chamado de Portal dos Crushs Literários – que comecei na época que Vênus foi internada e eu precisava ocupar minha mente. Era uma rota de fuga interessante. Comecei a gravar mais para ter com quem conversar, sem nada profissional, mas, por alguma razão, o *vlog* tinha crescido o suficiente para ter algumas centenas de seguidores.

Luís foi um dos primeiros a dar seu *like* – desconfio que seja pela escolha do primeiro livro que falei no canal, e sobre como o Robô Marvin³ é, talvez, o melhor personagem da ficção científica inteira. Foi depois disso que minhas conversas com o cara mais nerd que conhecia se tornou quase diária. O que só confundiu ainda mais minha cabeça.

Ele foi meu primeiro amor. Foi com ele que dei meu primeiro beijo – não um beijo memorável, em que houve fogos de artifício, embrulhos no estômago e coração disparado. Foi daquele jeito desengonçado e bem nojento que adolescentes de dezesseis anos costumam beijar – isto é, esquecendo de fechar um pouco a boca e gastando mais saliva do que o necessário.

Acho que foi por isso que me apaixonei por ele. Porque eu achava que devia me apaixonar pelo primeiro garoto que beijei. O que me parece muito ridículo agora, mas que não significa que eu não pense nele com carinho. E não queira conversar com ele.

É complicado explicar – quando somos pessoas que demoram a ter uma relação com alguém, é mais difícil romper o que foi construído. Mesmo que a base da construção seja tão malfeita quanto um beijo mal dado há três anos.

Rafael não volta para a cozinha e, quando Luana decide ir abrir o Mundo da Lua, eu a sigo, sem me despedir de ninguém. Minha cabeça ainda está estourando, minha boca está seca e tudo que eu desejo é dormir o resto do

dia.

O dia está quente, o que só piora a sensação de ressaca. Quando chego em casa, meus pais e minha irmã estão na cozinha.

— Vocês não precisam colocar esse tanto de açúcar.

— Júlia, por favor – meu pai resmunga, mexendo na panela.

— Ah, aí está nossa bêbada preferida – fala minha mãe, me encarando. Ela está com uma caneca na mão, e eu dou um aceno para os dois. – Tudo bem?

— Tirando a ressaca – resmungo. – E como vocês sabem que fiquei bêbada?

— Dava para ver na foto que Vênus compartilhou – Júlia diz. – Seus olhos ficam caídos e você fica com mais cara de retardada do que já tem.

— Júlia! – Meu pai a cutuca.

— E aí? Tirou as teias de aranha da boca?

Solto um grunhido, sentindo minhas bochechas queimarem.

Das coisas que tenho mais dificuldade de entender, uma delas é necessidade que as pessoas têm de discutir sua vida amorosa como se fosse de domínio público. Acontece em maior grau com homossexuais, que têm sua vida revirada, criticada e até silenciada, por gostarem de pessoas do mesmo sexo, por dividirem uma parte da sua vida – uma parte que não deveria dizer respeito a ninguém – com um igual. Mas também acontece em menor grau em coisas assim, como se fosse fundamental beijar na boca, como se uma noite só valesse a pena se você se relacionasse com alguém, por poucos minutos, ao som barulhento e confuso de uma festa. Você não precisa saber o nome dele, não precisa saber o que ele gosta, se vocês têm alguma coisa em comum, você só tem que beijar a boca. Parece *tão* simples. E todo mundo acha que deve se intrometer.

— Não te interessa – respondo.

— Com isso, concluímos que não.

— Vai se danar.

— Meninas... – minha mãe diz.

— Vem cá me ajudar nessa receita nova. – Meu pai me dá um sorriso, piscando os olhos quase pretos para mim.

— Ai, pai... minha cabeça está estourando. Não sei por que fui misturar bebidas. Acho que só vou... dormir. Mas posso te ajudar quando acordar. Tudo bem?

Ele franze o cenho, porque não é comum que me recuse a ajudá-lo a cozinhar.

— Vou esperar sua ressaca passar, então.

— De verdade, pai – Júlia diz –, você não precisa colocar tanto açúcar. Vai encher a boca das crianças de cáries.

— Mais trabalho para você no consultório, hein?

Sei que essa discussão está longe de ter fim, mas, do meu quarto, não consigo mais ouvir a conversa. Minha irmã vai vencer, em um dado momento, e sei que meu pai vai diminuir a quantidade de açúcar. Mas ainda terá açúcar. O que fará minha irmã resmungar por, pelo menos, um mês. Até meu pai criar uma receita mais problemática que essa.

Aproveito a normalidade e segurança do meu quarto para respirar, depois das últimas horas. É uma sensação boa, a de estar em casa. A de estar protegida. A de ficar num lugar que não mudou. E é por isso que consigo dormir, assim que deito na minha cama.

Quando acordo, o quarto está naquela meia luz típica de crepúsculo. Pisco, zozna, porque dormi demais, mas, pelo menos, o enjoo passou e a dor de cabeça diminuiu o suficiente para não me fazer senti-la latejar. Não tenho tempo nem de girar na cama, porque meu celular toca.

— Alô – falo, grogue.

— Dorminhoca! – Vênus provoca do outro lado. – Você não sabe curtir uma ressaca de verdade.

— E como seria?

— Bebendo mais, é claro – ela fala, e quem quer que está ao seu lado, ri.

Só resmungo, porque não adianta questionar a lógica nada linear de minha melhor amiga.

— Acabei de desafiar Rafael a ver quem bebe mais sem ficar bêbado. Você quer participar?

— De um desafio que vou perder?

— Deixa de ser chata! Vai ser divertido! Caio e Daniel já confirmaram, então vamos nos encontrar naquele bar chique que eu detesto. Quem ficar mais bêbado paga a conta.

— E Pedro?

— Pedro é um cientista chato que precisa produzir um artigo nesse fim de semana. Mas prometi beber o suficiente para nós dois. Vamos, vai!

— Vênus, eu não consigo nem ouvir a palavra álcool sem sentir meu estômago embrulhar.

— Você pode ser a juíza. A gente provavelmente vai precisar de alguém.

— Duvido que será necessário um juiz. Todo mundo sabe que você vai ganhar.

— A gente precisa de um juiz para saber quem vai perder, porque ele quem vai pagar a conta.

— Eu voto no Rafael.

— Eu ouvi! – ele grita e sinto meu coração dar uma saltitada nada elegante no peito. – E só para você saber... – diz, agora mais claro, o que me faz presumir que pegou o celular da mão da minha amiga. – Considerarei isso um desafio. E, por causa disso, vou vencer.

— Que dó! – Vênus gargalha. – Você não tem a menor chance!

— Nós estamos bebendo desde às três da tarde, e eu ainda não senti a sala rodar.

— Você nem tá conseguindo ficar em pé, Rafael! Para de ser ridículo!

— Pelo jeito, a comemoração pelo seu mestrado tá a todo vapor.

— Só falta você – ele diz.

E o silêncio se instaura entre nós.

Posso ouvir tapa ser dado no ombro dele, enquanto Vênus grita que foi a coisa mais ridícula que já ouviu de um homem. E é isso que faz meu coração parar de bater forte. Porque Rafael é um homem de quase trinta, comprometido com sua própria diversão, dono de si e sedutor demais, e eu sou só uma garota desengonçada, tímida e cinza.

Isso nunca vai dar certo.

— Ham – pigarreio. – Tenho que ajudar meu pai com umas coisas do restaurante aqui.

Não é mentira. Mas ele demora um segundo para dizer:

— Tudo bem. A gente se fala depois.

E desliga, sem me esperar responder.

[8] O CONVITE

Passo o domingo fazendo aquilo que mais odeio na vida: trabalhando no caixa do restaurante do meu pai. Odeio mais nesse momento, porque minha irmã deu uma desculpa ridícula para não fazer isso e meus pais aceitaram. Só porque ela viaja hoje à noite para Belo Horizonte. Só porque ela vai ficar algumas semanas sem voltar para casa. Como se isso fosse desculpa. Justamente porque ela vai demorar a trabalhar no restaurante é que ela devia trabalhar!

Tento não ficar emburrada, enquanto leio, no intervalo de um cliente e outro, as páginas de *Um Perfeito Cavaleiro*⁴. Bennedict está quase descobrindo quem é a garota fantasiada que tanto quer, e meu peito está tão cheio de amor que estou tão apaixonada quanto a garota.

É fácil apaixonar, quando se é uma personagem. A gente aproveita só as boas sensações e, mesmo quando tudo parece dar errado, não nos ferimos muito, porque esperamos finais felizes para todos. Talvez seja isso que torne tudo pior, na vida real. Porque, na vida real, finais felizes raramente existem. E isso assusta.

— Como vão as contas? – a voz masculina, levemente fanha, me tira da minha imersão no universo romântico de Júlia Quinn.

Luís me dá um sorriso quando o encaro. Seus cabelos anelados estão maiores, fazendo a franja cair o tempo todo por cima dos óculos de lente grossa. Luís é o típico nerd e isso me faz sorrir, porque é também típico do meu mundo. É normal encontrá-lo almoçando no restaurante dos meus pais e isso me produz conforto num peito que, desde sexta-feira, parece estar no lugar errado.

— Ainda não usei a calculadora hoje.

Ele ri, colocando um braço no balcão e ficando mais próximo de mim. Luís cheira a adolescente, por mais que tenha a minha idade. Talvez porque é sua mãe que lava suas roupas. Ou talvez porque ele tem aquela cara de menino que parece que nunca vai envelhecer. Acho que são as covinhas. E o jeito maroto com que sorri, que o faz sempre parecer um menino prestes a

aprontar.

— Talvez você seja um gênio perdido no meio das ciências humanas.

Reviro os olhos, fazendo cara de nojo para ele. O que faz Luís rir mais.

— Disse o cara que faz o curso mais útil do mundo...

— E é. – Ele pisca os olhos castanhos escuros para mim. Sua pele é quase tão escura quanto seus olhos e, de um jeito harmonioso, o faz ficar mais bonito. Não bonito “capa de revista” como Rafael, mas mais como “bonito para se dar uma segunda olhada”.

Merda. Desvio o olhar dele e encaro a rua. Tudo o que *não queria* era pensar em Rafael.

Por que não sou capaz de controlar minha própria cabeça, droga?

— Aliás, por falar nisso... – Enfia a mão no bolso da calça jeans e tira um cartão todo amassado. – Droga. Por favor, esconda isso antes que minha mãe veja. Ela me avisou que ia amassar.

Franzo o cenho, sem entender por quê, de repente, Luís está tão nervoso. Ele tamborila os dedos livres sobre o balcão e, hesitante, empurra o cartão branco para mim.

— É meu convite de formatura – sussurra e desvia o olhar.

Uau.

Embora Luís e eu sempre nos falemos e ele seja uma das poucas pessoas do Colégio Eliodora com quem mantenho contato, não esperava ser convidada para sua formatura.

— Hm... – Minha mente dá uma volta. – Você vai formar antes do tempo?

— Qual é! Não é tão assustador assim. Sempre achei que você fosse se formar mais rápido também.

— Caramba. Eu achei que as pessoas do seu curso sempre se enrolavam mais do que deveriam nas matérias.

— A maioria. Mas o Eliodora e as aulas especiais de química ajudaram bastante. Então... me saí melhor do que minha sala no ciclo básico. O ciclo avançado é mais rápido.

Não deveria me espantar. Mas me espanto.

Luís não deve ter tirado menos de 9.5 em nenhuma prova, desde que o conheço. Acredito que esse foi o jeito que achou de se defender na nossa escola. Ele é negro. E não teria nada demais nisso, se vivêssemos num mundo ideal. Mas, quando se é o único negro de uma escola padronizada e rica demais, é compreensível que tenha tentado se destacar em outra coisa, além da cor.

Ele coleciona diversos prêmios de olimpíadas escolares – não as de esporte, mas de matemática, de física, de química. Até em português ele chegou na final uma vez. É assustador, mas, também, é para se admirar.

E talvez por isso ele tenha sido meu primeiro amor.

— Você precisa ser estudado.

— Você pode fazer isso, não é? Você estuda ciências humanas. Você pode me fazer de estudo de caso.

— Idiota – digo, rindo.

— Você pode levar Vênus. Sabe como é, eu não conheço muita gente para gastar todos meus convites.

— Nem esperava que você fosse na festa de formatura.

— Minha mãe. – Inclina a cabeça, indicando a mulher que acaba de levantar da mesa. – Ela merece.

Meu coração se enche de ternura, me fazendo lembrar outro motivo porque me apaixonei por ele.

Eliana caminha até nós, com sua elegância de sempre, no seu salto alto finíssimo, e me dá um sorriso quando se aproxima.

— Você convidou? – ela diz, passando o braço pelos ombros magros do filho e trazendo para perto. Ele resmunga que sim, tentando se afastar, exatamente como um adolescente faria. – Vou ficar mesmo contente por você ir, Ju. Você ajudou demais meu filho no ensino médio, e isso não é uma coisa que uma mãe esquece.

— Acho que nós dois nos ajudamos. Não tem por que agradecer.

Luís revira os olhos de forma cômica, enquanto sua mãe abre a bolsa para pagar a conta. Eu murmuro um “idiota” para ele, por tratar sua mãe desse jeito, mas sei que os dois se amam e é só a dinâmica familiar.

— E você, quando forma? – ela pergunta, me estendendo o cartão.

— Débito? – pergunto, e ela assente. Eu estendo a máquina para ela. – Estou com a meta aberta. Quando chegar na meta, a gente dobra a meta.

Luís ri e Eliana franze o cenho para mim.

— Petralha – ele provoca. – O bicho de História realmente te mordeu, não é, esquerdista?

— É inevitável. – Sacudo os ombros. – Comecei meu TCC esse período, então tenho pelo menos dois semestres para desenvolvê-lo. Mas não estou com pressa.

— Luís vai prestar prova de mestrado em abril.

— Mãe – ele geme, se encolhendo. – Por favor.

Ela sorri para mim, e eu sorrio de volta. Se não os conhecesse, talvez achasse aquilo desnecessário. Mas sei que Eliana não está querendo se gabar. Ela é tão apaixonada pelo filho que é apenas sua reação normal a tudo o que ele faz. Ela vive para enaltecê-lo e, de verdade, quem pode culpá-la? Luís é mesmo um bom garoto.

— Me confirma depois se Vênus vai, tudo bem? – ele pergunta. – Tenho que ir riscando quais ingressos já ocupei.

— Você não pode ser tão antissocial assim.

— Nem a minha família quer ir, Ju.

— Não exagera – Eliana resmunga.

— Não estou. – Ele se debruça no balcão, e eu sinto seu cheiro costumeiro de sabão infantil. – Parece que sou assustador demais para a família lidar.

— Sabe – inclino para frente –, isso não é exatamente mentira.

— Eu te odeio. – Ele ri.

— Certo, certo – Eliana resmunga. – Vamos deixar Juliana trabalhar, antes que os pais dela venham aqui xingar. Por falar nisso, diga a seu pai que o prato de hoje estava magnífico. – Ela sorri. – Essa receita nova vai ser um sucesso.

— Vou dizer isso a minha irmã, porque ela passou a tarde toda reclamando do açúcar.

— Esperamos você na formatura, Ju. Até mais. – Ela gira em seus saltos altos e se afasta. Luís fica no mesmo lugar.

— Hm, então – ele pigarreia. – Seria bom se você fosse. Um rosto conhecido e acolhedor, pelo menos.

— Você está com medo?

— Eu estou apavorado. – Morde o lábio. – E ainda tenho que achar alguém para dançar a segunda valsa comigo. Droga. Não era assim que eu desejava te convidar.

— Espera. Você está me chamando para dançar com você?

— É. Quer dizer, espero não arrancar os seus pés, porque sou péssimo

nisso de dançar. Mas... ah, droga, é, quero que seja você, Ju. Quem mais poderia ser?

Minha garganta se fecha e eu tento, com muito esforço, não arregalar os olhos. Luís morde o lábio olhando para fora do restaurante.

— Seria legal. Não seria?

Ainda não consigo encontrar as palavras dentro de mim, então, quando Eliana apenas o chama da porta do restaurante, me sinto tão aliviada que quase não consigo conter um suspiro.

— Certo. Preciso ir. Você me manda uma mensagem confirmando, depois?
— Me encara. — Por favor.

— Mando, sim — é o que consigo dizer, embora não pareça minha voz.

Ele força um sorriso, eu forço um sorriso de volta e, desengonçado, Luís sai do restaurante.

Abro o envelope branco, puxando o convite. Luís está com uma expressão singela, enquanto mexe nos aparelhos de laboratório. É impossível não sorrir, porque fica claro o quanto ele gosta da profissão que escolheu. Leio o agradecimento e, quando vejo meu nome, meu coração está batendo com tanta força que tenho certeza que há sangue demais invadindo meu cérebro. O zunido é tão forte na minha cabeça que sinto que vou passar mal.

Aquilo era a última coisa que eu esperava para um domingo de trabalho.

[9] A MÁGICA DO PRIMEIRO AMOR

O ensino médio é uma experiência traumática para quase todo mundo. Quando todos começaram a sair e descobriram as delícias de beijar na boca, aqueles anos ficaram insuportáveis para mim. Foi mais ou menos nessa época que me aproximei de Luís.

Ele sempre esteve ali – a presença nerd da sala, aquele a quem os professores referenciavam como o exemplo de aluno a ser seguido, o que sempre representava a escola em qualquer campeonato intelectual que pudesse surgir. E, também, aquele que nunca levantava os olhos de seus livros para conversar com ninguém.

Não achava estranho. Contato visual sempre foi uma coisa que me deixou incomodada. *Será que ela está vendo minha espinha? Será que dá para ver que estou achando esse assunto chato? Será que ela viu que meu olho direito é menor que o esquerdo? E percebeu meu tique, de piscar um olho só, quando estou nervosa? Será que eu tenho que continuar olhando? Depois de todo esse tempo, se continuar olhando, parecerei uma psicopata? Eu tenho mesmo que me socializar?* São frases que frequentam minha mente até hoje. E era pior no auge da minha adolescência.

Quando Luís e eu nos tornamos os únicos que pareciam não ter adquirido as regras sociais, nos aproximamos. Foi nessa época que Vênus começou a namorar – e, embora seu relacionamento doentio com um traficante não tenha nos afastado, acabou restringindo boa parte do tempo que ficávamos juntas, porque ela tinha que correr atrás daquele idiota.

Eu era a única pessoa da escola que ia na casa dele, primeiro para fazer trabalho, e, depois, só para ver filmes nerds e jogar videogame. Foi numa dessas idas que nosso beijo aconteceu. Estávamos jogando Mortal Kombat, e eu estava levando uma surra tão grande que, mesmo que não fosse eu apanhando, sentia dor. Luís estava rindo, me chamando de péssima jogadora – o que, de fato, era.

Eu adorava passar as tardes com Luís. Ele me fazia pensar que eu não era tão estranha por gostar de coisas que quase ninguém gostava. Hoje ser nerd é o novo pop. Na minha adolescência, ser nerd era o verdadeiro inferno. Que

não era comandado por um Lúcifer⁵ sedutor de sotaque britânico, mas por adolescentes idiotas e sem educação.

Ele estava me caçoando pela péssima luta, e eu estava dividida entre rir e querer bater nele de verdade, uma coisa que, nos nossos anos de amizade, se tornou recorrente na minha mente. Luís tinha aquele jeito que parecia fofo e era de fato tão fofo que a gente tinha vontade de socá-lo. Não fazia o menor sentido. Assim como não fez sentido quando ficamos em silêncio, nos encarando no chão da sala, sozinhos, naquela tarde quente de uma quinta-feira. Talvez soe muito estranho se eu lembrar que foi no dia 17 de outubro de 2013. E, por isso, vou fingir que não lembro.

Mas eu lembro de como ele piscou os olhos e do jeito desengonçado que aproximou seu rosto do meu. Eu lembro que pensei que era uma situação muito estranha e que ele não podia querer me beijar. Lembro de ter arregalado os olhos quando os lábios dele encostaram no meu. Que eu não soube onde colocar minha mão. Nem a língua. Nem se devia fechar os olhos. Lembro que ele estava com gosto de morango, porque havíamos acabado de beber um suco. Lembro que senti cócegas quando ele tentou enfiar a língua em mim. Lembro de ter tentado imitá-lo. E de achar que aquilo não estava dando certo. Lembro de sentir nervoso com a saliva. Com a dele e com a minha.

Lembro que pensei que estava pensando demais.

Então a porta da sala se abriu, nós demos um pulo de susto, e Eliana entrou. Nós voltamos a jogar. Sua mãe pediu pizza de quatro queijos. E, depois disso, nunca mais voltei à casa dele.

Tudo ficou tão estranho.

Era difícil assimilar.

Mas continuamos amigos na sala de aula. Ele ainda era minha dupla na maior parte dos trabalhos, porque Vênus era sempre disputada por todas as pessoas da sala – nossos colegas queriam a popularidade dela, e ela, que de boba nunca teve muita coisa, queria notas fáceis.

Beije outros caras depois de Luís. Não muitos, mas o suficiente para saber que não havíamos feito do melhor jeito. E para descobrir que eu seria sempre a garota que pensaria demais num beijo.

No terceiro ano, Luís passou no vestibular antes de todo mundo. Nós nem havíamos chegado na metade do semestre, e ele estava aprovado para o curso de Química. A mãe dele, advogada com fama de difícil na cidade, conseguiu na justiça o direito de ele entrar na faculdade, mesmo sem terminar o ensino médio. Assim, ele fez o primeiro período ao mesmo tempo que terminava o terceiro ano.

Eliana deu uma festinha em casa, para comemorar a aprovação do filho, e aproveitar para jogar em nossas expressões patéticas adolescentes como o filho dela era muito melhor, apesar da cor de pele e do modo como muitos dos alunos o trataram nos anos de Eliodora. Foi um jeito babaca de se sentir vingada, mas Eliana sempre foi um pouco babaca e muito protetora.

Fui na festa com a intenção de beijar Luís, não vou negar. Eu queria um beijo melhor do que aquele. Eu queria mostrar que sabia fazer melhor do que só ficar com os olhos arregalados e a boca aberta demais. Mas Luís não estava interessado.

Não que eu tivesse sido ignorada, ou algo assim. Ele só estava muito empolgado por estar indo para a faculdade com dezesseis anos. Luís virou a celebridade da sala. Todo mundo queria ser seu amigo. E ele foi amigo de todo mundo naquela noite. De um jeito bem babaca, que fez Vênus derrubar um copo de refrigerante quente nos cabelos cacheados dele. E encerrar, assim, qualquer possibilidade de amizade entre os dois.

Não fiquei feliz com as reviravoltas daquele dia. Não gostei quando Vênus me arrastou para uma festa que ela nomeou como “diversão de verdade”. Não gostei das companhias, das bebidas, do jeito com que Vênus ficou. E gostei menos ainda de socializar com o namorado dela na época. Então, na primeira oportunidade, fui embora para casa, chorar, enquanto escutava músicas românticas demais para minha melhor amiga suportar.

Se eu fosse uma garota mais esperta, teria cortado qualquer tipo de relação com Luís depois disso. Mas eu gostava dele. E achava que estava apaixonada,

porque ele foi um dos poucos que realmente me conheceu como eu era e nunca riu disso. Porque ele poderia ter debochado do meu primeiro beijo e nunca debochou. Porque, mesmo quando foi um babaca e quis ser popular por um dia, ele ainda foi fofo comigo, ainda me serviu um refrigerante quente e falou sobre livros nerds. E, no dia seguinte, me mandou uma mensagem pedindo desculpas.

E, como boa trouxa que sempre fui, desculpei.

Mas nunca esperei ver meu nome no seu convite de formatura, me agradecendo por ser uma das poucas boas lembranças do ensino médio que ele guardava, mesmo terminando a faculdade.

E o que essas letras me causam é algo bem parecido com o que as letras, gravadas nas dedicatórias dos livros que chegam na minha casa, provocam. É um misto de surpresa, alegria, e algo a mais que não sei definir. Algo muito próximo a me sentir especial. Especial para alguém que não espera muita coisa de mim. E, mesmo eu não tendo nada de especial para oferecer, não desiste.

E quero guardar com carinho. Quero guardar com carinho o fato de que primeiros amores são bonitos.

[10] SANTA INCONVENIÊNCIA!

— Olha só quem apareceu – Vênus provoca, quando abro a porta do Mundo da Lua. O cheiro de café fresco me deixa inebriada depois de um dia inteiro trabalhando com dinheiro. A sensação é ótima. Eu quase fecho os olhos por alguns momentos. – Cansou de se esconder?

— Estava trabalhando. – Sento no banco do balcão, de frente pra ela. – Dia de ser caixa de restaurante.

— Vou te fazer um cappuccino pra compensar. – Luana sorri.

— Como foi a comemoração de bêbados?

— Bebemos demais e eu não teria saído da cama, se essa daqui não tivesse me ligado setenta e três vezes – Vênus responde, voltando a limpar o balcão. – Rafael ganhou. Mas, pelo menos, não fui eu que perdi.

— Por favor, não me lembre disso – Lua choraminga. – Vai acabar com meu humor pensar no quanto de dinheiro Caio gastou num dia só.

— E você deveria ter ido, sabe? Rafael ficou o tempo todo esperando por você.

— Ou, pelo menos, até quando ele ainda conseguia enxergar a porta. Do meio da noite para frente ele olhava pra parede e esperava você sair de lá. – Lua sorri.

— Vocês estão exagerando.

— Ele realmente ficou te esperando. Quando percebeu que você não iria, bebeu uma garrafa inteira sozinho de cerveja. Foi desolador.

— Isso não faz sentido.

— O que não faz sentido é você fugir de Rafael, se gosta dele. Ninguém morre por ter um coração partido, Juliana.

— Você nunca entenderia.

— É o que você sempre diz, sem explicar. Então, eu não consigo entender mesmo.

— Rafael é um homem.

— Ora, ora, parece que temos um *Xerox Holmes* aqui – debocha.

— Não, Vênus, não estou falando no sentido biológico. Tô falando que ele é homem em todos os sentidos. É difícil de explicar.

— Juliana, me escuta. Esse homem está tão a fim de você que até Caio já percebeu. E se Caio Bittencourt foi capaz de perceber qualquer tipo de sentimento, é porque a coisa tá séria mesmo.

A porta do Mundo da Lua se abre, fazendo o barulho da rua entrar no casulo impermeável de Ponte Belo. O sino toca no mesmo momento que Vênus sorri:

— Pedro! Diga à Juliana que seu amigo está muito a fim dela, por favor?

Eu encaro o ruivo e ele franze o cenho, parado na porta.

— Prefiro não me meter nesse assunto.

— Babaca – ela resmunga. – Ju, mais um pouco e você vai bater o recorde da Luana de lredez. E olha que a dela só não foi maior que a do Caio, mas esse aí eu acho que ninguém nunca vai alcançar na vida...

— Nossa Senhora dos Cafezais! – Luana joga as mãos para o alto. – Você consegue ficar meia hora sem citar o nome dele?

— Acho que não.

— Devo me preocupar? – Pedro sorri, sentando-se ao meu lado.

Vênus bate nele com o pano e o ruivo se inclina, para dar um beijo no rosto dela. Desvio o olhar e foco no meu cappuccino, bebendo um longo gole.

— Escuta – falo, por fim. – Luís nos convidou para a festa de formatura

dele.

— Oi? Você tá falando comigo? – Vênus franze o cenho. – Quanto de droga o Luís tem consumido para me convidar para qualquer lugar?

— Vênus, já faz, sei lá, três anos que você jogou refrigerante nele. Vamos superar essa história?

— Nunca vou superar essa história enquanto ele não parar de ser babaca com você.

— Ele não é babaca.

— Ele está te colocando, propositalmente, na *friendzone* há, sei lá, cinco anos?

— Esse é o momento que digo que *friendzone* não existe? – Lua questiona.

— Ele beijou Juliana no meio de uma partida de videogame. Depois, nunca falou do assunto. Na festa de comemoração por ter passado no vestibular, ele a tratou como um lixo.

— Você me tratou muito pior do que ele por um tempo muito maior. Se formos por essa lógica, eu teria que odiar você.

— É diferente. – Ela empina o queixo. – Eu sou uma pessoa maravilhosa, incrível, divertida, uma deusa. E Luís é um babaca que nem beijar na boca sabe. A única coisa que ele faz direito é estudar. E você já estuda o suficiente para um batalhão inteiro. Não precisa namorar alguém pior do que você.

— Obrigada por saber do que preciso – resmungo.

— Amigas são para isso – ela ignora meu tom.

— Por que vocês estão brigando? – Pedro diz.

— Eu só quero mostrar pra Juliana que ela tá sendo feita de idiota pelo Luís. De novo.

— Luís é fofo demais para fazer alguém de idiota – Lua diz, conferindo o dinheiro do caixa.

— Vocês, românticas, têm a péssima ideia de acreditar que só porque um cara é nerd ele não pode ser babaca. – Ela faz uma careta. – Deve ser alguma síndrome causada por filmes idiotas de Hollywood...

— Bom, ele me agradeceu no convite de formatura.

— Espera. – Lua me olha. – Não está cedo demais para ele formar? Quer dizer, quantos anos ele tem?

— Vinte. Mas ele entrou na faculdade com dezesseis. Ele é... sei lá, um minigênio.

— Fofo, gênio e estudioso? Você tá bem de bons partidos, hein?

— Minha deusa! Será que vocês nunca escutam nada do que eu digo? – Vênus joga as mãos para o alto.

— Quem tem que escutar você é seu namorado – Lua responde.

— Sou inocente até que se prove o contrário.

— Pedro! – Vênus bate o pé. – Será que você pode falar para minha amiga que seu melhor amigo a quer?

— Para de se intrometer onde não foi chamada.

— Que seja – interrompo a briga antes de começar. – Então, vou dizer para Luís que você não vai a festa...

— Tá maluca? É claro que vou na festa!

— Achei que você odiasse esse garoto. – Pedro franze o cenho.

— Eu odeio é trabalho em grupo. O Luís só tem meu desprezo mesmo.

— E mesmo assim você vai à festa?

— Alguém tem que ir e ficar de olho nessa daí, pra ela não fazer merda.

— Claro, agora estamos numa época da vida que sou eu que tenho que ser vigiada como uma criança?

— Juliana, você sempre teve que ser vigiada. Você tem um péssimo senso de escolha.

— Disse a garota que se envolveu só em ciladas até conhecer esse cara aqui. — Lua aponta para Pedro.

— Eu não queria um romance. Eu queria sexo fácil. E não estou dizendo que me orgulho disso. — Levanta a mão. — Só estou dizendo que sou muito diferente dela. Juliana sonha em viver um romance de Júlia Quinn, com direito a baile, beijos na mão e felizes para sempre.

Como isso não é exatamente mentira, fico calada.

— E, olha que merda, é isso que tem numa formatura, um baile meia-boca de valsa mal dançada. O suficiente pra essa garota perder o pouco juízo e bom senso de vez, que a salva de ser uma romântica insuportável. Eu, como a melhor amiga do mundo, não posso permitir que ela faça isso com sua vida. E é por isso que tenho que ir. Para ser o grilo falante da cabeça dela.

— Grilo falante? Você? — Lua a olha com descrença.

— Tá bom, Vê, já entendemos que você odeia Luís, mas não vai dispensar uma festa com *openbar* liberado. — Pedro sorri. — Agora, pare de falar.

— Puta que pariu, vocês não me escutam mesmo, não é?

Mas nós três fazemos a melhor coisa a se fazer quando Vênus começa a falar demais: ignoramos e mudamos de assunto.

[11] O TRADICIONAL CLICHÊ DE ROMANCES

A UFBelo é uma construção só não mais imponente do que o Hospital Ponte Belo e a mansão dos Vale, a família mais rica da cidade. Os prédios da faculdade são separados por áreas – Departamento de Letras, Artes e Cultura; Departamento de Ciências Humanas e Sociais; Departamento de Ciências da Saúde; Departamento de Ciências da Natureza e Departamento de Engenharias –, erguendo-se de forma harmônica, rodeado por mais verde do que tem no resto da cidade, mas que, infelizmente, não tira de nossos narizes o cheiro do rio que passa logo atrás do prédio de História.

Não que alguém ali se incomodasse com o curso de História. Na verdade, tenho certeza de que poucas coisas têm tão pouca atenção quanto meu curso. Talvez só o de Sociologia. O que deixa muito claro o tipo de cidade em que vivo

O Departamento de Engenharia, no entanto, é muito bonito. O prédio é completamente novo, pintado e, principalmente, limpo. Fica do outro lado do campus, bem longe do cheiro do rio, então também é agradável. Claro que não é por isso que estou perambulando ali, na segunda-feira.

Eu nunca vou para aquele lado, porque, embora o lugar mereça atenção, os alunos, com certeza, não. Mas, quando o segundo tempo é cancelado, decido que pode ser esclarecedor sair por aquele portão lateral só para espreitar. Rafael sempre diz que caminhar longas distâncias o faz pensar melhor. E é disso que eu preciso: pensar.

Estou passando pelo jardim, em frente ao prédio de uma das engenharias, quando o vejo. Ele está sentado no banco, com uma camisa branca de gola aberta, olhando a construção a sua frente, sem parecer vê-la.

Sinto aquela estranha sensação no meu peito, pela milionésima vez – uma mistura confusa de “o que você tá fazendo aqui?”, “como você pode ser tão bonito sem nem se esforçar?” e, principalmente, “por que você mexe tanto comigo?”, que eu nunca diria em voz alta. Penso por dois segundos se devo seguir reto e fingir que não o vi. Mas já o ignorei demais e, embora ele me deixe desconfortável quando sorria para mim, ou me fazia sentir coisas que não quero sentir, gosto dele.

Claro, estou apaixonada por ele. E isso é um problema dos grandes. Mas me ter tornado amiga dele foi uma das melhores coisas que me aconteceu nos últimos anos.

— Olá – cumprimento.

Rafael pisca, a luminosidade deixando seus olhos quase claros, e parece demorar a focalizar sua atenção em mim. Por fim, diz:

— Você não está no departamento errado?

— Minha aula foi cancelada. E eu preciso ir à livraria.

Ele assente, mas desvia o olhar sem responder.

— Tá tudo bem?

Ele demora três segundos para responder.

— Acho que sim.

Não parece que está.

Há uma ruga entre suas sobrancelhas escuras e, mesmo um pouco distante, posso sentir a tensão que ele emana.

Troco o peso da perna, me perguntando se devo ir embora. Então suspiro, colocando o cabelo atrás da orelha e digo:

— Bom, não sei você, mas meu primeiro tempo foi horroroso, o professor conseguiu deixar o tema da Revolução Francesa chato, e eu preciso de um café. Você quer me acompanhar?

— Você não tem que ir à livraria?

— Posso ir depois.

Ele fecha os olhos por um segundo e, quando abre, não há mais aquela sombra indecifrável.

— Posso te acompanhar até a livraria?

— Se você não se incomodar com minha cara de criança e empolgação como se estivesse chegado à Nárnia...

— Estou contando com isso. – Ele se levanta do banco, abrindo um sorriso.

— Idiota – é tudo que consigo responder. – Suas aulas já começaram?

— Ah, não. – Coloca as mãos no bolso da calça. – Semana que vem.

— Hm, eu não sabia que os resultados saíam tão próximos do começo do curso.

— Não saem. Eu demorei a dizer para as pessoas. E para mim mesmo, na verdade.

Eu o encaro, mas Rafael está olhando para o chão, compenetrado nas pedras que encontra pelo caminho.

— Não quis contar a ninguém para que ninguém influenciasse minha decisão.

— Sério?

— É difícil ser eu mesmo nessa cidade.

Não tenho ideia do que ele quer dizer com isso e também não sei o que responder. Nós ficamos em silêncio por alguns metros e só quando estamos na porta da livraria é que ele se vira para mim, seus olhos iluminados outra vez com a claridade do dia.

— E você? Como está?

— Com sono. E irritada com aquele professor. Que tipo de ser humano consegue fazer a Revolução Francesa ficar chata?

— Talvez a Revolução Francesa seja chata?

Eu cerro os olhos para ele, esperando ver seu sorriso zombeteiro. Mas não há expressão em seu rosto. E isso me faz franzir o cenho.

— Tá brincando?! Você tem noção de quantos paradigmas foram quebrados naquela revolução?

— Paradigmas? Você nem defendeu seu TCC e já está falando como uma pesquisadora das Ciências Humanas!

— Humpf! – bufo, mas não consigo esconder o sorriso. – Você não sabe de nada. Devemos quase tudo à Revolução Francesa. O mundo seria um lugar pior sem aqueles dias...

— Pior, é? – diz, quando entramos na livraria. – O mundo não me parece muito bom.

— Você é um pessimista sem conserto.

— E você é uma romântica idealista crônica. Fazer o quê?

Bufo e dou as costas a ele, indo até a prateleira de livros que procuro. Espero que Rafael me siga, mas ele parece mais interessado numa das bancas da loja. Não é só a cena que é estranha, o dia também está.

Rafael não parece o cara que conheço – o cara que odeia ler, que está sempre sorrindo, que não tem uma tensão tão grande que dá para sentir em sua voz.

Não sei o que está acontecendo. Não sei o que estou sentindo com todas essas mudanças. Mas sei que não gosto.

Resmungo e pego o livro que preciso, colocando o código de barras na máquina de preço e dou um pulo do lugar, vendo os números na minha frente.

— Puta merda.

— Problema com contas? – ele sussurra as minhas costas, e eu dou outro pulo, o que o faz dar uma risadinha. – Caramba! Isso é um livro ou uma arma

em potencial?

Acho que ele está falando do tamanho, mas a única coisa que falo é:

— Pelo preço, uma arma cheia de potencial.

Rafael inclina a cabeça para o lado, avaliando os números a sua frente.

— Droga – suspiro, voltando com o livro pra prateleira. – Preciso dele para minha monografia. Vamos.

— Você não vai levar? – Franze o cenho.

— Adoraria. Mas isso deixaria meus pais de cabelo em pé por um ano inteiro.

— Mas é... hm.... Seu TCC. Isso não é importante?

— Sim. Mas não são tempos bons para gastar tanto dinheiro assim. Talvez eu consiga achar uma versão mais barata nos sebos virtuais – suspiro.

— O que foi?

— Eu precisava dele para escrever a primeira parte do meu projeto inteiro. E eu... – suspiro, de novo, porque não quero falar para Rafael como eu demoro para compreender as palavras e porquê é importante ter esse livro logo. – Vou ter que tentar achar outra referência...

— Já procurou nas piratarias da vida? PDFs costumam ajudar, não?

— Não consigo ler em PDF – digo, da maneira mais casual possível, para que Rafael não me faça perguntas.

Ele não faz, o que me deixa feliz. E no segundo seguinte puxa o livro da prateleira de novo.

— Certo, tudo bem. Chega de choramingo. Eu compro.

— Rafael! Você não pode!

— E por que não posso?

Tento articular uma frase, mas nada me vem à mente.

— Olha só, eu cresci com pessoas apaixonadas por literatura a minha volta. Eu sei como livros podem ser importantes para pessoas estranhas. E não me leve a mal quando chamo você de estranha. Porque você é. Mas a melhor pessoa desse mundo, que é seu orientador, também é, então isso é um elogio.

Deixo uma risada escapar e ele pisca para mim.

— É simples. Você precisa do livro. Eu tenho dinheiro. Vou comprar.

— Rafael, não somos... nada. – Ele arqueia a sobrancelha para mim. – Certo, somos amigos. Mas amigos não compram livros caríssimos para as amigas.

— Bom, que sorte a nossa que não sou um amigo qualquer. – Caminha em direção ao caixa.

E eu corro atrás dele, como uma criança teimosa.

Tenho noção de como pareço patética, mas não consigo evitar.

— Rafael!

— Para com isso. Você recebe livro de um desconhecido psicopata na sua casa todo mês.

— Não é todo mês – resmungo.

— Que seja! Um desconhecido te manda livros sem remetente com dedicatórias estranhas, e você não dá chlique. Por que está agindo assim por eu comprar um livro para você? O que tem de diferente nisso?

Tem de diferente o fato de ser você, seu idiota, penso. Mas não falo. Ao invés disso, digo:

— É realmente muito caro.

— Eu posso pagar.

— Rafael, você acabou de sair do seu emprego...

— Eu não saí do meu emprego – ele me interrompe. – Eu não sou tão estúpido assim. – Acho que minha expressão deixa muito claro meu susto, porque ele sorri. – É uma longa história. De todo modo, mesmo se eu tivesse saído do emprego, vivo sozinho há cinco anos e tenho poucos gastos. Certamente, posso comprar um presente para uma amiga. E se você continuar com essa cara horrível, não tem problema. Eu embrulho e te mando por Correio. Talvez isso te deixe mais contente.

Rio, porque não consigo evitar.

— Mais um pouco e você fica parecendo um personagem clichê de romance contemporâneo. Que tal me dar a livraria inteira?

— Eu não tenho tanto dinheiro assim.

— Certo, tudo bem. Mas eu pago o café. Ok?

— Você não deveria ter dito isso. – Ele sorri. – Eu como muito. E estou morrendo de fome. – Me entrega a sacola com o livro dentro.

— Acredite, estou contando com isso.

E nós sorrimos um para o outro, enquanto percebo que não consigo evitar de me apaixonar mais.

[12] VISLUMBRAMENTO

— Então... — eu falo, depois de alguns passos em silêncio. — Qual é a longa história?

Rafael me encara, enfiando suas mãos no bolso da calça.

— Você disse que era uma longa história, sobre seu trabalho.

— Ah, isso. Na verdade, não é uma grande história. Eu te disse que meu projeto de mestrado é sobre resistência de um material sustentável que já usava no trabalho, não é? — Balanço a cabeça e ele olha para frente. — Então, era interessante para a empresa que eu registrasse isso, porque aí ela poderia cobrar mais caro pela produção.

— O capitalismo de sempre.

— Por aí. Então, como as aulas do mestrado são segunda e quarta; quintas, sextas e sábados ainda precisarei ir até BH, para trabalhar.

— Isso parece uma decisão estúpida.

— Parece, não é? Vou fazer isso por seis meses, se não der conta... bem, acho que posso me arriscar algumas vezes.

— E por que você não tentou mestrado em BH? Você adora a cidade.

— Adoro a possibilidade de BH. Não BH.

Arqueio a sobrancelha, confusa.

— E odeio Ponte Belo.

— Talvez você só odeie as possibilidades que Ponte Belo te ofereça.

Ele arqueia a sobrancelha e me encara, divertido.

— Mas você fez o seu curso aqui, não foi? Quer dizer, se você odiasse mesmo, teria feito como Pedro e partido para outra cidade aos dezessete anos.

— Eu era um garoto. O Rafael de dezessete anos nem existe mais. Você não diria que sou eu, se o conhecesse.

— É mesmo?

Rafael dá um sorriso.

— É difícil de explicar. – Coça o cabelo. – A graduação me mudou muito. E depois... bem, depois tive que me virar sozinho numa capital. Acho que meu eu adolescente se sentiria entediado com o homem que me tornei.

— E o homem que você se tornou acha seu adolescente o quê?

— Um chato incorrigível. – Pisca.

Sorrio.

— Mas, mesmo odiando tudo isso, você voltou.

Nós caminhamos alguns metros antes de ele falar, algo raro, porque Rafael nunca hesita para me responder.

— Pedro diz que a gente sempre acaba voltando, só para conferir se partir foi a decisão certa. – Dá de ombros. – Para ser sincero... acho que estou procurando razões para sair do meu emprego.

— Achei que você gostasse dele.

— Meu trabalho foi uma coisa boa por muito tempo. Mas já deu o que tinha que dar.

— E agora você vai querer uma carreira acadêmica?

— Não faço a menor ideia.

— Isso deve ser angustiante...

— Na verdade, Jubsjubs.... É libertador.

Devo fazer uma cara muito estranha, porque ele ri, balançando a cabeça.

Eu me assusto, às vezes, com a capacidade que Rafael tem de rir – dos outros, de si, da vida, de seus próprios problemas. É uma característica bem diferente da de seus outros amigos, uma marca dele, como se fosse incapaz de levar qualquer coisa a sério de verdade.

Me pergunto se ele consegue rir no trabalho, também.

Por alguma razão, acho que é por isso que ele não está tão satisfeito onde trabalha.

— Você que é decidida demais para ver alguma coisa boa na dúvida.

— Não sei de onde você tirou isso...

— Ah, qual é! Você nem pensou em outra possibilidade a não ser História. Você nem pensou em outro tipo de monografia. Você sabe o que quer da vida. Sabe que vai se dedicar ao estudo muito mais do que um namoro, por mais romântica que você seja. Porque você decidiu que prefere o trabalho.

Franzo o cenho, confusa com o tanto de informação que ele juntou de mim durante o tempo que conversamos. Não fazia ideia que Rafael desse tanta atenção para minhas mensagens idiotas, com meus dilemas bobos de caloura de faculdade.

— Com dezenove anos eu só estava decidido a beber todas as cervejas das festas de faculdade – continua.

— Você conseguiu?

— Não. – Ele ri, fechando os olhos. – Fui interrompido no meio do caminho. E aí, abandonei minha única decisão na vida.

— É mesmo?

Tento soar menos curiosa do que estou, mas sei que meu tom de voz me denuncia.

— Eu me apaixonei.

Uau, é a única coisa que vem na minha cabeça.

Por alguma razão, nunca pensei que aquilo já havia acontecido para Rafael. Ele é sempre tão focado em seu trabalho, e, mesmo quando vem a Ponte Belo, parece só querer encontrar os amigos, beber e não pensar em suas obrigações como engenheiro, que a imagem de Rafael apaixonado nunca chegou perto da minha mente.

— Por que você está me olhando como se eu fosse um E.T?

— Ah! – Abro e fecho a boca, tentando organizar meus pensamentos. – Acho que só não esperava essa confissão.

— Seres humanos se apaixonam, Jubsjubs. Você deve ter sua cota de caras que te conquistaram por aí.

Desvio o olhar.

Penso em Luís, primeiro, com seu jeito desengonçado. E no quanto o sentimento, nunca dito em voz alta, é angustiante e, em certo ponto, confortador. Se eu tivesse me declarado, teria mudado alguma coisa? Se o tivesse questionado sobre nosso beijo, teria havido outros melhores?

É difícil dizer.

Penso em Rafael sem ter consciência do que causa em mim. De como o acho lindo e inatingível e que gosto de ele ser assim, ao mesmo tempo que adoro nossa amizade e como conseguimos falar sobre quase tudo sem esgotar os assuntos. Se eu lhe contar, ele ainda me veria com os mesmos olhos divertidos? Ou depois disso eu só passaria a ser uma garota idiota com quem ele seria condescendente?

Há uma coisa boa no não-saber. Sou uma garota romântica, que acredita no amor. Mais do que isso, tem respeito pelo amor. Talvez medo seja a palavra certa. Morro de medo de que o amor me pedisse mais coisas do que jamais conseguiria dar.

E é isso que me faz fingir que não sinto nada.

Ele arqueia a sobrancelha para mim, esperando minha resposta.

— Acho que só não esperava por essa confissão.

— Ah, sim, você tinha a imagem de mim como o cafajeste que nunca se apaixona? Fico magoado por te decepcionar. – Leva a mão ao peito.

— Você é muito, muito idiota, Rafael.

— Mas você realmente pensa que sou um cafajeste.

— Você nunca tentou provar o contrário.

— Isso é o que você pensa. – Dá de ombros.

— Quer parar de falar em código? Viu, era por isso que me assustei quando você disse que estava voltando para Ponte Belo. – Cruzo os braços na altura do peito.

— Pelo menos você admite que estava com medo, hein?

Bufo, exasperada.

— Você está com medo das coisas mudarem?

— Gosto de como as coisas são.

— Eu também. E elas só vão mudar se você quiser. Porque, afinal, eu não sou um cafajeste. Por mais que você adore pensar isso, nessa sua cabecinha ruiva romântica e clichê aí. – Bate com o dedo sobre minha orelha.

— Ei! – Afasto a mão dele – Gostava mais de quando não me provocava com tapinhas. Por favor, continuemos assim.

— E as pessoas dizem que a Vênus é a amiga perigosa!

— Idiota.

— Se me chamar de idiota mais uma vez, juro que roubo essa sacola com o livro e vou embora.

— Minha nossa! – Arregalo os olhos dramaticamente. – Nunca te ensinaram que é falta de educação tomar os presentes que já deu?

Ele ri, seus olhos se fechando e seu corpo se sacudindo com o som. É uma imagem e tanto. Eu tenho que me esforçar para não perder o ar. É mais próxima do Rafael que estou acostumada.

— Me desculpa por não ter disfarçado o choque, ao saber do seu mestrado.

— Não se desculpe. Sua espontaneidade é a coisa que mais gosto em você.

— Mas você ficou chateado.

— Ah... Não. Eu não diria chateado. Eu só não esperava. Não de você, pelo menos.

— Você está falando do seu pai? – FRANZO o cenho e ele assente. – Por que você, Pedro e Caio têm sempre os mesmos problemas com os pais?

— Eu sou mais sortudo. Ainda tenho minha mãe.

Rafael sempre fala com carinho da mãe, o que sempre me faz sorrir. Meus pais me ensinaram que, se você quer conhecer um homem de verdade, deve observar como ele fala sobre a mãe. Ele pode odiar o resto do mundo, pode tratar mal todas as pessoas, mas, se ainda é capaz de ter respeito por quem lhe deu à luz, então há chances.

É um pensamento otimista demais, eu sei. Mas meus pais são assim. E eu herdei essa característica deles.

— Não consigo nem imaginar como deve ser... viver assim, com meus pais – digo.

— Acho que ninguém morre por isso.

— Mas ninguém fica inteiro também.

— Não. Mas quem é inteiro nessa vida? – Ele me olha de novo.

Dou de ombros, sem saber o que responder. Nós caminhamos em silêncio por quase um quarteirão, mas não é desconfortável. Quase nada perto de Rafael é. Exceto, talvez, como ele faz meu coração disparar...

— Obrigado – diz, depois de um tempo. Eu franzo o cenho, confusa com o agradecimento. – Por mais cedo. Por ter aparecido e me tirado do campus.

— Isso não parece fazer sentido.

— Suponho que não. – Ele dá de ombros. – Mas você me deve uma saída para comemorar meu mestrado. E eu não vou aceitar um não como resposta.

— Só não me leve num bar, certo? Não quero duelar para ver quem bebe mais.

— Isso seria maravilhoso, tenho certeza. Mas não. Não te levarei para beber.

— Bom, não sei se você está desatualizado, mas não tem muito mais coisas para fazer aqui em Ponte Belo.

— Talvez você não conheça Ponte Belo tão bem.

— Ah, jura? Moro aqui só há vinte e um anos, Rafael.

— Tem gente que vive uma vida inteira sem se conhecer, não é tão diferente em relação aonde nós moramos. – Ele pisca para mim. – Tenho certeza de que o lugar que estou pensando você nunca imaginou que existia aqui.

— É mesmo? E onde é?

Rafael me dá um sorriso enquanto abre a porta do Mundo da Lua para entrarmos.

— Isso, Jubsjubs, você só vai descobrir se aceitar vir comigo.

Cerro os olhos para ele, então bufo, fingindo exasperação. Ele me olha, quase sem piscar, com uma expressão tão impenetrável que é difícil manter a respiração normal. Rafael está há poucos centímetros de mim e posso sentir seu cheiro cítrico de um jeito que quase me inebria.

— Achei que você tivesse dito que eu não poderia dizer não.

— É assim que se diz, Jubsjubs. Prometo que você não vai se arrepender.

[13] POR UM NÃO CONTO DE FADAS

Em casa, aproveito que meus pais estão trabalhando e gravo alguns vídeos para o Portal dos Crushs Literários. Nos últimos dias, com a presença barulhenta da minha irmã, estava impossível. Mas hoje o silêncio é tão angustiante que preciso fazer barulho para fazer minha mente pensar em outra coisa que não seja um certo sorriso e os olhos castanhos divertidos de um certo alguém.

É frustrante.

Preciso focar em alguma coisa que consuma meu tempo e me dê desculpas para não o encontrar com frequência. Eu tenho certeza de que meu coração não aguentaria tanto charme se fosse exposto com intensidade ao sorriso de Rafael. E eu preciso aguentar.

Solto um grunhido, afundando minha cabeça nas mãos, sobre a escrivaninha. Não tem nem uma semana que ele está na cidade, e eu já estou nesse estado. Por que eu não sou uma garota normal? Uma garota que deseja? Se o que sentisse por Rafael fosse desejo, se eu conseguisse querê-lo nesse nível, como Vênus sempre sugere, tudo seria muito mais fácil!

Por alguma razão, acho que querer ir para a cama com alguém é mais tranquilo do que querer esse alguém para outras coisas. Pelo menos, parece menos angustiante. É um saco se apaixonar por alguém e não querer fazer sexo com ele, simplesmente porque...

Porque sou idiota.

Quer dizer, francamente... uma garota tem que ser muito idiota para não sentir esse nível de atração por alguém tão bonito quanto Rafael.

Certo, é melhor eu fazer alguma coisa. Deixo o vídeo sobre Simon Basset⁶ carregando no canal, pego o livro que Rafael me deu mais cedo e o abro, decidida a começar a leitura e, assim, conseguir escrever mais rápido a introdução do meu TCC. Preciso aproveitar o começo do período para adiantar, já que, depois, conciliar tudo o que a faculdade nos pede, é quase impossível.

Mas não consigo avançar na leitura.

Vejo as letras e acho que elas formam palavras, mas não consigo lê-las.

Quando era pequena, minha mãe criou um mecanismo bom para me ajudar na leitura: ela lia o livro em voz alta e gravava para mim. Assim, quando eu lia, tinha a voz da minha mãe acompanhando, o que me ajudava a esclarecer as dúvidas que surgiam e os momentos que não conseguia sair do lugar.

Agora, estou grande demais para ela fazer isso.

Tenho vontade de chorar.

A leitura é pesada e difícil, como Pedro havia me avisado, mas não é só uma questão de não compreender os morfemas. Eu também não consigo me concentrar. Solto um grunhido e empurro o livro com força.

Certo, tudo bem. Não vai adiantar nada ficar com raiva. Quanto mais raiva eu sentir, menos vou conseguir ler. Pego o livro que recebi na sexta-feira e o abro, analisando mais uma vez a letra da dedicatória. É a mesma de todas as outras. Também é a mesma cor de caneta. Não há nada de diferente e eu suspiro, porque, se continuar assim, nunca vou descobrir quem me manda esses livros.

Acho que *quem* não é exatamente importante. Mas *por quê*.

Será algum seguidor do canal? Talvez. Mas como ele descobriu meu endereço? Seria muito estranho se alguém do Portal soubesse. Eu quase sorrio, porque a voz de Rafael chamando essa pessoa de psicopata invade minha mente. E depois eu rosno por lembrar de Rafael outra vez.

Tenho que acreditar que só estou impactada por ele estar na cidade, perambulando pelas ruas que sempre passo, tomando café comigo, me comprando um livro, quando antes estava há quilômetros de distância, com as tardes ocupadas e só acessível por mensagem. Tenho que acreditar que vou me acostumar. Vou voltar para nossa zona de conforto e ele não vai tirar minha concentração tão fácil assim.

Talvez seja até melhor ele estar na cidade por tanto tempo. Assim, posso vislumbrar o lado feio de Rafael. Aquele lado que fará com que minha paixão diminua até só restar um carinho que fica depois de um amor platônico.

Como Benedict Bridgerton.

É isso! Benedict, o segundo Bridgerton, parecia lindo e maravilhoso e cavalheiro e muito, muito charmoso. Mas foi só dar espaço para ele na história pra gente vislumbrar que nem tudo é tão bonito por baixo da capa. Quer dizer, eu amo o personagem. E ainda adoro o casal que ele forma com a Sofia. Mas, sinceramente, as cenas que ele a convida para ser amante e quase a obriga a se deitar com ele...

É difícil de defender.

E o Benedict parece mesmo Rafael.

Então, eu só preciso que Rafael se mostre um Benedict.

E tudo ficará bem.

Nós dois ficaremos bem.

Ele continuará me achando uma garota estranha, mas, enquanto ele achar que o estranho em mim se resume a minha paixão por livros, não tem problema.

O resto é só um sonho bonito. Um conto de fadas sem começo, meio e fim. Eu poderia sobreviver a isso.

Abro o livro de Tolkien de novo, folheando. Não sei por que ainda folheio – sei que não vai ter nenhum detalhe perdido entre as páginas, porque não tem nos outros.

É como se, quem quer que seja, tenha os mesmos problemas que eu de assumir sentimentos. Como se fosse mais fácil se esconder em dedicatórias anônimas, como eu me escondo em *crushs* literários inalcançáveis, sentimentos que faço questão de nunca realizar, para evitar decepções que sei que não saberei lidar.

Seria bom conhecer quem é, só para sermos amigos. Só para falarmos disso. Só para pensarmos se é mesmo errado sermos como somos. Para criticar a sociedade que parece impor declarações líquidas para sentimentos rasos. Para tomarmos café e refletirmos se amor é mesmo isso que a gente vê pela janela, quase sem destino, embora sempre com um fim de satisfação.

Seria bom conseguir agradecer quem os envia, por me fazer sentir menos sozinha na minha ilha de sentimentos incompreensíveis. Mas só seria possível se essa pessoa quisesse se mostrar também. Porque, se ela não der nenhum sinal, nenhuma mensagem além disso, eu nunca vou saber quem é.

E não posso negar que não saber provoca um incômodo estranho numa parte de mim.

Eu só não consigo entender exatamente por quê.

[14] A PIOR MELHOR AMIGA DO MUNDO

Passo quase a semana toda na biblioteca, pesquisando, lendo e fichando textos que Pedro indicou. Na sexta-feira, estou tão exausta que tenho vontade de chorar, mas continuo na cabine tentando focar nas letras que se embaralham na minha frente. Leituras complexas exigem mais tempo e esforço do meu cérebro, e o barulho ao redor não ajuda. Estou prestes a gritar por silêncio quando alguém me chama:

— Ei! – Luís balança os seus cachos e me dá um sorriso. – Você resolveu morar aqui?

— TCC.

Ele faz uma careta.

— Eu não gosto muito de estudar na biblioteca – confesso. – Mas é livro demais para consultar e, se eu levar metade disso para casa, fico sem me mexer por dois dias de tanta dor na coluna.

Ele ri e entra na cabine. Os cabelos dele estão mais rebeldes hoje e é engraçado vê-lo com a camisa da UFBelo. Geralmente, ele sempre veste alguma coisa com referência nerd.

— E você? O que faz fora do laboratório?

— Esperando um pessoal que marcou comigo para dar monitoria. Mas parece que levei um bolo. – Se senta na cadeira a minha frente. – E aí? Sobre o que você vai falar no seu TCC?

— O ensino de História Medieval por meio de quadrinhos.

Luís abre um sorriso enorme e balança a cabeça.

— Você é nerd demais.

— Acho que não consigo evitar.

— Já disse que você está desperdiçando seu tempo na História, não é? – Dá

de ombros. – Você podia fazer uma coisa muito melhor.

— Química não é uma coisa muito melhor – provoco.

— Tá brincando? Meu campo de atuação é muito maior. Pelo menos, não vou ficar preso numa sala de aula.

— Gosto de dar aula.

— Trabalhar muito para ganhar tão pouco e, pior, nem ser reconhecido? Pra que sofrer tanto?

— Sei lá. Aulas podem ser interessantes.

— Só consigo me lembrar das aulas do Eliodora. – Ele faz uma careta. – Era uma excelente escola, mas isso não fazia todas as aulas serem divertidas. Quer dizer, química era.

— Com certeza – digo, revirando os olhos.

— Ah, vai! Foi realmente divertido quando aquela reação química explodiu na sua cara, no segundo ano.

Solto um grunhido com a lembrança. Luís e eu estávamos trabalhando numa reação há quase uma semana e, quando fui colocar um reagente, a explosão aconteceu bem na minha cara. Parecia cena de filme idiota, em que o nerd sempre se ferra no final. A diferença é que não foi minha dupla inteligente que teve o rosto chamuscado. Fui eu. E não foi divertido.

Ele ri.

— Isso ainda não tem graça.

Antes que Luís responda, a porta se abre num murro me fazendo dar um pulo da cadeira. Vênus arqueia a sobrancelha para mim, então olha para Luís e para mim de novo.

— E aí – ela fala, por fim.

— Vênus! Você se lembra de quando aquela reação explodiu na cara da Ju, na aula de química?

Ela franze o cenho e depois me olha.

— Você faltou no dia – explico, dando de ombros.

— Rum. Você vem?

— Merda, já tá na hora? – Confiro o celular.

Vênus cruza os braços, arqueando a sobrancelha. Rafael achou um apartamento na quarta-feira, e eu ainda estava estarecida com a velocidade com que ele encontrou um lugar para morar quando avisou que se mudaria hoje. Então, Pedro, Caio e Lua combinaram de o ajudar na limpeza e mudança, e, por alguma razão incompreensível, já que Vênus detesta fazer faxina, ela decidiu ir também. E me chamar.

Por um momento, penso em dizer que não vou mais. A meta era terminar esse capítulo hoje e não estou nem na metade. Mas já havia fugido da comemoração do mestrado de Rafael e não queria magoá-lo, principalmente depois de ele ter me dado um livro tão caro.

— Só me dê uns minutos para eu arrumar essa bagunça.

Eu espero que ela vá agradecer a Luís pelo convite da sua formatura, mas, ao invés disso, diz:

— Beleza. Te espero lá embaixo. – E sai.

— Pelo visto, ela tem os mesmos sentimentos sobre mim – Luís diz.

— Os seus também não mudaram muito.

— Verdade. Mas ela mudou em quase tudo, então esperava que as coisas tivessem melhorado também sobre mim. Aliás, francamente, por que ela me odeia?

— Ela não te odeia.

— Ah, sério? – Ele franze o cenho para mim.

— Vênus só gosta do papel de ser inconveniente e deixar todas as pessoas desconfortáveis. O sentimento por você é só... efeito colateral, eu acho. Tipo, era fácil deixar você fora da zona de conforto na escola.

Luís faz uma careta.

— Por favor, não me lembre disso. Não que a universidade tenha sido muito melhor nesse quesito. Você melhorou? Digo, nessa coisa de se socializar, fazer amigos?

— É impossível socializar na faculdade se você não vai a festas.

— Esse era o segredo? Ah, bem, então não devo ter perdido nada demais.

Eu rio, juntando minhas coisas.

— Pra ser sincera, não perdeu mesmo.

— Mas você vai a muitas.

— Ah, não. Só quando quero dançar.

— Por falar nisso... – Ele inclina o corpo magro para frente. – Você sabe dançar valsa? Porque eu não tenho nem ideia. E minha mãe não tem tempo. Estava pensando se... bem... – pigarreia. – Se a gente poderia ensaiar?

O modo como ele fala transforma o convite em uma pergunta e eu sorrio.

— Quer dizer, eu já passei vergonha demais nessas coisas de socializar na faculdade. Queria salvar o dia da minha formatura. Você sabe? Dançar valsa.

— Sei o básico.

Meu celular vibra, mostrando a foto de Vênus na tela. Mas Luís ignora ligação e continua me olhando.

— Ótimo! Vamos combinar umas aulas, então. Seu curso é matutino, né?

Você ainda tem ajudado seu pai no restaurante?

— Às vezes. Mas posso negociar isso.

— Meu Deus! – Ele olha para meu celular, que ainda vibra dançando na mesa. – Ela realmente me odeia.

— Talvez um pouco – admito, silenciando a ligação.

Ele ri e se levanta da cadeira.

— Vamos fazer assim, você me manda seus horários livres, eu te mando os meus, e a gente tenta achar um bom horário, pode ser? Prometo me esforçar para não arrancar seu pé.

— Vou cobrar a promessa.

— Obrigado. De verdade, Ju. Tu é uma garota maravilhosa. – Inclina o corpo e me dá um beijo no rosto.

Eu recuo, assustada, mas Luís já saiu da cabine, alheio a minha reação. Ele some do meu campo de visão quase imediatamente, com seus passos largos, mas eu não consigo sair do lugar.

Pisco atordoada para o meu material.

Eu não sou uma pessoa fria. Não é que eu não goste de beijos e abraços ou carinhos. Mas Luís nunca tinha feito nada assim. Pelo menos, nunca depois do nosso beijo estranho na sala da casa dele, anos atrás.

Minha mente dá um nó e meu coração aperta.

Por que todo meu mundo normal resolveu se transformar em caos?

Meu celular vibra de novo, mostrando a foto de Vênus, e solto um grunhido. Pego minhas coisas e saio quase correndo da biblioteca. Ela está parada na entrada do prédio.

— Finalmente, Juliana.

— Exatamente por que a pressa?

Vênus arqueia a sobrancelha, mas decido ignorá-la. É o melhor remédio para quando ela está sendo inconveniente além até dos seus próprios limites.

Caminhamos uns bons minutos em silêncio, comigo na frente, quando ela me puxa pela alça da mochila na saída lateral do *campus* – a saída do prédio de engenharia. Rafael achou um apartamento praticamente em frente à entrada, o que só faz ser ainda mais absurdo a velocidade com que encontrou um ponto tão bom.

— Minha deusa, você precisa ir mesmo nessa velocidade?

— Não era você que estava com pressa?

— Juliana! Não vai me dizer que você está a fim de Luís?

— E se eu estivesse? – Cruzo os braços.

— Eu jurava que você estava apaixonada por Rafael! – Ela está de boca aberta. O que é uma cena e tanta, porque não ocorre com frequência.

— Você não sabe de nada.

— É, pelo jeito não sei mesmo.

Suspiro coçando o pescoço. Por mais irritante que Vênus seja, não merece que eu seja tão irritante quanto.

— Luís é meu amigo. Rafael é meu amigo. É isto.

— Pelo amor da deusa, mais um casal que leva vinte anos para dar um beijo e eu juro que surto de verdade!

— Você nunca ia entender – suspiro.

— Por que você não tenta explicar? – Ela cruza os braços. – Sou sua amiga, merda. Sou sua melhor amiga. Eu sei que sou uma bosta de ser humano, mas me preocupo com você. E quero você feliz.

— Eu sou.

— Ok. Mas, se você não está apaixonada nem por Luís nem por Rafael, está apaixonada pelo cara dos livros? Quer dizer, a gente nem sabe se é um cara. Pode ser uma mulher. É a cara de Luana fazer uma coisa dessas, na verdade.

Eu rio.

— Do que exatamente você está rindo? – Franze o cenho.

— De você.

— Humpf – ela bufa. – Por que você estava tão irritada?

— Só acho que você não deveria ser tão grosseira com Luís. Ele é um cara legal.

— Ele gosta de parecer legal.

— E você gosta de pegar no pé dele.

— Ele é babaca, Ju. Você que é trouxa demais e acha engraçadinhas as merdas que ele faz. Rir de você depois de anos porque uma reação explodiu na sua cara. Sério?

— Você sempre ri de mim.

— Mas eu sou sua melhor amiga. Eu tenho direitos.

— Você é completamente pirada.

— Talvez. Mas acho que Rafael é uma pessoa muito melhor.

Fecho os olhos e coço a têmpora, cansada.

— O que está acontecendo?

— Eu gastaria muito tempo para explicar e temos compromisso e...

— Sinceramente, Juliana... — Ela me segura pela mão, me arrastando pela rua. — Foda-se o resto do mundo. Você é muito mais importante.

E, depois disso, tenho que acompanhá-la. Porque Vênus é mesmo insuportável, na boa parte do tempo. Mas isso não a faz ser uma amiga pior. Pelo contrário: a faz ser única.

[15] RARO MOMENTO DE SENSATEZ

Vênus joga sua mochila, lotada de broches de bandas indie, sobre a mesa da lanchonete da esquina. Eu ainda estou em pé, sem saber se quero mesmo ter essa conversa, quando ela pede um suco de abacaxi e arqueia a sobrancelha para mim. Eu escolho um de morango, enquanto encaro o *bottom* do terceiro CD de Arctic Monkeys.

— Desembucha. — Ela puxa a mochila, me fazendo parar de tocar no emblema.

— Não há nada para falar, na verdade.

— Juliana, pelo amor da deusa, para de me tratar como uma imbecil.

— Não tem a ver com sua inteligência. Eu só... — suspiro. — Acho difícil você entender, porque nem eu entendo.

— Certo. Vou te fazer perguntas e você responde, com sim ou não. — Ela coloca os cotovelos sobre a mesa e apoia seu queixo pontudo nas mãos. — Ok? — Eu concordo, deixando a cabeça cair na minha mão, bem desanimada. Eu não quero ter essa conversa numa lanchonete que fede óleo de uma semana atrás. — Você está apaixonada pelo admirador dos livros?

— Não.

Ela arqueia a sobrancelha para mim e dou de ombros.

— Gosto de receber os livros, mas a paixão não funciona assim para mim.

— Justo. Ia ser bem triste se você se apaixonasse e depois descobrisse que quem os manda é um cara de noventa e sete anos de idade, careca, com uma verruga enorme tampando meio rosto, dentadura fedida e incapaz de transar com você.

— Vênus! Não tem nada a ver com beleza.

— Sempre tem a ver com a beleza. Então, você está apaixonada pelo Luís?

Eu levo um segundo a mais para responder.

É difícil não estar apaixonada pelo garoto que gostei por tanto tempo. É como se alguma coisa não fizesse sentido, como se a gente tivesse perdido uma parte nossa que nunca mais vai achar. Luís foi meu primeiro amor. Ele sempre terá esse lugar dentro de mim.

— Não.

— Amém, minha deusa, a senhora finalmente me ouviu – ela diz, jogando as mãos para cima e olhando o teto da lanchonete. – Cruze. Que teto sujo!

Eu rio, balançando a cabeça. Vênus não é a amiga mais sensata, mas ninguém pode acusá-la de não ser divertida e sincera.

A garçonete deixa os nossos sucos e pergunta se queremos mais alguma coisa. É Vênus quem responde. Quando a garota vai embora, ela vira o copo para todos os lados e suspira, cochichando:

— Pelo menos, isso aqui tá limpo.

— Que sorte a nossa. – Sorrio.

— Então... você está apaixonada por Rafael?

Fixo meu olhar no suco rosa a minha frente, sentindo aquele bolo na garganta costumeiro, toda vez que penso em Rafael, no jeito com que sua expressão muda com seus sorrisos e como ele sempre joga o cabelo para o lado, quando está se divertindo com alguma coisa. Suspiro.

— Eu sabia! – Vênus pula na cadeira, como uma criança que acaba de ganhar cem doces.

— Eu não respondi.

— Sua cara de trouxa denunciou. É a mesma cara que você faz quando ganha livros. E não há nada no mundo que você seja mais apaixonada do que livros.

É um argumento sensato, então só me resta ficar em silêncio.

— Certo. Você está apaixonada por Rafael. Por que não conta? Metade dos problemas do mundo se resolveria com comunicação.

— É complicado – suspiro. – Eu estou apaixonada por Rafael, mas não pela pessoa física de Rafael.

— Hein? – Ela franze o cenho.

— Eu gosto do que ele me causa, de quem eu sou quando estou com ele. Ele faz com que me sinta leve e sem preocupação. Não sei se faz sentido. – Franzo o cenho também. – Quer dizer, ele nunca está de mau humor.

— Rafael tem mesmo um humor incrível. Eu não acredito que ele sobreviveu com uma personalidade dessas na família que tem.

— Eu não acredito que o pai dele não o admira, na verdade.

— Seres humanos, Ju, seres humanos... enfim. Continue.

— Não tem muito mais do que isso, na verdade. Eu me apaixonei por Rafael, porque quando... bem, quando te peguei com as drogas do seu ex na sua casa... – Ela faz uma careta e eu a imito, porque esse não é nosso assunto preferido. Sim, viramos a página e nos perdoado, mas não significa que foi esquecido. – E nós brigamos... e depois você foi mandada pra reabilitação... Eu fiquei sozinha. Quer dizer, eu estava sempre com você. E aí tive que ficar sem você. Foi um período bem ruim.

— Nem me lembre. – Ela treme o corpo inteiro. – Só de lembrar das dinâmicas grupais daquele lugar tenho vontade de chorar.

— Foi nessa época que Rafael e eu começamos a trocar mensagem. E foi bom porque tinha alguém ali para conversar. Alguém que entendeu por que não fui te ver na reabilitação, por que estava com raiva, por que eu também me sentia culpada. Ele ficou do meu lado num dos piores momentos. E deixou as coisas mais leves, porque sempre me fazia rir, não importasse o dia de bosta que eu tivesse.

— Bom, me lembre de dar a ele um presente por isso. Pelo menos você encontrou um amigo de verdade, quando eu fui uma filha da puta.

— Você é filha da puta com frequência.

— Babaca. Achei que quem faria esse papel seria Luís.

— Ah, ele ficou por perto também. Mas era mais fácil conversar por horas com Rafael, porque a gente sabia pouco um do outro. Com Luís não. Ele é...

— Previsível demais – ela me interrompe, e eu sacudo os ombros. – Mas ainda não entendi a complicação do assunto. Quer dizer, tá mais do que na cara que Rafael está louco por você.

— Eu realmente não sei como vou contar isso para você – suspiro. – Mas eu... droga.

— Juliana, a não ser que você vá dizer que matou alguém, não entendo a demora para falar. Você não matou ninguém, né?

— Hein? – Balanço a cabeça. – Não. É que... bem, vamos tentar de outro jeito. Você e Pedro... estão apaixonados, certo?

— As pessoas dizem que sim. – Dá de ombros.

Cruzo os braços para ela e ela sorri.

— Certo. Sim. Sou apaixonada por Pedro. Mas se você levar essa informação para ele, eu juro que vamos ter um corpo. O seu. E eu vou jogar naquele rio fedido e você vai apodrecer tão rápido com o tanto produto químico que tem ali, que antes de chegar ao céu já estará sem um pedaço de pele pra contar história.

— Eu não precisaria mesmo de um corpo no céu.

Vênus balança a mão no ar, em sinal de descaso.

— Continue.

— Então... você é apaixonada por ele e vocês... transam. Com frequência.

— Eu devo ficar preocupada com seu interesse na minha vida sexual?

— Por favor, não torne isso mais difícil.

— Droga, é minha especialidade. – Ela sorri. – Certo. Sim. Pedro e eu somos um casal bem ativo. Mas continuo sem entender o que você está dizendo.

— A maior parte das pessoas, quando está apaixonada, quer isso.

— Sexo?

Antes que responda, o celular dela toca.

— Por falar no diabo... – Ela mostra a foto de Pedro e atende.

Enquanto Vênus conversa com o namorado, com sua provocação de sempre e suas respostas tortas, penso que nunca vou conseguir compreender como esses dois funcionam juntos sem cometerem assassinatos. Ela ri enquanto revira os olhos e o manda à merda, pouco antes de desligar.

— Homens! – diz de maneira dramática.

— Você não vive sem ele.

— Viver eu vivo. – Dá de ombros. – Mas é bem mais chato. Onde estávamos mesmo? Ah, lembrei! Você estava inspecionando minha vida sexual. Você quer a frequência?

— Não. Pelo amor de Deus, eu não quero saber que você faz sexo todos os dias!

— Você tá mais vermelha do que o cabelo do Pedro. Posso tirar uma foto?

— Não! – Arranco o celular da mão dela. – Deixa de ser imbecil.

— Então, vá direto ao ponto. Tá parecendo minha professora de

Psicanálise que pra explicar uma coisa, fala de tantas outras coisas que quando chega no que quer explicar, ninguém mais sabe o que era. – Revira os olhos.

— Só tô querendo dizer que... não sinto vontade disso.

— Disso o quê? – Ela cerra os olhos. – De sexo?

Assinto, desviando o olhar. Não quero ver a reação que isso causa na pessoa que mais gosta de sexo que conheço. Vênus nunca teve problemas para transar. Na verdade, ela transou com tantas pessoas que fico espantada por não ter enjoado. Quer dizer, uma hora fica tudo igual e deve cansar, certo?

— Ok. Ainda não entendi por que não entenderia. Você fala como se eu fosse uma maníaca sexual...

Eu a encaro.

— Certo. Talvez eu seja quase uma maníaca... – Dá de ombros. – Mas as pessoas são diferentes. Veja Luana, por exemplo. Ela só consegue fazer sexo se... bem, se tem um certo tipo de ligação com o cara. E ela não é maluca por isso. Quer dizer, ela é maluca. Mas não por isso.

— Você não me acha estranha?

— Pelo amor da deusa, Juliana! – Revira os olhos. – Tem gente que não gosta de cerveja. Tem gente que não gosta de café. Tem gente que não gosta de chocolate. E tem gente que não gosta de sexo. E daí?

Não consigo esconder meu espanto com a resposta dela e, por isso, minha boca fica aberta.

— Sério? Que tipo de pessoa horrível você acha que sou?

— Eu só... hm, achei que você não entenderia.

— Eu não entendo por que as pessoas não gostam de sexo. Mas isso não quer dizer que eu deva condená-las por isso. Além do que, você gostar ou

não, não muda nada. Eu não vou fazer sexo com você mesmo. – Dá de ombros. – As pessoas dão muita importância ao que acontece na intimidade dos outros, mas isso é a menor parte do tempo de um casal. E, acredite em mim, eu passo muito tempo da minha vida nessa parte de ser casal. E não é a maior.

— Você é absurda.

— Dizem. Você acha que Rafael não entenderia?

— Olha só para ele!

Vênus fica em silêncio, e eu aproveito para beber meu suco, encarando a rua. Nós ficamos um tempo assim, até que ela fala:

— Eu não sei. Quer dizer, a gente sabe que Caio era sem controle nesse quesito. E ele não conseguiria ficar num relacionamento sem a possibilidade de fazer sexo com muita frequência. Mas... não sei. A gente sempre pensa que só porque é homem ele só pensa em sexo.

— Você era a principal defensora dessa ideia.

— Era. Mas olha só para o meu namorado. Quer dizer... além de mim, ele só transou com seis mulheres. Eu nem consigo contar quantos caras fui para a cama. Então... não sei. Talvez você só esteja sendo... preconceituosa?

— Ele é bonito demais.

— E o que isso tem a ver? Raramente escuto histórias do Rafael com relação à mulheres. Sempre que ele brinca quanto a isso é em referência a vida de Caio. Eu sei que ele namorou por muito tempo uma garota. E pelo que entendi... amava a menina.

Franzo o cenho para ela.

— Pedro me falou por alto, num dia que perguntei por que Rafael ainda estava solteiro, sendo charmoso daquele jeito. Mas não sei de detalhe nenhum. – Revira os olhos. – Ele disse que depois que Rafael terminou esse relacionamento, nunca o viu falar sobre mulher nenhuma. E acho que Caio o

viu com uma, uma noite, uma vez, muito tempo atrás. E ele terminou tem um bom tempo. Quer dizer... foi logo quando ele se mudou para a capital. E isso já faz o quê? Cinco anos?

— Ele devia mesmo gostar da ex.

Ela dá de ombros.

— Mesmo assim, acho difícil ele entender que eu...

— Se ele não te aceitar como você é, Ju, então ele é um babaca e não merece você.

— Queria que fosse simples assim.

— Você gosta mesmo dele, né?

— Gosto.

— É por isso que você ainda é próxima do Luís? Você acha que... probabilisticamente... ou algo assim... as chances de Luís querer muito sexo são menores do que a de Rafael?

— Você conhece os homens melhores do que eu.

— Você sabe que eu acho Luís babaca. E eu gosto de Rafael. Quer dizer... ele sabe se divertir. E sabe beber. Além disso, ele é menos lerdo que Caio e menos ranzinza que Pedro.

— Se cruzassem seus perfis num aplicativo de relacionamento, dava *match*, né?

— Provavelmente. — Sorri. — Você deveria contar.

— Para ser motivo de risada? Não, obrigada. Gosto demais dele para suportar isso.

— Você só vai saber se para ele sexo é mesmo importante num relacionamento, Ju, se falar para ele. Se não fizer, você só vai ter hipóteses e

dúvidas. Por que alguém preferiria viver com dúvidas do que ter certeza?

— Para sobrar, pelo menos, a opção de imaginar um final feliz?

— Você é mesmo consequência dos livros que lê! – ela suspira, se levantando. – Vamos. Antes que Pedro ligue de novo e diga que já acabaram toda a arrumação. Eu não quero ser vítima de deboche pelo resto dos meus dias por isso.

— Tudo bem. Mas... por favor... por favor, mesmo, não conte a ninguém.

— Que tipo de amiga você acha que sou? – Cerra os olhos para mim, enquanto paga o seu suco.

— Do tipo que fala demais?

— Babaca!

Sinto menos peso sobre os ombros, depois de conversar sobre o assunto. Ainda é confuso e complicado e sei que Vênus entendeu menos do que disse que entendeu. Mas me sinto menos sozinha.

[16] O CASAMENTO

O novo apartamento de Rafael está tão bagunçado que a única coisa que consigo ver são as caixas espalhadas pelo chão da sala. Pedro e Caio estão tentando (sem muito sucesso) montar uma estante e Luana está limpando o chão. Não há sinal de Rafael em lugar algum.

— Ora! – Caio nos dá um sorriso, enquanto passa a mão pela testa suada. – As madames chegaram.

— Vocês sabem o que estão fazendo com essa estante? – Vênus franze o cenho para os dois.

— Obviamente – responde o Pedro.

— Não – completa Caio. – Mas o que importa é a intenção.

— Você quer ajuda? – pergunto para Lua.

— Ali. – Aponta a vassoura no canto da sala.

— E onde está o bonito do Rafael? – Vênus pergunta.

— Tem meia hora que disse que estava chegando – Pedro fala, sua voz abafada por estar atrás da estante.

— Vou colocar uma playlist.

— Certo, agora vamos ter que acabar essa arrumação mais cedo para não precisar ouvir tanta música ruim? – Caio resmunga.

— Finalmente estamos falando o mesmo idioma – concorda Pedro.

— Homens! – Lua revira os olhos. – Vênus, leva essas caixas aqui para o quarto. É a primeira porta, assim que você passa da sala. Essas, que estão escrito “cama”.

— Uh, cama, o que será que tem aqui dentro? – Vênus se inclina. – Será Rafael um sadomasoquista em potencial?

— Se sua namorada continuar espionando minha vida sexual, Pedro, eu, se fosse você, teria medo – a voz de Rafael fala da porta e eu paro de varrer a sala para olhar.

Ele está com uma camisa social, com as mangas dobradas, e sua gravata azul está frouxa no colarinho. Os cabelos estão bagunçados, o que me faz pensar que ele deve ter feito todo o caminho com a janela do carro aberta. Ele coloca a pasta preta sobre o móvel ao lado da porta, junto com vários envelopes, e larga as chaves.

Eu dou um sorriso quando ele vê que estou olhando. E Rafael pisca para mim.

Meu coração dispara como o trouxa que é, e eu decido voltar minha atenção para o chão cheio de poeira.

— Sua vida sexual é mais parada que água empoçada – Pedro provoca.

— Alguém viu onde estão minhas roupas? Eu realmente preciso tirar essa blusa. – Puxa a gravata pelo pescoço.

— Sua mala está ali. – Luana aponta para o canto da sala, logo depois de mim.

— O que eu faria sem você? – Ele dá um beijo no rosto dela.

— Urgh. Você deveria tomar um banho.

— Já é a segunda vez que você me chama de fedido em menos de quinze dias.

— Não posso fazer nada se sua higiene não é a das melhores...

Rafael puxa a tiara da cabeça dela e Luana solta um gritinho, dando um tapa no braço dele.

— Quantos anos você tem?

Ele coloca a tiara vermelha na própria cabeça e caminha até a mala.

— Olá, você. Eu te daria um beijo no rosto, mas, segundo aquela chata ali, estou fedido demais.

— Talvez fedido um pouco, sim. – Franzo o nariz.

— Onde você se meteu, criatura? Foi se banhar junto com os porcos antes de vir para cá? – Vênus pergunta.

— Tinha uma construção pra fiscalizar antes de sair de Belo Horizonte, com mais problemas do que achei que teria. Vocês se importariam se eu tomasse um banho rápido?

— Eu não ligo. Mas voto na gente não fazer nada até ele sair do banho.

— Como se você já tivesse feito alguma coisa, não é? – Lua balança a cabeça. – Sua toalha tá em cima do criado do seu quarto, se não me engano. Mas acho que o chuveiro está queimado.

— Sim, um banho gelado, tudo o que queria.

— Banho gelado, hein? – Vênus provoca, mas ele já desapareceu do nosso campo de visão.

Vênus decide que, afinal, é importante abrir a caixa que vai carregar. Ninguém dá a mínima pro que ela está procurando, mas, quando percebe que são só roupas de cama, solta um suspiro entediante e empurra a caixa com o pé até o quarto. Pedro e Caio continuam tentando montar a estante, sem grandes avanços. Mas, pelo menos, Lua e eu deixamos o chão limpo o suficiente para ser de uma casa habitável.

Rafael volta quando Lua está limpando o móvel onde ele deixou suas coisas e eu estou torcendo o pano de chão. Ele me dá um beijo no rosto, cheirando a sabonete, o cabelo pingando água fria em mim.

— Oi. – Pisca.

— Oi. – Tento não parecer idiota.

— Pra alguém que vai dividir sua casa em dois lugares, tu tem coisa pra

cacete, hein? – Vênus reclama.

— A maior parte está aqui, na verdade.

Rafael atravessa a sala e pega os envelopes sobre o móvel. Ele passa as cartas com rapidez, até que para.

— Mas que... – ele resmunga. – Onde está o lixo?

— Ali. – Lua indica. – Ei! Isso aí é um convite de casamento? Deixa eu ver!

— Ah, merda! – Pedro fala. – Você recebeu?

Rafael ergue a sobrancelha na direção do amigo.

— Quem vai casar? – Lua franze o cenho.

— Ariela – Caio fala.

— Você recebeu também? – Rafael franze o cenho.

— Bom, pelo jeito Ariela é uma pessoa importante – Vênus resmunga.

— Como assim eu não recebi? – Lua parece revoltada.

— Ela não gostava muito de você – Caio diz.

— Nem de você. E continua absurdo não ser convidada.

— Você não iria, de qualquer jeito. – Ele se agachando, enquanto gira a chave de fenda. – Eu quero mais é que ela se ferre na vida. E eu nunca pararia em Fortaleza para ver um casamento dela.

— Quem é a porra da Ariela? – Vênus repete.

— Minha ex – Rafael diz, sem emoção na voz, e eu largo o pano de chão no balde. Ele rasga o convite e joga no lixo.

Ninguém fala nada por longos minutos e Vênus franze o cenho para mim.

— Vocês querem ajuda aí? – Rafael pergunta.

— Por favor – fala Pedro.

Rafael vai até eles, pegando outra chave de fenda. Luana franze o cenho para Caio e ele revira os olhos.

— Ei, você não quer falar mal dela? A gente permite, por cinco minutos – Vênus diz.

— Não quero falar mal dela. Nem bem.

— Bom, eu adoraria falar mal – Caio faz uma careta. – Mas a decisão é toda sua.

Rafael não responde e o clima, antes de descontração, fica tão pesado que ninguém (nem mesmo Pedro) reclama quando Vênus começa a cantar, alto e desafinado, a música do Arctic Monkeys, impedindo qualquer chance de comunicação.

[17] CAMA DE GATO

Muitas horas depois, Pedro, Caio e Rafael conseguem montar a estante e ela parece que não vai cair, mesmo estando um tanto quanto torta. Lua decidiu, afinal, que precisa fazer um café decente, porque nenhuma estreia de casa sobrevive a um café ruim. Caio e Vênus estão falando que uma mudança pede cerveja gelada, e a briga estava tão desorientadora que me refugio no quarto de Rafael.

A vista daqui é bonita – dá para ver quase toda a UFBelo, com seus prédios altos e suas torres. Dá para ver boa parte do bairro rico, do outro lado da ponte. E, se você conhece bem a cidade, dá até para localizar o Hospital, no extremo oposto de onde estamos. Estou tentando saber onde está o Mundo da Lua, quando a porta de vidro se abre e os ruídos da sala me alcançam.

— Olá, você. – Rafael me dá um sorriso, debruçando-se na murada, ao meu lado.

— Você já apreciou essa vista?

— Você gostou?

— Como você conseguiu um lugar tão bom em tão pouco tempo?

— Tio Simas. – Ele dá de ombros e eu arqueio a sobrancelha para ele. – O pai de Pedro.

— Tio Simas? – Arqueio a sobrancelha.

— Você sabe que Pedro e eu somos primos, não é?

— Essa é a segunda coisa mais absurda que escutei hoje. A primeira foi você chamar um dos Vale de tio.

Ele ri.

— Meu pai é irmão de tia Bárbara.

— Uau!

— Tio Simas não é muito fã de Pedro e isso é... uma merda. Mas não posso reclamar em relação a mim. Na verdade... se um dia você conversar com Pedro sobre isso, ele vai dizer que eu sou o filho que o pai dele sempre quis – suspira. – Do mesmo modo que Pedro é o filho que meu pai queria.

— Sêrio?

— Aparentemente, os Vale me acham mais ambicioso do que Pedro. E a ambição é o jeito certo de ser aceito na família.

— E você é? Ambicioso, no caso.

— Talvez? Tio Simas me acha ambicioso porque fui para BH trabalhar numa grande empresa, sem ficar com medo de arriscar. Eu não diria que sou ambicioso. Eu só... acho que não tenho medo de correr atrás do que acho que me fará feliz.

— Minha nossa. Então Renato também é primo de Pedro?

— Bom, Renato é meu irmão. – diz, divertido.

— Caramba!

Renato é o irmão mais novo de Rafael, e, embora eles sejam parecidos fisicamente, ainda que Rafael tenha a pele, o cabelo e os olhos mais claros, são tão discrepantes em personalidade que é difícil acreditar que dividam o mesmo sangue. Eu o vi algumas vezes, quando ele namorou Luana, e só de pensar nas coisas que ele fez, em como tentou controlar a mulher mais independente que conheço, me dá um nó na mente difícil de resolver.

— Tio Simas não gosta dele tanto quanto gosta de mim. – Rafael inclina a cabeça para o lado. – E isso sempre causa desconforto.

— Por quê?

— Porque causa desconforto ou porque eu sou o preferido do Homem de Gelo da cidade, que nunca elogiou o próprio filho, mas sempre me dá sorrisos e presentes?

— As duas coisas? – digo, incerta.

— Não faço a menor ideia. Acho... eu nasci com muitos problemas de saúde. Se não fosse tio Simas e tio Hélio, o dono do Hospital Ponte Belo, e seus contatos... é provável que eu não tivesse sobrevivido.

— Ok, hoje é o dia de ouvir coisas absurdas, pelo jeito.

Ele ri.

— Eu nasci de seis meses, há vinte e oito anos. Sou basicamente um grande milagre. Acho que ainda seria um milagre, mesmo nos dias de hoje. Tive que fazer várias cirurgias, meu pulmão era ferrado, meu coração era uma piada, e preciso fazer exercício pro resto da minha vida. Meus primeiros sete anos de vida foram pulando de hospital em hospital, cirurgias em cirurgias, até conseguir um transplante de coração... E meus pais... bem, meu pai é um advogado com um certo grau de reconhecimento, e tudo o mais, mas se não fosse tio Simas, o dinheiro e a influência dele e os contatos do tio Hélio... eu teria morrido.

— Isso é pesado.

— É. Minha mãe estava sempre comigo, claro, mesmo depois que engravidou de Renato. E... – suspira. – Acho que todo esse tempo dentro de hospital, sempre com minha mãe, me afastou do meu pai de um jeito que nunca mais vai nos aproximar. O fato de ela ter passado muito mais tempo comigo do que com meu irmão também esclarece muitas coisas.

Estou tão sem palavras que só consigo repetir “minha nossa”.

— Você achou que a péssima relação familiar lá de casa era só fruto de ganância e inveja?

— Acho que só... bem, acho que vai levar um tempo para te ver como alguém que foi frágil assim. E não é todo dia que a gente escuta que os Vale foram bons samaritanos.

— Meu pai e tia Bárbara são muito próximos... Ele criou minha tia. E ela

ficou grávida na mesma época da minha mãe. Isso teve um impacto e tanto na relação das duas famílias. Mas, de todo modo, pessoas são assim, não é? Ainda que horríveis, são capazes de boas ações.

— Dizem. — Tento sorrir, mas ainda estou impactada com tantas informações.

— Olha só para você. — Ele dá as costas para a vista e cruza os braços. — Achei que você fosse a idealista que sempre defendia o lado bom das pessoas.

— Acho que eu tinha parado de acreditar nos Vale.

— Justo.

— Então, seu tio, que por um acaso é o dono da cidade, te arrumou esse apartamento?

— Ele tem esperanças de que eu trabalhe na empresa. Há sempre uma vaga disponível para mim, desde que formei. Era do Pedro, mas ele renunciou ao lugar há muito tempo. É a vaga que meu irmão sonha em alcançar.

— E você não.

— Não. — Ele faz uma careta. — Eu gosto de ser engenheiro. Eu gosto de imaginar prédios, desenhá-los num papel grande, construir as maquetes e depois vê-los do jeito que estavam na minha mente. Eu quero fazer isso por muito tempo. Mas meu tio não perde a esperança em mim.

— Que sorte a sua.

— Não posso negar que isso me dá bons privilégios. E eu seria hipócrita se dissesse que não gosto dos privilégios.

— Justo.

Ele sorri.

— Como está a discussão sobre café *versus* cerveja?

— Eu saí quando pareceu que Caio e Luana começariam uma D.R. — Dá de ombros. — Pedro e Vênus também deram uma desculpa para se afastar, então só vamos rezar para os dois não quebrarem a estante que costumamos montar.

— Amém. — Sorrio.

Rafael pisca para mim e nós ficamos em silêncio. Não há desconforto nisso, mas, quando seus olhos ficam muito tempo me encarando, não fico tão à vontade quanto costume ficar com ele.

É estranho.

Queria conseguir definir as coisas que sinto como a maioria das pessoas, para poder separar o que só Rafael consegue causar em mim. Mas tudo é uma grande confusão, cheio de emaranhados e pontas soltas.

— Como você está? — pergunto, quando parece que ele não vai parar de me olhar nunca. Rafael franze o cenho para mim. — Com essa mudança oficial e tudo o mais.

— Já estive pior. E também já estive melhor.

— Isso é bom?

— Acho que sim. E você? Como está?

— Cansada.

— Desculpa ter te escravizado. — Ele faz uma cara de culpado, que o deixa com uma expressão de menino que quer muito um abraço. Seus olhos caem e suas sobrancelhas ficam num ângulo estranho. Eu sorrio. Ele ergue a sobrancelha esquerda para mim. — Não entendi a graça.

— Sua cara. Parece de um cachorro sem dono pedindo carinho.

— Essa cara? — Ele aponta com o dedo. — Um sucesso com as garotas. Quando quero conquistá-las, é só fazer isso. Está funcionando com você?

Eu engasgo e Rafael explode numa gargalhada, seu corpo todo balançando.

É tão espontânea e gostosa que, segundos depois, estou rindo também, mesmo tendo consciência de que estava rindo de mim.

— Você é um idiota – digo, por fim, secando as lágrimas que se acumulam no canto do meu olho.

Ele sacode os ombros, como se não se importasse com a crítica.

— Mas não estou cansada por isso. A semana foi puxada. Tive que estudar todos os dias pro TCC, e não saí do lugar, porque não consigo entender o que estou lendo.

— Como assim?

— É complicado. – Olho para frente.

— Você não é uma garota muito fácil, mesmo.

— Ei!

Mas Rafael está sorrindo. Consigo manter os olhos nele por tempo suficiente para ver a flutuação de escuro para quase claro e para escuro de novo, até que ele desvia o olhar e suspira.

— Algum problema? – pergunto.

— É complicado.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, até que ele diz:

— Então, você quer uma cerveja ou um café? Meus instintos estão dizendo que vamos ter as duas coisas, depois de toda essa confusão.

— Agora eu acho que só quero dormir.

Rafael está prestes a falar alguma coisa quando seu celular toca. É uma banda de metal, cantada por uma mulher, e eu arqueio a sobancelha para ele. É porque o estou olhando que percebo as mudanças na expressão e seus olhos ficam tão anuviados que quase ficam pretos.

É bem sinistro.

— Como raios... – ele esfrega o cabelo com força. – Mas que merda!

— Rafael?

— Desculpa. – Enfia o celular no bolso, ignorando a chamada.

— É a sua ex?

— Hm? – ele pergunta e pragueja, quando o telefone começa a tocar mais alto. – Quer saber, vou desligar essa porra.

É a primeira vez que vejo Rafael dizer palavrão e isso me assusta tanto que dou um passo para trás.

— Desculpa – ele repete. – Sim, é a minha ex.

— Hm... dizem que, se você fala, as coisas ficam mais elaboradas e você melhora. Quer dizer, é isso que Vênus diz, desde que entrou no curso de Psicologia.

Ele me olha por dois segundos antes de dar um sorriso pequeno.

— Não há nada a ser dito sobre isso. Eu achei que a amava, queria me casar com ela, e ela me chutou. Acontece com frequência na vida real.

— Ela não quis casar com você?

— Ela dizia não querer casar com ninguém.

— Hm, certo. Mas por que ela estaria te ligando? – E só depois que escuto minha voz é que percebo que disse em voz alta. – Desculpe.

— Não faço ideia. E agora acho que vou precisar mesmo de uma cerveja. Me acompanha?

— Se você não xingar por eu beber café. – Sorrio.

Ele me encara por longos segundos. Não consigo desviar o olhar, então percebo quando a insinuação de um sorriso começa a ganhar seu rosto. Por fim, diz:

— Gosto de você, Jubsjubs. — Ele pisca um olho. — Eu realmente gosto de você. — E abre a porta de vidro, saindo logo depois, me deixando lidar sozinha com o impacto que aquela frase e aquele olhar causam em mim.

[18] CÍTRICOS CONTRASTES

— É fácil – digo para um Luís com cara de apavorado enquanto *The Blue Danube* toca ao fundo. – Um passo. Dois, três para contagem. Um passo.

— Eu nunca vou conseguir!

— Se você consegue fazer uma reação química sem que ela exploda na sua cara, então, com certeza, consegue fazer isso!

Já tem quase uma hora que estou na casa de Luís, tentando ensiná-lo a dar um passo simples de valsa, e não perder a paciência. É difícil, porque hoje é sábado e tudo o que queria era colocar minhas séries em dia, mas essa parece uma perspectiva tão distante que preciso me esforçar para não chorar.

— É sério, desisto. Eu não quero mais essa coisa de formatura. É complicado demais. – Ele enfia as mãos nos seus cachos, bagunçando-os com raiva.

— Tenho certeza de que vai ser um espaço curto para tanta gente e você nem vai conseguir se mover.

— Sério? Porque não tem mesmo muita gente na formatura... – Ele morde o lábio inferior. – Não sei por que concordei com essa maluquice inteira. Eu não sou um cara para fotografias e gracejos públicos.

— Você ficou bem legal na foto de formatura.

Ele revira os olhos, com mais drama do que deveria, o que mostra que está mais relaxado com relação a isso do que queria mostrar.

É engraçado como tem pessoas que, por mais que você não converse todos os dias, você sempre vai conhecer.

Luís é esse tipo – o porto seguro no meio de qualquer coisa. Desde meus quinze anos, é uma presença na minha vida. Eu sei que, por mais que não sejamos exatamente próximos, eu poderia mandar uma mensagem, que ele me responderia com uma rapidez absurda, sem se preocupar em parecer um

maluco-obsessivo.

Eu sei qual cor é a preferida dele – preta. Sua fruta preferida – manga. Seu suco preferido – morango. Seu filme preferido – a série inteira de Star Wars. Seu livro preferido – Guia do Mochileiro das Galáxias. Até hoje, seu jogo preferido de videogame é Mortal Kombat. E ele sempre joga com o mesmo personagem – Sub-Zero. Ele sempre odiará História e sua matéria favorita, depois de Química, é Física. Sua banda preferida é Kansas. E ele sempre quis ter um cachorro, mas sua mãe nunca deixou.

Os anos passaram, mas Luís é o mesmo garoto que se aproximou de mim no ensino médio. É bom porque, com ele, é sempre a mesma coisa. Ele me faz rir e eu não preciso ficar nervosa com o momento que ele poderia me beijar – provavelmente, Luís nunca me beijaria. Eu nunca saberia se é porque não quer, mas sei que ele não é o tipo de garoto preocupado com isso.

Luís é uma maré baixa. E, como ultimamente tenho vivido em mares revoltos, eu adoro a paz que estar com ele me causa.

— Certo. Eu sei do que você precisa. – Pego minha mochila no sofá. – Vamos ao Mundo da Lua.

— Agora? Mas eu estava quase pegando o jeito! – protesta e eu arqueio uma sobrancelha. – Não estava?

— Não! E depois de tantas pisadas no meu pé, *eu* mereço um café.

— Ah! Droga. Sério mesmo?

— Sim, sério mesmo. Para de drama, o Mundo da Lua fica, literalmente, aqui ao lado.

Luís coça a orelha, dando um sorrisinho torto para mim. Jogo minha mochila nas costas e ele me acompanha, resmungando um “tudo bem” humorado.

— Faz meses que não vou ao Mundo da Lua, sabia? – ele pergunta, trancando a porta de casa. – Se eu falar que é culpa da faculdade, ela vai ficar

mais tranquila?

— Não. Mas tenha coragem. Você vai sobreviver.

Ele faz uma careta e eu rio.

No caminho, nós vamos falando sobre coisas literárias e nerds. Ele me pergunta se ainda vejo *The Big Bang Theory* – a resposta é não, porque a faculdade me tem tirado o tempo e outras coisas se tornaram meu foco de atenção. Luís ainda vê, é claro, porque essa série foi feita para pessoas como ele. Eu digo isso e ele acha engraçado.

Chegamos ao Mundo da Lua quando começamos a discutir sobre os filmes de *Animais Fantásticos*. Ele está defendendo o ator de Grindewald, enquanto eu tenho problemas em acompanhar a história por isso. Lua nos dá “boa tarde” com um sorriso no rosto. Não é Vênus que está ao lado dela e comemoro, porque não sei como minha amiga ficaria ao me ver ao lado de Luís. Caio para de olhar para a tela do computador e pisca, quando me vê.

— Oi, você – Lua diz e então coloca as duas mãos na cintura, encarando Luís. – E oi para você também, que me abandonou.

Luís abre seu sorriso mais tímido, levando a mão ao pescoço, de um jeito fofo que mostra o quão encabulado está. O Mundo da Lua está lotado, como geralmente fica no fim de tarde. Não há nenhuma mesa vaga, de modo que tenho que me sentar na cadeira em frente ao balcão.

— Faz tanto tempo que não te vejo, garoto, que nem consigo me lembrar qual é seu café preferido.

— Dramática... – Caio sacode os ombros, bem-humorado

— Um cappuccino para você, com certeza. – Lua aponta para mim – E você... – Ela finge pensar. – Latte?

— Ah, pelo amor de Deus, Lua! Você nunca esqueceria, é o seu café preferido.

— Dá licença, eu estou fazendo meu trabalho aqui!

Caio se inclina e beija o rosto dela. Eu dou um sorriso para a palhaçada dos dois e Luís se senta do meu lado.

— Um Latte – confirma, arriscando um sorriso.

— Eu não vou te matar por ter sumido daqui, mas só porque sei que você não poderia ir a qualquer concorrência. O Mundo da Lua não tem concorrência.

— Hm, que tal a lanchonete perto da faculdade? – Caio arrisca.

— Ah, minha Nossa Senhora dos Cafezais! Se Luís está tomando aquele tipo de café, então ele tem uma penitência muito pior do que qualquer coisa que eu falasse para ele.

— Acho que ela gosta de você. – Inclino, para só ele ouvir.

— Ei! – Caio fala mais alto, para um ponto além de mim. – Você está atrasado.

É Rafael, que tem olheiras pretas e os cabelos espetados, como se tivesse esfregado a cabeça muitas vezes; Eu não o vejo há quase uma semana e o impacto que isso me causa desorienta toda a maré baixa que estava vivenciando com Luís ao meu lado.

— Agradeça Olavo – a voz dele sai carregada de tensão e se inclina, me dando um beijo no rosto. – Olá para você. E... – Ele arqueia a sobrancelha para Luís. Então, desvia o olhar. – Oi. Lua, você se importaria de fazer um expresso para mim? Eu preciso acordar depois desse encontro.

— Eu vou ter que dar a minha segunda bronca em menos de dez minutos?

— Como se você não gostasse... – Caio resmunga.

— Sim, porque adoro ser uma megera.

Ele ri e manda beijo para ela, uma cena bem ridícula para um cara de mais um metro e oitenta de altura fazer. As bochechas de Luana coram e ela dá um

giro perfeito para fazer os pedidos de café na máquina.

— Onde está Pedro? – Rafael se senta ao meu lado.

Seu perfume cítrico é um contraste e tanto com o cheiro adocicado e leve de Luís. Eu brinco com a vasilha pequena de açúcar na minha frente para ter com o que me ocupar.

— Então... – Luís volta a falar, atraindo minha atenção. – Sobre os filmes...

Digo que fico muito mal com tudo, porque sou fã da franquia, mas não consigo aceitar que o papel seja do ator logo depois das denúncias de violência. Não acho que ele tenha que ter a carreira encerrada, mas dar um grande personagem logo depois é premiá-lo.

Luís não tem uma opinião concreta sobre e nós dois começamos uma discussão sobre o assunto, que faz a conversa de Rafael, Lua e Caio perderem o foco a nossa volta. Luís e eu estamos discutindo sobre possíveis atores que poderiam fazer o papel de um dos maiores vilões da fantasia e não paramos nem quando Luana coloca nossos copos de café em nossa frente.

Em algum momento, ele aperta meu pescoço, com carinho. Ele me dá seu sorriso típico, mas a conversa a nossa volta para e ele ergue o rosto, piscando os olhos com rapidez.

— Hm... – Lua dá um tapa na sua saia, abrindo um sorriso grande demais. – Vocês não vão comer alguma coisa?

— Essa tortinha aqui não parece uma má pedida. – Eu aponto a primeira coisa que vejo, no vidro abaixo de mim.

— Então... – Rafael fala, quando Lua se inclina para pegar meu pedido. – Vocês não querem vir beber com a gente?

— Vocês vão beber de novo? – Luana resmunga. – Vocês querem acabar com o álcool da cidade?

— Meu pai me prendeu numa conversa enfadonha por três horas, Lua, eu

mereço beber.

— E ainda temos Ariela – Caio revira os olhos.

— Ele tem Ariela. Você não tem nada a ver com isso.

— Eu *não tenho* Ariela. – A gente pode... sei lá, simplesmente não falar disso?

— Eu não bebo – responde Luís.

Todos nós olhamos para ele.

— Que foi? Você chamou para beber. Eu não bebo.

O jeito encabulado de Luís é tão encantador que dou uma risadinha, sem me conter.

— Vendem refrigerantes no bar – informa Caio e, no segundo seguinte, ele recebe um tapa no peito. – Ai. Por que você está me batendo? – Olha para Luana.

— Cala a boca. Luís é um garoto bom, por isso ele não bebe.

— Então você é uma garota má? – Rafael provoca.

— Cala a boca você também.

Ele ri e não há mais nenhum tom de frieza mais. Eu o encaro.

— Mas Caio está certo. – Rafael inclina a cabeça para o lado e encara Luís, atrás de mim. – Vendem refrigerantes e sucos no bar.

— Hm, não. Quer dizer, Ju e eu temos... um compromisso. Temos, não temos, Ju?

Rafael me encara, arqueando a sobrancelha. Eu sinto que tanto Caio quanto Luana estão olhando também. É constrangedor.

— Luís está aprendendo a dançar valsa para a formatura.

— Que merda de programa – é a resposta de Caio.

— Eu não ficaria tão preocupado. – Rafael dá um sorriso e bebe um longo gole de café. – Dura menos do que achamos, ninguém dá a mínima e o espaço é pequeno demais para você dançar de verdade. Depois que passar, você vai se arrepender de ter perdido tempo aprendendo, enquanto poderia ter feito coisas muito melhores.

— Tipo beber? – Luís franze o cenho.

— Tipo isso. – Rafael está sorrindo. – Mas ver séries também pode entrar nessa história.

— Beijar na boca – Caio completa.

— Beijar na boca é interessante – Rafael aponta para o amigo. – Enfim. Vamos?

— Pelo amor dos Cafezais, não são nem sete horas da noite! Não está cedo para vocês irem para um bar?

— Nunca é cedo para ir ao bar – fala Caio. – Relaxa. Prometo não voltar bêbado demais para casa.

— Prometo te deixar dormir do lado de fora, se voltar.

— Cruel. – Ele dá um beijo nela e passa pela porta do balcão.

— A gente se vê por aí. – Rafael me dá outro beijo. – Boa sorte na dança – fala para Luís, dá dois tapas no ombro dele e sai, atrás de Caio.

— Bem... isso foi estranho – Luís confessa, assim que a porta se fecha.

— Homens sempre são estranhos. – Luana revira os olhos. – Claro que você é homem. Mas não estou falando de homens como você. Estou falando de homens como eles. Que são estranhos por natureza. Você é... bem, você é fofo demais para ser estranho. – Acho que tanto Luís quanto eu estamos com

expressões bem engraçadas, porque Lua cora. – Deixa pra lá. – E nos dá as costas.

— Seus amigos são malucos. – ele sussurra.

— São – concordo, mordendo a torta. – Mas você sabe que também é um deles.

— Sou, não é?

E ele abre um sorriso tão sincero que é impossível não sorrir de volta.

[19] PAUSA PARA RESPIRAR

Passo o domingo trancada no meu quarto, mesmo que Luana esteja dando uma festa em sua piscina e Vênus tenha me mandado mil mensagens. Ignoro tudo isso, desligo o wi-fi e silencio meu celular.

Eu preciso de um tempo sozinha.

Estou devorando o livro de Tolkien, tão encantada com tudo, desde o conteúdo até a diagramação, que perco a noção do tempo. Não saio do quarto nem para comer e sei que em algum momento minha mãe virá brigar.

Preciso achar um jeito de agradecer essa pessoa.

Queria que as escolhas não fossem tão aleatórias, que eu pudesse localizar algum tipo de padrão. Mas nem mesmo é um só gênero literário – quer dizer, um romance histórico, uma ficção científica, um volume de cartas e uma biografia não é uma sequência lógica. Só mostra que a pessoa deve acompanhar meu canal literário. É impossível acertar meus gostos sem me conhecer e o único lugar que deixo meu gosto literário muito claro é no Portal.

O Portal! Claro! Por que não pensei nisso antes?

Abro meu notebook e espero a página carregar, mas, quando confiro os comentários, percebo que nem mesmo há um padrão. Há algumas pessoas que comentam mais do que outras, mas não é um canal famoso, então a maior parte delas é conhecida. Além disso, o que exatamente estou procurando? É difícil achar alguma coisa quando não sei de que ponto partir.

O primeiro livro foi mandado há mais de um ano. Desde então, nada foi dito além das dedicatórias genéricas, que remetem passagens dos livros. A dedicatória feita no Guia dos Mochileiros mostra que a pessoa me conhece. Era uma referência muito clara ao meu medo de amor e, para a pessoa saber disso, não podia ser só uma espectadora do meu canal. É alguém de perto. Alguém que sabe que eu vivo num conto de fadas inventado na minha cabeça, mas que não tenho coragem de buscar um final feliz na realidade.

E se... Claro. Eu corro pelo quarto e pego minha câmera. Desde que recebi os livros, nunca fiz nenhuma referência no meu canal. Talvez, se eu falar sobre, se eu agradecer, se eu fizer alguma coisa, quem quer que seja tome mais coragem de ir um pouco além de letras de formas genéricas.

É possível que ela esteja esperando meu passo, já que escreveu aquilo no Guia dos Mochileiros, para decidir se vai ou não ir além também.

Estou posicionando minha câmera, quando alguém bate na porta e, no segundo seguinte, vejo os olhos verdes da minha mãe, cerrados para mim.

— Aparentemente está viva – ela fala no celular.

— Oi – cumprimento, e minha mãe guarda o telefone, me encarando. – Só estava lendo.

— Você nem comeu hoje.

— Comi uns biscoitos, na verdade. – Aponto para a bandeja no criado-mudo ao lado da cama.

Minha mãe cruza os braços arqueando sua sobrancelha, sua expressão típica para dizer que não considera isso uma boa resposta. Embora ela apenas administre o restaurante, isso não quer dizer que seja menos neurótica em relação ao tanto que eu como.

— Você não foi almoçar hoje. E até onde percebi... também não mexeu nas conservas da geladeira.

— Perdi a noção da hora.

— Juliana...

— É sério. Estava lendo. – Mostro a edição na minha mão. – Agora que saí da cama.

— Devo ficar preocupada? Vênus ligou para cá, falando sobre uma festa da Lua, e que estava te esperando, mas você não atendia o celular...

— Só não estava a fim de ver gente.

Ela franze o cenho para mim e eu praguejo baixinho.

Resposta errada.

Houve um tempo em que eu passava parte do meu dia presa no meu quarto, sem querer ver ninguém além de personagens fictícios. Foi mais ou menos na mesma época que me aproximei de Luís, em que me sentia estranha, deslocada e solitária com Vênus cada vez mais preocupada com festas, bebidas e sexo.

Minha mãe assistiu minha reclusão por uns meses até perder a paciência e me mandar para a terapia. Depressão, foi o diagnóstico. Desde então, ficar em casa e dizer que não quero ver pessoas é a resposta errada para quase tudo.

Não os culpo. Eles me amam. Querem meu melhor e constantemente pensam que sou tímida e inalcançável demais, duas coisas que, combinadas, podem ser perigosas armas para transtornos psicológicos. Eu sou o oposto de minha irmã e sei que meus pais têm mais dificuldade em lidar com meu jeito, do que com o dela, embora eles nunca falem isso em voz alta.

Quando Vênus foi internada na clínica de reabilitação, minha mãe me olhou com a mesma expressão de medo, temendo que tudo voltasse. Por mais que eu estivesse na faculdade e tivesse colegas lá, Vênus sempre seria minha melhor amiga. Vê-la mentir para mim, ficar longe dela foi uma dor grande demais e nunca neguei para ninguém. E meus pais, em silêncio, esperaram que o buraco negro me sugasse de novo.

Não sugou, o que era um ganho e tanto. Mas isso não queria dizer que não passei um bom número de dias presa no meu quarto, sem querer falar com ninguém.

Até que Rafael me mandou a primeira mensagem.

Ele não tem ideia disso, claro. Ninguém tem. Nunca falei daqueles momentos, porque sabia que meus pais não conseguiriam ouvir sem me mandar de novo para psiquiatra e psicólogo. E eu não queria isso. Eu não

queria ser anestesiada.

Mas não é a mesma coisa de hoje. Hoje só estou exausta e sem muita paciência para socialização. Sei que, se fosse, encontraria Rafael e, por mais que ele seja uma companhia divertida, quero ficar um pouco longe da sensação confusa e inominável que ele me causa.

— Você não acha que às vezes precisamos ficar com a gente mesmo?

Minha mãe relaxa, deixando os ombros caírem por um momento. Mas, então, aponta o dedo e diz:

— Vi aquele seu amigo... como ele chama mesmo? – Franze o cenho. – Aquele mais velho, amigo do namorado da Vê.

— Rafael?

— Sim. Um homem daqueles – suspira, o que me faz rir. – Ora, o que foi? Sou casada, mas não estou morta.

— Mãe! – Faço uma careta.

— Ele atravessou a rua só para me cumprimentar, com seus sorrisos e gracejos. É inacreditável que ele seja irmão de Renato.

Antes do restaurante dos meus pais se solidificar como a principal renda da casa, minha mãe trabalhou por muitos anos na empresa da família Vale, como a maior parte da cidade. Ela era administradora no setor de arquitetura, até que no ano passado pediu demissão para focar sua atenção no sonho do meu pai, que começava, finalmente, a dar frutos grandes e saborosos. Então, ela trabalhou com Renato, porque ele era estagiário no seu setor desde, praticamente, seu segundo período na faculdade.

Minha mãe o detestava. Todos os dias ela tinha alguma reclamação a fazer sobre “aquele garoto mimado que acha que manda mais porque tem um pênis entre as pernas”. Desconfio que, no fundo, sua grande decisão de deixar a empresa, que se dedicou por quase vinte anos, teve a ver com a ascensão dele em seu caminho.

— Ele deve ter ficado com os genes bons.

— Ou ele disfarça muito bem. Você não tinha me dito que ele voltou para fazer mestrado.

— Hm, sim, uma virada e tanto para quem dizia que não sairia de BH tão cedo.

— As pessoas mudam. — Ela sorri. — É por isso que você está se trancando no quarto?

Franzo o cenho para minha mãe. Nem sempre é legal ter pais que conhecem você de verdade.

— Caras bonitos mexem mesmo com nossa cabeça, não é? Quando conheci seu pai, eu queria desaparecer para sempre, só para não precisar ser visitada pelas sensações que ele me causou em um olhar.

— Mãe! — resmungo. — Você sabe que ser amiga de Vênus pode ser desgastante e que nem sempre é bom estar perto do seu orientador. Toda vez que encontro Pedro, ele quer falar sobre e isso é ótimo, mas hoje eu precisava voltar a ser uma garota sem preocupações na faculdade. Só por um dia. Não é crime.

— Não é mesmo. Vou esquentar algo para você comer, antes que seu pai apareça aqui e queira conversar. Você não vai querer explicar por que esqueceu de comer para um chef de cozinha.

— Obrigada.

— Não por isso, meu amor. — Ela dá as costas, mas antes de fechar a porta toda, volta e enfia sua cabeça entre a fresta. — Ei! Que dia vamos fazer compras para a formatura de Luís? Acho que podíamos ir para BH. Seria ótimo fazer uma tarde de meninas, não é? Você, Júlia e eu. O que você acha?

— Uma tarde de compras?

— É. Eu te dou um livro se você se comportar.

Rio.

— Não sou um ratinho para ser reforçado, mãe! – Mas, mesmo quando digo isso, sei que já fui comprada pela proposta de livro. – Parece ótimo.

— Excelente! Faz séculos que não brincamos de Barbie! – E ela sai, quase saltitante do quarto.

Dou risada revirando os olhos, enquanto ligo a câmera e focalizo a lente.

Minha mãe não tinha jeito mesmo. Mas não posso reclamar dos pais que tenho, mesmo quando não me deixem ficar um mísero dia sem almoçar...

[20] CÁLCULO ERRADO

A semana de seminários e provas começa como de costume: destruindo o que há na frente. Gasto tanto tempo estudando e lendo que não consigo acompanhar mais os comentários dos vídeos, nem sei como foi o alcance do último, sobre o livro que recebi. Até agora, não chegou nada novo. E uma parte de mim fica triste. A outra parte não tem tempo para pensar em muito mais coisas além do curso de História.

Depois de um dos piores seminários da minha vida, com um dos textos mais difíceis e complicados que já tive o desprazer de ler, minha cabeça dói e estou tão cansada que mal consigo manter as pálpebras abertas.

— Sei lá, acho que a gente consegue média, não é? – Drica fala ao meu lado.

O professor tinha achado tantas críticas no nosso trabalho que é difícil acreditar que teríamos uma nota boa.

— Ei! – Ela me cutuca quando saímos no pátio principal. – Não é aquele amigo gato do Pedro? Como assim ele está na cidade?

Eu sigo o olhar dela e vejo Rafael, andando em volta da quadra, enquanto fala ao telefone. Ele parece estressado, gesticulando a mão, sua boca mexendo com rapidez.

Ele não me vê, então não preciso manter a compostura. Faz mais de uma semana que não nos vemos e, embora ele tenha me mandado algumas mensagens, estava tão estressante na faculdade que não conversamos direito.

Mas ter ficado longe não diminui o impacto que ele causa em mim.

— Uau. Ele está ainda mais gato do que da última vez que o vi. Deus conserve! – ela fala tão alto que Rafael vira o rosto em nossa direção.

Ah, merda. Aperto minha mochila com força.

Ele acena, mas não sorri.

— Olha só, você não tinha me contado que era próxima dele... — Drica ergue a sobrancelha para mim. — Vocês já transaram?

— Ah, minha nossa, por que você acha que tudo se resume a sexo?

— Bom, pra mim, resume. Dá menos trabalho se não tem sentimento envolvido.

Reviro os olhos.

Dois anos antes, Drica havia levado o susto de pensar que poderia ter HIV. Foi alarme falso, mas, se fosse comigo, seria o suficiente pra eu nunca mais fazer sexo na vida.

Certo, tudo bem. Eu não faço sexo mesmo.

Mas, passado o susto, Drica voltou a ser a mesma garota focada em sexo e festas. Eu só espero que ela esteja se cuidando melhor.

— Tu vai ficar parada que nem uma planta ou vai lá falar com aquele gato? Francamente, Ju, você perde cada oportunidade...

— De que você está falando?

— Se você não for, eu vou... — ela ameaça.

Eu não me mexo e Drica revira os olhos para mim, se vira e caminha com toda a segurança do mundo, balançando seus cabelos platinados, até chegar em Rafael. Ele ainda está no telefone e arqueia a sobrancelha quando ela o cutuca.

Dou um sorriso, revirando os olhos, porque coragem e cara de pau são duas coisas que não sei se admiro ou se acho ridículas. Ela dá um tchau para ele e volta até onde estou.

— Conseguiu seus trinta segundos de atenção?

— Fui perguntar se ele está disponível ou se só tem olhos para você.

— O quê? – Arregalo os olhos e ela ri. – Quantos anos você tem?

— A mesma idade que você. Eu, se fosse você, começava a agir, em vez de ficar aí, comendo mosca que nem uma idiota.

— É só meu amigo.

Ela resmunga um “então, tá” e me dá um tchau, abraçando Alberto, outro colega da nossa sala sem nenhum limite, saindo do *campus*. Ainda estou no mesmo lugar, quando Rafael desliga o celular e vem até a mim.

— Olá para você – ele dá seu cumprimento típico. – Como você está, sumida? – Beija meu rosto.

— Acabei de apresentar um seminário tenso, mas acho que deu tudo certo.

Há uma ruga entre as suas sobrancelhas e dá para ver que está tenso. Rafael suspira.

— Você está bem?

— Uma viga não suportou o peso e rompeu no canteiro de obras.

— Ai, droga! Alguém se machucou?

Nós dois saímos do *campus*. Não sei o que ele está fazendo no lado das Ciências Humanas, mas, o que quer que seja, não é importante no momento. Rafael parece péssimo.

— Não. Ela caiu para o lado que não tinha nenhum operário. Espero que não tenha sido erros dos meus cálculos.

— Tenho certeza de que não.

— Não ando com minha melhor concentração, então, é possível que seja.

— Não entendo como seu trabalho funciona. Você faz cálculos para ver se uma estrutura suporta o peso, é isso?

— É isso também. Boa parte do projeto se resume a cálculos, mas não só.

— Parece chato.

— Chato é ler sobre coisas que já aconteceram e não podem ser mudadas. O que eu faço transforma os lugares, Jubsjubs. – Ele aponta o terreno aberto ao nosso lado – O que você vê?

— Hm, mato? Provavelmente um lugar cheio de *aegyptis*?

Ele ri.

— Vejo uma casa. Aqui seria a garagem. – Aponta. – Subterrânea. Vai dar um charme. Posso levantar a casa acima dessa estrutura. O quarto principal fica ali. – Aponta. – Ou aqui. Talvez dois quartos. Do lado da garagem, uma entrada para um jardim no fundo. Se virar ali, sobe uma pequena escada e dá direto na sala.

— Parece bom.

— Construir está entre as melhores coisas do mundo. Isso, sim, muda os fatos.

— Não muda os fatos. Só muda o ambiente.

— Uma casa bem projetada é um lugar muito melhor de se contar boas histórias.

— É só uma casa, Rafa. Quem faz as histórias acontecerem são as pessoas.

É o jeito que ele me olha que faz minhas bochechas esquentarem. Tento ignorar o coração batendo forte no meu peito, mas é difícil. Ele abre um sorriso e, pela primeira vez na conversa, a ruga entre suas sobrancelhas some.

— O que foi?

— Faz muito tempo que ninguém me chama de Rafa. Tinha esquecido de que gosto.

Eu sorrio. Rafael não está mais olhando para mim, o que é bom, porque torna as sensações menos intensas. Algum dia olharei para ele sem ser arrebatada por tudo isso? Algum dia ele será o que Luís é hoje para mim? É constrangedor sentir esse tipo de coisa que, até então, só havia sentido lendo livros de romances clichês.

— Então... — Ele chuta uma pedra, enfiando as duas mãos no bolso da calça jeans. — Como andam as aulas com seu amigo?

— Eu continuo com pés, então está melhor do que esperava.

Rafael dá um sorriso.

— Você sabe dançar? — pergunto.

— Ora, uma pergunta genuína sobre mim. Estava com falta disso. — Ele me encara e eu franzo o cenho para ele. — Desde que mudei, você tem andado... hm, diferente. Minha presença aqui te assusta?

— Não. — digo, e ele arqueia a sobrancelha para mim. — Talvez?

— Ainda sou o mesmo cara do outro lado das mensagens, você sabe, não é?

— O cara das mensagens não tinha uma ex no pé.

— Ela não está no meu pé. Ela só... — Coça o pescoço. — É complicado.

— É por isso que só me relaciono com personagens. Pelo menos, sei que a possibilidade de um fim feliz é real nos livros que leio.

Rafael inclina a cabeça para o outro lado.

— Você já teve seu primeiro amor? — ele pergunta, depois de um tempo. Fico tão em silêncio que ele me encara de novo. — Luís? — arrisca.

— Sim.

— Então, você sabe mais ou menos o sentimento. Sobre Ariela, quero

dizer.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos?

— Quatro anos. Nós éramos bons juntos. Ela era séria demais, e acho que consegui deixá-la mais leve. E eu era completamente desajustado até ela me colocar no eixo.

— E não é que o amor pode curar? – Brinco.

— Eu não devia te amolar com uma história tão velha.

— Por favor! – Eu ando mais rápido que ele, girando nos pés e caminhando de costas. – Eu adoro história de amor. Mesmo as que terminam mal. Além disso, eu acabei de sair de um seminário péssimo. Me distraia.

— Certo, minha desolação te distrai. É bom saber.

Eu abro meu melhor sorriso.

— De todo modo, se eu não falar com alguém, vou surtar de verdade. Pedro está muito ocupado. Vênus é curiosa demais. E Caio não pode nem ouvir falar o nome de Ariela.

— E Lua?

— Ariela tinha muito ciúme da Lua. Sempre acontecia situações desnecessárias entre elas. Acho que preciso de alguém imparcial.

— Que sorte eu estar aqui, não é? – Brinco.

Ele está pronto para responder, mas eu tropeço em alguma coisa atrás de mim. Como estou de costas, não tenho equilíbrio para me manter em pé. Rafael estica o braço para me conter, mas está um segundo atrasado, e, quando me toca, estou mais próxima do chão do que seu impulso poderia me salvar.

É tarde demais.

Eu caio e sinto meu corpo inteiro doer. Antes que eu pisque, no entanto, Rafael cai em cima de mim.

Solto um grito ao mesmo tempo que ele gargalha, o que mostra muito mais do que somos, do que gostaria.

Ele ainda está em cima de mim e sinto todo seu corpo me pressionando. Rafael é pesado e quase não consigo respirar no primeiro momento, até que ele consegue se sustentar com os braços e se impulsiona para levantar. Ele cheira a perfume cítrico, como sempre. E na distância que nós estamos percebo que seu olho tem pontos verdes perdidos na íris, em meio ao castanho quase escuro. Sua sobrancelha esquerda tem uma falha que também só dá para perceber a essa distância.

É como se eu o estivesse vendo pela primeira vez.

Sinto meu estômago ser esmagado como se estivesse embrulhando meu coração e sei, pelo reflexo que vejo na íris de Rafael, que meus olhos estão revelando muito mais do que gostaria.

Seu pomo de adão descendo tão devagar, enquanto engole, que consigo contar até dois. É o tempo que ele gasta para piscar, também.

Então, joga o corpo para o lado, rompendo o contato visual, e o momento acaba tão rápido quanto aconteceu. Algumas pessoas nos olham, mas quando veem que nada de grave aconteceu, elas seguem em frente.

— Você não é minha sorte – ele fala, numa voz um tom diferente do que sempre o vejo usar. – Você tá mais para meu cálculo errado.

Franzo o cenho, mas Rafael me dá seu sorriso típico, se levanta e estende a mão. O que quer que ele queira dizer com isso, não vai ser explicado.

— Vem. Vamos almoçar.

— Eu não me lembro de você ter me convidado – digo, quando já estou em pé.

— Você me deve essa, depois de me fazer cair desse jeito patético no meio

da rua. Pelo menos agora podemos dizer que você teve sua cena de livro clichê, não é?

— Bom, tudo bem. Mas só estou indo porque tô com fome. E você ainda me deve uma história de amor.

— Devo, não é? Vou pagar com prazer.

É o tom da voz dele que faz meu coração disparar, como se ele estivesse dizendo muito mais do que suas palavras expressam. Mas não há nada no seu olhar. Vasculho com atenção, mas nem mesmo consigo ver os pontos verdes perdidos ali. Só há um sorriso deslumbrante e uma cara de inocência que deveria me manter preocupada.

Eu talvez ficasse, se meu estômago não roncasse de fome, no segundo seguinte. E, claro, eu não estivesse tão curiosa para saber mais sobre Ariela.

[21] HISTÓRIA DE AMOR

Almoçar com um cara no restaurante do seu pai pode ser constrangedor. Eu devia ter pensado nisso, antes de pegar o prato para me servir. Claro que meu pai não está me vendo, porque está na cozinha, mas minha mãe está plena atrás da caixa registradora e me dá um sorriso tão grande que é difícil ignorar.

Eu guio Rafael para a mesa mais distante do campo de visão materno, embora ainda seja perto demais para o meu gosto.

— Por um acaso, essa sua cara não é pelo tanto de comida que coloquei no prato, é? – ele fala, sentando-se na minha frente.

— Não seja idiota.

— Certo, tudo bem. É porque sua mãe está nos observando?

— Você precisa mesmo notar tudo o que acontece comigo? – resmungo, mexendo no arroz.

— Eu posso fingir que não, se você fica mais à vontade.

— Obrigada. – Entorto a boca, mas Rafael apenas ri. – E pare de desfocar a atenção. O assunto desse almoço é você. E seu coração partido. – Aponto o garfo para ele.

— Meu coração não está partido. – Ele dá de ombros. – Não por Ariela.

Arqueio a sobrancelha. Ele apenas mantém um sorriso torto.

— Mas já estive – digo.

Rafael concorda, abrindo a lata de refrigerante e colocando no copo. Antes que eu diga alguma coisa, ele empurra para mim e serve o resto da lata no copo dele.

— Hm, obrigada. – Remexo na cadeira.

— Falando sério, não sei nem por onde começar essa história toda. Eu não

esperava que ela entrasse em contato outra vez, considerando como tudo acabou.

— Você a traiu?

— O quê? – Ele arregala os olhos. – Eu sabia que você tinha uma péssima opinião sobre mim, mas não imaginava que chegava tão longe. Eu *amava* Ariela.

— Desculpa.

Rafael mexe as mãos e fica em silêncio. Sinto o desconforto aumentar dentro de mim, enquanto tento procurar alguma palavra que seja capaz de consertar as coisas.

— O que exatamente passa na sua cabeça? – ele cospe.

Eu recuo para encostar na cadeira e ele inspira fundo, fechando os olhos.

— Eu não quis te ofender – balbucio.

Mas Rafael não responde. Ao invés disso, permanece de olhos fechados, respirando com tanta lentidão que posso ver todo o movimento que o corpo dele faz para pegar a maior quantidade de ar possível.

Quando volta a me olhar, seus olhos estão tão escuros que quase não consigo ver a sua íris.

— Eu te fiz uma pergunta. O que passa na sua cabeça?

— Nada muito complicado. Você é bonito demais, é engenheiro... Juntei os fatos com o estereótipo e concluí, eu acho.

Ele deixa um riso escapar.

— Os alunos de engenharia, realmente, depõem a favor da sua hipótese.

Sacudo os ombros, dando um sorriso pequeno.

— Obrigado pelo elogio. Eu acho. — Ele faz uma careta divertida. Sua raiva se evaporou do mesmo modo que apareceu e isso me deixa tão assustada quanto encantada. — Eu não vou dizer que nunca traí, porque estaria mentindo. Mas não traí Ariela.

— Francamente, você me faz toda essa cena para revelar isso depois?

— Eu tinha quinze anos. Não é desculpa, mas já disse que não tinha neurônio nenhum. A garota me traiu logo depois com o Caio, então tudo ficou bem.

— Hã?! Deus do céu, suas histórias só pioram.

Ele ri.

— Ariela te traiu?

— Quem sabe? — Ele desvia o olhar, encarando a rua por trás da janela que há ao nosso lado. — Provavelmente.

— É por isso que Caio não a suporta?

— Você é uma garota inteligente.

— Obrigada. Eu acho.

Ele volta a me olhar, piscando.

— Mas você nunca descobriu?

— Nunca *quis* descobrir. — Dá de ombros e eu cerro os olhos. — Se eu descobrisse... provavelmente não suportaria. Então, quando Caio veio com essa conversa, eu só fingi que não ouvi.

— Pedro não disse nada?

— Pedro é o cara que nunca se mete em assuntos de relacionamento dos amigos, a não ser quando fica muito feio. E além disso... ele estava de mudança para Europa na época. Tinha coisa demais na cabeça dele.

Acho que faço uma cara estranha, porque Rafael abre um sorriso condescendente pra mim.

— Eu sei, parece maluquice pra você, né? Homens, no geral, não compartilham de muitos segredos ou conversam sobre assuntos de relacionamento. Quando a gente se junta, prefere falar de outras coisas. Mulheres são mais detalhistas.

— Isso é você que está dizendo.

— Ah, por favor, vai me dizer que Vênus não te enche de detalhes sobre o namoro dela? Ou que você não quis escutar toda a história de Luana e Caio?

Eu bufo, o que o faz sorrir. Como não é engraçado, faço minha melhor expressão de entediada. Óbvio que Rafael ri.

— Então, como você acabou de falar que mulher é detalhista, e aqui estamos nós, como conheceu Ariela?

— Mulheres... – Ele revira os olhos.

— Homens. – Reviro de volta.

— Ela era da Arquitetura. Puxou uma matéria na minha sala. Hoje tem muitas mulheres no curso de engenharia, mas na minha época... bem, tinha duas garotas só, e quando ela entrou...

— Pobre Ariela – suspiro, imaginando a cena.

— É, os caras da minha sala eram bem babacas.

— Você não.

— Eu era um anjo.

— Imagino.

— Nós não nos falamos por uns dois meses. Ela sentava do outro lado da sala e eram tantos homens mendigando sua atenção que preferi não me

aproximar. Além disso, não era como se eu quisesse esse tipo de aproximação. Na época eu só queria...

— Deixa eu adivinhar... Aproveitar a vida de solteiro pegando o maior número de mulher nas festas da faculdade, virando o máximo de copos de álcool possível, fumando um bom número de maconha, e acordando de ressaca no dia seguinte sem nenhuma memória?

Ele franze o cenho para mim.

— Você é a versão masculina de Vênus. Acredite, eu conheço essa história. Imagino como terminou.

— Na verdade... eu nunca peguei muita mulher.

— Sei.

— É verdade. Mas como não vai adiantar dizer isso a você, porque você já tem todo um conceito de que sou cafajeste e cínico, vou ignorar a acusação e continuar minha história. Posso?

— Fique à vontade.

— Engraçadinha. Como estava dizendo, nós não conversávamos nas aulas. Mas um dia a gente acabou indo para a mesma festa. Eu bebi demais. E fumei. E bebi mais ainda. Então, comecei a passar muito mal...

— Não diga...

— Caio também estava tão ruim quanto eu – ele me ignora. – Então ele não podia me ajudar.

— E aí, Ariela apareceu?

— Tipo isso.

— Eu disse que conhecia essa história.

Ele ri.

— A minha história não teve o final feliz de Pedro e Vênus.

— Vocês foram felizes por quatro anos.

— Acho que fomos felizes por menos tempo. Dois, talvez. Se contar os bons momentos dos dois anos seguintes, talvez dê pra somar mais seis meses.

— Mas ela te fez bem.

— Fez. Ela era responsável, inteligente e dedicada demais. Várias vezes eu ia para a casa dela e ela estava estudando. E não importava o que eu fizesse, continuava estudando. Então, só me restava estudar também. Com o tempo, comecei a gostar dessa dinâmica. E virei um bom aluno.

— Cansou das festas?

— Uma hora acontece. – Dá de ombros.

— Então...

— Nós vivemos dois anos muito bem. Mas, no meio do curso, ela começou a surtar com a formatura, com mercado de trabalho, tudo isso. Eu sabia que a coisa estava indo de mal a pior, mas não queria terminar. Porque, como disse, eu a amava. Minha mãe também adorava Ariela, porque ela me colocou na linha. O que fez meu pai também gostar dela. E meu irmão... era apaixonado nela.

— Você acha...

Rafael dá de ombros e eu bebo um longo gole de refrigerante para ajudar a digerir tudo aquilo.

— Parece um romance clichê de Hollywood, sabe – digo, para amenizar a tensão que se instala em volta de nós. – Tudo isso. Ela enviando o convite de casamento depois de tantos anos...

— Na verdade, me lembra aquela música ruim de pagode dos anos 90. Você se lembra? Claro que não. Você é nova demais. Sabe... *“o tempo passou e eu sofri calado, não deu pra tirar ela do pensamento* – ele

cantarola, desafinado. – *eu ia dizer que estava apaixonado, recebi o convite do casamento...*”.

Gargalho, porque não dá para evitar.

— Por favor, diga que você constrói melhor do que canta.

— Graças a Deus. – Ele levanta o copo dele.

— Mas... você ia dizer que estava apaixonado?

— Não sinto mais nada por Ariela. Quer dizer, acho que sempre vou gostar dela, porque a gente viveu coisas legais, e ela foi meu primeiro amor. É difícil esquecer isso. Mas não quero ficar com ela. Na verdade, não quero nunca mais vê-la, se possível.

— E como acabou?

— Como relacionamentos de universidade acabam, eu acho. Depois de um tempo você olha para o outro e percebe que ele não cabe mais na sua vida, que são diferentes, que o tempo se esgotou...

— Foi antes ou depois de você ir para BH?

— Uns seis meses depois. Ela voltou pra Fortaleza. O relacionamento à distância era um inferno. Ela tinha certeza de que eu a estava traindo. O que era engraçado, porque eu saía do emprego e ia para casa e no final de semana não fazia nada além de ficar no quarto. Pedro estava na Itália e Caio nunca deixaria Ponte Belo e Luana. Eu demorei bastante para me adaptar a Belo Horizonte e não conseguia fazer novos amigos.

— Então, por que você foi para a capital?

— Meu pai era um pesadelo. E, às vezes, a gente precisa de uma separação física para conseguir separar onde importa, que é na cabeça. Além disso, eu já disse, eu pensava em casar com Ariela. Por mais bosta que estivesse nosso relacionamento, eu ainda queria casar com ela. O salário na empresa era bom, eu achei que seria bom para nosso futuro.

— Ela não achou – concluo.

— Não sei o que ela achou. Ela nunca me iluiu quanto a casamento. Ariela deixou muito claro que queria apenas viver o momento comigo. Mas de todo modo... um dia ela apareceu em BH, nós vivemos o melhor final de semana do nosso namoro e, minutos antes de voltar para Fortaleza, ela declarou que tinha acabado.

— Sério?

— Ela terminou comigo e foi embora antes mesmo que eu tomasse consciência e saísse da cama.

— E você não questionou?

— Não.

— Não falou nada?

— Não.

— Você nem foi atrás dela ou ligou depois disso?

— Não. Por que eu faria isso?

— Sério? Você não pensou que ela só queria que você insistisse um pouco mais?

— Sempre acreditei que quando mulher diz “não” e “acabou” é porque é não e acabou.

— E o que você fez depois? – digo, meio embasbacada.

— Ahn... saí, bebi mais do que devia e dormi com uma garota que nem lembro o nome. Foi péssimo.

— E depois?

— Depois nada. Me foquei no trabalho. Voltava para Ponte Belo quase

todos os fins de semana, saía com Caio e Luana... Essas coisas. Um dia voltei do trabalho e percebi que não tinha pensado nela nenhuma vez. E a partir daí tudo ficou mais fácil.

— Caramba. E por que ela te enviou o convite?

— Ela disse que mandou para todas as pessoas que foram importantes para ela, em algum momento. E que eu fui importante, mas nunca daríamos certo a longo prazo.

— Quatro anos é bastante tempo.

— Ela mandou pros meus pais também. E aí está o inferno. Porque meu pai não acredita que eu deixei uma mulher daquelas escapar.

— E talvez você ainda precise de uma separação física para conseguir lidar com seu pai na sua mente?

— Acho que sempre vou precisar – Rafael suspira, encolhendo os ombros.

Eu estico minha mão sobre a mesa e coloco sobre a de Rafael. Ele tem mãos grandes, com dedos compridos e unhas mal cuidadas. Me foco nisso para não prestar atenção na reação do meu corpo ao tocar sua pele fria.

É algo que não faço com frequência – tocar outra pessoa. Antes que eu volte para a posição anterior, Rafael entrelaça os dedos nos meus e aperta. Ele não diz nada. Está olhando nossas mãos. Eu também estou. Sinto meu corpo inteiro reagir àquilo e os pelos do meu braço se arrepiarem.

Rafael também percebe o último fato. Ele sobe o olhar pelo meu braço, meu pescoço, até, finalmente, me encarar. Seus olhos estão tão claros que, agora que sei que há pontos verdes, consigo enxergar mesmo à distância.

Ele dá um sorriso pequeno e faz nossas mãos ficarem num ângulo de noventa graus na mesa, desentrelaçando-as, mas deixando seus dedos tocarem os meus, indicador com indicador, e assim com todos os outros.

Sua mão é tão maior que parece que vai engolir a minha. Toda a minha reação ao toque dele vira uma reação de medo e eu pisco os olhos para afastar

as lágrimas.

Antes que ele perceba, recolho a mão e a coloco debaixo da mesa. A mão dele ainda fica no lugar por um segundo, antes de voltar a encostar na mesa.

Rafael não me encara depois disso. Eu também não olho para ele. Talvez melhore se eu falar alguma coisa. Mas não há nada que posso dizer.

E, por isso, não dizemos nada.

[22] NOITE DAS MENINAS

— CALA BOCA! – berra Mia, futura Princesa de Genóvia, na tela do meu notebook.

Eu encho minha mão de pipoca e dou uma risadinha, vendo a confusão da avó dela, a explicação estranha e o desenrolar da cena.

Talvez essa seja minha série preferida. É difícil dizer, quando se tem Harry Potter do outro lado da balança. Mas decido que posso muito bem ter duas séries preferidas. Amélia, pelo clichê que me faz suspirar. Hogwarts, pela magia e pelo aprendizado do que é amizade. Os dois por eu ter lido em períodos ruins da minha vida, e me salvado do que quer que pudesse ter me sugado.

Por isso, sempre que estou confusa emocionalmente, ou cansada psiquicamente, coloco uma das séries para ver.

— Ah, minha deusa! – Vênus declara, empurrando a porta. – Não acredito que você esteja vendo esse filme de novo! Dá para ouvir as falas lá da sala!

— CALA A BOCA! – eu falo junto da Mia e minha amiga arqueia a sobrancelha para mim. – Desculpa. Só estava no clima do filme.

Ela revira os olhos e se joga ao meu lado, sem cerimônia.

— Você e Luana, francamente: como eu posso defender vocês?

— Eu ainda não comecei a sessão de musical.

— Ah! Pelo amor da deusa, não! Vamos ver um thriller amedrontador! Mãe, que tal?

— Não.

— Sexto Sentido?

— Não.

— Exorcista!

— Com certeza, não.

— Certo. O Iluminado. Todo mundo gosta de O Iluminado.

— Minha mãe sempre diz que eu não sou todo mundo. – Dou de ombros. – Cala a boca e presta atenção no filme. E dessa vez é cala a boca mesmo.

Vênus começa a retrucar, mas eu a corto:

— Se você encher muito o saco, coloco Senhor dos Anéis versão estendida!

— Caramba, você não sabe brincar.

Minha amiga enche a mão de pipoca e consegue ficar longos cinco minutos em silêncio. É um recorde, especialmente quando está vendo algo que não gosta, então não me espanto quando ela volta a falar:

— Sério, de verdade, como você pode gostar de algo que ri da nossa inteligência? Quer dizer, tudo bem um clichê ou outro, mas não precisa ser um clichê tão idiota.

— Ninguém ofende Diário da Princesa na minha casa.

— Ah, que bonitinha! – Ela me abraça pela cintura, me derrubando na cama. – *Ela acha que coloca medo em mim, ela.*

Empurro-a, e ela me empurra, e em poucos segundos estamos brincando de brigar sobre a cama. Não faço ideia de como isso acontece, mas, de um modo geral, nunca faço ideia de como as coisas com Vênus começa.

— Você está me fazendo perder cenas importantes.

— O que raios aconteceu, afinal? Você só vê esse filme quando precisa dar um tempo na vida.

Tento manter a expressão neutra, para não entregar nada. Vênus é péssima

para perceber os problemas quando é sobre ela, mas consegue farejar uma cilada que cerca seus amigos com uma facilidade absurda. Não quero falar sobre a conversa com Rafael e toda a estranheza que foi a despedida, o beijo que ele não me deu na bochecha antes de entrar no carro sem olhar para mim. Não quero falar do peso do meu coração, na confusão da minha mente, nos sentimentos que não sei sentir.

Conheço bem a amiga que tenho. Amo-a, claro, e tento aceitar o jeito intempestivo e sem limites que ela adquiriu na vida. Mas isso não significa que seja fácil.

— Seu namorado está me enlouquecendo – respondo.

— Eu sempre disse que ele era enlouquecedor. Mas vocês me escutam? Claro que não. Vocês acham que sou a exagerada, doente, maluca, que não dá valor ao namorado que tem.

— Minha nossa! Qual foi a briga de vocês agora? Ele se recusou a fazer sexo com você pela manhã?

— Meu relacionamento não se resume a sexo, sabe.

— É mesmo? E por que você insiste em dizer o contrário?

Vênus me dá língua, o que é ridículo, porque ela já tem vinte anos. Perceber que ela tem vinte anos me faz ver que eu tenho vinte e um e esse fato balança na minha mente por alguns segundos, suspenso no ar, enquanto a ficha cai.

— Que cara é essa?

— Sei lá, acabei de descobrir que tenho duas décadas de vida. E estou gastando oxigênio para fazer nada...

— Você está gastando para ser minha amiga. Quer coisa melhor do que essa?

— Você é ridícula.

— E é por isso que você me ama. — Ela sorri e eu reviro os olhos. — Se Pedro começar a ser um mala sem alça de sétima categoria, o que ele é com muita frequência, é só mandá-lo à merda.

— Eu não posso mandar o meu orientador à merda!

— Mas você pode mandar o namorado da sua amiga à merda, não é? — Sacode os ombros. — É só você mudar um pouco a percepção das coisas.

A lógica de argumento de Vênus só piora. Antes que eu responda, meu celular apita.

— Olha só, alguém tem um celular disputado! — Ela pula da cama. — Sou uma boa amiga e vou pegar para você.

— Você só vai pegar porque é intrometida.

— Isso também. — Ela sacode os ombros e pega meu celular sobre a escrivaninha. Ela abre um sorriso, destravando o celular. — Menino Rafael? O que é que Rafael tem de menino, porra? A não ser quando ele faz aquela expressão de cachorro sem dono, que tenho vontade de chutar, nada nele lembra menino.

— Você não pode querer chutar a cara de cachorro sem dono. Ninguém quer chutar a cara de cachorro nenhum, muito menos sem dono.

Vênus me encara como se eu fosse uma extraterrestre laranja fluorescente — uma expressão que ela faz com frequência para mim.

— Eu não disse que sinto vontade de chutar a cara de cachorros sem donos. Disse que, quando o Rafael faz isso, tenho vontade de chutar a cara dele. São coisas bem diferentes.

— Mas é uma carinha muito bonitinha pra você querer chutar...

— Tu tá mesmo apaixonada, cruze!

Faço uma careta e ela joga o celular na cama para mim.

— Menino Rafael vai ficar feliz se Menina Juliana respondê-lo.

— Não é Menina Juliana meu contato no seu celular. – Dou de ombros, destravando a tela. – É Jubsjubs.

— Ju-o-quê?

E minha melhor amiga explode numa gargalhada.

Mais cedo eu mandei uma mensagem, perguntando se estava tudo bem no canteiro de obras. Era, em parte, uma desculpa para continuar falando com ele, depois do clima estranho da despedida no almoço. Mas, também, é preocupação. Sei que a profissão de Rafael é uma das coisas que mais preza. E sei que o acidente o desestabilizou mais do que demonstrou.

Ele é tão controlado!

Tão diferente dos caras que conheço. Tudo bem, a maior parte dos caras que conheço – que nem é muito – é mesmo menino. A outra parte – a maioria – é inexistente e vive só na minha imaginação. Eu não sou a maior conhecedora do sexo masculino. E não que eu faça questão de ser, nem nada. Estou muito bem desse jeito. Mas isso não quer dizer que eu não saiba que Rafael é diferente da maioria.

Ele está me respondendo. Pede desculpas pela demora e que só parou para ver o celular naquele momento. Não aconteceu nada grave, a não ser que a obra vai se atrasar por mais uma semana e isso, com certeza, vai fazer os investidores ficarem fulos da vida. Ele usa mesmo esse termo: “fulos”. É uma palavra engraçada e não consigo evitar sorrir.

— Minha nossa, mais um pouco e eu vou me afogar em glicose com essa sua cara de apaixonada.

— Não sei se você sabe, mas você faz essa cara com frequência para Pedro.

— Não faço não! – ela exclama, com uma expressão que beira a ultrajada.

— Você ainda vai tentar me convencer que não ama seu namorado?

Vênus rosna – o que significa que está sem resposta. Dou um sorrisinho vencedor e ela me mostra o dedo do meio – típica reação de quando percebe que não pode me desmentir.

— Você é ridícula – ela diz.

— *Você* é ridícula! – rebato.

Vênus rouba meu celular e o leva próximo a boca. Antes que me dê conta, ela está gravando uma nota de voz:

— Oi, Rafael. Escuta aqui, você está me impedindo de matar minha amiga, porque é impossível matar uma pessoa com uma expressão tão patética quanto a dela, enquanto responde suas mensagens idiotas.

— Vênus! – eu pulo em cima dela. É claro que minha amiga gargalha e rola pela cama, se afastando de mim. – Eu vou te matar.

— Você pode tentar. – Dá de ombros e leva o celular de volta para perto da boca. – Eu sei, você tá se sentindo solitário em BH, mas eu sou mais importante que você, então, por favor, pare de nos atrapalhar.

A voz dele ressoa pelo quarto, mais grave do que quando o escuto falar na minha frente:

— Olá, Vênus. Você está pensando em matá-la como? Tente não fazê-la sofrer muito. Ela é bonitinha demais para isso.

— Mas aí perde toda a graça, idiota – ela grava a nota e revira os olhos.

— Eu odeio vocês.

— Olha, Juliana acabou de dizer que te odeia. Achei que você deveria saber.

Eu pulo da cama, enfim, e arranco o celular da sua mão. Vênus está gargalhando quando gravo minha própria nota de voz:

— Devemos avisar Pedro que talvez sua namorada voltou a usar drogas?

— Vá em frente. Só me avise antes para que eu não volte a Ponte Belo pelo próximo mês!

— Covarde!

O áudio que vem em resposta começa com a gargalhada dele. E é difícil definir o que acontece no meu corpo inteiro, ouvindo aquela risada. É bom saber que o seu humor voltou.

— Eu chamo de esperteza, Jubsjubs. Mas aproveite a noite de meninas. Ela deve estar adorando os filmes clichês, suponho? – Ele ri e Vênus solta um palavrão às minhas costas. – Quando ela te deixar em paz, me manda uma mensagem. É impossível conversar com você com uma idiota como ela ao lado.

— Ele me chamou de idiota?! – Vênus diz e arranca o celular da minha mão. – Escuta aqui, imbecil! Eu posso até ser idiota. Mas vocês são o casal mais patético que já conheci!

Rafael manda apenas um *emoji*, mostrando o dedo do meio, o que deixa Vênus mais irritada. Ela grunhe e joga o celular sobre a cama, cruza os braços e repete:

— Vocês são patéticos! Agora nós vamos ver Harry Potter e a Câmara Secreta. E é melhor você não reclamar.

Nem me passa pela cabeça reclamar. Até porque estou zozza depois de minha amiga ter declarado tão facilmente que Rafael e eu somos um casal. Porque não somos. E por isso não consigo entender por que o que ela disse mexe tanto comigo.

[23] NOVA ENCOMENDA

— Juliana! Filha! – berra meu pai, cedo demais para um sábado. Resmungo na minha cama, me escondendo debaixo do meu cobertor. – Querida. Você pediu mais um livro?

A palavra *livro* é capaz de me despertar de qualquer sonho, por isso pulo da cama ao mesmo tempo que berro:

— O quê?!

— Tem uma encomenda aqui para você.

Não me importo com as remelas nos meus olhos ou minha cara amassada de quem virou a sexta-feira vendo filmes clichês. Desço as escadas correndo, só parando quando chego à sala, enquanto meu pai está assinando o papel da entrega.

— Sua estante ainda tem lugar para livros?

— Como você pode saber que é livro, se nem abriu?

— E por acaso você já recebeu outro tipo de encomenda?

Não há como retrucar esse argumento, então apenas pego a caixa e corro para o sofá. Meu pai dá um risinho e resmunga para o entregador alguma coisa parecida com “garotas”. Ele está tirando sarro de mim – é o que ele sempre faz. Mas é um sarro orgulhoso – dá para ver nos olhos dele como ele fica contente que sua filha com dificuldades de leitura não desistiu de ler.

Meu pai é o grande responsável por eu amar livros. Era ele quem lia para mim antes de eu (conseguir) ser alfabetizada. Ele lia contos de fadas com princesas, mas também me apresentou à Terra Média – e, felizmente, isso não o impediu de me apresentar Hogwarts também.

Não há remetente, outra vez. Meu nome foi escrito com a mesma letra de forma informal das dedicatórias, mas não me permito ficar decepcionada pelo mistério continuar. Quem quer que seja, viu meu vídeo sobre o último livro.

Me viu empolgada dizendo como a edição era linda. Me viu agradecendo. E pedindo, pelo amor de Deus, que se não quisesse falar quem era, para eu poder agradecer devidamente, que ao menos desse dicas melhores para eu tentar descobrir. *Eu sei*, tinha dito no vídeo, *adoro Sherlock Holmes. Mas estava longe de ser uma boa detetive.*

Meu pai aumenta o sorriso quando rasgo todo o papelão.

— Você parece uma criança em dia de Natal. Quando terminar, tem *cookies* de chocolate na cozinha, esperando por você. Mas não conte a sua irmã que a esperei ir embora. É uma receita nova. E, com certeza, tem açúcar demais para ela. Mas não para minha Jujuba. — E sai.

Nem me preocupo em reclamar do apelido da minha infância, porque estou mais preocupada em desembalar o novo livro.

— Ah, minha nossa! — eu quase grito.

— Sua mãe está dormindo! — ele me repreende.

Mas, de novo, o ignoro. Eu preciso mostrar para alguém que não ria de mim e que entenderia a importância dessa presente. Alguém que adora contos de fadas como eu. Alguém que não me acha ridícula por estar com o coração disparado por causa de um livro.

Corro escada acima, me arrumando o mais rápido possível. Pego o livro de novo, me lembrando de ler a dedicatória. Talvez tenha mais coisas ali. Mas ainda é a mesma letra informal de sempre, sem assinatura. De novo, a referência é uma indireta à própria história.

Aquilo é estranho.

A edição enviada não é muito comum entre garotos. Quer dizer, tudo bem, o primeiro livro foi da Jane Austen, mas é um clássico e todo mundo já ouviu falar. Mochileiro das Galáxias é um livro que agrada tanto garotos e garotas, e Tolkien é sempre aclamado pelo gênero masculino. Mas esse é um livro que garotos reviram os olhos.

Claro que, num plano ideal, livros não deveriam ter gênero. Mas, no plano real, as coisas estão distantes da idealização. Eu, que vivo apaixonada por personagens literários, que o diga.

— Você não vai sair sem comer meus cookies, não é? – meu pai diz, quando desço as escadas correndo.

— Jamais.

— Acho bom. – Ele dá um sorriso. – Deixa eu ver o que causou tanta emoção? Quem tem te deixado tão contente assim?

— Não sei. Alguém sempre me envia esses exemplares, mas sem assinar.

— Que história interessante. – Ele pega o livro sobre a mesa e o folheia. – Eu achei que os jovens de hoje não sabiam ser românticos, com todo esse amor líquido e imediato.

— Amor líquido? Onde você aprendeu isso?

— Ora, francamente! Você acha que só porque sou um cozinheiro não posso ter um pouco de cultura?

Eu rio, mordendo o biscoito.

— Eu ia dizer que seria mais ideal mandar flores, mas estamos falando de você, não é? O caminho mais fácil para te conquistar, com certeza, passa por histórias de amor.

Quando como o número suficiente de *cookies* para que meu pai não fique chateado com descaso, saio de casa a passos rápido, em direção ao Mundo da Lua.

O Café está lotado. Lua está sozinha, sorrindo, mesmo com a fila enorme a sua frente. Ela pisca para mim quando me aproximo e consigo um banco no canto do balcão, escondida de todo o resto. As pessoas falam alto, conversam, pegam seu café, seus pedaços de bolo, lotam mesas e vão embora numa frequência que quase não acompanho, enquanto folheio meu livro em busca de qualquer sinal.

É uma busca inútil, eu sei. Mas não me incomodo de fazer, porque de todos os livros esse é o meu preferido.

— Encomenda nova? – Lua diz, quando finalmente pode conversar.

Eu levanto a capa do livro e ela dá um pulo, a saia rodada balançando em sua volta.

— Ah, Nossa Senhora dos Cafezais! O Diário da Princesa!

Sim, penso, sorrindo. O Diário da Princesa, em sua edição de luxo.

É estranho pensar que ainda essa semana estava revendo o filme para me acalmar. É estranho receber isso logo em seguida. Por um momento paranoico, penso que posso ser mais observada do que o normal. Mas a sensação de medo vai embora assim que Lua abre a capa para ler a dedicatória:

— Ah, minha nossa! “Talvez haja algo mais importante do que seu medo, mas, para isso, você vai ter que ter a coragem de dizer sim para viver sua história”. Essa pessoa... ela está cada vez mais ousada.

— É. Mas é estranho, não é? Quer dizer, quantos caras você acha que conhece Diário da Princesa? E sabe uma citação de referência?

— Poucos – Lua concorda. – Mas acho que essa pessoa deve apenas jogar “frases de tal livro” na internet, olhar as mais populares e adaptar. Se fosse um leitor mesmo, escolheria citações menos óbvias.

— Faz sentido. Ainda assim, como ele acha esses volumes é um mistério.

— Um bom livreiro, já pensou? – Ela me dá um sorriso, devolvendo o livro. – A da livraria daqui é muito boa. Você a conhece?

Estou negando quando Rafael diz olá e se senta ao meu lado. Tenho que conter um suspiro de exasperação com o modo como meu corpo reage a voz de Rafael, toda vez que fico algum tempo sem vê-lo. Quer dizer, é patético. Uma coisa era eu reagir assim, quando ele morava em Belo Horizonte, outra

coisa é reagir desse modo sabendo que agora ele mora em Ponte Belo e, obviamente, visita sua amiga com frequência.

— Você está com uma cara péssima – Luana diz.

— Não há uma só vez que você me receba com algo diferente de uma crítica. Quando não estou fedido, estou com cara péssima. Tá difícil te agradar, hein? – Ele beija meu rosto.

Eu não o havia respondido desde que Vênus enviou aquele áudio, na quinta-feira. Minha amiga tinha decidido dormir lá em casa e, na sexta-feira, nós duas acordamos atrasadas demais para a aula e só nos restou correr de modo desesperado até chegar nos nossos prédios.

Rafael também não mandou mensagens. Acredito que foi porque tenha deixado claro que era eu quem deveria procurá-lo. E ele nunca força nenhum tipo de contato quando a decisão está na minha mão. Pensando bem, ele sempre deixa a decisão na minha mão. É desnorteador. E bom. Mas desnorteador, de todo modo.

— Correu tudo bem em BH? – Lua pergunta.

— Tanto quanto possível. Você me faz um Latte? Não tomo um café decente desde quinta.

— Tenho certeza de que não toma mesmo.

— Você é tão insuportável. – Ele puxa o livro sobre o balcão e arqueia a sobrancelha. – Olha só. O admirador ataca outra vez?

— Ou admiradora. A gente não sabe. – Dou de ombros. – Não acho que muitos homens conheçam essa história.

— Quanto preconceito! – Revira os olhos para mim. Há olheiras em seu rosto, escuras e grandes, o que me faz arquear a sobrancelha. Rafael parece mesmo cansado, embora tente disfarçar com sorrisos que ficam no meio do caminho do que, no geral, ficam. – Pro seu governo, eu conheço.

Meu queixo cai, e ele faz uma careta divertida.

— Eu cresci com Luana, lembra? Você acha que há alguma chance de qualquer pessoa que cresceu com essa chata não conhecer Meg Cabot?

— Eu fiz Pedro, Rafael e Caio verem O Diário da Princesa comigo.

— Você nos fez ver esse filme milhares de vezes, você quer dizer? Na verdade, você nos fez ver milhares de filmes ruins por milhares de vezes. Esse foi o menos pior. Que Deus proteja sua alma.

— A sua não?

— A minha já está resguardada no céu por ter visto esses filmes sem reclamar.

— Sem reclamar? Seu falso! Você era o que mais reclamava. O Pedro ainda tinha a decência de fingir que gostava.

— O Pedro dorme de olho aberto, Lua. Eu acho que você deveria reavaliar sua santidade, se quer saber.

Agora é o queixo de Luana que cai e eu rio.

— Ah, você acha engraçado? – Rafael pisca para mim, seus olhos mais claros com a claridade da manhã. – Porque não era você que era obrigado a ver esses filmes ridículos.

— Humpf! Obrigado nada. Nunca coloquei uma arma na cabeça de nenhum.

— Ela nos chantageava, na verdade. – Ele se inclina para mim, seu perfume cítrico me atravessando inteira. – Era uma adolescente muito chata, se quer saber.

— Não chantageava nada. Nem vem. Eu só dizia que, se fizessem companhia, eu conseguia doces de graça com minha mãe.

— Chantagem das mais cruéis. – Ele leva a mão ao peito. – Não dava para recusar os doces da sua mãe, Lua. Eu mataria por aquele brigadeiro.

— É verdade – suspira. – Nossa. Não acredito que faz oito anos que ela se foi...

A frase paira pelo ar por alguns segundos. Não sei o que fazer. Mas Rafael, que conhece Lua a maior parte da sua vida, se levanta do banco, inclina-se sobre o balcão e aperta a bochecha dela, com carinho.

É por atitudes assim que me apaixonei por Rafael.

Ele é um bom amigo – não tem muitas palavras bonitas para dizer, está sempre pronto a fazer uma piada, mas um gesto como aquele parece consertar tudo ao redor. Dá para ver no modo como Lua olha para ele.

A máquina de café apita e Luana dá as costas para o balcão, para pegar o pedido de Rafael. Quando volta, colocando a caneca dele sobre o balcão, está com uma expressão muito melhor. Ela diz:

— Sabe de uma coisa? Agora que estão todos aqui, podemos voltar a fazer a Sessão Pipoca.

— Eu conheço essa cara. Você está pensando em colocar todo mundo pra ver esse filme ridículo de novo.

— Não é ridículo – respondo. – Na verdade, estava vendo esse filme essa semana mesmo, antes de Vênus me atrapalhar. É um excelente filme.

— Rafael fala isso só para fazer fachada, ele adorava a história. Ninguém imita Mia tão bem quanto ele. – Lua aponta para o amigo.

Arqueio a sobrancelha e suas bochechas ficam em tom rosado. É tão fofo que quase não consigo segurar o suspiro. Mas me contenho na última hora. Rafael balança o cabelo, espetando os fios de um jeito engraçado.

— Eu odeio ser seu amigo há vinte anos.

— Não odeia nada. – Lua abre um sorriso. – Como diz Vênus, é impossível me odiar, porque sou maravilhosa.

— Mia, hein? – Dou um sorriso. Rafael é um cara grande demais, homem

demaís, para interpretar uma princesa. – Antes ou depois da transformação?

— Ele é bom mesmo depois da transformação. Sabe todas as poses da princesa e os passos de valsa.

Rafael grunhe, o que faz com que Luana e eu rimos.

— Eu odeio vocês. – Ele levanta do banco, segura a caneca e dá as costas.

— Ei! Minha caneca!

— Perdeu. – E sai do Mundo da Lua.

Luana ri, sacudindo os ombros.

— Ele não gosta dessa história, sabe? A última vez que imitou Mia, o pai dele chegou bem na hora de uma cena particularmente feminina.

— Ele apanhou?

— Acho que apanhar não resume o que aconteceu naquela tarde. Rafael nunca mais imitou ninguém.

Penso na sorte que tenho por meus pais serem tão diferentes do que vejo rodeado a minha volta. É uma das coisas que a gente só se dá conta quando encara situações como essas.

— Mas, voltando ao seu livro... – Ela o pega outra vez. – Você não acha muito hipócrita essa dedicatória, se pararmos para pensar? Quer dizer, não é como se a pessoa tivesse lhe dando oportunidades reais de dizer sim para ela, não é? Como você pode dizer sim para alguém que não sabe quem é? Parece bem cômodo.

— É cômodo para todo mundo.

É por isso que gosto. Porque a pessoa não está me forçando a descobrir quem é, o que torna mais fácil de admirar. Porque, depois desse livro, sei que as coisas só vão mudar se eu quiser. E isso é bom.

E me lembra muito o jeito de Rafael.

Cerro os olhos pensando que ele conhece essa história o suficiente para conseguir imitar a personagem. Me sinto zozza por dois segundos.

— O que foi? – Lua arqueia as sobrancelhas.

— Nada – digo, balançando a cabeça. – É besteira.

Eu preciso parar de consumir tanto romance clichê.

[24] AMARGAS IMPRESSÕES

Estou batendo com a cabeça no livro, sobre a escrivadinha, quando minha mãe abre a porta na segunda-feira. Por um momento, ela olha para mim como se eu fosse Zaphod e ela fosse Artur Dent⁷. Eu dou um risinho, porque minha mãe jamais entenderia a referência nerd dessa associação, e aí sim sua cara fica ainda mais esquisita.

— Algum problema?

— Não consigo decidir se isso é um *t* ou um *d* – resmungo e volto a bater a cabeça no livro.

Ela me dá um sorriso de compreensão. Conheço bem aquele sorriso, porque o vi em seu rosto todas as vezes que não consegui terminar uma leitura.

— Deixe-me ver... – Ela caminha até mim e coloca sua mão no meu ombro, inclinando-se. – Hm. Definitivamente um *t*.

— E depois?

— E.

— Merda.

— Não é a resposta que você esperava?

— Faria mais sentido se fosse um *d*. Um *t* torna essa frase ainda mais incompreensível.

— Hora de marcar uma reunião com seu orientador?

Eu dou um risinho. Sinto meu corpo doer pelas horas que passei sentada tentando avançar na leitura.

— Escute... estou indo fazer uma consulta no Hospital. Não quer me acompanhar?

— Você vai me contar que está com uma doença grave, não é?

— Minha nossa, não me torne uma personagem de Nicholas Sparks. — Ela brinca. — Acho que pode ser bom você ver a luz do dia, pra variar.

— Eu fui pra faculdade hoje — resmungo.

— Luz do dia na faculdade não conta como luz do dia. Vamos. — Aperta meu ombro. — Talvez o ar te faça ficar mais inspirada.

— Cheiro de hospital só causa nojo, não inspiração. — Faço uma careta.

— Esse é meu ponto. Você não vai deixar sua mãe sofrer sozinha, não é?

Resmungo um tudo bem, que faz minha mãe sorrir e quase dar um pulinho — o que é bastante ridículo já que ela está velha demais para isso. Quer dizer, até eu estou velha para isso.

— E... querida? — ela fala da porta. — Você pode, ao menos, lavar seu rosto e escovar os dentes antes de irmos? Tenho certeza de que não vai querer sair na rua nesse estado.

Solto um grunhido, mas estou sorrindo. Minha mãe fecha a porta do quarto ao mesmo tempo que fecho meu livro. Vou até o banheiro e percebo que, por mais irritante que fosse a frase de Rebeca, minha mãe, está correta. Eu estou um horror.

A cidade está tão quente que quase me arrependo de ter saído do frescor do meu quarto com ar-condicionado. Prendo meu cabelo num rabo de cavalo antes mesmo de virarmos a esquina. Minha mãe está falando sobre os novos planos do restaurante. Ela está animada. As coisas parecem caminhar bem com o sonho do meu pai. Meu pai feliz deixa minha mãe feliz.

É comovente.

Quer dizer, meus pais se amam de verdade. Não é algo para me deixar assustada, mas me deixa porque isso é raridade perto das pessoas que conheço. O pai de Vênus amava a mãe dela, mas ela morreu no parto de minha amiga. É uma história triste, porque depois disso ele nunca mais

namorou ninguém, embora fosse uma história bonita. Se eu morresse, desejaria que meu marido ficasse para sempre solteiro?

Franzo o cenho. É estranho pensar em casamento, quando nem mesmo tenho um namorado. E como eu vou ter um namorado, se não consigo dizer para as pessoas que não quero fazer sexo? Na verdade, francamente, que tipo de homem aceitaria um relacionamento assim?

Eu sou uma fraude de romântica.

— Como tem andado Luís e as aulas de dança? – minha mãe pergunta.

— Ele não tem ritmo nenhum. Vai acabar arrancando meu pé qualquer dia de ensaio.

— Talvez, se você se fantasiar de tabela periódica, ele tenha mais atenção?

— Mãe! – eu a repreendo, mas ela ri. – Você falou igual à Vênus.

— Ah, o que se pode dizer? – ela diz, enquanto entramos no Hospital de Ponte Belo. – Aquela menina sabe das coisas.

— Você quer que eu entre com você na sala e segure sua mão? – Eu brinco, depois que ela preenche a ficha na recepção.

— Me respeita que ainda sou sua mãe. Seja boazinha.

— Eu sempre sou.

Ela me olha com desconfiança, mas nós sentamos nas poltronas da sala da recepção. Pelo menos o ar daqui está refrigerado, o que quase deixa o cheiro menos pior. O Hospital Ponte Belo é grande e claro, como todos os hospitais que conheço. Tem um ar requintado demais para um lugar para doentes, mas acho que é isso que sempre se pode esperar de imóveis dirigidos pela família Vale.

Então, chamam seu nome e ela me puxa para acompanhá-la. Somos conduzidas por alguns minutos até pararmos numa segunda recepção, no segundo andar. Minha mãe caminha até a secretária do local e eu vou até

cadeiras nem tão confortáveis. Mas o ar-condicionado é melhor do que lá embaixo, então tento não reclamar muito.

A mulher que já está sentada numa das cadeiras tira o olho de seu livro e me encara. Ela está com uma faixa na cabeça, com todas as cores do arco-íris, e isso faz com que seu rosto fique mais... iluminado. Combina com ela. Ela tem a pele branca e olhos castanhos, mas é quando sorri que percebo que se parece com alguém que conheço.

Só não consigo me lembrar quem.

— Posso? – Indico a cadeira a seu lado.

— Claro – ela tem a voz doce, e eu sorrio. Mas volta sua atenção para o livro que está lendo.

Tento não ser mal-educada e não ficar olhando, para descobrir qual é o título. Mas é mais forte do que eu. Estou com a cabeça torta e devo parecer patética, porque minha mãe me cutuca quando se aproxima.

— Você precisa mesmo fazer isso? – resmungo e força um sorriso quando a mulher nos olha de novo. – Desculpe. Ela não pode ver alguém lendo que já quer saber que título novo ela perdeu no lançamento.

— Não é novo – a mulher fala, com voz gentil, e mostra a capa. É Emma, de Jane Austen. – Meu filho me deu.

— Seu filho tem bom gosto.

— Tem, não é mesmo? Ele é um garoto bem bonito. – Abre um sorriso ainda maior. – Mas ainda me enche de preocupação.

— Todos os filhos nos enchem – fala minha mãe, em tom conspiratório.

As duas começam aquela conversa que só mães entendem e desconsideram que uma filha está por perto. Tenho vontade de gritar com a confabulação, mas, infelizmente, não consigo ser tão impertinente quanto Vênus.

A mulher para no meio da frase, levando a mão na barriga, e solta um

murmúrio parecido com resmungo de dor. Minha mãe fica com aquela expressão estranha, com a boca aberta, enquanto pisca os olhos assustada. Os olhos da mulher enchem-se de lágrimas.

É um momento constrangedor. Não sei ver ninguém sentindo dor, por isso, mesmo sendo uma desconhecida, estico a mão e seguro a mão dela. Ela pisca, assustada. E aperta minha mão por um momento.

Então, no segundo seguinte, relaxa.

— Oh – ela diz, por fim. – O médico não brincou quando disse que essas dores piorariam.

Quando termina de falar, a porta se abre e Daniel, o médico loiro de olhos claros, primo de Pedro, aparece. Ele caminha até nós e pisca para mim. Como um dos poucos parentes que Pedro mantém contato, Daniel, vez ou outra, aparece nas saídas para os bares, apostando quem bebe mais com minha melhor amiga. É o único da turma que consegue competir com Vênus, de modo que é sempre divertido quando consegue vencê-la.

— Oi, Juliana. – Então olha para a mulher ao meu lado. – Tânia. Acho que a sala de exames já está pronta para você.

— Ótimo. Achei que ia terminar de ler esse livro bem aqui, nesse corredor frio.

Ele lhe dá um sorriso surpreendente de tão bonito e segura a mulher pela cintura. Quando ela se ergue, fica claro sua fragilidade. Desvio o olhar porque, de algum modo, a cena parece íntima demais.

— Você acha que ela está... – minha mãe diz, mas não termina.

Eu fixo meu olhar no chão.

Nunca tinha visto ninguém sentindo uma dor tão forte, como ela pareceu sentir. Também não tinha visto ninguém tão fraco. Ela parecia tão plena e bonita, quando me aproximei...

— Não sei. Mas gosto do lenço dela – digo.

Acho que a mulher vira o rosto para me encarar, mas não levanto o rosto para olhá-la de volta.

Quarenta minutos depois, estou sozinha e entediada esperando minha mãe. Ela acaba de entrar no consultório e eu me arrependo de não ter um livro para ler. Meu celular está com a bateria quase zerada e não há nada para fazer aqui.

Uma consulta tem mesmo que demorar tudo isso?

A porta de outro corredor se abre e Daniel aparece, abraçado com a mulher que levou. Ela parece um pouco mais corada e está rindo.

Ele a coloca na cadeira, ao meu lado.

— Você tem certeza? Você pode esperar na minha sala, se quiser, Tânia. Quer dizer, as poltronas de lá são muito mais confortáveis.

— Não me trate como se estivesse morrendo.

Daniel abre a boca para responder, mas a fecha. É a primeira vez que o vejo sem uma resposta pronta.

— Vou ficar bem – ela fala, com a voz mais dura, abrindo o livro novamente.

— Certo. Hm. Ok – ele gagueja. – Posso ao menos pedir pra Fabiana ligar para um de seus filhos inúteis?

— Eles não são inúteis – ela bufa. – Pelo menos, um deles não é.

Daniel ri, piscando para ela. Quando se afasta, para falar com a secretária, a mulher se inclina para o meu lado e diz:

— Você já reparou que homens bonitos e metidos a poderosos têm uma necessidade enorme de serem protetores sem necessidade?

— Eu ainda posso te ouvir, Tânia – Daniel diz, de costas para gente.

— Isso significa que sua audição está ótima, hein? – ela fala mais alto e depois cochicha para mim. – Escute um conselho dessa velha que está morrendo, menina. Fuja desse tipo de homem. O final não vale a pena.

— Ah, agora você está morrendo? – Daniel provoca, olhando para ela.

— Bem, até uma mulher precisa saber a hora de aceitar que está perdendo, meu filho. – Ela dá um sorriso e, por um momento, vejo os olhos de Daniel encherem de lágrimas. Ele pisca rápido e o momento se vai. – Até uma mulher – repete, e acho que, dessa vez, é para ela mesma.

Felizmente, minha mãe sai do consultório, o que me impede de continuar nessa situação íntima e constrangedora. Nós nos despedimos ao mesmo tempo dos dois e saímos em silêncio.

Quando o ar quente de Ponte Belo nos alcança, já fora do prédio frio que deixamos para trás, estou um pouco enjoada. Minha mãe passa os braços pelo meu ombro.

— Você está bem?

— Definitivamente, eu odeio hospitais.

— É, eu também – ela sorri. – Acho que merecemos um sorvete, não é?

Tento apagar a lembrança do olhar e do sorriso daquela mulher em minha mente. Sei que ela se parece com alguém que conheço. E não sei se fico contente ou agoniada por não saber quem.

[25] SUBENTENDIDO

— Você acha que Serena é uma vadia? – Vênus pergunta, sentada ao meu lado no sofá, enquanto enfia uma colher generosa no pote de sorvete.

— Achei que nós já tínhamos uma opinião quanto a isso?

— Eu também achei. Não é estranho que a gente esteja vendo essa série pela, sei lá, centésima vez, e ainda não concluimos nada?

— Só não é mais estranho do que você nunca assumir que ama essa série.

— Eu não amo.

— Sério? Nós vemos Gossip Girl desde os treze anos.

— Isso não quer dizer que eu gosto. Na verdade, falando sério, é meio sem noção?

— Você nunca vai assumir que adora essa série, assim como não assume que ama seu namorado, não é?

Ela sacode os ombros, dando um sorriso de canto, e enfia sua colher de sorvete na boca.

É quinta-feira e, outra vez, Vênus apareceu aqui em casa sem avisar. Alguma coisa está acontecendo, embora eu não faça ideia do quê. E não acho que, se perguntar, minha amiga vai dizer. Ela é assim. E, de todo modo, gosto que ela venha à minha casa. Me lembra a nossa infância, quando eu não tinha um TCC pra escrever. A vida era bem melhor, naquela época.

— E quanto a Nate? – ela questiona.

— Hm, eu gosto do Nate.

— É mesmo a sua cara. Um babaquinha, meio metido, com cara de bonzinho. E que, na verdade, é traidor. Me lembra Luís.

— Luís nunca traiu ninguém.

— Ainda.

— Na verdade, Nate é muito mais próximo do seu namorado. Quer dizer, olha todo esse drama com o pai dele, que quer que ele vá pra tal universidade, estudar tal coisa, casar com tal garota. É a versão castanha de Pedro.

— Não. O Nate é burro. E meu namorado é insuportavelmente inteligente.

Contra isso não dá para argumentar, então eu tenho que manter a boca fechada. O que, claro, faz Vênus dar um sorriso vitorioso.

— E quanto ao Daniel? Você já mudou a opinião? – Enfio minha colher no pote de sorvete.

— Ainda o acho meio panaca. Mas acho que não o odeio tanto.

— Isso pode significar que seu encanto pelo estúpido do Chuck se perdeu?

— É provável. Mas a gente vai ter que terminar essa temporada pra ter certeza.

— Ora, ora. Devo ligar pro Pedro dando os parabéns?

Ela me empurra e eu sorrio.

— Ele não te atenderia, de todo modo.

— Vocês estão bem?

— Acho que nunca estivemos tão bem. – FRANZO O CENHO, ENTÃO ELA COMPLETA: – Emergência familiar.

Faço uma careta e Vênus enfia o dedo na boca, fingindo vomitar.

— É por isso que estamos vendo essa série hoje? Pra você lembrar que namora um cara que poderia morar no Upper East Side? – pergunto.

— A gente vê essa série porque a gente adora ver coisas ruins.

— Pela centésima vez?

— Isso mesmo.

Eu rio.

— Não sei se concordo com o Dan sendo panaca, sabe? – digo.

— Ele é meio Rafael, acho. – Vênus pega mais sorvete e quando vê minha expressão dá um sorriso. – É, esforçado, inteligente sem ser pedante, um pouco tímido às vezes e muito bom em guardar segredos. Especialmente, os dele.

— Vocês têm ficado íntimos nesses últimos tempos, hein?

— Você tá com ciúme? – Ela me encara divertida.

— Não. Na verdade, acho que faz sentido. Pra mim ele é sua versão masculina.

— Tá brincando? Isso é um insulto! Se eu fosse homem, eu seria como Caio. É ele quem resolve todos os problemas da vida fazendo sexo.

Vênus enche de novo a colher, colocando todo o sorvete que sua boca pode aguentar.

— Rafael é minha companhia para beber, só isso. Quer dizer, Pedro só sabe escrever e Caio e Luana estão naquele estágio maluco de relacionamento, que parece que não acaba nunca, embora eles já estejam juntos há um ano... – Revira os olhos. – Céus, só de pensar sinto meu estômago embrulhar. E Daniel quase nunca tem dia livre no hospital...

— Por falar nisso, o vi esses dias.

— É mesmo?

— Minha mãe foi fazer uma consulta no hospital.

— Está tudo bem com ela? – Concorde com a cabeça. – Saudades de sair

com Dan. Aquele, sim, sabe beber. Ultimamente Rafael nunca fica bêbado o suficiente, porque para antes da hora.

— Você devia voltar pra clínica de reabilitação e tratar seu vício por álcool. Eles não te avisaram dos perigos de uma co-dependência?

— Como você sabe essas coisas que nem eu, que faço Psicologia, sei?

— Hm, eu leio.

— Urgh, você é tão nerd!

— Você é tão babaca! – Empurro-a. – Não, mas sério. Foi estranho.

Não comentei com ninguém da experiência no corredor do Hospital, por mais que pense nisso todas as noites, antes de dormir. Eu queria que não tivesse me afetado tanto. Mas não perdi muitas pessoas na minha vida; depois que nasci, só meu cachorro havia morrido. E, embora tenha sido uma perda dolorosa, é bem diferente de perder pessoas. Havia visto a irmã de Vênus morrer, mas não éramos tão próximas. Eu só senti o impacto da morte de Juno vendo o quanto isso abalou minha amiga.

E talvez fosse o que me incomodasse.

Quer dizer, aquela mulher tem filhos. Provavelmente, um marido. E ela está morrendo. Ela parecia sentir muita dor. Mas é pensar nos filhos que me deixa angustiada. Perder alguém deve ser um inferno. Perder uma mãe...

Olho para Vênus. A mãe dela morreu no parto, então não acho que ela saiba exatamente que tipo de sentimento é esse. Ela não a conheceu. E talvez seja melhor assim. Mas são apenas hipóteses de alguém que nunca viveu nada parecido. E é difícil ter uma opinião quando a gente não tem muita experiência.

— O que foi? – Vênus franze o cenho para mim.

— Ah, não sei. Tinha uma mulher no corredor, esperando para fazer exames, quando a gente chegou. Ela parecia... bem, eu acho. Não, acho que plena é uma palavra melhor. Mas, então, ela teve uma crise de dor, e depois

Daniel apareceu e rolou um diálogo meio... estranho, que deu a entender que ela estava morrendo. Foi bem... não sei.

— Você a conhecia?

— Hm, não. O sorriso e o olho dela me lembram alguém. Mas não sei quem, exatamente.

— Argh, odeio quando isso acontece.

— É. Mas não é isso... sei lá, ela mencionou filho. Filhos, na verdade. Fico pensando... que merda deve estar sendo para eles? – Balanço a cabeça. Vênus está me encarando com uma cara estranha, mais estranha do que, geralmente, me encara. – Não está fazendo sentido, né?

— Não. – Ela olha para frente. – Mas você raramente faz sentido, Ju. Então, sei lá, podemos só voltar a assistir a esse seriado decadente, para nos lembrar nossa própria decadência, por não morarmos no lado rico da cidade de Nova York? Você sabe que odeio falar sobre assunto de morte.

— Acho que você teria grandes chances de morar no Upper East, na verdade.

— De que você está falando? O seu pai teria um restaurante na rua principal!

— Seria meu sonho? – Sorrio. – Você acha que sou mais Blair ou Serena?

Vênus me olha, arqueando a sobrancelha para mim.

— Óbvio que nenhuma das duas. Você é a trouxa da Jenny. Agora aperta o *play* pra gente seguir o baile.

— Eu te odeio.

— Ah, não. Todos acham que me odeiam. Mas as pessoas me amam. Porque eu sou Serena Van Der Woodsen.

— Com certeza, Vênus. Com certeza. E, aliás, você sabe que Jenny se

revela uma cobrinha mais para frente, não é?

— É exatamente por isso que continuo ao seu lado, tolinha.

Nós vemos vários episódios seguidos e, no final da primeira temporada, Vênus está dormindo toda torta no meu sofá. Tiro uma foto, porque ela está com a boca aberta, a língua para fora, babando um pouco sobre sua própria blusa e mando no grupo, que tem seu namorado, Caio, Lua e Rafael, só para ser a garota má de vez em quando.

No segundo seguinte que a foto carrega, Rafael me chama na conversa privada, me perguntando se eu não deveria estar dormindo.

Obrigado, mãe – é minha resposta espirituosa. E ele, como é de se esperar, manda uma mensagem perguntando se posso ouvir áudio.

— Você é tão preguiçoso – sussurro, mesmo sabendo que nem um meteoro caindo na rua de casa seria capaz de acordar Vênus ao meu lado.

— Pra que escrever se é mais fácil falar? E a pergunta é séria. Hoje é dia de semana. Você não tem aula amanhã?

— Pior: tenho supervisão com Pedro cedo.

— E você não está dormindo, porque...

— Ah, complicado.

— Tente.

— Você é meu grilo falante aconselhador, agora?

— Talvez. Mas só se você quiser. – Ele brinca.

— Você não deveria estar dormindo? Porque pior do que ter aula cedo é trabalhar cedo.

— Deveria. Mas não... Estou tendo problemas para dormir.

— Você está bem?

— Não. Sim. Eu não sei – suspira. – É complicado.

— Tente.

Ele quase ri na nota de voz seguida, mas não é o suficiente. Rafael nunca fica muito tempo sem rir numa conversa. Seu bom humor é sua marca registrada no mundo. E, por um momento, fico confusa.

— Não, sério. É uma história longa e complicada e está tarde. Não quero que Pedro te xingue amanhã.

— Problemas de homem de verdade para uma garota como eu?

— Problemas de verdade para qualquer pessoa, Jubsjubs.

— É Ariela?

— Ah, não. Não exatamente – ele suspira e fica tanto tempo em silêncio que me pergunto por que não encerrou o áudio. Mas, então, a voz dele soa de novo: – Você já parou para refletir sobre suas escolhas e decisões? Sobre como você, ao tomar uma direção, abandona todas as outras?

— Sim, quando fiz vestibular.

Ele não responde de imediato, então mando outro áudio.

— Desculpe. Foi uma piada imbecil. Ignore.

— Não dá para ignorar nada que vem de você.

Pisco, atordoada para o meu próprio celular. Então, escuto a frase de novo. E de novo. Estou ouvindo pela quarta vez, sentindo aquela sensação estranha dentro do peito, quando ele manda um novo áudio:

— Escute. Você vai fazer alguma coisa no domingo? Como ensinar seu amigo a valsar?

— Eu devo ajudar meus pais no restaurante na hora do almoço. Por quê?

— Você está me devendo uma saída, lembra?

— Você jamais me deixaria esquecer.

— É verdade. E estou cobrando. Quatro e meia está bom pra você?

— Onde você vai me levar numa hora dessas?

— Você só vai saber se me encontrar.

— Isso foi cruel.

— Eu nunca disse que não era, Jubsjubs. De todo modo, preciso dormir. Reunião com os patrões amanhã, que Deus me ajude. Te pego às quatro e meia em frente à sua casa, no domingo, tudo bem? E coloque um bom e velho tênis.

— Obrigado por esclarecer as condições, Rafael Albuquerque. – Tento parecer indignada, mas estou sorrindo.

— De nada, Jubsjubs. E vá dormir.

— Boa noite, mãe. – Brinco.

Ele manda um *emoji* revirando os olhos, mas continuo sorrindo. Espero que ele esteja sorrindo também. Vênus resmunga, jogando o corpo para o outro lado, quase caindo do sofá.

Me levanto e quase penso em acordá-la para ir para a cama. Mas, pensando bem, melhor não. Minha amiga tem um humor péssimo quando acordada. E, de todo modo, eu posso ser malvada como Jenny, às vezes. Deixar a amiga dormir nessa posição, num sofá nada confortável, com certeza entra na lista de como ser malvada.

Desligo a televisão e subo para o meu quarto. E, antes de dormir, escuto a nota de voz de Rafael, aquela que ele diz que não dá para me ignorar, de novo.

E, tal como Vênus, que nunca vai admitir que adora Gossip Girl, esse é o segredo que nunca vou dividir com ninguém.

[26] CREPÚSCULO

Rafael é tão pontual que estou calçando meu tênis quando ele bate na porta do meu quarto. Ele está vestido com uma blusa azul, que deixa seus olhos mais claros do que o costume, uma bermuda preta e um tênis de uma marca tão cara que quase faz meus olhos doerem.

— Sua mãe disse que eu podia subir – ele se desculpa, encostando no batente. – Saiu correndo para o restaurante, eu acho.

— Ela estava atrasada. E você é surpreendentemente pontual.

— Eu vivo para te surpreender. – Ele pisca e depois observa meu quarto.

Há olheiras profundas abaixo dos seus olhos e, por um segundo, me pergunto se devo perguntar se ele quer conversar sobre o que está acontecendo. Uma boa amiga perguntaria e me sinto péssima por não sentir coragem de expor meus pensamentos. Nos dois anos que conheço Rafael, nunca o vi com uma expressão tão cansada, dando meios sorrisos e com os ombros tão caídos como nas últimas semanas.

— Rosa demais, não é? Vênus não consegue entrar aqui sem fazer careta uma vez sequer.

— Eu acho a sua cara. – Ele aponta a estante. – Posso?

— À vontade. Vou só procurar o amarrador de cabelo e já podemos ir.

— Não se apresse. Uma das únicas coisas decentes que meu pai me ensinou foi que um homem deve esperar uma mulher ficar pronta sem reclamar.

— E como estão as coisas entre vocês?

— Tão promissoras como sempre estiveram. A não ser que ocorra um milagre, não acho que vá melhorar muito.

— Ele não pode te odiar tanto – digo, entrando no banheiro.

— Odiar requer uma dose de sentimento que Olavo é incapaz de sentir por mim. Star Wars, hein? – Ele aponta, quando volto para o quarto, a sessão de ficção científica da estante. – Era um dos meus filmes preferidos na infância. Seguido por De Volta Ao Futuro e Curtindo A Vida Adoidado.

— Você tem uma queda por filmes dos anos oitenta?

— É a melhor década do cinema. Podemos ir?

— Preciso levar alguma coisa especial?

— Estou com tudo o que você precisa.

Arqueio a sobrelha, mas Rafael dá o primeiro sorriso desde que entrou no meu quarto e eu esqueço o que quer que passou pela minha cabeça.

— Então... filmes dos anos oitenta? Sempre achei que você só curti filmes com pouca história e muita ação.

— Você está sempre achando coisas sobre mim, Jubsjubs – ele responde, descendo a escada. – Infelizmente, está quase sempre equivocada.

— Imagino o quanto Curtindo a Vida Adoidado te inspirou...

— Inspirou Caio, eu e Pedro a fazermos um mochilão pela Europa no doutorado de Pedro, se isso te interessa. Três caras, cada um com uma mochila nas costas e uma quantia fixa e irrisória nos bolsos para se manter por um mês.

— Tá brincando?!

Ele ri e eu tranco a porta. Rafael gira sua chave nos dedos enquanto caminha, então abre a porta do carro para mim.

— Sério?

— Outro grande ensinamento de Olavo. – Ele pisca. – Não me olhe como se eu fosse ET, O Extraterrestre.

Eu estico o dedo, como no filme, e Rafael ri, seus olhos se fechando por um momento. Quando volta a abrir, ainda estou com o dedo esticado e ele pisca, me imitando.

— Obrigado — é o que ele diz, quando o contato se acaba.

— Por ser idiota?

— Por ser você. Entre. Precisaremos caminhar por algum tempo, e quero chegar antes do pôr-do-sol.

— Informações interessantes — digo, entrando. Cheira a carro recém-lavado e está tão limpo que, por um instante, é desnorteador. Quando ele se senta no lado do motorista, pergunto? — Então, que países você conheceu? Todos os ricos, aposto.

— Você realmente me acha o capitalista insensível.

— Você é de uma família bem rica e é engenheiro. Por amor é que não foi sua escolha de profissão.

— Caramba. — Ele me olha, sorrindo de descrença. — A sua opinião sobre mim é realmente firme e pesada. Eu não provei nada de diferente em dois anos?

— Não disse que era errado você ser capitalista.

— Você não espera que eu acredite que uma estudante de História acha certo ser capitalista, não é? Posso ter todos esses defeitos que você cita, mas idiota não sou.

— Você se espantaria se descobrisse quantos alunos de direita têm no curso.

— Poucas coisas na vida me espantam.

— Além de eu ter opiniões fortes sobre você?

— Não me espanto pelas suas opiniões fortes. Você é uma garota que sabe

o que quer e o que pensa do mundo e das pessoas. Me espanto com você sempre pensar o pior de mim.

— Eu não penso só o pior!

— Certo, então me elogie, só para variar. – Ele dá a seta e me olha de relance. – Vamos. Eu não vou ficar convencido, prometo.

— Você é bonito.

Ele ri.

— Ah, por favor. Me elogie com algo que vá além da minha aparência. Seja mais profunda que isso.

— Hm, certo. Vou precisar pensar.

— Leve o tempo que for.

— Enquanto isso você poderia me contar para onde você está me levando.

— Bela tentativa.

— Eu não gosto quando me deixam curiosa.

— E eu não gosto quando são preconceituosos comigo. Vamos ter que viver com isso.

— Idiota.

Ele pisca e ficamos algum tempo em silêncio, cada vez mais distante da área urbana de Ponte Belo. Os números das casas começam a diminuir e o asfalto acaba, enquanto ele sobe, mais e mais, pelo bairro universitário até deixar toda a área habitável para lá.

— Hm, só pra avisar... estou ligando o GPS do celular e mandando a localização de onde estou para Vênus.

— Vênus já sabe.

— Traidora – bufo.

— Apenas curta o caminho, Jubsjubs. Vou estacionar daqui a pouco.

— E então teremos que andar.

— Isso mesmo. E não estou mais ouvindo reclamação, desculpe.

— Eu te odeio.

— EU NÃO ESTOU OUVINDO – ele grita, teatralmente, fazendo tantas caras e bocas que é impossível não se encantar com sua veia artística. – OH, MINHA NOSSA, EU ACHO QUE O CASO É SÉRIO!

— Cale a boca!

Sua gargalhada ressoa por todo o carro até me contagiar quase por inteiro. Sinto aquela felicidade tão contagiante, que só Rafael é capaz de emanar, me preencher e se alojar no lugar de sempre, bem perto do coração.

— Então... qual sua década preferida de filme?

— Noventa. – Eu não preciso pensar para responder.

— Agora estou com medo de perguntar qual seu filme preferido...

— O de verdade ou o que a gente diz para as pessoas acharem que você entende de que está falando?

— As pessoas fazem isso?

— Você diz o seu filme preferido sem medo de ser criticado?

— Você me critica o tempo todo e continuo sendo seu amigo. – Ele estaciona embaixo de uma árvore. – Meu filme preferido é A História Sem Fim. É meu livro preferido também. Devo ter vergonha de dizer em voz alta?

— Depende que tipo de imagem você quer passar.

— Um dia, Juliana, você vai deixar os medos adolescentes para trás e descobrir que a imagem é um reflexo vazio de um espelho, que não vale a pena alimentar com ego ferido. É aí que você vira adulto, e não quando paga suas contas. Escuta o conselho do velho *jedi* aqui. – Ele pisca. Agora, vamos.

— Para onde?

— Engraçadinha. – Abre a porta e eu abro a minha, antes que ele dê a volta no carro. Rafael levanta as mãos para o alto, revirando os olhos. – Você é impossível. Vamos por ali. – Aponta uma trilha fina a nossa esquerda. – E qual seu filme preferido?

— O sério?

— Por favor.

— Gênio Indomável.

— É um bom filme – assente, caminhando na minha frente e tirando os galhos do caminho. – Mas aposto que você gosta só porque o Matt Damon é bonitão.

— Não é por isso. É por todo o conceito do filme.

— Conceito de filme. Minha nossa. Daqui a pouco você vai discutir fotografia e cena? Agora fale qual é o filme real que você gosta.

— Você não vai querer saber.

— Você consegue parar de presumir coisas sobre mim por dez minutos? – Ele olha por sobre o ombro.

— Tenho dois, na verdade. E não consigo escolher.

— Posso te ajudar.

— Duvido muito.

— Gosto de filmes e gosto de gastar meu tempo vendo filmes, tenho mais

idade que você, então devo conhecer todos o que você já viu. Vamos lá. Compartilhe.

— Só se você tiver um filme meio idiota como preferido também.

— Click, com Adam Sandler.

— Sério?

— Eu gosto do Adam Sandler. Ele tem filmes ridículos, como Espanglês, claro, mas Click é um clássico. As pessoas deveriam dar mais valor à mensagem daquele roteiro. Agora, você.

— Hm, Dez Coisas Que Odeio Em Você – digo, esperando que ele gargalhe de mim.

Ele não ri.

— Não dá para criticar um filme de Heath Ledger. É uma opção boa demais para um filme não sério, não é? O roteiro é inspirado em Shakespeare e tudo o mais.

— Caramba, você gosta mesmo de cinema.

— Ou você gosta de ler ou gosta de cinema, é muito difícil não suportar as duas coisas. Agora, vamos, você ainda está me devendo outro filme.

— Você só disse um.

— Eu nunca disse que tinha dois filmes ruins entre meus preferidos.

Ele não está olhando para mim, mas sei que está sorrindo pela ondulação que sua voz ganha. Tenho vontade de socar as costas largas dele, mas, ao invés disso, cerro o punho e abaixo a cabeça para não bater num galho mais baixo.

— Você precisa prometer que não vai rir de mim.

— Nunca rio de você.

— Mentiroso.

— Rio das coisas que você fala, não de você.

— Claro, isso faz muita lógica.

— Eu sei. Eu sou um cara lógico. É minha maior característica. Quanto mais cedo você falar, mais rápido eu paro de te encher o saco.

— Isso é impossível. A sua maior característica é me encher o saco.

— Lisonjeado. – Ele coloca a mão no coração, ficando ao meu lado, quando a trilha volta a se abrir o suficiente para nós dois. – Eu prometo não contar a ninguém.

— A Nova Cinderela, com Hilary Duff. – Cruzo os braços, empinando o queixo. – Tudo bem?

Há um momento de silêncio quase constrangedor, que dá para ver a cabeça de Rafael trabalhar naquela informação, recuperando os dados numa tentativa de identificar de que filme estou falando. Então, a gargalhada sai tão alta que os passarinhos acima de nós voam desesperados a nossa volta antes de sumir.

Sinto meu rosto esquentar e sei que estou cada vez mais vermelha, enquanto Rafael gargalha mais.

— É um clássico das comédias adolescentes românticas – me defendo.

— Meu Deus, é tão a sua cara! – Ele ainda está rindo, fazendo lágrimas escorrerem por seu rosto, e eu tenho vontade de socá-lo. – Estou assustado por não ter previsto isso.

— Vá se ferrar – resmungo.

Saio da trilha e entro na clareira. Então, paro, porque o lugar é tão bonito que, por um instante, não consigo respirar. O sol, quase se pondo, passa por entre as únicas três árvores do lugar de mata baixa, e eu pisco atordoada para a beleza que o laranja, o verde e o marrom causam na minha visão.

Não sei se Rafael está rindo. Não consigo escutar nada. Sou abraçada por um silêncio tão profundo que nada parece soar na frequência sonora que meus ouvidos compreendem. Caminho até a beirada da clareira e, então, consigo ver quase toda Ponte Belo abaixo de mim, de um jeito que nunca havia visto.

É tão lindo que meus olhos enchem de lágrimas antes que consiga me conter.

— Como... como você achou esse lugar? – sussurro.

— Minha mãe me trouxe aqui quando fui liberado do hospital. Foi o primeiro lugar que visitei depois de receber alta – ele diz, quase tão baixo quanto eu. – É meu lugar preferido no mundo.

Eu giro para encará-lo. O sol está se pondo atrás dele, o que faz seus cabelos castanhos ficarem quase loiros. As olheiras ficam mais profundas, mas, em contrapartida, consigo enxergar todos os pontos verdes perdidos nos seus olhos.

Ele está tão bonito.

Eu quero beijá-lo.

[27] DEBAIXO DAS ESTRELAS

Nunca senti vontade de beijar ninguém.

Todas as vezes que beijei fui pega de surpresa pelo garoto. É sempre uma experiência constrangedora.

Nos livros e filmes românticos, quando a mocinha é beijada (ou beija, tanto faz) tudo some da mente dela, o redor fica mudo e, frequentemente, seu pé se levanta naquela cena clássica que faz o telespectador suspirar. Eu suspiro sempre por essas cenas, mas nunca fui atingida por algo tão forte.

Até esse momento.

Não consigo ouvir nada no lugar em que estamos – a clareira parece nos proteger de qualquer barulho e até os pássaros que sobrevoam parecem estar numa frequência diferente. Sinto o frio da barriga se alastrar pelo meu corpo, muito parecido com a sensação que tenho vendo meus personagens preferidos se beijarem pela primeira vez. Então, quando tomo consciência disso, sinto pânico.

E faço a primeira coisa que me vem à mente para afastar todos aqueles sentimentos incompreensíveis para mim: pego meu celular para tirar uma foto, para ver a experiência sob um ângulo protegido.

— O que você está fazendo? – pergunta para mim, com uma cara confusa.

É essa expressão que meu celular registra.

— Uma foto.

— Não! – Corre até onde estou, mas já escondi o celular atrás de mim. – Não te trouxe no meu lugar preferido para tirar fotos. – Segura minha cintura.

— Só tirei uma. – Sorrio. – De você.

Rafael abre a boca, mas nenhum som sai da sua garganta. Ele me gira no ar, ao invés disso, e eu grito, quase deixando o celular cair da minha mão.

— Rafael!

— Você tirou uma foto minha sem permissão. Agora você me deve algo em troca – diz, quando me coloca no chão.

— Isso é ridículo. – Empurro o peito dele.

— Eu não estou te pedindo. Assim como você não perguntou sobre a foto.

— Se eu perguntasse, perderia a graça porque você faria outra pose. E era sua pose que tinha graça.

— Certo. Vou colocar “palhaço” na sua lista de críticas sobre mim.

— Eu nunca disse isso.

Ele sorri e nós ficamos parados no meio da clareira. Suas mãos ainda estão na minha cintura e, embora uma minha esteja mantendo seu peito um pouco afastado, enquanto a outra esconde o celular as minhas costas, sei que estamos muito próximos. Posso sentir o hálito de menta, seu cheiro cítrico e, por um instante, sinto medo porque estamos num lugar afastado, silencioso e Rafael pode fazer o que quiser comigo.

— O que você está pensando? – Ele deixa os cílios longos caírem, abaixando o olhar para me encarar.

— Clareiras me lembram Crepúsculo, quando Edward leva a Bella e revela seu segredo.

— Então, seja gentil e me tire uma dúvida – ele quase sussurra, tirando um fio de cabelo da minha bochecha. Sua mão está gelada e me arrepio no mesmo instante. – Sou assustador quanto Edward quis que Bella o visse... ou sou o príncipe encantador que Bella enxergou no vampiro?

— Sendo sincera?

— Sempre seja sincera.

— Acho que um pouco dos dois.

Rafael arqueia só a sobrancelha direita, de um jeito que ensaiei várias vezes na frente do espelho sem muito sucesso.

— Você é assustador. Mas também sabe ser encantador, o que também é assustador.

— Do que exatamente você tem medo?

Nós nos olhamos por alguns minutos. Não consigo pensar em nada para falar e Rafael não desvia o olhar. Ele me olha como se eu fosse uma disciplina difícil de ser compreendida, mas que o faz manter um certo interesse. É o olhar que dou para meu tema de pesquisa. Me sinto lisonjeada pela atenção, mas isso faz meu coração bater mais rápido e minhas mãos acumularem suor.

— Só estou pedindo para me ajudar a entender você.

— Eu não sou tão difícil.

Ele dá um sorriso, fechando os olhos.

— Tudo bem – suspiro. – Eu sou. Mas não é culpa sua. Eu é que sou... – Ele me olha de novo, e seus olhos estão tão intensos que todos os pontos verdes sumiram da sua íris. – Sabia que há verde no seu castanho?

— O quê?

— Essa frase ficou estranha? – Franzo meu cenho, tentando me afastar. Sei que, se eu der pelo menos um passo para trás, conseguirei pensar melhor. Mas Rafael mantém sua mão na minha cintura, me prendendo no seu abraço. – Seus olhos. Tem pontos verdes. Mas eles só aparecem quando você está... feliz. Ou se divertindo de verdade, acho.

Ele dá um sorriso e desvia o olhar pela primeira vez, olhando para bem longe de onde estou. Suas mãos se afrouxam e ele me solta, ainda que não se mova. Eu não me movo também.

— O que foi? Falei alguma coisa errada?

— Não. – Volta a me olhar. – Só estou pensando... acho que você é garota mais incrível que já conheci. É uma pena que você não acredita em mim.

— Não é pessoal.

Ele sorri.

— Outro dia você me perguntou se sei dançar. – diz e faz uma mesura que me fez franzir meu cenho. – Então, pensei em te provar.

— O quê?! Sem música?

— Muito A Nova Cinderela? – provoca. – Por favor. Deixe eu ao menos tentar conquistar você.

Eu quase grito “o quê” outra vez, mas engulo as palavras antes que saem. Rafael ainda está na sua pose de convite, com um olhar tão vulnerável que é impossível que eu não segure sua mão.

— Por favor, tente não pisar no meu pé – provoco.

— Eu ia dizer isso para você.

Não há música. Uma banda não aparece do meio do nada para tocar para nós. Mas Rafael não precisa disso. Ele é um dançarino tão bom que, mesmo sem melodia, seu ritmo é perfeito. Sou guiada com tanta facilidade que mal sinto a grama abaixo dos meus pés.

— Onde você...? – pergunto, quando ele gira mais uma vez.

— Ser príncipe em baile de debutantes dava um bom dinheiro.

— Você tá brincando!

— Não. – Ele me puxa e seu corpo se gruda ao meu sem que Rafael perca o ritmo do passe. Não faço ideia de como ele consegue ter um *timing* de música tão bom. – As garotas faziam fila para contratar eu ou Caio para as festas. Pedro não, ele é...

— Bentinho demais? – completo.

— É uma boa referência, embora torça para que ele seja menos marido-obsessivo com delírios paranoicos. – Sorri. – Mas, sim, ele recusou todos os convites.

— Príncipe de Debutante. Você deve ter adorado.

— Eu gostava do dinheiro. Ajudava na conta para o mochilão que queria fazer. Não tinha dons de professor como Pedro para me dedicar a aulas particulares, então resolvi apostar na minha beleza, charme e meu sobrenome poderoso.

— Pobres debutantes...

— Na verdade, era um inferno. Tinham garotas que realmente me atacavam.

— E você era tão indefeso, né?

— Estou contente por você ter falado uma verdade sobre mim, para variar.

— Babaca.

Rafael ri e me gira uma última vez, me puxando num movimento só para seu peito.

— Você não dança tão mal.

— Babaca – repito, mas ele ainda está sorrindo, então dou um soco no peito dele.

— Isso me fez lembrar... eu não me lembro da sua festa de debutante.

— Você não estava lá.

— Ora, eu ia a todas as festas de debutantes da cidade.

— Rafael, tenho vinte e um anos. Você estava velho demais para ser o

príncipe da minha festa.

— Sua irmã?

— Não tivemos festas de debutante. Dinheiro gasto à toa.

— Deixa eu adivinhar... Disney?

— Minha irmã. Ela foi primeiro, que sorte a minha. Então, pude ser mais original.

— Original tipo Londres?

— Urgh! Você é insuportável!

Ele ri.

— Aposto que tem foto sua ao lado dos guardas reais. E na roda-gigante.

— Na roda-gigante com certeza. Com os guardas, nunca vou assumir. E você? Vai dizer que não passou por Londres no seu mochilão?

— Passei. Mas o foco da viagem foi a Europa Oriental. Estávamos com um doutorando em História, você acha que iríamos ignorar a parte mais histórica daquele lugar?

— Por essa eu não esperava.

— Você nunca espera o melhor de mim. – Ele bate com o indicador no meu nariz.

— Mas, então, não tem muito tempo que você foi, não é? Você ainda estava com Ariela?

Me arrependo de citá-la assim que vejo a expressão que Rafael faz. Ele se afasta, um mínimo passo, mas o suficiente para deixar claro sua reação.

— A gente já não estava nos melhores dias... e não ficou melhor quando voltei. Ela nunca concordou com a aventura. Dizia que eu estava velho

demais para isso, que precisava... amadurecer.

— Bom, acho que sua ex era meio idiota.

Ele me olha, franzindo o cenho.

— Você nunca fala mal dela, então me dei o direito de falar.

— Não consigo falar mal. Devo muita coisa a ela. E a amei. Não consigo ignorar tudo o que vivemos.

— Não acho que você deva ignorar. Na verdade, acho sua atitude de nunca criticá-la muito nobre. Os homens não costumam fazer isso.

— É uma pena que a nobreza nunca funcione como atrativo para homens na vida real.

— Não entendi.

— Deixa para lá. – Ele me dá um sorriso forçado. – Acho melhor a gente ir, porque está ficando escuro e não quero que pensem que te sequestrei.

— A gente deveria ter vindo mais cedo – digo.

— Você pode vir quantas vezes quiser.

— Ah, não. Acho que ia ser estranho vir sozinha. É seu lugar preferido.

— Não sou proprietário do lugar.

— Ora, há meia hora você estava gritando que não podia tirar fotos do seu lugar.

— Você é tão chata! Por que eu gosto de você?

— Achei que você tinha dito que eu era incrível...

Ele ri, levantando as mãos, como se estivesse se rendendo. E eu percebo que estou rindo também.

— Certo. Então, nós podemos voltar aqui, qualquer dia desses.

— Eu iria adorar.

Rafael me olha. A clareira está quase totalmente escura e quase não consigo enxergá-lo além da penumbra de sua sombra. Ele estica o braço e segura a minha mão, entrelaçando nossos dedos. Fico olhando para aquele gesto, sem coragem de levantar o rosto para encará-lo, por mais que sei que ele não conseguirá enxergar meus olhos e vislumbrar o que estou pensando.

Falando sério, nem eu consigo compreender o que estou pensando.

— Vamos. Conheço esse caminho de cor e consigo andar no escuro, então vai ser melhor se você me der as mãos até o final.

— Tudo bem.

É estranho como parece que esse passeio mudou tudo dentro de mim. Não sou mais a garota resistente à Rafael. Sempre vou ter essa barreira me separando do contato com o outro, mas alguma coisa saiu do lugar. Uma fresta, talvez. A pedra romântica que me cerca deve ter cedido. Consigo ver que Rafael está se espreitando por essa falha, sem forçar.

E o amo por isso.

Tropeço numa pedra ao perceber: eu amo Rafael. Amo o modo como ele encara a vida e como sempre tem um comentário espirituoso para dar, mesmo quando é uma crítica a si mesmo. Amo que ele trata com tão pouco caso as críticas que recebe. E o jeito com que sempre olha nos olhos das pessoas. Amo como é um bom amigo e como adora filmes, por pior que sejam. E amo como ele olha para mim.

— Ei – ele fala, quando o agarro pelo peito. – Tudo bem?

— Tinha uma pedra no meio do caminho... – recito, e ele ri.

— Bendito Drummond.

Nós atravessamos a trilha quase em silêncio. Rafael não titubeia em

nenhum momento, o que mostra que ele não brincou quando disse que conhecia o caminho de olhos fechados. A experiência é bem próxima disso, porque não consigo enxergar nada e, não fosse sua mão, que aperto vez ou outra de maneira mais forte quando tropeço, sei que estaria desesperada e querendo chorar.

Mas também amo como Rafael me dá paz, por mais conflituoso que seja o sentimento que tenho por ele.

— Posso te perguntar uma coisa? – digo, quando a trilha se abre e sei que estamos quase no fim.

— Você sempre pode.

— Você trouxe... outra pessoa aqui?

— Você quer saber se eu trouxe Ariela?

— Desculpe. – Sinto minhas bochechas esquentarem e agradeço por estar escuro demais para ele ver. – Não é da minha conta.

— Nunca trouxe ninguém aqui. E não acho que Ariela viria. Ela odiava mato.

Agora estamos fora da trilha e está claro o suficiente para enxergar os olhos dele.

— E... por que você me trouxe?

— Não sei. – Solta minha mão e destrava o carro. – Você é a garota mais incrível que conheço. Achei lógico te levar no lugar mais incrível que conheço.

Ele fala isso como se declarasse que o sol vai nascer amanhã ou que o céu acima de nós tem estrela. Não sei se é a frase que ele diz ou a simplicidade com que declara. Talvez seja a soma de tudo isso, junto com o lugar lindo que conheci e a dança sem música mais ritmada que já tive na vida. Mas, seja o que for, a minha reação seguinte é tudo o que as pessoas nunca esperam de mim.

Jogo meus braços ao redor do pescoço dele e o abraço, bem debaixo das estrelas.

[28] ENTRE UNICÓRNIOS E CAFÉS

— Eu preciso de ajuda – declaro, empurrando a porta do Mundo da Lua até o limite, no sábado seguinte.

— A julgar por você estar de pijama na rua – Vênus responde, levantando os olhos do seu livro no balcão –, posso presumir que sim.

— Você sempre está de pijama na rua!

— Mas eu sou eu e você é você. E além disso... seu pijama é horrível.

— Você só está dizendo isso porque ele é rosa.

— Porque ele é rosa e tem unicórnios. – Ela volta sua atenção para o livro, grifando alguma coisa com um marca-texto verde.

— Ei! – Luana aparece, saindo da cozinha do café. – Bom dia. Você está de pijama?

— Ela precisa de ajuda.

— Por causa do pijama? – Lua pisca confusa de mim para Vênus.

— Ignora. – Mexo a mão.

— Isso, me ignore. Eu tenho que aprender essa matéria e só um milagre para isso acontecer... quanto mais ignorada, mais consigo estudar. Eu acho.

— Espera! Você tá estudando num sábado?!

— Parece que não é só você que precisa de ajuda. – Lua sorri. – E adorei seu pijama. Mas por que saiu na rua com ele?

— Dia de faxina em casa. Todas as roupas estão na máquina. Precisávamos de café, então, vim. – Sorrio.

— Justo. Mas qual é o incêndio?

— Eu meio que descobri que... amo Rafael.

— Ah! Finalmente!

— Você não tem o menor direito de falar “finalmente” sobre relacionamentos amorosos. – Vênus para de olhar o livro e encara sua patroa.
– Você e Caio levaram dez anos para assumir a porra que sentiam.

— Em minha defesa, a culpa da demora foi dele.

— Talvez não tivesse demorado tanto se você tivesse contado o que sentia.

— Minha Nossa Senhora, vou fazer um café para você, para acalmar seu ódio gratuito.

— É sábado, não são nem dez horas e tenho que aprender a porcaria dessa matéria de comportamental, que é ridícula, só para começar o assunto. Quem, raios, estuda pra treinar ratos? Ratos, puta que me pariu? Depois digo pro Pedro que todos os cientistas são doidos... ele acha ruim.

— Deve ser porque ele se autodenomina cientista.

— E você tem alguma dúvida de que meu namorado é pirado, Juliana? – Cerra os olhos para mim. – Desembucha logo como você chegou nessa sua sábia conclusão antes que eu arrastasse sua cara no asfalto quente até você entender. E, olha, foi por pouco.

— Bom, hm, nós saímos domingo. Você sabe. – Aponto e ela dá de ombros. – E não me contou onde ele iria me levar.

— Sei que as pessoas acham que não, mas sei guardar segredos.

— Eu não estava sabendo de nada! – Lua reclama. – Que filho da mãe. Não acredito que ele contou pra você e não me contou, se sou amiga dele há vinte anos!

— É que eu sou incrível e ninguém resiste a mim.

— Traduzindo, ela o torturou falando na cabeça dele até ele se dar por

vencido e contar – digo.

— Faz sentido – Lua assente, com expressão séria.

— Eu disse que era incrível, não que era justa. Ele a levou na clareira.

— O lugar preferido dele no mundo todo? Uau!

— E você não me contou nada. Você é a filha da mãe aqui! – Vênus aponta para mim.

— Estava tentando... compreender. Mas não consegui. Então, preciso de ajuda. E por isso estou aqui.

— De pijama – diz Lua.

— De pijama de unicórnio – completa Vênus.

— Podemos esquecer minha escolha de roupa?

— Jamais vou esquecer esse seu pijama horroroso. Inclusive, vou tirar uma foto. Precisarei dela quando for contar isso para nossos futuros filhos. – Pega o celular. – Vocês dois não ficaram falando de livros, não é?

— De filmes, na verdade.

— É difícil entender vocês.

— Vocês se beijaram? – Lua é mais direta.

— Não. E por isso preciso de ajuda.

— Por que você não o beijou?

— Porque eu quero beijá-lo. – Franzo o cenho.

— Acho que não entendi.

Abro a boca para explicar, mas as palavras dançam na minha mente e não

consigo cuspi-las.

— Juliana não gosta muito de beijos – Vênus conta.

— Não? – Lua me olha.

— Na verdade... – Vênus continua. – Juliana não gosta de muito... contato. Físico. De qualquer tipo. Desde beijo até aquela foda de manhã que nós amamos.

— Vênus! – Lua cora. – Você às vezes é tão inconveniente.

— Dãr. – Revira os olhos. – Mas isso é... confuso. Eu achei que você nunca sentia vontade de beijar ninguém que exista além das páginas de livros.

— Eu não sei o que fazer – suspiro, batendo minha cabeça no balcão.

— Tente apenas não causar uma concussão no meu café. Muita burocracia.

— Você tá engraçadinha hoje, hein? O que te deu? – Vênus olha para Lua.
– Já sei! Sexo matinal. Acertei?

— Cale a boca.

O que, claro, faz Vênus dar um sorriso enorme.

— Vamos focar no problema de Juliana.

— É muito simples. Se você está com vontade, beije a boca do Rafael. Não sei por que você sofre tanto em relação a isso.

— Eu já expliquei – resmungo.

— Estou perdendo alguma coisa?

— Juliana acha que é uma garota cinza, sabe? Uma garota que não sente desejo sexual e não quer nada disso para si. Do tipo que prefere café a sexo matinal.

— Eu não acho – digo. – Eu realmente não tenho desejo.

— E a vontade de beijar Rafael é...

— Não sei. As coisas não são lógicas assim, Vênus! Não quer dizer que eu nunca tenha vontade de fazer essas coisas... talvez eu tenha. Nunca tinha acontecido de verdade. Quer dizer, eu adoraria namorar Luís...

— Ai, por favor, podemos manter esse nome longe da conversa?

— E eu gosto da ideia de viver um romance – continuo. – Vocês me conhecem. Eu gosto do amor. Quero viver o amor. Mas eu não quero... amar.

— Eu te entendo. Amar é uma bosta, às vezes.

— Você não está ajudando.

— Eu nunca fui uma boa conselheira.

— Você faz Psicologia! – me exaspero.

— Justamente porque não sou boa conselheira, dãr.

— Esse diálogo não faz o menor sentido – Lua diz.

— Nada faz sentido desde que minha melhor amiga cruzou essa porta vestida com um pijama de unicórnio.

— O que eu faço? – digo, sentindo a exasperação aumentar.

— Hm, eu voto por... falar com ele sobre seus sentimentos. O que você acha? – Lua encara Vênus.

— Escute a voz da experiência. As coisas teriam sido muito mais rápidas entre ela e Caio se ela tivesse seguido esse conselho sábio que, pisme, eu que dei. Talvez eu seja uma boa conselheira, no fim das contas...

— Vênus! – chamo sua atenção.

— Certo, tudo bem. — Lua mexe as mãos. — De que você tem medo, afinal? Rafael é um cara bacana. Ele não... sei lá, zombaria de você por qualquer que fosse o motivo.

— Ele ria de algumas coisas, na verdade — Vênus diz.

— Mas não das sérias. — Lua aponta e ela assente. — Você o conhece há quase dois anos, ele nunca forçou nada, vocês conversam, se dão bem, conseguiram achar coisas que gostam em comum...

— Mas... ele vai querer coisas. Coisas que não estou pronta para dar.

— Esse é seu código para falar sexo? — Vênus olha confusa para mim.

— Vamos ser sinceras? Quer dizer, ele é homem. Está beirando os trinta. Já namorou antes. Ele deve gostar de sexo.

— De novo: a gente tem mesmo que presumir que todos os homens gostam de sexo só porque são homens? Eu gosto muito de sexo e não sou homem.

— Bem, era isso que você me dizia desde que perdeu sua virgindade?

— Ah, por favor! Achei que nós tínhamos concluído que eu era idiota nessa época e nada do que eu fiz ou disse deveria ser levado a sério nessa vida? Vamos lá! Lua! Você o conhece por vinte anos, desde que ele saiu do hospital e conseguiu ter uma vida normal. Você está apta para falar se ele gosta de sexo ou não.

— Ele nunca falou muito sobre sua vida pessoal. E só lembro do Rafa com uma garota na adolescência, que o traiu depois de uns dois meses, e depois com Ariela.

— Falando francamente... Ju, você não está com medo de se envolver com alguém que possa querer mais do que você está disposta a doar. Não é o sexo em si que te apavora. Se fosse, você já teria conversado com ele. Você está com medo de se envolver. E ponto.

Abro a boca para responder, mas não tenho palavras. Vênus dá um sorriso vitorioso.

— E daí se ele gostar de sexo, também? Isso impediria um relacionamento?

— Acho que é mais difícil quando os dois não gostam o mesmo tanto – Lua reflete. – Mas o Rafa... eu não sei. Ele é diferente. Não o vejo forçando ninguém a fazer nada, menos ainda mulher. É um cavalheiro à moda antiga, eu acho. Não sei como ele cresceu desse jeito, com a família complicada que tem...

— Complicada sou eu. A família dele é escrota.

— Tânia é uma pessoa excelente.

— Tânia? – Cerro os olhos para Lua.

— A mãe do Rafael.

Ah, minha nossa.

De repente, o olhar e o sorriso da mulher no corredor do hospital ganham minha mente e percebo de onde conhecia. Meu peito se aperta e sinto que vou cair, então seguro com força o balcão.

— Puta merda, é por isso as olheiras e as noites sem dormir e os problemas de verdade...

— Quê? – Vênus parece confusa.

— Tânia. A mulher do hospital. Lembra? Que eu te falei? Que estava morrendo e falou dos filhos? Que estava lendo Emma? E que Daniel parecia conhecer bem? Do sorriso que me lembrava alguém? É a mãe do Rafael! A mãe do Rafael está morrendo!

O queixo de Luana cai, mas Vênus arqueia a sobrancelha para mim.

— É por isso que você tem ido na minha casa às quintas, porque Pedro fica com Tânia! Por que você não contou?

— Rafael não quis contar.

— Por quê?

— Não sei. Talvez pelo mesmo motivo que você não queira contar a ele que não gosta de sexo?

Estou confusa demais para responder.

— É delicado, Ju – Lua diz, com voz doce. – A mãe dele é a única pessoa daquela casa que o ama. E ele... ele está um pouco perdido com tudo. Está se fazendo de forte e fingindo que não está mal. E estamos todos... fingindo que não vemos isso. Mas ele não consegue falar com ninguém.

— Ele falou com vocês!

— É diferente. Ele contou assim que soube o diagnóstico, dois anos atrás. Vocês nem se conheciam. E depois disso nunca mais tocou no assunto.

— E como você soube? – Cerro os olhos para Vênus.

— Não sei, Ju, ele estava bêbado, nós dois estávamos falando sobre perdas, então ele me perguntou da minha mãe e minha irmã. Não acho que você tenha que ficar chateada por isso.

— Achei que era... amiga dele.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Você não entende.

— Não! Você não entende! Você é a própria cópia do seu romance histórico preferido.

— Do que você está falando?

— Da Lizzie Bennet. De Orgulho e Preconceito. Você é sua protagonista preferida. Você pode ficar feliz por isso, mas eu só sinto vontade de te bater.

— Bom, se te serve de consolo, é o que tenho vontade de fazer com você também.

— Ei! – Lua diz, alheia a pequena briga que Vênus e eu travamos com o olhar. – Orgulho e Preconceito não foi o primeiro livro mandado pelo admirador?

— Aham. E o que tem a ver?

Meu celular toca antes de Luana responder.

— Merda. Preciso de cafés. Expressos duplos e um cappuccino, para levar.

— Sério – Vênus fala, voltando a abrir o livro. – Tente não pressionar Rafael com esse assunto. Você nunca perdeu ninguém. Nunca vai compreender a dor que ele está sentindo.

— Eu só queria que ele tivesse me contado...

Eu poderia não criticá-lo tanto, se soubesse. Poderia ter dado mais abraços e sido uma melhor amiga. Se ele tivesse deixado.

[29] BRIGA DE IRMÃOS

Dançar com Luís nunca mais será a mesma coisa depois de Rafael.

Luís e eu estamos num assoalho reto e há música, mas nenhum dos dois está no mesmo ritmo e os passos parecem cada vez mais duros, o que, com certeza, é o oposto do que deveria acontecer quando se ensaia muito.

Quando você cresce fã de literatura de época, esse é um grande sinal. Quer dizer, toda vez que uma das personagens está em dúvida sobre uma decisão em relação a um pretendente, ela parece decidir após uma dança pelo salão. Homens que dançam mal? Não. Homens que dançam bem, mas não causam a sensação de deslizamento encantado na mocinha? Com certeza, não. E homens que pisam no pé estavam expulsos para sempre de qualquer chance de matrimônio.

No século dezenove, era algo a ser levado em conta em qualquer tipo de relação – a maior parte dos eventos sociais ocorriam num salão de festas e uma boa dama da sociedade precisava de um bom cavalheiro como par. Era assim que casais se conheciam e podiam trocar algumas palavras e, francamente, quando você não podia ter a privacidade de um encontro a dois, qual seria a coisa mais importante para uma garota querendo casar, além de uma música e uma boa valsa?

Mas, hoje, longe da aristocracia, quando eventos sociais servem apenas para beber toda a cerveja disponível, saber dançar é a última coisa que interessa. E, por isso, eu não deveria me importar.

O problema é que, como ridícula e patética que sou, me importo.

— Juliana! – berra Luís, me fazendo dar um pulo. – Você está pensando em arrancar meu pé?

— Desculpa.

— Você deve ter puxado os genes dançantes de seu pai – fala Eliana, saindo da cozinha, com uma xícara de porcelana na mão. – Acabei de fazer café.

— Eu não bebo café – Luís resmunga. – E como pode saber disso? Sou fruto de inseminação.

— E quem disse que fiz café pensando em você? – Ela me sorri. – Você quer, Ju? Parece que vai levar um tempo até que meu filho pare de resmungar.

— Ela pisou forte!

— Você estava no passo errado – Eliana retruca.

— Você é minha mãe! Você tem que ficar ao meu lado!

— Só quando você está certo. – Ela me entrega a xícara de café e volta para a cozinha.

Luís continua resmungando, agora não só de dor, mas como a vida é injusta. Tenho vontade de falar que, por acaso, é mesmo, já que é final de sábado, eu passei metade do dia faxinando meu quarto e o quarto da minha irmã (que é muito mais bagunçado que o meu) e agora estou aqui, ensaiando passos de dança com ele, tentando não revirar os olhos de impaciência, em vez de estar na minha cama, descansando e lendo um bom romance clichê para me fazer suspirar de amor.

Decido que é melhor beber o café, para ocupar minha boca.

Mas o gosto que sinto é de tudo, menos de café.

Tento engolir e sinto meus olhos encherem de lágrimas porque a bebida está mesmo quente. E horrível. Meu estômago embrulha e aperto a xícara com força, tentando me recuperar. Mas, antes que isso aconteça, Eliana volta com sua xícara. Forço um sorriso.

— Você já escolheu seu vestido? – me pergunta.

— Na verdade não.

— Bom, se você quiser... Luís e eu vamos ver algumas roupas essa semana. Quer dizer, a festa é daqui quinze dias, e me dei conta de que deixei

tudo para a última hora. Mas como vou mandar minha costureira fazer... só quero dar uma checada nos modelos para não pedir nada ultrapassado.

— Minha mãe e eu vamos para BH sábado que vem. Vamos visitar a Júlia e aproveitar para comprar lá.

— Uma opção muito sensata. Bem, vou deixar vocês sozinhos e voltar a trabalhar. Tente não arrancar os pés da sua parceira de dança, Luís.

— Mas ela está pisando no meu pé! – ele rebate.

— Eu já pedi desculpa.

— Olha – Luís fala, cruzando os braços, quando a mãe dele some do nosso campo de visão. – Eu sei que isso é uma chatice, mas uma das coisas que me fez chamar você para ser minha convidada foi achar que você sabia dançar e não arrancaria meu pé.

Eu poderia dizer que ele está sendo injusto – Luís pisa no meu pé com mais frequência do que eu no dele. Ele também está sendo um pouco grosso e dramático, porque quem o ouve acha que arranquei sua perna sem anestesia. Quer dizer, pelo amor de Deus, eu não peso nem sessenta quilos! Ele não pode mesmo sentir tanta dor, não é?

Mas Luís sempre teve uma veia dramática intensa, e falar disso não ajudaria.

Por isso, para evitar conflitos desnecessários, decido apenas dar de ombros.

— Tudo bem. – Caminho até a cozinha e apresso o passo quando o vejo me seguir. Não quero que ele me veja jogando o café da sua mãe no ralo. – O dia foi bem cansativo para mim. Fui acordada às oito da manhã para faxinar, minhas pernas estão doendo, estou exausta e, com certeza, isso está me fazendo pisar no seu pé mais vezes do que você no meu. Vamos parar por hoje.

— Mas a festa é daqui quinze dias e eu continuo horrível! Precisamos ensaiar! Mais!

Três exclamações seguidas, a situação está mesmo crítica.

— Posso voltar amanhã. O que você acha?

Luís me olha, piscando os olhos com força. Ele parece ainda mais garoto com aquela expressão. Tenho certeza de que é a mesma expressão que ele faz numa prova e que em outro dia me deixaria encantada, mas agora só tenho vontade de revirar os olhos e dizer: é só uma dança, não o cálculo para a cura do câncer!

E, por isso, penso em Rafael.

— Tudo bem. Vou tentar fazer meus trabalhos hoje e aí amanhã a gente ensaia. Desculpa estar... estressado. Você sabe como eu odeio interações sociais e tenho medo de...

— Passar vergonha – completo e sorrio. – Tá tudo bem. Vou estar mais atenta amanhã, prometo.

Ele respira aliviado e eu me esforço para não revirar os olhos, mas, quando saio da casa de Luís, solto alguns resmungos para mim mesma. Onde eu estava com a cabeça para aceitar aquela loucura? Eu também não era nenhuma Johnny feminina estrelando meu próprio Dirting Dancing. E, também, francamente, não seria ele o meu Johnny.

Estou virando a rua quando avisto Rafael, do outro lado. Ele está com os cabelos espetados, como se tivesse passado a mão e esfregado várias vezes. Suas bochechas estão rosadas e parece tentar não gritar com a pessoa que está ao lado. Sigo seu olhar e encaro seu irmão.

Conheço Renato só de vista, da época que ele e Luana namoraram, antes da história dela com Caio sair do “somos apenas amigos” para o “somos o amor da vida do outro e não podemos passar dois minutos sem nos beijar”. As opiniões sobre ele nunca pareceram boas – metido, arrogante, um pouco machista e insuportável, era o que Pedro, Caio, Vênus e, principalmente, Rafael sempre dizem. Luana não. Luana é a garota que nunca diz nada de ruim sobre alguém.

Então, como nunca vi os dois irmãos juntos, levo aquele leve susto quando encontramos familiares e nos damos conta do quanto são parecidos. Rafael é mais alto e menos moreno – seu cabelo é, pelo menos, um tom mais claro que o do irmão. Mas eles têm o mesmo formato de rosto, o mesmo corte de cabelo e a mesma postura quando estão irritados.

— Você precisa pensar nisso! – A voz de Renato é bem mais grossa que a de Rafael.

— Você é inacreditável! – é a resposta exasperada dele.

Irmãos brigam. Não importa que digam que alguns se dão muito bem ou como insistem que sejamos sempre amigos deles, porque dividimos o mesmo sangue e a mesma criação, a maior parte dos irmãos se desentende – e não é pouco. Sei disso porque Júlia e eu tivemos nossa cota de perda de paciência uma com a outra. Claro que nunca chegou a ponto de gritarmos na rua, para qualquer passante de cidade pequena observar e falar disso pelo resto do ano... Mas viver em paz com aquele que divide a atenção de nossos pais nunca é uma tarefa fácil.

Fico dividida entre ir até lá e tirá-lo daquela situação, antes que toda a cidade fique sabendo o que está acontecendo com os irmãos Albuquerque, ou fingir que não vi nada e continuar meu caminho. Por alguma razão, é uma decisão difícil. Por isso, fico parada na esquina sem conseguir me mover.

— A gente precisa entrar num acordo agora, Rafael. Vai ser muito mais difícil depois.

Rafael fecha a mão e é essa reação que me faz ir até eles.

Essa já é uma cena e tanta. Não precisa ser coroada por uma briga que chegue a via dos fatos.

— Ei! – falo, quando vejo o braço de Rafael se movimentar para dar um soco no irmão.

Ele para com a mão no ar e olha para mim. E várias coisas acontecem ao mesmo tempo.

Primeiro, Rafael arqueia a sobrancelha e pisca, um pouco assustado. Então, abaixa a mão e força um sorriso, que fica parecendo com o sorriso do Coringa – o do Ledger, não o do Leto. Aí Renato escolhe essa hora para fazer um comentário que soa machista, embora eu não compreenda bem, já que estou prestando atenção em Rafael. Acho que é sobre mim. Mas, antes que eu olhe para Renato, Rafael fecha a mão de novo e, dessa vez, tenho certeza de que a briga é inevitável.

— Rafael! – chamam. E, dessa vez, não sou eu.

Eu me viro, ainda perto do meio-fio, e dou de cara com uma mulher alta, morena, de cabelos cacheados e cheios, na altura do ombro. Ela tem olhos quase pretos e deve ser a pessoa mais bonita que já vi.

Rafael deixa o braço se abaixar, como se pesasse duas toneladas.

Os dois se encaram num silêncio tamanho que nenhum carro se atreve a cruzar a rua naqueles instantes.

Então, Renato diz:

— Ariela! – Passa pelo irmão e a abraça.

Um caminhão buzina, me fazendo dar um pulo para a calçada. Eu trombo em Rafael, mas ele não se mexe.

Quando o encaro, percebo que, na verdade, ele nem pisca.

E eu me sinto ridícula por ter tentado impedir essa briga.

[30] A GAROTA DA CAPITAL

Rafael e Ariela devem ter sido um casal e tanto.

Quer dizer, até o nome do *shipper* é tão bonitinho que podia ser um nome de pessoa: *rafaela*. Ou *ariel*. Não dá para não gostar deles como casal.

É isso que estou pensando quando deveria me perguntar como vim parar na mesma mesa com Rafael, Ariela e Renato, depois dos dois irmãos quase terem saído no soco duas vezes no meio da rua e a ex-namorada (que está para casar e não mora mais em Ponte Belo) apareceu para impedir. Esse é o exato momento que eu deveria me perguntar: o que estou fazendo com minha vida? Ao invés disso, estou observando Ariela e pensando que ela e o cara que estou apaixonada combinam de um jeito que chega a doer.

Quer dizer, os dois são bonitos, os dois fazem piadas engraçadas, os dois têm quase a mesma altura, os dois até pedem o mesmo sabor de sorvete! É como William Bonner e Fátima Bernardes, ou Brad Pitt e Angelina Jolie – a gente até aceita que há outras pessoas pós-separação, mas sempre vai parecer que o par ideal foi deixado para trás porque eles combinavam *tanto*.

E, para piorar tudo – como se toda a beleza de Ariela não fosse o bastante e ela tivesse o tipo de cabelo que eu adoraria ter – a mulher ainda tem um sotaque nordestino. Como eu posso odiá-la por ter feito Rafael sofrer?

— Caramba! – ela diz, daquele jeito cantado e bonito que só nordestinos são capazes de fazer. – Isso aqui não mudou nada.

— Estamos em Ponte Belo, Ari – Renato responde. – O progresso nunca cruza a placa de bem-vindo.

Acho que é uma piada. Ariela ri, mas Rafael está com uma expressão impenetrável e não consigo parar de olhá-lo para tentar compreender. E, quando ele me olha, eu encaro Ariela, para conseguir entender alguma coisa.

Quando você é uma garota interiorana, do tipo que nasceu e cresceu na mesma cidade, as garotas das capitais são quase um extraterrestre que você admira muito, mas morre de medo. Garotas das capitais são mais livres, mais

independentes, mais bem-resolvidas. Elas conseguem se virar porque aprendem, desde cedo, qual linha de ônibus pegar, em que estação parar e adquirem muita capacidade de sobrevivência por enfrentar metrô lotados nos fins de expediente.

Garotas do interior acham isso de outro mundo.

Falando sério, garotas do interior se arrumam para ver uma escada rolante no shopping, quando vão numa cidade grande pela primeira vez. E isso diz muito sobre nós. E também diz muito sobre garotas que vieram de uma capital.

Porque garotas como Ariela são como um animal exótico num zoológico. Você acha bonito, mas não se aproxima muito. Você quer odiar, mas só consegue amar, porque é tudo o que você sempre quis ser. E, mesmo quando você cresce e compreende que nunca será como uma garota que cresceu numa cidade com mais de 400 mil habitantes, ainda assim você sempre vai admirar.

E Ariela é, definitivamente, uma garota da capital.

Ela é segura, charmosa, elegante e bonita como só uma garota da capital parece para uma garota que nunca morou em nenhum lugar além da sua cidade com 98 mil habitantes, cuja maior distração é uma sorveteria com sorvetes caseiros e uma cafeteria que não pertence a uma grande franquia mundial e onde a proprietária recebe todos os clientes, mesmo na pior hora do dia, com um sorriso e um bom-dia.

— Juliana, não é? — Ela me olha, com seus olhos grandes e escuros. — Como você sobrevive nessa cidade?

— Eu gosto daqui — respondo, cutucando meu sorvete de uva. — E faço faculdade.

— De quê?

— História.

Ela arqueia a sobrancelha e balança a cabeça, como se fosse assentir, mas tivesse desistido. Então, olha para Rafael, que está ao meu lado e parece uma estátua.

— Como vocês foram se conhecer?

— Ele é o melhor amigo do namorado da minha melhor amiga – explico, já que parece que Rafael não vai abrir a boca nunca.

Ela me olha de novo.

— Não me diga que Caio achou alguém que o aguenta!

— Hm, sim, ele achou. Mas não é dele que estava falando. Estava falando de Pedro.

— Ah, sério? Existe uma santa que aguenta o jeito arrogante e sabe-tudo de Pedro?

Decido que é uma boa hora para enfiar uma grande colher de sorvete na boca.

— Meu pai falou que você viria – Renato diz e eu quase agradeço por ele desviar o foco da atenção. – Mas não achei que era verdade e tão imediato. Quer dizer, você não tem um casamento para ajeitar?

— Ah, sim, mas Rogério é um cara incrível e disse que tomaria conta enquanto eu estivesse fora. Vocês iriam adorá-lo.

— Bom, ele te convenceu a se casar. Deve ser mesmo um bom cara.

E a partir daí Ariela começa a falar de seu noivo, de como o conheceu, de como o odiou no primeiro momento, mas depois foi conquistada, e como eles são um casal incrível e ele é um cara incrível e ela quer passar o resto da sua vida incrível ao lado do cara incrível. Bem na frente do seu ex-namorado, que parece um morto-vivo e não abre a boca para nada, nem para comer seu sorvete de manga com maracujá que está derretendo no pote verde que ele pegou.

Nem Vênus Maia seria capaz de tamanha indelicadeza!

E é aí que finalmente me pergunto como vim parar no meio de tudo isso.

Quer dizer, num momento eu estava irritada com Luís e seu estresse por uma coisa tão boba quanto uns passos de dança e, no outro, estava na sorveteria, com Rafael e a ex-namorada contando sobre como seu futuro marido era maravilhoso para o irmão que Rafael odeia.

— Desculpe – Rafael fala depois de quase sete minutos (eu contei, enquanto focava minha atenção no relógio grande da parede a minha frente) de um quase monólogo superanimado de Ariela. – Mas você ainda não contou o que está fazendo na cidade que odeia.

— A mesma coisa que você? – Ela o encara e há um leve divertimento no olhar.

Os dois se olham e é constrangedor porque dá para sentir a tensão entre eles. Eu desvio o olhar, me sentindo uma intrusa por observar aquela cena.

Primeiros amores costumam ser inesquecíveis e todo mundo que acompanha literatura clichê, com a certeza de um final feliz, sabe. Não é necessário ser um gênio para entender que Ariela foi o primeiro amor de Rafael. E esse tipo de sentimento não pode apenas ser enterrado e esquecido no fundo da mente. Deixa rastros importantes que moldam como você vai agir em todos os outros relacionamentos posteriores. Você até pode dizer que não te afetou tanto, quando se mantém longe do causador das primeiras batidas rápidas de seu coração. Mas, quando voltar a olhar para aquilo que dividiu suas primeiras tentativas de fazer alguma coisa dar mais certo do que uma noite, tudo o que viveram volta de uma vez só na sua mente.

Há confusão, raiva, arrependimento, culpa e, muitas vezes, vontade de tentar de novo para fazer dar certo, para recuperar aquele tipo de amor puro, quase ideal, que você só é capaz de sentir no primeiro amor.

E esse tipo de coisa não é algo que dê para ignorar.

— Não me diga que você passou no mestrado, também?

— Já passei do mestrado há anos, Rafa. — Ela ri, e ele se mexe ao meu lado. Sinto um aperto no coração ao ouvi-la dizer o apelido que usei, dias atrás. E lembro de como Rafael ficou feliz por eu ter dito, já que havia muito tempo que o chamavam assim. Claro que não chamavam. A última pessoa foi Ariela. — Agora estou ofendida! Achei que você, ao menos, acompanhou as poucas notícias que divulgo na rede social.

— Não tenho rede social. E, quando tinha, não tinha tempo para vigiar a sua.

— Ia ser meio psicopata, se vigiasse — me escuto dizer. E três pares de olhos me encaram. — Eu acharia.

Ariela sorri, Renato arqueia a sobancelha e Rafael faz as duas coisas.

— Desculpe. Não estou aqui.

Rafael pisca para mim, dando-me um sorriso torto.

— Achei que devia vir. Eu teria vindo antes, se tivessem me contado. Mas...

— Ela vai adorar te ver — Renato interrompe. — Nos últimos dias, ela tem falado muito de você. Não é, Rafael?

O barulho que sai da garganta de Rafael é quase um grunhido, embora não consiga compreender bem.

Então, faço a única coisa que posso fazer naquela situação.

Eu seguro a mão dele por baixo da mesa.

Se eu estivesse em seu lugar, gostaria que alguém fizesse algo parecido. Claro que meu encontro com meu primeiro amor é menos dramático — provavelmente porque meu primeiro amor só me deu a lembrança de um beijo e não quatro anos sonhando juntos. E, afinal, meu primeiro amor é Luís — um garoto previsível e comedido, não alguém tão bonito, elegante e sorridente como Ariela.

Rafael demora um segundo para reagir.

Mas, então, sua mão aperta a minha, de um modo carinhoso, mas não tão forte para parecer desesperado. Minha ideia original era apenas apertar por um momento e soltar, só para dizer que estou aqui (e só Deus sabia porque estou!), mas ele mantém meus dedos seguros entre os seus, sobre sua coxa. E eu deixo. Porque esse é um contato que já não me faz mal.

E porque não acho que conseguiria me separar, gostando tanto dessa sensação.

— Ela vai ficar feliz – responde, por fim. – Principalmente, se você comprou lenços para ela.

— Ver tia Tânia sem levar um lenço para o cabelo? Nunca cometeria esse pecado.

Os dois sorriem um para o outro.

Me pergunto no que Rafael está pensando. Nos bons momentos? Nos primeiros meses de namoro quando tudo parece perfeito e você tem certeza de que encontrou a pessoa ideal? Ou na parte que adquirem uma rotina e conforto de estarem juntos, podendo ser o que são, em vez de desempenharem um papel mais descolado e divertido? Ele está pensando nas brigas e de como ela ficava insuportável na TPM? Ou no sexo e de como a atração física era intensa e inevitável? Talvez ele só esteja pensando em como ela foi embora e como ele ficou mal e como ainda a ama e ele deveria fazer alguma coisa, enquanto ela não dissesse SIM em frente a um padre, como sequestrá-la, agora que ela está aqui e...

Céus! Eu preciso parar de ler histórias dramáticas e clichês!

— Esse ainda é o melhor lugar de Ponte Belo? – ela volta a falar.

— Se você não gosta de café... – respondo.

— Com certeza, é o melhor lugar – Renato fala, com certa rispidez.

Encaro-o, arqueando a sobrancelha, porque, afinal, a dona do Café é ex

dele.

— E, por falar em café, como anda sua amiga?

O jeito com que ela fala parece casual, como qualquer pessoa perguntaria depois de ficar muito tempo fora. Mas o que há no olhar dela... Ariela não é boa em esconder seus sentimentos. E isso faz com que eu a ache ainda mais admirável. O que é patético, mas não tem como evitar.

Sou, definitivamente, uma garota interiorana.

— Vejamos... – Rafael diz, cutucando seu sorvete, que agora é apenas um líquido pastoso no fundo do pote. – Ela abriu uma filial em São Paulo, continua usando suas sapatilhas coloridas e faixa vermelha no cabelo, teve um leve problema de cabeça um tempo atrás...

— Como assim?

— Ela namorou meu irmão. – Ele sorri. Ariela também sorri. Renato não parece achar graça. – Mas se recuperou rápido e agora está praticamente casada com Caio, embora nunca vá admitir isso.

— Com Caio?! – Ariela quase pula da cadeira. – Ela trocou Renato por Caio? Uau! Talvez ainda esteja com problemas de cabeça.

— Obrigado – Renato parece satisfeito.

— Temos que concordar que os dois são babacas. Mas ainda acho que a troca foi melhor.

— Eu estou aqui, Rafael.

— Eu sei. – Ele sorri para o irmão, deixando claro toda a animosidade entre os dois. – Essa é a parte engraçada de falar isso, se você não entendeu.

— Certo. Tudo bem. Para mim já deu. Estou indo para casa, você quer ir comigo, Ariela?

— Claro! Preciso mesmo de alguém para me levar, porque acho que não

lembro direito o caminho. Me perdi duas vezes desde que saí da rodoviária.

— É impossível se perder em Ponte Belo – retruca Rafael.

— Ora, como se pudéssemos esquecer minha dificuldade com geografia, não é?

Ariela e Rafael trocam aquele tipo de olhar de quem compartilham lembranças de quatro anos juntos, que nunca serão apagadas, não importe quanto tempo passe.

Tento puxar a mão debaixo da mesa, mas Rafael a segura com mais força, embora continue encarando a ex-namorada.

— Você não vem? – Ela se levanta.

— Vou ficar mais um tempo aqui.

— Ainda te vejo, antes de ir embora?

— Essa cidade é do tamanho de uma noz, Ariela. Você só não me veria se eu me escondesse no meu apartamento. E você não vale tudo isso. – Ele sorri.

— Fico contente que não valho. – Ela se inclina e o beija no rosto, então se vira para mim. – Foi um prazer. – E me beija no rosto também.

Ariela tem cheiro de perfume caro de mulher bem-sucedida. E anda como uma mulher bem-sucedida. E mesmo depois que ela se vai, seu cheiro permanece por mais alguns minutos, e eu continuo impactada por toda aquela beleza.

— Sua ex é uma mulher e tanto – digo, depois de um tempo em silêncio.

— É. Ela sabe como causar uma boa impressão – Rafael responde, em tom vago. – Sorvete de uva, hein?

— Pareço mais criança do que já sou. – Brinco com o líquido que sobrou do sorvete no fundo da minha vasilha colorida.

— Eu gosto.

— De crianças? – Arqueio a sobancelha para ele.

— De você.

E agora somos nós que trocamos aquele tipo de olhar carregado de significados.

Só que, diferente do que aconteceu entre ele e Ariela, esses significados não consigo decifrar.

— Como você está? – pergunto, por fim.

— Você quer saber como estou depois de ver minha ex-namorada, ainda mais bonita do que a última vez que a vi, na minha cidade, vindo visitar minha mãe, que não para de falar dela há, pelo menos, dois meses, e ser revisitado por todos os sentimentos que por muito tempo só Ariela foi capaz de causar em mim? Vou sobreviver.

— Estou falando sério.

— Eu também. Ariela sempre vai ser uma parte importante da minha vida. Mas acabou. E, se não se importa, gostaria de pegar outro sabor de sorvete. De uva, dessa vez. Você me faz companhia?

Rafael mantém uma expressão de quem não está falando nada demais. Sendo racional, não está mesmo. É só um sabor de sorvete. Meu preferido, mas, ainda assim, só um sabor de sorvete.

— E então?

— Eu jamais seria capaz de recusar. Ao sorvete de uva, quero dizer.

— É disso que nós estamos falando, não é?

Sim, repito para mim mesma. É disso, sim. Então, por que meu coração bate descompensado, como se tivesse alguma coisa por trás.

[31] MR. DARCY

Não falo sobre a mãe de Rafael para ele, embora diga isso várias vezes na minha mente. Ao invés disso, conversamos sobre qualquer coisa que não envolva sua família, Ariela e as duas coisas interagindo entre si. Rafael me fala sobre seu mestrado e como, mesmo mal tendo começado, já se arrependeu de ter tido essa brilhante ideia. Ele diz que não leva jeito para pesquisa. Eu digo que está sendo idiota – é claro que é inteligente e capaz, então ele me dá um sorriso e nós ficamos naquele silêncio constrangedor quando o assunto acaba, mas você não quer parar de falar.

Nos filmes, o silêncio é um precioso momento entre um casal. É onde o telespectador pensa: é agora. É agora que ela vai contar, ele vai sorrir e os dois se beijarão ao som de uma música adocicada. Mas, quando isso acontece com você, não é tão legal.

Quer dizer, eu não vou contar nada para Rafael. Ele também não parece que vai falar sobre os problemas que estão fazendo suas olheiras ficarem cada vez mais escuras. E, definitivamente, não vamos nos beijar. Não num lugar público em que podemos ser vistos por tantas pessoas. E, provavelmente, não em outro lugar, porque a probabilidade de Rafael querer algo assim, de mim, depois de ter namorado uma garota linda e elegante como Ariela, beira a...

— Uma em nove mil – ele fala, dando um sorriso, enquanto andamos pela calçada torta de Ponte Belo, e eu quase tropeço.

— O quê?

— A probabilidade de se morrer de acidente de avião é de uma em nove mil. – Ele me olha. – Era disso que estávamos falando, certo?

Eu rio, um pouco desnorteada e muito envergonhada de ter pensado que ele estava lendo minha mente. Rafael arqueia a sobrancelha para mim.

— Desculpe. Acho que me perdi nos meus pensamentos.

— Seus pensamentos devem ser muito mais interessantes do que as minhas reclamações sobre o mestrado.

Como não posso falar que ele é o motivo da minha distração, faço a pergunta mais óbvia:

— Mas como chegamos nesse assunto?

— Você me perguntou sobre como está sendo me dividir em dois lugares e se não tenho medo das viagens de carro... Então, você disse que tinha medo de viajar de avião. E eu estava te dizendo que morrer de avião é uma chance em nove mil. É menor do que encontrar a pessoa ideal num bar.

— Como você sabe disso?

— Um professor inglês fez esse cálculo uma vez. Ele chegou à conclusão de que a chance de encontrar uma garota ideal no bar de Londres era de uma em mil. Mas a probabilidade diminuiu bastante quando calculou quantas seriam atraentes.

Franzo o cenho.

— O que foi?

— Não sabia que você gostava de probabilidade.

— Eu sou engenheiro. Boa parte do meu trabalho é tentar calcular quais as chances de uma estrutura desmoronar e como diminuir até beirar o zero. O resto é consequência.

— E você acredita? – pergunto, e ele me encara. – Na pessoa ideal?

— Você fala A pessoa ideal?

— É, tipo alma gêmea.

— Alma gêmea não. Eu não gosto muito dessa ideia platônica de que somos metade de laranja esperando a outra metade para sermos completos e felizes.

— Você não acredita em amor platônico, então?

— Você fala... um amor que não precisa de ato sexual? – Me encara. – Se eu disser que sim, você vai acreditar?

— Você acabou de dizer que não acredita em metade das laranjas.

— Ninguém precisa encontrar ninguém para ser feliz.

— Mas alguém consegue ser feliz sozinho?

— O mundo tem sete bilhões de pessoas, Jubsjubs. – Ele sorri. – Eu acho que estaríamos sendo muito arrogantes se pensássemos que são todas parecidas.

Nós caminhamos por um tempo em silêncio e eu mantenho meu olhar no fim da rua. Rafael também não olha para mim. É quando estamos próximos do Mundo da Lua que ele volta a falar:

— Sim.

— O quê?

— Eu acredito que exista a pessoa ideal. Mas nem sempre temos sorte de encontrá-la.

— Você acha que já a encontrou?

— Acho que sim.

— E a perdeu? – Encaro-o.

— A gente só perde aquilo que tem posse. E pessoas não são coisas para termos posse.

— Você entendeu. – Solto um grunhido e ele ri. – O que foi?

— Você fica uma graça quando grunhe assim.

— Idiota.

— Tudo bem. Mas só para deixar claro, a pessoa ideal não é Ariela.

— Aposto que você achou que era, quando estavam juntos.

Ele não responde de imediato e uma ruga se forma entre as sobrancelhas. Gosto disso nele. Gosto como ele sempre pensa para responder, qualquer que seja meu questionamento.

— Não sei se achei, na verdade. Ela foi meu primeiro amor. Quis que as coisas dessem certo. Mas, se analisar friamente, fico assustado de termos durado quatro anos.

— Ah, fala sério! Vocês até gostam do mesmo sabor de sorvete! – digo e ele me olha arqueando só a sobrancelha direita. – Vocês deviam ser um casal e tanto.

— Fomos uma boa dupla. Mas isso não quer dizer que fomos um bom casal.

Parece confuso.

— Ariela é agitada demais, muito mais dinâmica do que acho saudável – explica. – Era bom no começo, porque me motivou a fazer várias coisas que não teria feito na faculdade. E isso ajudou meu currículo. Estaria sendo hipócrita se não desse crédito a ela por ter conseguido um cargo tão bom, antes mesmo de me formar. Mas a longo prazo... ela ia me enlouquecer.

— Talvez a sua garota ideal não seja da capital, então.

— Tenho certeza de que não. – Ele pisca para mim.

Eu sorrio, sentindo o coração disparar.

— E você? Acredita na pessoa ideal?

— Não sei, na verdade. Sou romântica. E acredito no amor. Mas acho arriscado dizer que há A Pessoa Ideal, com letra maiúscula e artigo definido, para cada pessoa, sabe? Porque, bem, acho que seria bem triste ter uma pessoa ideal para mim e ela morar no Congo. Não por causa do Congo. Mas

porque, provavelmente, nunca irei ao Congo. Então, qual o sentido de ter uma pessoa ideal se nunca vamos nos ver?

— É por isso que ela é ideal, não é? Depois que a gente conhece, é possível que os defeitos a deixem real demais.

Cruzo os braços no mesmo momento que um vento mais frio e forte corta meu rosto. A noite está caindo, o que significa que a temperatura também despenca, e os ventos ficam piores. Meu cabelo já está balançando no ar e sinto os pelos dos meus braços se arrepiarem com o clima noturno ponte-belense.

O que Rafael diz faz sentido. Principalmente para mim, que gosto de manter todas as minhas paixões no plano de “nunca acontecerá” para preservar essa capa de idealização que me protege dos relacionamentos. No plano ideal, a minha pessoa não vai me pressionar para fazer o sexo ideal, o que a fará concluir que sou sua pessoa ideal também.

— Então, podemos dizer que a pessoa ideal não existe.

— Você complica demais. – Ele balança a cabeça, me fazendo olhá-lo. O vento de Ponte Belo também bagunça seu cabelo, deixando seus fios espetados. – Estamos pensando num plano ideal, Jubsjubs, e na nossa cabeça tudo é possível.

— Você não faz sentido.

— Porque não sou o que você idealizou de mim?

— Você nem sabe o que eu idealizei de você! – bufo.

— Ah, por favor, como se fosse algum segredo. Você me acha um cara bonito demais para não ter me aproveitado disso conquistando muitas garotas indefesas, e aqui vamos dar muita ênfase no *muitas garotas*. Eu sou o perfeito estereótipo de engenheiro, que escuta sertanejo universitário, só pensa em cerveja e sexo fácil. E eu não me espantaria se você achasse que, já que moro sozinho, meu apartamento é um motel sempre disponível para levar minha secretária siliconada para minha cama, para fazermos hora-extra pelados.

Eu bufo, empinando o queixo.

— Estou errado?

— Só acho difícil assimilar que um cara como você seja romântico e acredite numa pessoa ideal. É algum tipo de crime?

— Não. Mas preconceito é algo bem errado e eu achei que você teria aprendido isso, já que seu livro preferido é sobre o assunto. — Franzo o cenho para ele. — Lizzie Bennet — provoca, sorrindo.

— Você conhece Jane Austen?

Rafael levanta as duas mãos, revirando os olhos, mas ainda sorrindo, o que o faz ficar com uma expressão divertida e muito fofa. Tenho vontade de dar um soco no peito dele, e depois abraçá-lo, então socá-lo mais uma vez, porque é isso que esse tipo de expressão sempre causa em mim.

— Jane Austen é a autora preferida da minha mãe, Juliana.

— Não fale nesse tom, foi você que disse na nossa primeira conversa que odiava ler.

— Não ser um leitor voraz não me faz um ignorante.

Dou uma risada e paramos em frente à minha casa.

— É uma pretensão sem tamanho você se achar Mr. Darcy.

— Mr. Darcy é mesmo prepotente. Pelo menos temos essa característica em comum. — Dá de ombros.

Reviro os olhos para ele e ele revira os olhos para mim. O vento está tão forte agora que todo meu cabelo parece estar na frente do meu rosto, o que é ótimo, porque consigo olhá-lo sem que ele perceba a intensidade, mas é péssimo porque, toda hora, o cabelo bate no meu olho e causa irritação.

Sinto os dedos de Rafael tocarem meu rosto e afastar os fios, mantendo as mechas longe da minha pele. Agora posso olhá-lo sem nenhuma cortina me

protegendo. Ele está muito próximo de mim e minhas mãos acumulam suor quando o vejo abaixar o olhar para me encarar.

— Só queria te agradecer por hoje. De novo. A impressão que tenho é que estou sempre te agradecendo, o que é meio patético – ele tagarela. – Mas obrigado por me ter impedido de bater no meu irmão no meio da rua.

— Tecnicamente, quem impediu foi Ariela.

Ele solta um barulho próximo de uma risada e morde a parte interior do canto da boca. Nunca reparei nessa mania dele, que o deixa com cara de garoto travesso, como se ele fosse muito mais novo.

É horrível estar apaixonada, porque a gente não enxerga defeito nenhum.

— E obrigado por segurar minha mão.

— Achei que estava sendo difícil encarar sua ex tão de perto, sendo ela tão bonita como é.

— Foi mais fácil do que achei que seria.

— É possível que ela tenha vindo tentar te reconquistar? Vocês realmente dão um casal bonito.

— Não somos o tipo de pessoa que voltamos atrás numa decisão. Ela veio visitar minha mãe.

— Ela está doente.

Rafael arqueia a sobrancelha direita para mim.

— Eu a encontrei outro dia no hospital. Quer dizer, não soube que era sua mãe. Mas depois... uni alguns pontos e percebi que a impressão que tinha tido de já tê-la visto não era só impressão. Vocês dois são bem parecidos. Sabe? Têm os mesmos olhos e o jeito de sorrir. – E agora sou eu que estou tagarelado.

— Eu devia ter imaginado.

— O quê?

— Você é a Emma. – Eu pisco, atordoada. Ele sorri. – Fui buscar minha mãe no Hospital aquele dia, porque meu pai estava muito ocupado e Renato... sei lá o que Renato estava fazendo. Quando perguntei como tinha ido, disse que tinha conhecido Emma. Era o livro que ela estava lendo no dia, não era?

Franzo o cenho.

— Ela disse que encontrou uma menina de cabelos alaranjados muito bonita e inteligente, que a tinha feito rir. Mas não conseguia lembrar seu nome, porque o tratamento tem esse tipo de efeito colateral, então lhe deu o nome de Emma.

— Certo, ela me achou mimada, intrometida e superficial?

— Emma é o romance preferido da minha mãe. E eu devia ter imaginado que era você, afinal, quantas garotas inteligentes de cabelo laranja há nessa cidade?

Balanço a cabeça, sem conseguir falar.

— Precisamos resolver essa questão. Você não pode ser Emma, porque já é uma personagem de Jane Austen.

— Rafael – interrompo.

Ele sorri para mim, deslizando seu dedo pela minha bochecha, enquanto me olha de um jeito tão intenso que chega a doer. E é isso que meu peito faz, no segundo anterior ao que ele diz, me dando seu sorriso mais bonito:

— Então, Juliana, por acaso você aceitaria... visitar minha mãe?

[32] GRIFINÓRIA, SIM

No domingo, Vênus e Lua decidem fazer uma maratona de filmes do Harry Potter e Rafael empresta sua casa – é ele quem tem a TV maior do grupo. Infelizmente, já havia combinado de ensaiar valsa com Luís e não posso pegar a maratona do começo, mas prometo aparecer assim que cansar de dançar. E é por isso que estou caminhando emburrada até a casa do meu amigo, vestida com a camisa da Grifinória, naquela tarde quente.

— Ah, não. Grifinória, não – Luís diz, assim que abre a porta e me encara.

— É a melhor casa.

— É a melhor casa porque a J.K. queria que a gente acreditasse nisso. Mas na análise fria dos fatos é a pior.

— Que casa seria melhor que Grifinória? – Cruzo os braços.

— Corvinal – responde, enquanto entro na sala.

— E o que é que Corvinal tem, afinal?

— Inteligência e Luna Lovegood.

— Embora Luna Lovegood seja uma personagem maravilhosa, o resto da casa é figurante. Quer dizer, os lufanos ainda ganharam um filme, mas quem é Corvinal na fila do pão?

— Não acho que você seja Grifinória. – Luís franze o cenho. – Você é tão...

Mas ele não termina. Ao invés disso, dá *play* na música que estamos usando para ensaiar. Eu deixo minha mochila sobre o sofá e não tenho tempo para muito mais, porque ele me segura pela cintura e tenta dançar sem ritmo algum. Tento guiar por alguns momentos, mas Luís também não deixa, se mantendo na posição de cavalheiro.

— Pelo menos eu posso dizer que nunca tive dúvidas de que você é

Corvinal – digo.

— As pessoas mais inteligentes são da casa mais inteligente.

— E do que isso adianta? Qual foi a última vez que sua casa ganhou uma Copa das Casas?

Eu não acredito que só agora estamos discutindo sobre casas de Hogwarts, com anos de amizade. E também não acredito que Luís tenha esse tipo de opinião preconceituosa. Primeiro ele defende o ator do maior vilão do mundo mágico e agora isso...

— Como se isso fosse mesmo importante, não é? Grifinória só ganhou tantas copas porque Dumbledore não podia ver alguém de vermelho que já dava pontos.

— Dumbledore só dava tantos pontos para a Grifinória porque Snape tirava tanto ou mais ponto injustamente.

— Snape era mesmo um babaca.

— Finalmente concordamos com algo.

— Mas isso não faz da Grifinória melhor casa. Talvez, só melhor que a Sonserina.

— Ah, fala com meu Torneio Tribuxo!

Luís ri, e percebo que estou rindo quando ele consegue me girar com perfeição e me puxar de volta para a dança, sem perder o ritmo.

Diferente de Rafael, que é muito mais alto do que eu, com Luís não preciso erguer meu rosto para fitar seus olhos escuros. Não há nenhum ponto claro na sua íris quase preta e percebo que estamos próximos demais.

— Onde está sua mãe? – pergunto.

— Trabalhando – sussurra.

— Num domingo?

— O capitalismo nunca para. – Ele deixa a insinuação de um sorriso ganhar sua boca.

Tropeço no meu próprio pé, atrapalhando a sintonia que demoramos a achar, o que me dá uma boa desculpa para afastar de seu corpo.

É estranho.

Durante boa parte da minha vida não tive sensação alguma quando um cara me abraçava ou tentava me beijar. Mesmo Luís, por quem achava que estava apaixonada antes do beijo, não havia desejo de ser tocada por ele. Quando estava à vontade com alguém, apenas sentia paz e conforto, sem precisar de nada físico para me manter ali.

Até Rafael.

Não é atração física. Também não é atração sexual. Eu continuo sem querer fazer sexo com ele e passo bem sem que ele me tocasse. Rafael não precisa me tocar para causar nada em mim. Às vezes, nem precisa olhar. Ele só precisa ser quem é para meu coração disparar, minha boca secar, minha mão transpirar e meu estômago ficar como se eu tivesse comido sete quilos de doce de leite em meia hora.

Mas, depois de toda a confusão que Rafael me causa, o que se torna realmente estranho é estar sendo abraçada por outro cara e não sentir nada – nem desespero de sair correndo.

— Você sabe... – ele diz, talvez porque eu tenha ficado bastante tempo em silêncio. – Às vezes me pego pensando no nosso primeiro beijo.

— Nós só nos beijamos uma vez.

— É verdade. – Ele dá um sorriso. – Eu te beijaria mais, se você não fosse Grifinória.

— Que casa você achou que eu fosse?

— Bom, não me leve a mal, é que você não é a pessoa mais corajosa que conheço.

Não sei se sinto assombro ou raiva pela explicação de Luís. É certo que, de um modo geral, não sou a pessoa mais corajosa de Ponte Belo. Com certeza não seria a primeira a pular de paraquedas, mas isso não quer dizer nada. Eu não sou covarde. Eu sou cautelosa. São coisas bem diferentes.

E daí que eu preferia avaliar todas as alternativas antes de fazer qualquer coisa?

Ninguém morre cedo sendo precavido.

E eu tenho muitos livros para ler, antes de morrer.

— Grifinória não é só coragem.

— Não. Assim como Corvinal não é só inteligência. Mas é assim que todos veem, não é?

— Não sei. Eu gosto de pensar nas casas de maneira diferente. Para mim, grifinórios são pessoas que morrem com os amigos, lufanos morrem pelos amigos, corvinais acham um jeito do amigo não morrer e os sonserinos matam, antes que seu amigo morra.

Luís franze o cenho e inclina a cabeça para o lado.

— Faz sentido. Mas sempre achei que você fosse mais o tipo que morresse pelos amigos.

— Eu sou do tipo que prefere lutar pelos meus amigos e, se eu morrer por isso, tudo bem. Mas não quer dizer que vá me colocar na linha de frente para morrer no lugar deles. Essa é a grande diferença.

— Talvez você tenha razão. Mas não acho que o Chapéu Seletor te colocaria na Grifinória.

— Bom, nunca saberemos, já que minha carta de Hogwarts foi interceptada por Voldemort antes de chegar. E, além disso, o Chapéu Seletor ouve o

pedido do aluno. E eu sempre vou gritar *Grifinória, sim*.

Luís ri.

— Agora só falta você me falar que é a artilheira do time de quadribol.

Eu piso no seu pé com força e ele dá um grito pulando e rindo ao mesmo tempo. Cruzo os braços e empino o queixo, ficando maior que ele.

— Você é mesmo uma gracinha – ele provoca.

E, antes que me dê conta, Luís me beija.

A primeira coisa que percebo é que, embora eu tenha beijado outras vezes, e aprendido a fechar os olhos, continuo com eles arregalados dessa vez, de modo que consigo notar a rachadura na parede e a teia de aranha na quina. A segunda coisa que percebo é que isso continua com saliva demais e é nojento.

Luís tenta enfiar a língua na minha boca e eu deixo, embora não tenha ideia do porquê. Ele faz movimentos estranhos e fecho os olhos com força, sentindo meu estômago embrulhar no mesmo momento que ele passa seus braços pela minha cintura e me puxa para perto.

Eu devia fazer alguma coisa, penso, enquanto ele me aperta contra seu corpo. Mas minha única reação é encarar a rachadura da parede.

Minha mente dá voltas enquanto permaneço no mesmo lugar. A gente não devia fazer isso. Beijar é nojento. Eu não quero a boca de Luís na minha. Eu nunca vou aprender a gostar desse tipo de contato físico. Vênus vai me matar. Alguém precisa olhar para cima quando for limpar essa sala, porque aquela teia de aranha está enorme. Meu Deus, isso não vai acabar *nunca*?

É quando sinto uma parte do corpo dele que não deveria sentir que tomo uma atitude.

Eu o empurro.

Luís arregala os olhos, caindo por sobre o sofá, antes de chegar ao chão.

— Caramba – começa, mas minha bolsa escorrega do sofá e o acerta, o livro dentro dela batendo no seu rosto antes de cair ao seu lado. – Au.

— Ah, minha nossa! Você está bem?

— Por que você está lendo isso?– resmunga, pegando O Diário da Princesa no chão.

Não que seja da conta dele, mas, porque estou culpada demais com toda essa cena, respondo:

— Eu recebi há alguns dias. Tem alguém que me envia essas edições de luxo para minha casa.

Luís olha para o livro como todos olharam Rony, quando ele erra a mágica no segundo ano e começa a vomitar lesma.

— Você está bem?

— Eu acho melhor você ir embora – diz com uma voz parece a de alguém que quase foi estrangulado.

— Hein? Mas acabei de chegar. E você precisa... ensaiar. Não precisa?

Luís se levanta, antes que eu tente ajudá-lo, numa agilidade que eu não sabia que era possível. Me abaixo para pegar o livro, mas quando encaro Luís, ele está com uma cara ainda mais estranha, os olhos fixos na capa dura na minha mão.

— Eu te mando uma mensagem depois para marcarmos outro dia.

— Você tem certeza? Eu não queria mesmo ter te machucado.

— Não machucou. – Levanta as mãos, dá as costas e caminha até a porta. – Até mais.

E como estou sendo praticamente expulsa da casa dele, a única coisa que me resta a fazer é pegar minha bolsa, abraçar meu livro e sair. Antes que eu peça desculpas, de novo, de modo patético, Luís bate a porta na minha cara,

me deixando com o queixo caído, olhando para a madeira a minha frente.

[33] O SEGREDO DE RAFAEL

— O Ministério caiu. Scrimgeour está morto. Eles estão vindo – gracinha Rafael assim que abre a porta.

Infelizmente meu estômago está tão enjoado que não consigo achar sequer fofo sua referência a Harry Potter. Eu levo a mão à boca.

— O banheiro.

Rafael arregala os olhos, me dá espaço e eu entro correndo. A sala está toda revirada, os sofás foram afastados, a televisão está ligada, embora não passe nada. Acho que tem gente conversando na cozinha, mas a única pessoa que vejo, sentada no chão da sala e que gira a cabeça para me encarar é Dafne, irmã caçula de Pedro. Ela diz oi, mas, antes de terminar a saudação, já sumi do seu campo de visão.

Empurro a porta do banheiro com força e consigo vomitar no vaso sanitário, uma sorte e tanto considerando a distância da casa de Luís até aqui e o comentário de Rafael que me confundiu por alguns segundos. Mas não tenho tanta sorte assim, porque ele aparece no banheiro, com o cenho franzido.

— Ah, por favor! – Solto um gemido. – Você não quer ver isso.

— Acho que está um pouco tarde. – Ele dá um sorriso e se agacha ao meu lado. – Me deixe segurar seu cabelo.

— Não preci... – Mas minha frase morre com outra crise de ansiedade e o líquido viscoso branco sai da minha boca. Eca.

— Eu te perguntei se precisa? – resmungo, segurando meus cabelos com as duas mãos.

— Diz que ninguém viu.

— Ninguém viu.

— Mentiroso. Dafne está na sala.

— Você me mandou dizer que ninguém viu. Não se mente para pessoas doentes.

— Não estou doente. – Eu vomito mais uma vez.

— Só estou torcendo para não ser contagioso.

— Sai daqui – solto um gemido.

Rafael ri, mas continua segurando meu cabelo. Eu tenho mais duas ânsias de vômito antes de acabar e, quando passa mais de dois minutos sem meu estômago enjoar, deixo meu corpo escorregar na esperança que o chão gelado me faça parar de suar tão frio. Mas Rafael segura minha cintura e me apoia em seu corpo, não me permitindo deitar.

— Por favor – suplico.

— Não.

— Mas está gelado e vai me fazer parar de transpirar.

— Não queremos você doente.

— Eu achei que já estava doente – resmungo.

Rafael ri baixinho e tira os fios de cabelo grudados no meu rosto que pinga suor. É nojento e eu deveria me levantar, lavar meu rosto e me esconder num buraco pelos próximos sete mil anos, até que ele esqueça essa cena. Mas, ao invés disso, meu corpo se aconchega melhor no peito dele e eu fecho os olhos.

— Tirando a Dafne, alguém viu?

— Tirando a Dafne e eu? – Brinca. – Não. Vênus e Pedro foram comprar mais cerveja. Lua foi fazer café e Caio foi fazer pipoca, embora, é claro, fosse só desculpa para os dois ficarem se pegando na minha cozinha.

— E você não impediu?

— Tenho um coração bom.

Eu dou uma risadinha fraca e Rafael aperta com carinho minha cintura.

— Desculpe.

— Você achou o banheiro antes de sujar minha casa, então tudo bem.

— Se eu não tivesse achado, você teria me expulsado para sempre?

— Qual a parte do “tenho um coração bom” você não compreendeu?

Eu abro os olhos e nós nos encaramos. Rafael está sorrindo para mim e, porque estou exausta, deixo meu rosto se enfiar entre seu pescoço e seu ombro. Ele não impede. Eu inspiro seu cheiro e fecho os olhos de novo.

— Você cheira tão bem – as palavras saem da minha boca antes que controle.

— Você está mesmo muito mal.

— Estou te elogiando e você continua rindo da minha cara – resmungo.

— Acho que vou rir da sua cara por muito tempo.

— Desculpe? – Volto a encará-lo. – Achei que você tivesse dito que tinha um coração bom.

Rafael dá de ombros e me ajuda a levantar. Ainda estou um pouco zonza e minhas pernas estão bambas, então tento me apoiar no lavatório antes de cair. Ele é mais rápido e me segura pela cintura de novo, firmando meu peso no seu.

— O que te fez passar tão mal? Comida estragada? – pergunta, molhando meu rosto com cuidado. Eu nego. – Você bebeu? Pior, você bebeu e não me chamou?

— Não. – Balanço a cabeça, fechando os olhos de novo. – Eu estava com Luís.

— Ele te rodou tanto que você ficou enjoada?

— Ele me beijou – respondo.

— Com licença, acho que quem vai vomitar agora sou eu – diz, se afastando de mim por alguns centímetros, mas eu me agarro na blusa dele e Rafael para. Aos poucos, sua expressão deixa de ser divertida e ele franze o cenho. – Juliana, ele te forçou?

Demoro um segundo a mais do que deveria para responder.

— Eu vou matar esse moleque! – rosna, virando-se para sair pelo banheiro.

Eu o puxo com mais força, a camisa chegando ao limite. Rafael para.

— Ele não me forçou – consigo dizer.

— Você precisa ser mais convincente.

Solto um suspiro longo, fechando os olhos. Meu corpo parece cair de novo, e, outra vez, Rafael me segura.

— Por acaso... você não tem uma escova de dentes sobrando para eu tirar esse gosto... argh, isso tá me deixando ainda mais enjoada.

— A sua sorte é que gosto muito de você – ele resmunga, abrindo a gaveta ao seu lado, tirando uma embalagem com três escovas. – E é melhor você me falar logo o que aconteceu se não quer que eu te deixe aqui escovando os dentes e vá bater naquele idiota até ele aprender a virar homem.

— Nós estávamos dançando. Finalmente encontramos o ritmo certo, achei que isso nunca aconteceria. Então, estávamos discutindo sobre as casas de Hogwarts. Ele não gosta muito da Grifinória.

— Que tipo de idiota não gosta da Grifinória?

Eu dou um sorriso enquanto ele coloca pasta de dente na escova e me entrega. Eu gasto os próximos minutos escovando até tirar todo o gosto azedo de vômito da minha boca. Rafael não se mexe ao meu lado, embora eu ficasse mais feliz se ele tivesse me dado um segundo de privacidade. Ao mesmo tempo, fico contente por ele permanecer, porque minhas pernas ainda estão bambas e tenho medo de desmaiar.

— Então, em algum momento, acho que ele sentiu que poderia me beijar – digo, quando acabo de escovar os dentes.

— E não poderia?

— Eu não sei. – Fecho os olhos, apoiando-me na bancada. – Luís foi meu primeiro amor. É difícil de explicar.

— Tente.

— Você não quer saber.

— Eu acabei de segurar seu cabelo enquanto você vomitava. Acho que, se tinha alguma dúvida de que somos íntimos, acabou de ir embora com a descarga do seu vômito.

— Você é nojento.

— Eu? – Ele franze o cenho, divertido.

— Tenho dificuldades com isso.

— Isso o quê?

— Relacionamentos.

— Todos temos.

— Você não está entendendo. Eu realmente tenho dificuldade. Não em relacionamentos, mas em me relacionar. Eu... não consigo ter muitos toques. E não gosto de beijar. E, eu sei, você vai dizer que provavelmente é porque ninguém me beijou do jeito certo, mas...

— Eu não ia dizer isso – me interrompe, cruzando os braços.

— Não? Porque a Vênus vive me dizendo isso...

— Não sei se você percebeu, Juliana... – Ele dá um meio sorriso. – Mas eu não sou a Vênus. Eu devo pesar pelo menos uns quinze quilos a mais.

— Mas... você é homem.

— É verdade. Fico contente que você tenha chegado a essa conclusão.

Ele está brincando, mas para mim não faz o menor sentido, então sou eu que estou franzindo o cenho para ele agora.

Rafael é o primeiro cara para quem eu conto. Porque passei boa parte das últimas semanas surtada por causa disso, porque estou apaixonada por ele, estou confusa. Eu esperava que ele risse de mim. Na melhor da hipótese, falaria que só não havia conhecido o cara certo, ou que eu não gostasse de homens; na pior, que eu sou anormal.

Mas Rafael continua parado ao meu lado, com os braços cruzados, a expressão séria, não se divertindo com meus sentimentos e minhas sensações que não condizem com a maior parte das garotas da minha idade.

E eu o amo por isso.

— Minha reação te decepcionou?

— Não. Eu só...

— Eu não sei por que ainda me espanto com todos os seus preconceitos sobre mim. – Ele dá de ombros. – Acho engraçado você ter uma ideia tão errada dos homens, porque seu pai parece um cara bem bacana.

— Ele é. Mas acho que essas coisas não são lógicas. E Ponte Belo está cheia de babacas. E acho que, na minha cabeça, homens sempre serão maníacos sexuais.

Ele ri.

— O que foi?

— Nada. – Balança a cabeça. – Só estava pensando na minha adolescência.

— Hm?

— Garotos são criados para serem pegadores. Ainda são, mesmo nos dias atuais, mas era pior quando eu era adolescente. Ou, ao menos, parecia pior porque era o tempo que estava vivendo. Então... garotos são incentivados a pegar o maior número possível de garotas na festa, gostem disso ou não. Fazem competições. Debocham de quem não consegue. Saem como o melhor da turma quando pegam mais do que os amigos.

— Enquanto garotas que fazem isso são vistas como vadias.

— É. Mas o ponto da minha lembrança não é esse. – Me encara. – Eu cresci com Pedro e Caio. Somos bem diferentes em vários pontos, ainda que gostemos das mesmas coisas. Mas, uma das coisas que somos mais diferentes, é como vemos os relacionamentos.

Arqueio a sobancelha.

— Não é segredo para ninguém que Caio provavelmente pegou toda a população feminina dessa cidade que era maior de idade e estava disponível, antes de ficar com Lua. E o Pedro... apesar de ter essa cara de quieto e tímido, não era bem assim quando mais novo. Mas eu... tive dificuldades.

— Isso é impossível.

— Sou bonito demais, não é? Eu sei. – Ele faz uma expressão que beira ao insuportável de arrogante. – Nunca me senti à vontade para ficar sem compromisso. E transar sem compromisso era um tormento. Então, por alguns anos, você pode imaginar, fui bastante zoadado pelos meus amigos por causa da minha resistência. Na verdade, meu pai me chamou de *viado* até eu levar Ariela para casa.

— Isso é... horrível.

— É. Foram tempos sombrios. – Pisca para mim, jogando outra referência

de Harry Potter. Eu dou um sorriso. – Mas eu tenho quase trinta anos, Jubs. Não me faz um Dumbledore da vida, mas, depois que se deixa a adolescência para trás, a gente percebe que masculinidade não está ligada a quantas garotas você leva para a cama. E que relacionamento bom não se faz à base de sexo.

— Diz isso pros seus amigos.

— Eles são insuportáveis, não são? Mas cada pessoa é uma pessoa e cada casal estabelece sua própria dinâmica, e ninguém tem nada a ver com isso.

— Parece fácil na teoria.

— As coisas sempre são mais fáceis na teoria. Mas a verdade é que, se o relacionamento fosse uma casa, a pilastra do sexo seria aquela que, se retirar, a casa ainda ficaria em pé, desde que a base e as outras pilastras tivessem sido solidificadas o suficiente.

— Acho que você tem mais experiência para falar disso do que eu. – Faço uma careta.

— Não muita. Eu também... – Ele fecha os olhos. – Ariela e eu não fazíamos muito sexo, se quer saber.

— Ela não gostava?

— Não. Nem sempre eu queria.

Acho que faço uma cara muito esquisita, porque ele dá um sorriso e sacode os ombros antes de continuar:

— Nem sempre estava a fim e com o passar do tempo parei de me forçar a estar a fim, só porque as pessoas esperam que, quando se é homem, tem que querer sempre.

— E ela aceitou?

— Ariela não é o tipo de pessoa que aceita qualquer coisa bem, se não foi ela quem propôs. E eu não vou negar, isso nos fez brigar diversas vezes. Ela gostava de sexo mais do que eu. Eu... eu gosto de conversar, discutir, rir, sair

para jantar... não sei. Há muitas possibilidades num relacionamento para resumir tudo em uma boa transa.

— Então... você retirou a pilastra do sexo do seu relacionamento e ele desmoronou?

— É. Por aí.

— E está me dizendo que relações sexuais não são importantes?

— Talvez seja para algumas pessoas. O que fez meu relacionamento com Ariela ruir não foi a falta de orgasmos, Juliana. Em um determinado momento, paramos de querer a mesma coisa. Ela parou de apoiar meus sonhos. Eu comecei a ficar entediado com os dela. A gente estava indo para a mesma direção, mas olhando para paisagens distintas. Talvez a falta de sexo tenha ajudado Ariela a decidir se mandar, mas o namoro já tinha acabado antes disso.

— Uau.

— A verdade é que a pessoa certa para você saberá entender suas dificuldades e não vai te pressionar, direta ou indiretamente, para você fazer o que ela quer. Ela vai esperar que você queira e não vai te cobrar por você não querer. Ela vai esperar por você. Porque você vale a pena, com ou sem beijo – ele diz e segura meu queixo. – Com ou sem sexo. E, se você estiver apaixonada por um cara que não sabe reconhecer ou lidar com isso, a única coisa que posso dizer é que não vale a pena esperar por ele.

Ele se inclina e dá um beijo na minha bochecha. Antes que responda, Rafael gira em seus calcanhares e se afasta de mim.

— É melhor eu ver se Lua e Caio não estão nus, já que Dafne tá por aqui. Presenciar vômito tudo bem, agora presenciar Pedro matando seu melhor amigo é demais para mim.

E, dizendo isso, Rafael sai, me deixando sozinha com meus próprios pensamentos.

[34] CARINHO DE MÃE

A casa de Rafael é muito mais imponente do que imaginei que seria.

Óbvio que sabia que seria uma grande casa, porque os Albuquerque são uma das famílias mais ricas da cidade e moram no bairro mais elitizado de Ponte Belo. Mas, como Rafael é uma pessoa bastante simples, não esperava algo tão grandioso.

— Eu sei – ele fala, vendo minha expressão. – É ridícula.

— Quantos carros cabem na garagem?

— Seis. Não me pergunte o porquê, se somos só quatro pessoas.

Dou uma risada nervosa e Rafael desliga a chave, sem parecer que vai sair do carro. Ele fica um tempo praticamente imóvel e eu paro de olhar para a fachada cor de gelo ao meu lado para encará-lo.

— Você está bem?

— Sempre preciso ficar um tempo aqui fora, para tomar coragem de entrar. Escuta... Acho que meu pai não vai estar em casa, mas nunca se sabe, então, se ele estiver... Finja que ele não existe.

— Acho que seria falta de educação. – Franzo o cenho.

— Provavelmente. Mas você não quer mesmo ser educada com aquele cara, vai por mim. Meu irmão, com certeza, vai estar. Mas com sorte não precisaremos dividir o mesmo cômodo. E quanto a minha mãe... sei que você a viu há algumas semanas no hospital..., mas...

Rafael não consegue terminar. Eu estico a mão e toco seu braço, quando ele desvia o olhar para sua casa.

— Era para ela estar no hospital, mas se recusou. Quer morrer em casa, com dignidade.

— Você não concorda?

— O que eu acho não vale muito agora. Ir ao hospital prolongaria um pouco sua vida, mas desejar isso, quando ela está sofrendo, é egoísta. É um dilema difícil.

Tenho vontade de dizer que ele é um filho incrível e que sua mãe deve ter muito orgulho, mas Rafael sai antes que eu consiga elaborar a frase e abre a porta do carro para mim.

Ele toca o interfone e nós dois ficamos em silêncio – Rafael batuca os dedos na própria calça jeans enquanto eu observo sua casa. É mesmo uma casa bonita. O muro é alto e cor de gelo, e o portão da garagem ocupa quase metade dele.

A porta enorme de vidro destrava e Rafael a empurra, me dando passagem. Há um pequeno corredor e outra porta, agora de madeira, também ocupando quase toda a parede. Ela se abre antes que Rafael feche a primeira. E eu paro no meio do pequeno corredor, olhando a pessoa que abriu.

Ele quase tromba em mim, sem ver que eu não andei.

— Ah! – ele diz. – Ariela. Achei que você já tinha ido.

— Hoje à noite.

Eu seguro com força minha mochila de gatinhos, me sentindo a maior caipira dessa cidade, de frente para a ex-namorada do cara que está atrás de mim, com um incrível vestido longo e florido.

— Tudo bem, Juliana? – Ela me dá um sorriso e aí me sinto patética por estar me sentindo intimidada por alguém que parece tão legal. Rafael coloca a mão na base da minha coluna. – Vocês não vão ficar parados aí, não é?

— Como minha mãe está? – Ele pergunta.

— Ela acordou bem. Teve uma crise de dor antes do almoço, mas já está sorrindo de novo – diz, dando espaço para nós dois entrarmos no hall de entrada da casa. Há quadros de todos os tipos e todos os móveis são escuros, contrastando com as paredes claras. – Adorei sua mochila – Ariela sussurra

para mim.

— Adorei seu vestido.

— Gosto dela – diz para Rafael.

— Eu também – responde.

E, então, ficamos naquele silêncio constrangedor, parados no meio da sala de entrada da casa de Rafael. Eu tento não olhar para todos os detalhes, mas é difícil porque é um lugar bem decorado e bonito. Há um pequeno sofá, ao lado da escada, uma mesa de vidro preta no outro canto, com arranjos de flores caros e bonitos e uma outra porta de madeira enorme entre os dois móveis. Mas é o lustre enorme, branco, com dezenas de lâmpadas, que me chama a atenção.

— Bom, é melhor vocês irem até tia Tânia, porque ela não para de falar dessa visita desde que Rafael falou disso. Ela está na biblioteca. Eu vou subir e terminar de arrumar minha mala.

— Obrigado. Renato ou meu pai estão?

— Renato está no quarto. Vou tentar impedir que ele desça. – Ela pisca para ele e eu desvio o olhar para a planta ao meu lado. – Seu pai foi trabalhar. A gente se vê. – E, dizendo isso, sobe correndo a escada.

— Você está bem? – Ele me encara.

— Vocês devem pagar uma fortuna de energia – digo. E sinto meu rosto corar por ser tão estúpida. Rafael ri. – Desculpa.

— Por ser sincera? Jamais. Você vai gostar da biblioteca.

Rafael tem razão.

A biblioteca é enorme, com prateleiras que vão quase até o teto, praticamente lotadas. Fico tão embasbacada com as estantes que demoro a enxergar Tânia, sentada no sofá de leitura no canto da sala. Ela está sorrindo para mim quando finalmente a vejo e Rafael está com sua típica expressão de

quando se diverte as minhas custa.

Tenho certeza de que estou tão vermelha que poderia pegar fogo a qualquer momento, mas engulo em seco e caminho com o pouco de dignidade que me resta até eles.

Tânia está com um vestido todo branco, que parece deixá-la ainda mais pálida, mas o lenço vermelho na sua cabeça é quase tão bonito quanto o que ela usava no Hospital.

— Eu trouxe um presente para a senhora – digo, abrindo minha mochila.

— Ah, não! – ela resmunga, e sua voz parece quase quebrada, ainda que esteja sorrindo. – Senhora, não. Eu mal completei cinquenta anos!

A idade dela me atravessa como um tiro e não consigo não me assustar com o fato de que ela está morrendo. Tento não olhar para Rafael, mas falho, e nossos olhos se encontram.

— Eu fui mãe muito cedo. Não faça isso com sua vida.

— Eu fui sua melhor realização – ele rebate, em tom ofendido.

Tânia olha para o filho e, mesmo a distância, consigo vislumbrar aquele brilho de orgulho único que só vem de alguém que te ama acima de qualquer coisa. Ela segura a mão dele, dando palmadinhas com a outra.

— Apenas não conte isso para o seu irmão.

— E perder a oportunidade de vê-lo fazer pirraça como uma criança de três anos? Isso não seria justo.

— Homens. Não importa a idade, sempre serão crianças – ela fala para mim. – Agora, aja como o cavaleiro que tentei fazer você ser e arrume uma cadeira confortável para sua garota sentar.

Rafael e eu nos encaramos de novo. Sinto minha garganta fechar e quase grito ao pensar no “sua garota”, mas ele dá de ombros e puxa uma poltrona para perto da mãe.

— Certo. Mas ela não é Emma.

— Claro que ela é Emma.

— Não. Se ela fosse uma personagem de Jane Austen ela seria Lizzie. E isso não tem a menor discussão.

— Desculpe – digo, o olhando com desprezo. – Será que eu poderia opinar?

Minha frase causa uma risada fraca em Tânia, que logo se transforma num engasgo e num murmúrio de dor. Rafael passa o braço pela cintura magra dela, beijando sua cabeça, e eu engulo em seco olhando para outro lugar, porque observar parece invasivo demais.

Aproveito para tirar o presente da minha mochila e, quando Tânia volta a respirar normalmente, entrego o embrulho simples, me sentindo patética por pensar em dar alguma coisa para uma mulher rica como essa.

— Obrigada. – Ela sorri. – Adoro presentes. Mas não precisava. Você disse a ela que não precisava? – Cerra os olhos para o filho.

— Eu não tinha ideia de que ela trazia algo.

Ficamos em silêncio enquanto Tânia abre o pacote. Seus dedos tremem algumas vezes e Rafael a ajuda no final, mas, quando ela retira o lenço branco e roxo de dentro da embalagem, seu rosto ganha um sorriso enorme.

— É lindo. – Ela pisca, e seus olhos estão marejados. – Obrigada. Você me ajuda? – Olha para o filho.

Rafael se levanta, tirando o lenço vermelho da cabeça da mãe. Tento não olhar porque, de novo, parece uma cena que não deveria participar. Enquanto ele arruma o novo lenço, Tânia me faz perguntas casuais, sobre meu curso, o que gosto de fazer, que tipo de livro mais leio. Quando ela descobre que sou amiga de Vênus, dá uma risada e pergunta a doidinha está. Passam alguns minutos até que Rafael termina e, quando declara isso, eu fico assustada com seu talento com lenços.

— Agora – diz Tânia –, o espelho.

Rafael lhe entrega e ela dá um sorriso, dizendo que esse, sem dúvida, é um de seus lenços preferidos. Quase esqueço que ela está tão doente, até que ela declara:

— Quero ser enterrada com ele.

— Mãe – a voz de Rafael sai como se tivesse sido esmagada por sete toneladas.

— Deus, eu não posso falar sobre como quero ser enterrada sem que vocês me olhem com essa cara de pena. Precisamos discutir isso, sim, Rafael, goste você ou não.

— Por quê?

— Porque quero ser enterrada do jeito que quiser – bufa, exasperada. – E eu conheço seu pai e seu irmão. Eles não vão permitir isso, se ninguém disser a eles como eu quero. E só você pode. Porque é o único que os faz parar. – Ela me olha. – Não conheço ninguém mais teimoso que ele.

— Mãe, por favor... – ele implora.

— Quero ser enterrada com esse lenço, vai combinar bastante com aquele meu vestido lilás. E, por favor, não esqueça da edição de Emma. Quero ser enterrada com ela.

— Mãe...

— Nos pés você pode colocar aquela sapatilha que seu pai me deu, no ano passado.

— Mãe!

— Por que vocês têm tanto tabu em relação a isso?

Acho que eles estão prontos a brigar e agora não estou tão contente com minha escolha de presente. Se eu tivesse comprado um lenço feio, Tânia não

quereria ser enterrada com ele. E nada disso estaria acontecendo. Então, antes que eles briguem de verdade, digo:

— Você tem uma casa bem bonita.

Tânia me encara por alguns segundos, piscando os olhos, como se tentasse compreender.

— Mesmo? Eu acho luxo demais, se quer saber. Mas o pai dele insistiu e quando um Albuquerque coloca uma ideia na cabeça... – suspira. – A maior parte da casa foi decorada por Ariela.

E, então, há outro estranho silêncio entre nós.

— Ela sabe de Ariela? – Tânia olha para o filho.

— Elas se conheceram.

— Boa garota. – Ela sorri para mim. – Esnobe em alguns pontos, mas uma boa garota. Achei realmente que os dois fossem casar. Rafael tinha até me pedido a joia da família.

Rafael encolhe os ombros quando o encaro.

— Vá buscar um copo de água para mim.

Ele franze o cenho para ela, antes de me olhar, mas parece decidir que não pode deixar sua mãe sem água, então se levanta.

— Por favor, não assuste Juliana.

— Se ela não se assustou com você... – Tânia provoca e Rafael revira os olhos, saindo da biblioteca. – Garotos. Ele não gosta muito do assunto morte, mas o que mais se pode fazer, não é? Alguém precisa ser o sensato dessa casa. Meu marido que não vai ser. E meu outro filho é esquentado demais para isso. Ele é o mais velho. Precisa aprender.

— Acho que é um assunto difícil para todos.

— É. Eu não gosto muito da ideia de morrer, se quer saber. Principalmente por causa de Rafael. Ele me preocupa.

— Mas ele é maravilhoso! – digo e sinto minhas bochechas queimarem com o sorriso que Tânia dá.

— Justamente. Ele é bom demais para o mundo. Às vezes penso que os anos que passou isolado no hospital me fez criá-lo numa bolha de proteção forte demais. Espero que não haja mesmo outra vida para que não vá para lá pensando em como ele ficou.

— Ele tem se saído bem.

— É. Mas minha preocupação não é com ele, é com que as outras pessoas podem fazer com ele, por ser tão bom. Não que eu o protegi o suficiente, desde que ele saiu de casa. Mas, pelo menos, eu podia tentar – suspira.

Não há nada que possa dizer. Tânia já devia estar casada na minha idade, provavelmente grávida de Rafael. Ela passou sete anos da sua vida preocupada com o filho mais velho, imersa dentro do hospital, tentando salvá-lo. Teve que continuar lá, mesmo grávida, o que deve tê-la mantida afastada de Renato mais do que um filho poderia gostar. E agora estava morrendo.

Nenhum deles tem culpa disso – é só a vida mostrando que ninguém, por mais rico e poderoso que seja, pode controlar tudo. Mas, ainda assim, é triste. Porque são eles quem têm que lidar com as consequências.

Depois disso, Tânia me pergunta sobre o que estou lendo, e conto a ela sobre a ficção adolescente que tenho carregado na bolsa. Parece idiota para uma mãe de família, que tem como ficção preferida um clássico de Jane Austen, mas ela fica tão interessada que lhe mostro a capa amarela, falando sobre os personagens, sobre a autora nacional contemporânea, sobre tudo o que o livro ensina com seu romance.

Estou no meio de um discurso de como João, o protagonista do livro⁸, é maravilhoso, quando Rafael volta com um copo de água.

— Quem é João? – pergunta, de cenho franzido, entregando a água para a mãe.

— Atualmente, é o melhor cara do mundo – respondo.

Rafael me olha com descrença, mas tira o livro da mãe e lê a sinopse.

— Você detestaria. Quer dizer, você não gosta mesmo de muitos livros, não acho que esse gênero te faria gostar.

— Quem disse que Rafael não gosta de livros?

— Eu nunca disse que não gostava de livros. Disse que não gostava de ler.

— É culpa minha – Tânia diz. – Quando ele era criança, eu lia bastante para ele, para distraí-lo no hospital. Por isso, ele tem tanta preguiça de ler.

— Você lê muito melhor do que eu.

— Você não tem vergonha? – Cruzo os braços.

— Li para Rafael quase minha vida toda. Só quando ele entrou naquela fase insuportável da adolescência que não pude fazer isso por uns três ou quatro anos, sem que quisesse me jogar uma almofada. Mas passou rápido e, antes mesmo de ele entrar na faculdade, ele pediu para eu ler de novo.

— Eu precisava ler os livros do vestibular. – Ele dá de ombros.

E Tânia joga uma almofada nele.

Rafael ri e a beija no rosto.

— Só por ter dito isso, leia para mim

— Mas o livro é dela. Por que ela não lê?

— Eu não leio em voz alta.

Rafael me olha.

— Francamente, às vezes seu pai tem razão em dizer que você é muito mal-educado! Juliana é visita. Não se pede para visitas lerem em voz alta.

— Claro, porque está tudo bem pedir para um homem de trinta anos ler um livro de ficção adolescente, não é?

— Ei! Cuidado com o preconceito com um dos meus livros preferidos!

— Disse a pessoa que nunca manifestou nenhum preconceito na vida... — provoca.

— Eu adoraria presenciar essa briga de vocês, mas meu tempo é curto e Juliana Emma me deixou curiosa sobre essa história — ela nos interrompe. — Vamos começar a ler.

— É Lizzie.

— Essa é a minha casa. Eu a chamo do jeito que eu quiser.

— Bom, só queria te lembrar que Juliana existe e tem uma personalidade, então ela deveria decidir como será chamada, não é?

— Cale a boca de uma vez e comece a me contar essa história!

— Mãe, eu não posso calar a boca e ler para você ao mesmo tempo — Rafael provoca, mas o olhar cerrado de Tânia é tão perigoso que até eu fico com medo. — Tudo bem. Deixa para lá. — Puxa o *puf* e abre o livro para ler.

[35] OS ALBUQUERQUE

Rafael é um contador de história encantador. Até eu, que já conhecia o romance de outras leituras na internet, estou encantada com o modo como sua voz muda de ondulação a cada frase do personagem.

Sua mãe dá sorrisos em alguns pontos, e ele tenta manter a pose, embora, vez ou outra, eu o pego revirando os olhos. Ele lê por quase duas horas, sem parar, até que eu o cutuco e aponto para Tânia – ela dorme, sorrindo.

— Eu adoraria continuar lendo para você, mas sei que quando ela acordar vai pedir para eu ler tudo de novo. E você não quer isso – ele sussurra.

— Acho que quem não quer é você.

Rafael não discorda e eu encaro as estantes.

— Você pode tocar nos livros, Juliana. Eles não vão gritar quando você os abrir.

— Eu posso?

— Fique à vontade. Ninguém usa os livros dessa sala além da minha mãe e... Eu volto já.

Deixo que ele saia quase correndo, fingindo não ver seus olhos lacrimejados, e caminho até as estantes, passando os dedos pelas lombadas dos livros. Há títulos interessantes, edições no idioma original, organizados de uma maneira tão sistemática que, após um tempo de observação, compreendo a lógica e sei, mais ou menos, o que virá depois do livro que analiso.

A porta da biblioteca se abre quando estou com uma edição antiga de Poe na mão e uma voz grossa me faz dar um pulo do chão, mesmo que eu não esteja fazendo nada de errado.

— Quem é você?

Eu encaro o homem, parecido demais com Rafael, tentando manter a expressão neutra. Ele tem os lábios tensionados, de um jeito que nunca vi Rafael tensionar. Apesar do notável mau humor, é bastante bonito. A única diferença entre ele e o filho são os olhos – Rafael tem um olhar mais doce.

— Desculpe. Eu sou... hm... amiga de Rafael. Ele me trouxe para conhecer sua mãe. Ela pegou no sono enquanto líamos. E o Rafael...

— Claro, claro – o homem me interrompe e eu engulo em seco. – Que é que você tem aí?

Em passadas rápidas, ele atravessa a biblioteca e tira o livro da minha mão.

— Como é mesmo seu nome? – Ele devolve para a prateleira.

Uau, penso. É mesmo só fisicamente que os dois se parecem – a personalidade de pai e filho é tão discrepante que não me espanto que eles se deem tão mal.

— Juliana.

— De quê?

— Galli – completo, arqueando a sobancelha.

— Seu pai não é o dono do restaurante da rua principal? Como é mesmo que ele chama?

— Vicente.

Albuquerque-Pai faz um murmúrio com a garganta que não consigo decifrar o que significa e me olha com mais atenção. Por um momento, penso que a expressão dele se suaviza, mas isso se rompe no segundo seguinte quando Rafael volta à biblioteca e para ao nos ver juntos.

— Ah, aí está você. Ariela disse mesmo que devia estar aqui – fala seu pai, num tom tão azedo que quase me provoca azia. – Por um momento vendo essa moça bonita quase pensei que você fez aquele transplante sexual que sempre desconfiei que faria... – E dá uma risada.

Rafael não sorri. Na verdade, ele tem uma expressão tão impenetrável e dura que, se seus cabelos fossem grisalhos, diria que era seu pai.

— Como ela está? – Olavo pergunta, depois de um tempo de silêncio. Não é um tom de voz frio, como antes. É quase... atencioso.

— Foi uma tarde tranquila, apesar das dores.

— Que bom. Bem, já que você está aqui, e Ariela precisa de alguém que a leve até a rodoviária mais tarde, você vai jantar conosco.

O tom de Olavo deixa claro que não é uma pergunta. Encaro Rafael, mas ele está com uma expressão tão dura, que quase não se parece com o cara que conheço. Dói perceber como a presença de uma pessoa pode transformar alguém. Tenho vontade de abraçá-lo, mas Rafael fala antes que consiga me mexer:

— Certo. Vamos deixar Olavo trabalhar, Jubs – Rafael me chama.

Como não há muito mais o que fazer, sigo Rafael. Ele fecha a porta atrás de nós e se afasta a passos tão largos que tenho que correr atrás dele.

— Ei, Glória! – Ele bate na porta da cozinha, dando um sorriso enorme. – Coloca mais água na comida, porque teremos mais dois convidados.

Glória, uma mulher corpulenta e de cabelos grisalhos, dá um pulo da sua cadeira e corre até Rafael, lhe dando um longo abraço. Rafael se molda ao corpo dela.

— Estava me perguntando quando você voltaria, meu rapazinho.

— Não dá para ficar muito longe. – Dá de ombros, se afastando. – Jubs, essa é minha segunda mãe.

— Deixe só Dona Tânia ouvir isso. – Ela aperta a bochecha dele, me fazendo sorrir. – Então, você é a famosa Juliana, hein? É mais bonita do que as fotos.

Arregalo os olhos para Rafael, mas ele parece mais interessado em mexer

nas panelas do fogão.

— Tire as mãos daí! – Dá um tapa no braço dele, quando Rafael leva a colher à boca. – Você não vai crescer nunca.

— Pra quê, se sou irresistível assim? Vou levar Juliana para conhecer o resto da casa. Por acaso você sabe onde está Renato?

— Acabei de levar um copo de suco para ele, no quarto. Por quê?

— Para saber que cômodo evitar. – Ele dá de ombros para a expressão feia de Glória. – A pobre coitada acabou de conhecer Olavo. Não queremos que ela saia correndo sem olhar para trás com um duplo-Albuquerque logo em seguida.

— Certo, certo. Agora sai da minha cozinha para eu terminar esse jantar. – Ela bate com o pano de prato nas costas dele, de leve. – Vejo vocês daqui meia hora.

Rafael ri e me puxa para fora da cozinha, subindo de dois em dois os degraus da escada no corredor. Tento acompanhá-lo sem ofegar, mas, como sou uma sedentária de carteirinha, fica difícil depois do sétimo ou oitavo degrau.

— De onde você tira tanta energia?

— Barulhos subindo a escada irritam meu pai. A mesa dele fica logo atrás dessa parede. – Ele aponta.

— Quantos aninhos você tem?

Mas Rafael ignora e chega ao topo da escada, sorrindo para mim. Reviro os olhos para sua pose e caminhamos juntos pelo corredor.

— Desculpe. Eu não sabia que meu pai chegaria mais cedo, senão não teria te deixado sozinha.

— Tá tudo bem – digo, olhando para todos os detalhes. O andar superior é ainda mais bonito. – Isso tudo foi sua ex que decorou?

— Quase. Tirando a biblioteca, que foi decorada pela minha mãe. E meu quarto.

— Você não deixou sua namorada decorar seu quarto?

— Um homem precisa de independência.

Nós passamos direto pelo quarto com a porta entreaberta, sem Rafael sequer olhar para dentro, mesmo dando para ver a sombra de alguém lá.

Todo o andar superior tem as mesmas cores do andar abaixo. Há poucos quadros nos corredores e muitos arranjos de flores nos cantos. O piso de madeira corrida escura está impecável, apesar de não ter nenhum passador ou tapete. Há só um cômodo do lado esquerdo, os outros são todos no lado direito e Rafael passa por três portas antes de entrar num quarto – o único que não combina com nada da casa.

As paredes são azuis e parecem ter sido pintadas há séculos. E os móveis, apesar de bonitos, parecem ser menos caros do que todos os outros. Há uma cama, uma escrivaninha, um guarda-roupa de correr, embora sem porta, tudo na cor marrom típica de madeira. A parede ainda tem pôsteres do tempo que Rafael era adolescente – bandas e filmes dos anos oitenta, principalmente. E um mapa-múndi com alfinetes.

— Do tempo que queria conhecer o mundo – explica, ao me ver olhando.

Desvio o olhar para os porta-retratos perdidos no quarto. Há uma foto dele com Pedro e Caio, num bar; uma dele com sua mãe e uma só de sua mãe. Em cima da escrivaninha, há também uma foto com seus amigos na infância, mergulhados numa piscina que parece gigante perto dos três.

Eu pego o porta-retrato e Rafael sorri ao meu lado.

— Eu tinha acabado de sair do hospital.

— Você era fofo.

Os cabelos dele estavam mais curtos e espetados, como se teimassem em não ficarem arrumados, e ele era tão branco que quase chega a doer. Seus

olhos também eram mais claros e ele exibia um sorriso banguela para o fotógrafo.

Eu coloco a foto no lugar que estava e levanto os olhos. E é então que vejo a maior coleção de HQs e gibis que já vi na minha vida.

— Uau.

— Achei que você gostaria disso.

— Como você pode ter tantos?

— Sete anos da infância no hospital fazem as pessoas nos encherem de distrações.

— E por que você nunca me contou?

Rafael ri. Decido ignorá-lo e pego uma HQ de capa dura do Homem-Aranha.

— Não entendo por que você deixa isso aqui. Ficaria incrível na sua nova sala.

— Irrita meu pai.

— Pelo jeito, sua função nessa casa é irritar seu pai.

— Eu decidi que, já que ele não pode me amar, pelo menos será obrigado a me notar. Mas agora que minha mãe está... preciso encaixotar e levar embora. É possível que no dia seguinte, ele entre aqui e jogue tudo fora.

— Por que vocês se odeiam?

— Você acabou de conhecê-lo, Juliana. — Puxa uma caixa debaixo da cama. — Pode chegar à conclusão sozinha.

Eu não respondo, ainda folheando a HQ antiga. Rafael pega alguns números de uma vez, enfiando na caixa que coloca sobre a cama.

— Ele quer que eu tente reconquistar Ariela – fala, depois de um tempo. – Acha que não vou encontrar mulher melhor. Por isso insistiu para eu levá-la à rodoviária.

— Ele sabe que ela vai se casar?

— Ariela fala sobre isso a cada três frases. Mas ele acha que, se eu for gentil, sorrir e oferecer uma boa quantia, ela pode ser comprada.

— Sêrio?

— Não faça muitas perguntas sobre a podridão de uma família rica do interior se não tem estômago para ouvir.

Antes que responda, Ariela – agora de short, camisa e cabelos molhados – aparece na porta.

— Ah, aí estão vocês. O jantar já tá na mesa. E seu pai disse que você me levaria à rodoviária, embora eu possa pegar um táxi...

— É caminho para minha casa, Ariela. Não tem problema.

— A gente não conversou, não é?

— A gente não tem nada para conversar.

É uma boa hora para sair de perto, então pergunto onde é o banheiro para poder lavar minhas mãos. Rafael me indica o caminho e eu saio, deixando os dois no quarto da adolescência dele, falando sobre o que quiserem falar.

Odeio o banheiro, porque a luz é boa demais, o que significa que vejo muitos cravos e espinhas no rosto, e me sinto ridícula perto da elegância que Ariela consegue ter, mesmo com um simples short jeans. Tento manter a calma, mas é difícil numa casa tão grande, bonita e cara como essa e não sei quanto tempo fico trancada no banheiro até que alguém bate à porta:

— Ei, Jubs, tudo bem? – Rafael pergunta.

Respiro fundo e abro a porta, olhando para ele.

— Você quer fugir?

— Eu não quero ir embora sem me despedir da sua mãe.

Ele assente e nós descemos para a mesa de jantar, onde todo mundo já está sentado. Rafael puxa a cadeira para mim e se senta ao meu lado, o que também o deixa ao lado de Ariela. Olavo faz várias perguntas para ela, vez ou outra incluindo Rafael no assunto – que responde com monossílabos ríspidos na maior parte das vezes. Renato só tem olhos para Ariela também e, como Tânia parece muito mais cansada do que aparentou a tarde toda, sou uma intrusa invisível.

O que é ótimo, porque, apesar de ser filha de dono de restaurante, não consigo usar tantos talheres. E ninguém está prestando atenção em mim, então uso um só para tudo.

Quando Ariela diz que, apesar da comida boa e a conversa interessante, ela precisa mesmo ir senão vai perder o ônibus, Olavo questiona se ela não pode esperar até o dia seguinte, já que Rafael também irá para o mesmo caminho amanhã e os dois podem ir juntos, poupando tempo e gasolina.

Ariela dá um sorriso forçado, Rafael nem disfarça o desagrado e Tânia diz, quase num murmúrio:

— Olavo, por favor.

Eu tenho que me esforçar para não sorrir.

— Meu avião sai hoje de Belo Horizonte – Ariela explica. – E eu preciso mesmo estar em Fortaleza amanhã ou meu noivo vai enlouquecer com tudo do casamento que está nas suas costas.

Depois disso, há uma sequência estranha de adeus entre todo mundo. Ariela recebe os abraços mais calorosos de Olavo e Renato. Apesar de Olavo me cumprimentar, de bastante mau humor, Renato só me diz tchau e sobe as escadas. Tânia fica um bom tempo abraçada a ex-namorada do filho e as duas sussurram uma para a outra, enquanto Rafael busca as malas.

Tenho vontade de sair correndo, mas, antes que consiga, Tânia se aproxima de mim.

— Por favor, deixe aquele livro comigo. Eu quero saber o final.

— Tudo bem.

— Ótimo. E se você quiser qualquer livro é só buscar. Nenhum desses homens vai usar aquela biblioteca.

Eu sorrio, mas o modo como Olavo arrancou o livro da minha mão é uma lembrança forte demais para ignorar, ainda que nunca vá contar isso para ela. Rafael volta carregando uma mala preta de rodinhas e pisca para mim.

— Eu te deixo no caminho.

— Não precisa.

— Não te perguntei se precisa – resmunga, levando um tapa da sua mãe em seguida.

E, finalmente, saímos de sua casa.

Enquanto Rafael coloca a mala de Ariela no porta-malas, ela me dá um sorriso e sussurra:

— Vocês são um bonito casal.

— O quê? Ah, não. – Balanço a cabeça. – Não somos um casal.

A expressão de Ariela beira a descrença, mas ela não fala mais nada. Rafael volta e abre a porta do carro, nos fazendo entrar.

O caminho é feito no mais profundo silêncio e eu dou graças a Deus quando ele para o carro na porta da minha casa. Eu me despeço de Ariela e Rafael sai do carro.

— De verdade, desculpa – ele sussurra.

— Está tudo bem.

— Ela e eu nunca vamos voltar a ficar juntos.

— Você não tem que me explicar, Rafa.

Ele me dá um sorriso, coçando o pescoço. Então, se inclina e me beija no rosto.

— Acho que é por isso que gosto tanto de você.

Dou um sorriso e entro na minha casa, simples demais depois de tanto luxo. Meus pais estão vendo *Modern Family* na sala e eu me jogo entre eles, abraçando-os.

— Uau. A que devemos a honra? – Meu pai brinca.

— Só achei importante dizer que amo vocês. E que agradeço por sermos tão modestos e simples, sem casa planejada e arquiteto oficial de decoração.

— A excursão nos Albuquerque foi traumatizante? – Minha mãe sorri. – Tenho algo que vai melhorar seu humor. – Me entrega a caixa do Correio.

Pego a caixa, dizendo que vou tomar um banho, e deixo meus pais rirem pela centésima vez de seu seriado preferido. Vou abrindo o pacote no caminho, mas paro no meio da escada, olhando o livro.

É a edição comemorativa de vinte anos de *Harry Potter e A Pedra Filosofal*, com a capa vermelha e preta da Grifinória. Dentro, a mesma dedicatória com a letra impessoal de sempre, mas não é mais um enigma. Eu leio a frase, sentindo meu coração disparar.

“Só os idiotas não gostam da Grifinória”.

E minha ficha cai.

[36] EM FAMÍLIA

Pelo resto da semana, recebo mensagens de Luís, perguntando sobre nossos ensaios, e de Rafael, com eventuais “você está bem?” e “nunca mais apareceu no Mundo da Lua”. Ignoro os dois, em parte porque estou enrolada demais procurando uma escola para oferecer meu projeto de ensino, elaborando histórias em HQ ao lado de Pedro, ou deixando meu orientador me enlouquecer com sua exigência.

Uma outra parte ignora as mensagens de Luís, porque não estou com paciência para lidar com ele. Ainda não quero encontrá-lo depois do beijo – sei que é uma reação que já tive antes e que o tempo me fará me aproximar dele de novo, mas preciso desse espaço e nem mesmo a aproximação da sua formatura e o medo dele de passar vergonha numa dança me farão desrespeitar minha própria necessidade de espaço.

Depois que uma pessoa enfrenta um processo de depressão e ganha alta da terapia, é impossível ignorar os próprios limites, porque aprende-se muito, de maneira muito dolorosa, durante um transtorno psicológico para desconsiderar, pelo bem do outro.

E é por isso que outra parte minha ignora Rafael.

Não é por maldade – por vezes abri o contato dele e ensaiei o que responderia, digitando e apagando até bloquear o celular e jogá-lo para longe. Eu sei que não deveria fazer isso com alguém que me ajudou tanto, mesmo sem ter ideia, quando mais precisei. Mas eu também preciso do meu próprio tempo para assimilar tudo o que está acontecendo com nós dois e, principalmente, dentro de mim.

O último livro enviado, com aquela dedicatória tão explícita, merece um tempo de reclusão. Só conversei com duas pessoas sobre Grifinória, e uma delas detesta minha casa de Hogwarts. A outra usou uma frase muito parecida sobre quem odeia a principal casa. Não precisa ser um gênio para concluir.

Mas, mesmo assim, uma parte pequena de mim se agarrava à ideia maluca e idiota de que não era quem eu achava que era. A cidade é pequena, muitas pessoas devem me ter visto com a blusa e, portanto, várias delas podem ter

tido a ideia de me presentear com o livro da Casa e escrever aquela frase. É algo tão ridículo que não mostro para ninguém – nem para Lua – o livro recebido.

E, por tudo isso, prefiro ficar mais longe possível de todas as pessoas, dando a desculpa que estou muito ocupada tentando resolver os problemas do meu pré-TCC e me refugiando no quarto nos poucos momentos de descanso, longe da internet e mergulhada em alguma história com final clichê e feliz.

Então, quando a sexta-feira chega e minha mãe pede para eu arrumar uma mala pequena, porque viajaremos no final da tarde para Belo Horizonte, eu dou graças a Deus por deixar Ponte Belo para trás por um dia. Talvez fosse a hora de colocar em prática a frase de Rafael, de que, às vezes, é necessário primeiro uma separação física para conseguir separar as coisas dentro da gente.

Nós chegamos à capital mineira no começo da noite de sexta, e mal temos tempo para tomar banho antes que Júlia nos arraste para um bar. Minha mãe está tão feliz de ter um final de semana “em meninas” que nem reclama do barulho e eu acabo me contaminando com toda aquela alegria, me divertindo enquanto assisto o showzinho ao vivo.

No sábado, acordamos cedo para irmos às compras. Por mais que o processo de ir de loja em loja, ver vestidos, experimentar, ser analisada, tirar o vestido, procurar outro, vestir, e repetir outra vez seja exaustivo, não posso negar que fazer isso com minha mãe e Júlia deixa as coisas melhores. Principalmente porque minha mãe sempre solta um comentário engraçadinho e porque Júlia entende do que está na moda, para comprovar que somos mesmo irmãs bem diferentes.

— Minha nossa! – ela diz, quando coloco um vestido vermelho. – Parece que você está pegando fogo com essa cor toda em você!

— Luís ficaria atordoado demais – concorda minha mãe. – Um homem atordoado é sempre bom, mas um garoto como Luís é estrago na certa.

E agora não é só o vestido e o cabelo que estão vermelho, claro.

— Por que mesmo não trouxemos Vênus? – minha mãe questiona.

— Porque ela é prática e já tem seu vestido – digo, pegando o vestido azul-turquesa. – Ela comprou um vestido preto que serve pra qualquer ocasião formal há uns dois anos. E, desde então, nunca mais entrou numa loja de roupa.

— Aposto que ela vai usar coturno. – Júlia sorri. – E torcer pro Luís fazer alguma merda, como te agarrar a força, para chutar a bunda dele.

— Luís nunca agarraria Juliana a força. – Minha mãe entorta a boca.

Eu fecho o box de novo, experimentando o que deveria ser o décimo vestido do dia. Já estávamos há umas três horas no shopping, pulando de loja em loja, e eu estava morrendo de fome. Mas minha mãe diz que só comerá algo depois que encontremos a roupa perfeita.

A garota refletida no espelho arqueia a sobrancelha, numa expressão descrente, ao ver como o vestido se molda ao meu corpo. Eu olho para baixo, porque, sem dúvida, é o vestido mais bonito do dia – e ele nem pareceu bonito assim quando o peguei do cabide. Gosto, principalmente, de como os detalhes de renda deixam a lateral do meu busto mais bonita do que realmente é.

— Juliana? – minha mãe chama. – Já terminou?

— Por favor, diga que achou o vestido ideal! – fala minha irmã.

— Acho que podemos comer – digo e saio.

As duas ficam um segundo em silêncio e, então, minha mãe pula do sofá, enquanto minha irmã arregala os olhos e diz:

— Uau! Com esse vestido você quase ficou bonita.

Minha mãe me faz dar uma volta e, quando estou no meio dela, dou de cara com Rafael, parado do outro lado da loja. Ele arqueia a sobrancelha para mim abrindo um sorriso enorme, que quase faz seus olhos se fecharem. E meu coração dispara.

Rafael se aproxima, dentro de seu terno preto e alinhado, os cabelos mais arrumados do que jamais vi. A gravata dele tem a mesma cor do meu vestido e eu sinto o suor se acumular em todo meu corpo, quando ele se inclina e me beija no rosto, antes de cumprimentar minha mãe e minha irmã com outros dois beijos.

— Você fugiu de mim a semana inteira em Ponte Belo para me encontrar em Belo Horizonte? – Brinca.

— Não fugi – minto, sentindo minhas bochechas corarem. – Seu amigo me deixou louca essa semana, com as coisas do TCC.

Ele arqueia a sobrancelha e pergunta a minha mãe como ela está. Os dois começam uma conversa animada e Júlia se aproxima de mim:

— Se você não disfarçar, até as vendedoras vão notar que você gosta dele.

— Cale a boca.

Ela ri.

— Você não quer almoçar com a gente, Rafael? – minha mãe convida e eu aperto minhas mãos uma na outra, tão nervosa que, mais um pouco, o suor vai pingar pelos meus dedos. – Agora que finalmente Juliana achou o vestido para a formatura do Luís, nós podemos comer.

— Aleluia! – minha irmã debocha.

— É claro que ainda precisamos achar o sapato... e você não tem nenhuma bolsa que combine, não é? Odeio ter uma filha tão alheia a moda como ela – cochicha para Rafael, que sorri para mim. – Se deixar, ela só compra livros.

— Acho que tenho uma bolsa que combine... – Júlia diz. – Mas preciso achá-la.

— E a outra filha é completamente bagunceira. – Minha mãe revira os olhos dramaticamente. – Mas e você? O que faz numa loja dessas? Comprando presentes para a namorada?

— Mãe! – quase grito.

Mas Rafael continua sorrindo.

— Tenho um almoço executivo daqui... – Ele puxa a manga do paletó e faz uma careta. – Na verdade, estou atrasado. E o homem que está oferecendo o almoço é fissurado em gravatas. Aliás, vocês poderiam me ajudar na escolha?

— Se você agradá-lo com o presente, ganhará aumento? – minha mãe pergunta.

— Talvez eu ganhe o direito de projetar seu novo condomínio de luxo, o que significa um bom bônus.

— Vou te ajudar.

— Obrigado. Vocês vão ficar bem sem sua mãe? – ele diz, mas está olhando para mim.

Reviro os olhos para ele, o que o faz quase rir, tamanho seu sorriso, e os dois se afastam em direção ao balcão.

— Uau! – Júlia diz. – Depois dessa, nossa mãe nunca mais vai insinuar relacionamento entre você e Luís.

— Com o tamanho dessa cidade, qual era a chance de ele estar no mesmo lugar que eu? – choramingo, olhando seu jeito galanteador ao lado de minha mãe.

— Tá brincando? Essa cidade é um ovo! É impossível ir à esquina sem encontrar dez conhecidos no caminho! Acredite em mim, é mais fácil achar alguém aqui do que em Ponte Belo. Pelo menos, na nossa cidade, a gente sabe que caminho evitar.

Eu rio, quase histérica, e Júlia sorri para mim.

— Vem, vou te ajudar a tirar esse vestido, porque desconfio que, com o tanto que você suou, ele se grudou totalmente no seu corpo.

— Babaca.

Ela está certa.

Levamos quase dez minutos para tirar o vestido, mas, quando saímos, minha mãe ainda está falando com Rafael.

— Foi um prazer – ele está dizendo. – E obrigado de verdade pelo bom gosto.

— Me conte depois se o homem gostou.

Ele assente e passa por ela, parando na minha frente. Nós dois nos olhamos por um tempo.

— Amanhã vai ter uma rodada de jogos de tabuleiro na casa de Lua, a partir das cinco da tarde. É domingo, então você não tem desculpas para não ir. – Ele pisca. – Eu te vejo lá. – Rafael se inclina e beija meu rosto. – E você estava linda – sussurra no meu ouvido e sai da loja, sem olhar para trás.

— Isso, sim, é um homem... – minha mãe comenta.

Mas não preciso xingá-la, porque Júlia o faz antes de mim.

[37] QUASE SEM QUERER

Claro que, depois de ver Rafael, a viagem não pareceu tão tranquila. Todas as vezes que minha mãe ficava algum tempo sem falar ou quando Júlia parava de tentar me irritar, minha mente voltava para a imagem dele de terno na minha frente, com aquele sorriso enorme, e meu coração batia descompensado outra vez.

Era ridículo.

E também é ridículo que ele fique mais bonito num paletó e com cabelos tão arrumados, como um grande executivo de livro clichê, tão poderoso que é capaz de vigiar a mocinha da história onde quer que ela esteja, aparecendo sem nenhum aviso para protegê-la. É claro que essa ideia não é nada tranquila para minha alma literária clichê e, por isso, não é nenhum espanto que pareço mais apaixonada do que já estava.

Nem eu consigo me defender mais.

Mas é quando não consigo tirar o rosto dele da minha mente, mesmo dentro da livraria, que perco a paciência de verdade. Se Rafael não tivesse decidido me mandar livros em segredo, com dedicatórias bonitas, continuaria sendo um bom mecanismo de defesa. Mas, agora, a paixão está totalmente sem *controle*.

Não me espanto que essa seja a hora, nas histórias que leio, que as mocinhas fazem as maiores burradas. A sensação é apavorante em tal nível que tudo que quero fazer é mesmo cometer uma loucura – como abandonar tudo e ir para o outro lado do mundo, para conseguir esquecer Rafael.

Mas, mesmo quando penso nisso, e sua imagem ganha minha mente pela milésima vez, sei que não conseguiria esquecer Rafael. Mais do que isso, sei que não *quero* esquecê-lo. Eu talvez quisesse, se ele não tivesse me ajudado depois do beijo com Luís, e tivesse me contado tantas coisas da sua própria vida, naquele dia. Se eu continuasse a manter a imagem que tinha dele, a imagem do cafajeste disfarçado de bom moço, eu conseguiria me manter distante.

O problema é que essa imagem está tão frágil depois que conheci sua casa, sua mãe, sua relação conturbada com seu pai, seu primeiro amor, depois de ele não perder a paciência com todos meus preconceitos, ou como tratou minha irmã, e, principalmente, o jeito galanteador que falou com minha mãe, não posso ignorar quem Rafael realmente é, só para poder me proteger.

Não há como me proteger. Não tem mais por quê.

Rafael é melhor do que sempre sonhei, melhor que qualquer personagem por quem me apaixonei, melhor do que qualquer um poderia falar dele. Se ele nunca tivesse voltado a Ponte Belo, talvez eu pudesse ignorar. Se ele nunca tivesse aberto seu coração para mim, contando sobre suas feridas e dores, eu continuaria bem.

Mas ele voltou e dividiu comigo coisas que não conseguia dividir com mais ninguém. Ele respeitou minha distância, minhas hesitações, conseguiu compreender minha necessidade de histórias e livros com tamanha sagacidade que não tem como não me apaixonar mais. Ele me deu livros de presente, sem esperar nada em troca.

Rafael Albuquerque nunca espera nada em troca.

E é por isso que meu coração é dele.

É nessa confusão mental que toco a campainha da casa de Lua, no domingo. Quem atende é Caio, só de bermuda, me dando um sorriso e me oferecendo uma bebida gelada para suportar o calor infernal de Ponte Belo.

— Tá todo mundo na piscina esperando você.

— Não precisavam me esperar – resmungo.

— Repita isso para Rafael – resmunga de volta, me entregando uma lata de refrigerante.

— Finalmente, agora podemos começar! – fala Vênus. – Achei que você não chegaria nunca...

— Tava terminando um trabalho. – Encolho os ombros e me sento ao lado

de Lua.

Pedro está dentro da água, junto com Vênus, mas Rafael está do outro lado, falando no telefone, e só acena para mim. Caio se senta no outro lado de Lua, abraçando-a.

— Então, o que vamos jogar?

— Eu não quero sair da piscina porque essa água está gostosa demais – Vênus diz. – A gente poderia jogar Assassino ou Vítima, não é?

— Por que você gosta tanto desse jogo? – Pedro resmunga.

— Porque é legal. – Dá língua para ele.

— Certo. Você que tá com a mochila. – Lua me olha. – Tem papel e caneta aí?

— Sempre.

Rafael volta e se senta ao meu lado, me dando um beijo no rosto. As olheiras abaixo de seus olhos continuam cada vez mais fortes e, sem camisa, posso olhar de perto a cicatriz que ele tem no peito. Fico um tempo encarando, pensando na versão pequena do cara a minha frente enfrentando horas de cirurgia para tentar sobreviver...

— Tudo bem? – Caio pergunta a ele.

— Tanto quanto possível. – Dá de ombros e eu arqueio a sobrancelha. – Minha mãe deu um susto ontem, foi para o Hospital às pressas, mas já está em casa de novo. Então... estamos todos de sobreaviso.

Eu toco a mão dele, sem conseguir me conter. E ele me dá um sorriso torto.

— Juliana, os papéis – Vênus resmunga.

— Certo. – Paro de segurar a mão dele e puxo minha mochila para mais perto. Tiro uma folha da minha caderneta de anotação e uma caneta. – Mas eu não vou escrever.

— Mãos molhadas – Pedro diz.

— Mãos ocupadas. – Caio abraça Lua.

— Céus, vocês não têm o mínimo bom senso. – Rafael faz careta. – O que vamos jogar?

— Assassino ou Vítima – Vênus responde. – E já que só não jogamos nada ainda porque você insistiu em esperar Juliana, mesmo ninguém sabendo que ela viria... você escreve. Quatro papéis de vítima. Um de detetive. E um de assassino.

— Você fica a cada dia mais insuportável. Pedro vai pro céu – Rafael resmunga tirando o papel da minha mão.

— Espero que eu não saia como assassino – Lua fala. – Não sei piscar de um olho só.

Claro que a frase dela causa risadas de todo mundo. Vênus pergunta como ela pode não saber algo tão simples, e Caio tenta explicar como piscar, mas todas as tentativas de Luana a fazem parecer como se estivesse tendo um princípio de derrame e nós rimos até a barriga doer.

Ou até Rafael terminar de escrever, cortar e dobrar os papéis. Ele junta as mãos em forma de concha e balança os papéis dentro, antes de abrir e oferecer a nós. Primeiro para Pedro, que está na sua frente. Então Vênus, Caio e Lua. Ele me deixa por último e está tão perto de mim que consigo enxergar todos os pontos verdes de seu olho e a brancura de seus dentes, expostos num sorriso tímido.

A boca dele treme quando pego o papel e ele aperta a mão em volta do que sobrou, mas não para de me olhar enquanto abro o meu.

É claro que eu devia esperar por isso, depois do último livro e da dedicatória tão precisa. Mesmo assim, quando vejo a mesma letra de forma impessoal, não consigo evitar a revolução corporal que só Rafael me causa. Levanto os olhos e sua boca treme quando nos encaramos.

Então, porque a intensidade do seu olhar é forte demais, porque meu coração parece que vai sair pela boca, porque minhas mãos estão tremendo tanto que qualquer um, se olhar, pode ver que sou a vítima nessa rodada, amasso o papel na minha mão e faço a primeira coisa que vem a minha mente.

Eu beijo Rafael Albuquerque na boca.

Na frente de todos os outros.

[38] AS ESTRELAS SABEM

A primeira coisa que penso quando nossos lábios se encontram é que, até então, eu fui sempre a garota beijada – nunca a garota que beijava. Essa mudança me deixa mais à vontade, porque, pela primeira vez, não me sinto invadida por algo que eu não queira ou que, sequer, convidei.

Rafael hesita por alguns segundos antes que seus lábios se movam devagar, de um jeito que nunca aconteceu com outro cara. Ele faz com que eu sinta cada ação da sua boca na minha e a reação que isso me causa é diferente de tudo que já havia experimentado e, sem saber como, meu corpo se aproxima mais, enquanto ele segura meu pescoço para me levar mais para perto. Rafael tem gosto de menta com um leve fundo ácido de cerveja. Consigo perceber a bolha de silêncio que está a nossa volta e tenho vontade de mexer meus pés, o que me faz sorrir entre o beijo.

Ele se afasta por um milímetro, me olhando. A essa distância, seus olhos ficam mesmo verdes. Meu coração dispara quando seu dedo passa abaixo da minha boca, acompanhando meu sorriso. Por um momento, me pergunto se ele vai continuar o beijo, ao mesmo tempo que percebo que, embora seja algo que não me deixe completamente à vontade, eu não me sinto tão estranha. Eu quase... gosto.

Fecho os olhos, esperando que ele encoste seus lábios em mim de novo, mas o que acontece em seguida quase me faz dar um pulo do chão – um punhado de água atinge metade da minha roupa. Eu grito. Rafael solta um grunhido, passando a mão pela minha cintura enquanto olha para trás:

— Vênus! Eu vou matar você! Juro que vou!

— Você é uma verdadeira empata-foda – Caio fala.

— Me poupe! Eu quero jogar! Já me basta ficar vendo você e Lua se pegando o tempo todo, não preciso de outro casal com atitudes hétero do meu lado.

Rafael volta a me olhar e arqueia a sobrancelha quando desvio o olhar, envergonhada demais para encará-lo outra vez.

Eu nunca havia tido a iniciativa de beijar um cara antes. Eu não sei o que pensar.

— Ela passa um ano inteiro falando na minha cabeça que não entende por que vocês dois não se agarram de uma vez – resmunga Pedro – e, quando acontece, é a primeira a atrapalhar.

— Calem a boca, vocês! – Ela fecha a cara. – Eu quero jogar.

— Espero que você seja a primeira a morrer – Rafael fala, em tom amargo, se afastando de mim.

O vento que bate na hora que ele se distancia, junto da minha blusa molhada, me faz tremer. Meu estômago dá tantas voltas que sinto o exato momento que faz um nó e se repuxa.

Não me espanto de ser a primeira a morrer. Não consigo ser esperta nesse jogo nem se estivesse atenta, que dirá quando tudo parece fora do lugar. Lua é a segunda. Mas, antes que a terceira vítima dê seu último suspiro, Rafael fala:

— Vênus, chega de matar por hoje.

Ela abre a boca, mas não articula nenhuma resposta.

— Você tá brincando comigo? – fala Lua. – Foi o Pedro que me matou.

— Meu Deus, Lua! – Caio ri.

— Como você descobriu? – ela resmunga, emburrada.

— Considere-se vencida.

— Jamais! Quero mais uma rodada!

Porque Vênus fica insuportável quando perde, ninguém reclama por outra partida. Fico contente por ser a vítima de novo, assim só preciso esperar que o assassino resolva me matar – o que não demora muito, acontece logo depois que Pedro morre.

Eu tremo de frio e Rafael passa os braços no meu ombro, me trazendo para mais perto. Não tento fugir, porque, com a noite chegando e meu corpo molhado, preciso de um abraço. Lua morre em seguida e Vênus – aparentemente a detetive – diz que vai prender Caio.

Rafael ri.

— O Caio nunca me mataria. – Lua parece ultrajada.

— Graças a Deus alguém tirou a posição de melhor jogadora de Vênus. – Pedro sai da piscina. – Era um saco quando só ela ganhava.

— Puta que me pariu! Como assim você era o assassino?! – Ela cruza os braços para Rafael. – Me dá seu papel!

Rafael dá de ombros e entrega a ela o papel, o que a faz resmungar dezenas de palavrões. Eu dou uma risadinha trêmula e ele me abraça um pouco mais forte.

— Você está bem?

— Eu tô com frio.

Ele se levanta e pega sua blusa, passando para mim. Vênus ainda está resmungando, mas ele dá de ombros, sem retrucar. Acho que essa atitude irrita ainda mais minha amiga.

— Certo. Agora nós podemos jogar outra coisa? – fala Lua.

Eu me afasto para tirar a blusa molhada e vestir a camisa azul de Rafael, que fica parecendo uma camisola de tão grande, mas, pelo menos, está seca e paro de tremer. Tem o cheiro cítrico costumeiro dele, mas muito mais intenso, e fecho os olhos sentindo todo meu corpo reagir àquilo.

— Você está bem? – Lua sussurra, se aproximando. Balanço a cabeça. – Acho que o beijo significa que você descobriu que quem te mandava livros era Rafael? – Eu arregalo os olhos. – Matei a charada quando ele disse que você era Lizzie Bennet. Me lembrei que Orgulho e Preconceito foi o primeiro livro enviado. É um dos livros preferidos de Tânia.

— Eu sou muito lerda – resmungo.

Ela me dá um sorriso divertido.

— Você perdeu – Caio diz mais alto, nos fazendo olhar. Vênus está emburrada, de braços cruzados. – Não tem o menor direito de reclamar do próximo jogo.

— Mas ninguém gosta de Banco Imobiliário! – ela protesta.

— Eu gosto. – Rafael dá um sorriso cínico. – Então, como eu ganhei, vamos jogar.

— Eu te odeio – ela responde.

— É recíproco. – Ele dá de ombros.

Resolvemos jogar de dupla e, porque todos são previsíveis, eles formam casais, o que me faz ficar com Rafael. Nós nos sentamos no chão da sala, um lugar bem mais quente, e já parei de tremer, embora o embrulho no estômago permaneça.

— Você está bem? – ele diz, no meu ouvido.

— Sim.

— Eu não vou ficar chateado se você vomitar.

— Eu não vou vomitar.

— Ótimo. Vamos vencer mais um jogo, destruir sua melhor amiga e, aí, podemos conversar. Tudo bem?

O olhar que ele me dá é tão intenso que só consigo assentir, engolindo em seco.

Banco Imobiliário é o jogo que Caio, geralmente, domina. Mas, nos primeiros movimentos, Rafael deixa claro que é competitivo até o último fio

de cabelo, e, como Vênus está muito brava por ter perdido duas vezes no seu jogo preferido, ela se torna tão competitiva quanto, de uma maneira que os dois brigam furiosamente por hotéis. Pedro e eu trocamos olhares confusos, enquanto Lua e Caio entram numa discussão sem sentido, porque ela acha as casas muito mais bonitas e não quer gastar dinheiro com hotéis.

Quando Rafael e eu caímos na prisão, Vênus se levanta dançando para nós. É ridículo, mas deixa Rafael ainda mais competitivo.

— Queria lembrar que isso é só um jogo inocen... — Pedro tenta.

— Cale a boca! — sua namorada o interrompe.

Então, pelo bem de nossa paz de espírito, deixamos Rafael e Vênus se matarem no jogo e falamos o menos possível. Até Caio parece perceber que é melhor não mostrar tudo o que sabe sobre Banco Imobiliário.

Rafael vence no final e, apesar de apenas dar um sorriso debochado para Vênus, ela, que não sabe mesmo perder, chuta o tabuleiro para longe.

— Ei! — Caio protesta.

— Você tá fazendo isso só porque joguei água em vocês!

— Desculpe por ser um jogador melhor — Rafael provoca.

— Por favor. — Tento contê-lo, segurando no seu braço, porque, como cresci com Vênus, aprendi na marra que é melhor deixá-la ganhar qualquer jogo para não lidar com sua agressividade.

— Acho que vou buscar cervejas — Caio fala. — Quem aceita?

Todo mundo levanta a mão ao mesmo tempo.

— Vem comigo, Vênus. — Ele passa o braço pelos ombros dela, levando-a, embora ela continue com o pescoço virado na direção de Rafael, de olhos cerrados.

— Que tal Imagem e Ação? — propõe Lua.

— Finalmente um jogo que sou boa – comemoro.

— Ótimo – Pedro fala. – Mas vou te separar do Rafael porque não quero que Vênus mate alguém e eu tenha que visitá-la na prisão, o que provavelmente vai acontecer se você não parar de provocá-la.

— Eu não tenho culpa se sua namorada está agindo como uma criança.

— Pelo amor de Deus, Rafael, é da Vênus que a gente tá falando! – o ruivo diz, em tom óbvio.

O jogo de Imagem e Ação é mais tranquilo – fazemos a dinâmica garotas *versus* garotos, e, com a falta de habilidade de Pedro e o jeito lerdo de Caio, quase tudo fica nas costas de Rafael. Ele é bom, mas não o suficiente para um trio com uma Vênus querendo furar seu olho e Lua e eu que adoramos esse jogo. No final, as garotas vencem.

E Vênus berra na cara de Rafael.

Mas ele se mantém impassível e apenas diz:

— Tudo bem. Mas ainda é 3x1 para mim.

— Eu vou matar esse babaca! – Ela aponta e me encara.

— Eu sou a Suíça. – Levanto a mão.

Já passa das nove da noite e, apesar de amanhã eu ter que acordar cedo para procurar uma escola para o meu projeto, não digo que preciso ir. Ao invés disso, deixo Vênus e Rafael discutirem na sala e vou até a área da piscina. O céu está estrelado e me sento no chão, olhando para cima. Fico tão compenetrada nas estrelas que não sei quanto tempo se passa até que Rafael se senta ao meu lado. Nós ficamos um tempo em silêncio, até ele me perguntar se eu sei reconhecer as constelações. Digo que não, que apesar de adorar estrelas, nunca consigo identificar. Ele aponta algumas, contando alguns mitos por trás das histórias.

— Onde você aprendeu tanto? – pergunto, quando ele se cala.

— Eu queria ser astronauta. Como passava muito tempo sozinho no Hospital, consegui consumir muita informação sobre tudo que me interessava.

Eu pergunto como foi essa etapa de sua vida e fico contente por Rafael falar de maneira sincera. Ele não diz que já superou ou que não faz sentido falar disso. Dá para ver que foi uma fase importante e complicada só pelo seu tom de voz. Eu toco sua cicatriz com o dedo e ele me olha, parando a frase no meio do caminho.

— E a cirurgia?

— Eu estava com medo, mas também empolgado com a chance de deixar aquelas paredes cor de vômito para trás. Acho que ter feito terapia por muito tempo ajudou bastante.

— Deve ter sido difícil.

— Eu não podia fazer nada sem cansar e, depois dos quatro anos, passei quase o tempo integral no hospital. A cirurgia era a única solução. O transplante foi um sucesso, o pós-operatório é que foi complicado.

Ele conta que quase morreu, porque teve uma pequena infecção enquanto seu corpo se acostumava com o novo órgão. Rafael fecha os olhos para falar disso e uma ruga se forma entre suas sobrancelhas, mas, quando termina, dá um sorriso pequeno.

— Só gosto de lembrar do sorriso da minha mãe, quando ganhei alta. No final, as pessoas só podiam entrar no meu quarto com máscara e luvas, para evitar que eu pegasse qualquer vírus ou doença. Então, meu tio conseguiu esse transplante. E depois teve a infecção e o medo do corpo não se adaptar. E aí... quando minha mãe tirou a máscara e pôde me abraçar... acho que foi o momento mais feliz da minha vida.

— Por que você não me contou?

— Sobre a doença da minha mãe? — Ele para de olhar pro céu e me encara.
— Não queria que você mudasse o tratamento comigo por causa disso, ou me

olhasse com pena. Já estava difícil conviver com os olhares disfarçados deles... Pedro é mais discreto. Caio é desligado. Mas Lua estava me enlouquecendo... Eu queria que uma pessoa, ao menos, me olhasse e desconsiderasse toda a tragédia. Você ficou chateada quando descobriu?

— Um pouco – confesso.

Rafael toca meu rosto, colocando um fio de cabelo atrás da minha orelha. Com a penumbra da noite, iluminados só pela estrela e a lua cheia, seus olhos ficam bem escuros, um contraste e tanto com seus dentes brancos.

— Eu passei um ano e meio em estado de negação. Você se lembra da noite em que nos conhecemos?

Balanço a cabeça, porque não acho que conseguiria esquecer aquele dia nem em cem anos.

— Eu tinha acabado de saber da notícia. Meu pai tinha ido a Belo Horizonte me contar pessoalmente e eu preferi não acreditar. Vim a Ponte Belo e fingi que não sabia, que não era verdade, que minha mãe estava perfeita de saúde e que não tinha uma metástase maligna proliferando no seu corpo...

Engulo em seco, meu coração ficando tão pequeno que penso que vou sufocar, mas não consigo desviar o olhar do dele. Há uma dor tão sincera no jeito com que ele me encara, que é difícil interromper o contato visual.

— Acho que sua ficha só demorou a cair.

— Acho que minha ficha demorou demais a cair – suspira, fechando os olhos. – Ela é a única pessoa que me ama naquela casa, Juliana. Eu não consigo pensar numa vida sem os abraços dela.

Meus olhos marejam e eu o abraço, mas Rafael fica imóvel. Em qualquer outra situação, me afastaria. Mas sei que não posso me afastar agora. Então, o aperto mais forte.

— Eu tinha brigado com meu pai e me recusado a ouvir minha mãe falar

sobre sua doença... E Pedro e Caio me convenceram a ir beber. Na verdade, a proposta de Caio era que a gente achasse alguém para fazer sexo, e eu estava rindo disso, porque ele estava provocando Pedro por causa de Vênus, quando vocês entraram no bar.

— Aquela foi a pior ideia que Drica já teve.

— Talvez. Mas fico contente por ter conhecido você. Quando minha mãe foi para a primeira sessão de quimio e ficou comigo, e eu vi o estado dela, como os efeitos colaterais pareciam destruí-la... Eu te mandei a primeira mensagem. Eu precisava de alguém que não sabia sobre nada, que não ia me tratar diferente, que iria me fazer falar sobre outras coisas, pensar em outras coisas, para eu esquecer o pesadelo que estava acontecendo ao meu lado. E encontrei você.

Apoio meu queixo no seu ombro e nós ficamos em silêncio. Posso sentir o coração dele bater com força, mais rápido do que qualquer outro coração.

— Você foi uma distração muito bem-vinda, com a internação da Vênus e minha culpa de não ter conseguido impedir que ela caísse no limbo das drogas de novo... Eu passei dias sem conseguir ir para a faculdade, mesmo sabendo que precisava ir.

— Então, você entende por que não te contei sobre minha mãe.

Afirmo com a cabeça.

Quero perguntar a ele sobre os livros, mas não me parece o momento certo, então prefiro ficar em silêncio. Depois de um tempo, digo:

— Você não voltou por causa do mestrado, não é?

— Voltei porque não tenho grandes amigos em BH e sabia que, quando tudo acabasse, precisaria deles. Pedro, Caio e Lua são tudo o que tenho, além dela. São a minha família.

Fico em silêncio. Os quatro se juntaram por terem relações familiares quebradas e se uniram muito mais do que muitos irmãos de sangue

conseguem.

— Ela está vivendo muito mais do que os médicos disseram – ele diz, depois de um tempo. – A previsão era de um ano. Já faz quase dois..., mas eu sei que não falta muito.

— Como você sabe?

— Conheço minha mãe. Sei que ela está sofrendo. E odeio vê-la sofrer. Mas também odeio a ideia de viver num mundo sem ela. Você não faz ideia de quantas noites virei acordado, me perguntando por que não podia ser meu pai.

Eu me afasto. Ele me dá um sorriso triste.

— Pareço o pior ser humano dizendo isso, não é? Eu não fico feliz com boa parte dos meus pensamentos.

Porque seus olhos estão com uma tristeza que não dá para não notar, digo o que me vem à mente:

— Quando eu era pequena, nós tínhamos um cachorro. E eu o amava. Era uma garota muito tímida e retraída, então ter um cachorro era ótimo para brincar. Mas na semana que entrei na escola ele morreu. Essa é a única experiência de morte que tive, então não estranhe meu exemplo. A questão é que tinha quatro anos e meu melhor amigo tinha morrido. Eu não conseguia compreender. Então, meu pai disse o que geralmente se diz para crianças, que Fox tinha virado uma estrela.

Rafael me encara com uma intensidade que parece que vai me sugar para o abismo de sentimentos de seus olhos. Desvio o olhar para as estrelas.

— Depois disso, sempre olhei para o céu e rezei por ele. – Dou um sorriso, revirando os olhos para minha idiotice. – Mas a verdade é que... por causa dessa perda, eu estava no canto da sala de aula, chorando agarrada num ursinho de pelúcia, quando Vênus se aproximou. Eu não lembro o que ela falou, nem como a amizade começou, mas sei que, se eu não estivesse tão triste por ter perdido meu melhor amigo, talvez não tivesse ficado amiga dela.

Volto a olhar para Rafael, que está com o cenho franzido.

— Acredito que as coisas acontecem por um motivo, Rafa. Acredito que nem sempre nós sabemos que motivos são esses. Mas acho que as estrelas sabem. — Dou de ombros e encaro o céu de novo. — Elas veem tudo. Elas devem saber.

[39] O LIMITE NÃO EXISTE

— Certo. Vamos ver The Duff, A Nova Cinderela ou Meninas Malvadas?
— pergunto, enquanto Vênus passa a tinta no meu cabelo.

É o dia da formatura de Luís e, porque tanto ela quanto eu odiamos salão de beleza, decidimos fazer tudo na minha casa. Vênus retocará a raiz do meu cabelo, que começa a aparecer. Eu farei a maquiagem e as unhas dela. Enquanto isso, veremos bastante filmes de adolescente e fingiremos que somos garotas totalmente satisfeitas com nossas aparências, enquanto damos risadas dos dilemas norte-americanos.

— Eu acho que Carrie – A Estranha faria mais sentido...

— Podemos esquecer a existência dos filmes baseado nas obras do Stephen pelo menos um dia?

— Por quê? São ótimos. – Ela dá de ombros.

Reviro os olhos e coloco Meninas Malvadas, porque é um clássico e nunca se deve ignorá-lo.

— Certo, preciso filmar isso, faça pose de sofrimento. – Vênus aponta o celular para mim.

— Você não vai virar uma influenciadora de conteúdo no Instagram, esquece os Stories um minuto – resmungo, abaixando o celular.

— Quem disse que não? Todo mundo adora ver umas loucuras na internet. E eu sei ser louca.

— Ninguém nunca questionou isso. Agora fica quieta que o filme está começando.

Claro que o pedido de fazer Vênus se calar é demais para durar além de cinco minutos, então, antes que Cady conheça Regina George, Vênus já está tagarelando com sua voz fanha de sempre:

— Você sabe que Regina George foi bastante injustiçada, não é?

Vênus é a maior defensora de Regina que eu conheço. Ela nem precisa falar: sei de cor seus argumentos. *Regina só tinha o seu status na escola, sua vida era uma merda, ela só queria um pouco de atenção, esse é o método normal dos EUA, alguém precisa fazer esse papel, Cady foi muito pior, Cady atacou aquilo que Regina mais prezava: sua pele e seu peso.*

Ela repete tudo isso, num discurso decorado, que eu respondo no final:

— A gente só acha legal uma Regina George porque não convive com ela. Você queria ser amiga dessa garota?

— Bem, não. Eu seria a Regina George.

Minha irmã coloca a cabeça entre a fresta da porta e fala:

— Vocês não deviam fazer isso num salão de beleza? É noite de baile. Quer dizer, vocês têm uns caras para impressionar.

Vênus ri. Queria que Júlia estivesse brincando, mas minha irmã acredita mesmo nas coisas que diz. Apesar de pregar a liberdade sexual e a vontade da mulher de fazer o que ela bem entende, minha irmã também acredita que a história de “não se arrumar para outra pessoa” é piada pronta. Ou você se arruma para impressionar o cara ao seu lado. Ou para fazer as outras mulheres se impressionarem com você.

Eu acho uma ideia bem patética. E, por isso, é um dos raros momentos que fico feliz por não ser Júlia.

— Por que raios eu me vestiria pra impressionar qualquer cara? – pergunta Vênus.

— Porque essa é a regra do jogo. Se você não for a mais bonita, não vai chamar a atenção.

— Isso não faz sentido.

— É fácil falar que não, quando tem um macho como Pedro te esperando

na cama, pronto para fazer sexo a qualquer hora.

— Júlia só tem medo de morrer encalhada com sete gatos em cima dela – digo, dando de ombros.

— Meus pais têm um relacionamento ótimo. Não sei porque não iria querer isso para mim. Você também quer. – Aponta para mim. – E está solteira. Você devia se preocupar com quem está impressionando.

— Estou bem. Gosto de impressionar as pessoas com meu cérebro, obrigada.

— E isso tudo que vocês estão fazendo é o quê?

— Isso é o que a norma social pede. Não é para ninguém específico, só foi dito no convite que é necessário traje social.

— E o cabelo?

— Eu gosto de ser ruiva. Tem algum crime nisso?

— Por quê?

— Como assim por quê, Júlia? Nem tudo que a gente decide fazer na vida tem um porquê.

— Mas você sabe que garotas ruivas estão entre os principais fetiches masculinos, não é?

— Ah, minha nossa, você é nojenta!

— É só uma cor de cabelo – Vênus me defende.

— É uma cor de cabelo rara. E que está em extinção.

— Certo. Obrigada por avisar. Vou pegar uns fios do cabelo de Pedro e doar para a ciência, para eles pensarem num modo de que isso não seja extinto com alguma pesquisa inútil financiada por uma faculdade que tem dinheiro demais para coisas que não servem para nada e dinheiro de menos

para causas sociais.

— Bom, digam o que quiser, mas se vocês não se arrumam porque vão ser observadas, então por que, quando estão em casa, não passam maquiagem, não colocam bons vestidos, se bobear nem escovam dente ou penteiam cabelo?

— Faz muito tempo que não penteio cabelo, na verdade... — Vênus sacode os ombros. — E semana passada fui de pijama para a faculdade, então acho que estou fora dessa ideia maluca.

— Você vive de pijama na rua. — Balanço a cabeça.

— Eu não tenho culpa que meu pijama do Monkeys é confortável.

— E você ficou uma semana sem trocar as meias.

— Umas garotas da minha sala me desafiaram. Eu nunca perco um desafio.

— Você tem um namorado. Você pode fazer o que quiser. — Júlia contesta.

— Na verdade, ele me proibiu de ir vê-lo enquanto estivesse com a meia... Mas o que importa é que venci e ganhei um engradado de cerveja.

Júlia resmunga, revira os olhos, diz que a gente é idiota e, finalmente, sai do quarto.

— Minha deusa, sua irmã precisa transar.

— Talvez não seja falta de sexo.

— Com certeza é. Vai por mim. — Ela mexe no meu cabelo. — Essa tinta tem um cheiro horrível. Se os homens soubessem, nunca chegariam perto de ruivas pintadas.

Nós rimos.

— A mãe da Regina George é completamente dispensável, não é? — Vênus faz uma careta quando a cena começa. — Não acredito que sua irmã nos fez

perder dez minutos desse filme.

— Achei que você estivesse reclamando no começo?

— Claro que estava. É isso que eu sempre faço. Mas não significa que não gosto.

— Claro que não.

— Acho que sua irmã foi educada na escola de vida norte-americana. Ela daria uma boa Regina George. E odiei isso. — Faz uma careta. — Me vestir pra homem. Tá bom. Nunca mais, desde que adquiri o mínimo de bom senso...

Não digo a Vênus que a sensatez dela não vai além do ponto zero de uma escala, porque ela foi legal ficando ao meu lado no diálogo com minha irmã. E porque ela também não me encheu de perguntas sobre o que aconteceu entre mim e Rafael — o que é bom, porque não estou pronta para falar disso. Acho que a disputa dos dois nos jogos de tabuleiro explica a descrição inédita de Vênus.

Mas, como não confio no discernimento dela, também não conto sobre a tentativa estranha de Luís me beijar. Sei que, se contasse, ela iria chutá-lo no segundo em que o visse, e não quero uma cena no baile de formatura do garoto. Ele foi um babaca? Foi. Esqueceu de conferir se eu estava à vontade com algo íntimo? Esqueceu. Falou mal da Grifinória e achou que ficaria tudo ok? Também. Mas não é o suficiente para vê-lo humilhado no dia de coroação do seu esforço acadêmico. Quer dizer, a faculdade é tudo que ele tem. Não serei eu que tirarei isso dele.

Além disso, muitos beijos numa semana só e eu não estou sabendo lidar. Por isso, ajo como sempre, quando algo sai do meu controle: finjo que não é comigo. Acho que isso explica por que não procurei Rafael depois da nossa conversa perto da piscina.

Embora não explique por que ele não me procurou...

— Eu acho o Aaron babaca. Já disse? — Vênus interrompe meu pensamento.

Só umas mil vezes. Nós recomeçamos uma de nossas principais discussões. Afinal, só uma garota como Vênus para não ter tido um *crush* em Aaron Samuels.

Horas depois, quando Vênus está lavando o seu cabelo para penteá-lo (sem quebrar meu pente), pego meu celular enquanto espero.

— Vênus! – berro, quando me dou conta do que ela fez.

— Que foi? Onde é o incêndio? – Ela sai do meu banheiro, enrolada na minha toalha rosa.

Como é uma ótima hora para a vingança, tiro uma foto.

— Sua vadia! – grita, correndo para me pegar.

Eu fujo rindo e tirando mais fotos até que ela pula em cima de mim, me jogando no tapete. O choque da minha cabeça com o chão é tão alto que produz um zumbido no meu ouvido. No segundo seguinte, minha mãe aparece no quarto, com olhos esbugalhados.

— Mas o que aconteceu aqui?

— Ela estava tirando foto de mim seminua – Vênus me dedura.

— Você estava enviando fotos minhas para pessoas que não deveria enviar! – resmungo a empurrando. – Merda. – Levo a mão a cabeça.

— Você está bem? Quantos dedos têm aqui? – minha mãe fala.

— Seis?

— Juliana, sua mãe só tá mostrando uma mão.

— Ah.

Mas o meu quarto continua a rodar e volto a deitar.

— Acho que é melhor te levar ao hospital.

— O quê? Não. Só me dê alguns minutos e tenho certeza de que vai passar.

Na verdade, não tenho tanta certeza, mas estamos em cima da hora e não há como ir ao hospital, sem me atrasar para o baile de Luís. Por isso, ignoro o zunido na minha cabeça e me sento, meus movimentos sendo acompanhados por uma Vênus incrédula e uma mãe muito preocupada.

— Nesse estado, eu tenho até medo do que você vai fazer na minha maquiagem.

— Não pode ser pior do que o que você faria em si mesma.

É verdade, então nós duas rimos, enquanto minha mãe resmunga um “meninas” saindo do quarto.

— Sinceramente, só mandei uma foto de você pintando o cabelo para Rafael. Que mal há nisso?

— Ele não fala comigo desde o incidente da piscina e você manda uma foto minha para ele?

— Incidente da piscina? Agora virou crime beijar na boca?

— SHIU! – sibilo, correndo para fechar a porta.

— Que porra? Você tá usando drogas ou bateu muito forte com essa cabeça no chão?

— Eu bati com força no chão – resmungo, abrindo minha bolsa de maquiagem. – E não quero falar disso.

— Mas você não está apaixonada por ele, não disse que o amava, não foi você mesma que o beijou, porra?

— Sim. Por isso mesmo, quero ignorar.

— Ah, não!

— O que foi?

— Você lê tanto livro ridículo que tá até agindo como uma personagem de livro clichê idiota. Agora vai achar motivos para dar para trás e fugir. Vai fazer uma merda gigante para que ele nunca a desculpe. Mas eu estou dizendo, Juliana Galli, se você beijar Luís por causa disso, juro que vou te matar.

— Eu não estou fugindo. Eu ainda moro na mesma casa, frequento os mesmos lugares e tenho o mesmo número de celular, não é? – Coloco a sombra com mais força do que deveria sobre a cômoda.

Vênus ri.

— O que foi?

— Todo esse tom de viúva sofrida, ressentida porque ele não te procurou, minha deusa, ainda bem que nunca fiquei assim. É patético. Você deveria se ouvir.

— Não é engraçado. – Emburro.

E Vênus, claro, ri mais.

— Eu odeio defender aquele babaca, depois da cena que fez na casa da Lua. Mas parece que vou ser a advogada do diabo aqui, né? – resmunga. – Você já parou para pensar que ele só está te dando o espaço que acha que você quer?

— Isso não faz sentido.

— Juliana, pelo amor da Deusa! Você é toda cheia de não-me-toques, especialmente em relação a beijos e contatos íntimos. Então, você o beija. Vocês conversam, mas não sobre isso. – Antes que retruque, ela levanta a mão. – Eu sei que vocês não falaram disso, porque você não quis falar nem para mim! Ele só deve estar pensando que você quer um espaço para respirar.

— E de onde ele tirou isso?

— Eu sei lá de onde que homens tiram suas ideias? Do cérebro é que não deve ser. – Revira os olhos. – Mas me parece muito uma coisa que Rafael faria, já que tem todo aquele jeito sem atitude.

— Era ele que me mandava os livros.

— E por qual outro motivo você beijaria um cara, senão pelo fato dele ter te enchido de livros?

— Ridícula.

— Posso ser ridícula – assente, pegando meu celular. – Mas, pelo menos, não sou patética o suficiente para esperar um cara me ligar. Se você quer conversar, liga você. – Joga o celular para mim.

— Você acha que é uma boa decisão correr atrás?

— Me poupe, Juliana! Esse cara ficou um ano te mandando livros em segredo! Você pode correr o quanto quiser, porque ele já atravessou uma maratona por você. – Revira os olhos. – Agora vamos falar da minha maquiagem. Espero que você tenha escolhido as cores bem escuras, porque vou de coturno, você sabe, e comprei um batom preto só para essa ocasião. Não me proíba de usar.

— Você vai parecer uma vampira.

— Na verdade, eu quero ficar assustadora. Para deixar aquele idiota do Luís o mais longe possível de você. Então, por favor – se senta na minha cadeira –, é melhor você caprichar.

Resmungo um “claro” enquanto mando um “oi” para Rafael e abandono o celular ao lado do meu estojo de maquiagem. Minha cabeça ainda zune, mas, pelo menos, o quarto parou de rodar.

Não penso que Rafael não me respondeu em seguida, como geralmente faz. E finjo que não me importo de ter sido eu a mandar a mensagem. Posso fazer isso. Estamos no século vinte e um. Posso mandar quantas mensagens quiser para um cara, sem me importar com isso. Sei que posso.

Mas a verdade é que, diferente da minha melhor amiga, eu me importo.

[40] LÁGRIMAS DE CHUVA

Momentos são coisas engraçadas. No geral, nunca sabemos que estamos de frente para um bom momento no instante em que acontece – são as memórias que os tornam melhores, quando repensamos sobre o que aconteceu e significamos a experiência vivida. Na hora em que acontece, apenas nos deixamos levar sem saber onde vai terminar. Mas sempre sabemos que algo é ruim, no instante que ocorre. Sentimos um aperto no peito, uma tristeza sem explicação, percebemos que algo não se encaixa e que tudo vai mudar. As coisas estão sempre mudando, é verdade, mas momentos ruins produzem uma rachadura instantânea, desmorona nossas certezas e nos derruba no chão, antes que consigamos nos proteger do terremoto que nos atravessa.

Não é o tipo de coisa que eu deveria pensar durante o baile de Luís. De fato, não estava pensando em algo específico quando ele chegou, com Eliana, para buscar a mim e Vênus, depois que minha mãe me fez posar cem mil vezes ao lado da minha amiga, dizendo o quanto estávamos lindas, e depois de Vênus ter publicado uma foto fingindo que iria me beijar na boca. Eu estava com uma dor de cabeça bem forte, por causa do choque de horas antes, então não tive paciência para discutir com minha melhor amiga.

Por isso, quando Luís deu um sorriso, com as mãos no paletó alinhado, e disse:

— Azul em homenagem à Corvinal, hein?

Eu só consegui pensar que ele é um idiota.

Vênus, por outro lado, disse:

— Que babaca.

Luís fingiu que não escutou, mas sua mãe olhou para Vênus com uma expressão próxima a de um olhar assassino. Não que minha amiga tenha se importado, claro.

Quando os organizadores da festa procuram Luís, pedindo que ele se posicione com sua mãe na entrada do salão, para a valsa, penso que Rafael

estava certo. O espaço para a dança é tão pequeno que nenhuma aula com Luís valeu a pena.

Eu não estou feliz com o fato de Rafael continuar em silêncio. Por isso, em vez de acompanhar os movimentos congelados de Eliana e Luís, tiro meu celular da bolsa para conferir se ele, ao menos, visualizou a mensagem. Os dois riscos azuis estão lá. Mas não respondeu.

É aí que começo a pensar sobre momentos ruins.

Mas não tenho tempo para focar nisso, porque é minha hora de dançar com Luís. Mais três minutos e eu poderei beber, como minha melhor amiga já está fazendo desde que entrou no salão.

— Você acha que a gente devia conversar? – Luís pergunta, enquanto fingimos arrastar nossos pés.

— Agora?

— É. Sobre o beijo.

— Não quero conversar sobre o beijo.

— Acho que a gente forma um bom casal.

Não consigo fazer nada além de olhar para ele. Por seis anos, tive essa certeza na minha cabeça. Nós dois gostávamos de estudar, não tínhamos muito saco para contatos físicos e podíamos ficar por horas discutindo sobre livros, por mais que nossas opiniões fossem tão diferentes. Gostar de Luís é tão fácil quanto se irritar com ele, porque ele é como o vento de Ponte Belo: os moradores nunca se incomodam pois, depois de algum tempo, não sentíamos mais as rajadas.

E talvez seja isso que me tenha feito parar de gostar dele – o fato de que, em algum momento, parei de sentir.

Seria fácil ficar com Luís porque ele preza o aprendizado e a ciência mais do que qualquer coisa, e não ficaria ofendido quando me recusasse a vê-lo para escrever meus trabalhos. Ele poderia me beijar, vez ou outra, e talvez

com o tempo eu parasse de me sentir tão estranha. Ou talvez não. Mas eu sei que ele não me beijaria muito – e isso é bom. Eu conheço seus gostos, seu humor, suas qualidades e seus defeitos. É fácil controlar o que sinto ao lado dele e, por isso, não dispara meu coração.

— A gente forma, sim – concordo.

Passo anos esperando pelo momento que admitiria, pelo momento que me permitiria ser mais do que o contato que ele liga quando não tinha mais ninguém para conversar. E essa é a parte ruim de quando a gente espera tanto que o Grande Momento aconteça – quando finalmente ocorre, a gente já gastou todas as energias esperando e tudo deixa de fazer sentido.

Luís dá um sorriso. E eu odeio ter de dizer as próximas palavras, por mais que saiba a necessidade de falar.

— Mas eu não gosto mais de você.

Ele fica com seu típico olhar desnorteadado, suas sobrancelhas se juntando enquanto pisca algumas vezes, ao mesmo tempo que sua boca se abre, como se fosse falar algo, mas tivesse perdido as palavras.

A música acaba e nós ficamos parados no canto do espaço de dança, ele com as mãos na minha cintura, eu com o braço em volta de seu pescoço, como um casal que foi interrompido antes da hora. Quando parece que Luís vai falar, enquanto um organizador pede para os convidados se retirarem e os formandos esperarem, Vênus me puxa.

— A mãe do Rafael está morrendo. Você vem?

Então, tenho certeza de que esse é um dos piores momentos.

Balbucio alguma coisa que faz Vênus franzir o cenho para mim, então encaro Luís, que continua parado no mesmo lugar.

— Você não pode ir. Eu não tenho mais ninguém para conversar nessa festa.

Eu olho para Vênus de novo, mas ela está olhando para ele.

— Sabe de uma coisa, Luís? Você devia ter feito mais amigos na sua vida – diz, me puxando pelo salão.

— Juliana! – ele fala mais alto.

— Eu sinto muito – respondo, ao mesmo tempo que emendo desculpas aleatórias para todas as pessoas que Vênus quase derruba na sua pressa de sair do salão. – Vênus!

— Eu só vi a mensagem agora! – resmungo, pulando na frente de um táxi que quase a atropela. – Pedro me mandou uma mensagem há duas horas e eu só vi agora!

Não me mexo e Vênus toma a dianteira das ações. Ela abre a porta do táxi e me joga no banco de trás, depois entra no banco do carona e manda o taxista ir o mais depressa possível para o Hospital. Enquanto o carro acelera, ela liga para Pedro. Mas não escuto nada.

Foco minha atenção nas casas que vejo pela janela, minha cabeça doendo enquanto a velocidade me deixa mais zozna. Levo a mão onde mais dói e percebo uma protuberância perto do pescoço, mas não tenho tempo para lastimar pelo galo ganho e apenas o toco, sentindo-o latejar.

Todo o resto é uma confusão sem começo, meio ou fim. Nunca consegui lidar com perdas. Não faço parte das pessoas que foram fascinadas por Augustus Water, porque nunca tive coragem de ler *A Culpa É Das Estrelas*. Como *Eu Era Antes de Você* foi o único romance da Jojo que me recusei a conhecer. Nicholas Sparks é proibido na minha estante e, por mais que as pessoas falassem bem de *Por Lugares Incríveis*, eu nunca conhecerei Finch. Eu fujo de qualquer história que tenha a mínima chance de morte, porque não queria sofrer.

Mas não posso fugir dessa.

Pedro está na porta do Hospital, com uma camisa do Blind Guardian, toda puída, e chinelos de dedos. Nunca vi Pedro de chinelos de dedos. Ele abre a porta para a namorada, mas eu saio de maneira mecânica pelo outro lado. É

ele também quem paga a corrida.

— O que aconteceu? Já está todo mundo aqui? – Vênus pergunta.

Mantenho meu olhar no céu escuro, sem estrela.

— Sim. Pode acontecer a qualquer momento.

— E Rafael? Como ele está? – Ainda é Vênus quem pergunta.

— Está sentado no final do corredor, olhando para a parede, em silêncio, há três horas.

Vênus me segura pelos ombros e diz:

— Ju?

— Acho que vai chover.

— Se você não quiser vir, Rafael vai entender.

— Não quero ir. Mas Rafael precisa da gente, não é? – Eu a olho.

Ela assente.

O Hospital parece ainda mais frio com as passadas largas que Pedro nos obriga a dar. Entramos no elevador, mas não sei em que andar estamos quando saímos. Caio e Lua são os primeiros que vejo quando a porta se abre.

Olavo passa por nós, entrando e apertando o botão para descer. Ele parece ter chorado, mas é difícil dizer com a expressão casmurra que coloca no rosto. Pedro o encara por um segundo.

— Ela morreu – diz, numa voz impessoal. E meu coração se aperta tanto que tenho certeza de que vou sufocar. – Preciso resolver as questões práticas, então se me derem licença...

Nós saímos em silêncio e vamos até Caio, que abraça Lua pelos ombros.

— Minha deusa, ele é tão babaca! – resmunga Vênus, quando a porta do elevador se fecha.

— Dá um tempo – Pedro responde. – Ele acabou de perder a mulher.

Alguém grita e eu dou um pulo de susto.

— Renato – Caio responde. – Está gritando de tempos em tempos desde que foi informado.

— E Rafael? – pergunto.

Lua aponta e sinto meus olhos encherem de lágrimas. Tento não chorar, mas é difícil evitar quando um homem do tamanho de Rafael está encolhido no canto do fim do corredor, abraçando as pernas, com o queixo sobre o joelho e os olhos vidrados.

— Ele ainda não se mexeu? – Pedro pergunta.

— Não – Caio nega. – Nem quando Daniel lhe deu a notícia.

— Você não quer ir lá? – ele pergunta a Vênus. Ela franze o cenho. – Sei lá, você faz Psicologia. Deve saber alguma coisa.

— Estou no terceiro período, Pedro. – Ela se encolhe. – E não lidei bem com a morte que presenciei na minha vida.

Nós ficamos em silêncio.

Eu devia ir lá. Mas falar o quê? É só mais um momento da nossa vida para se dar conta de que, embora palavras sejam mágicas, elas raramente são o bastante. Por mais que só tivesse encontrado Tânia duas vezes, ela parecia uma mulher maravilhosa que não merecia morrer tão cedo. Rafael não merecia perder uma mãe tão cedo. Mas a vida não é justa e essas coisas não estão na mão de ninguém.

Um relâmpago corta todo o andar e a chuva cai, no mesmo instante que um trovão estrondoso balança o chão em que estamos. Minha cabeça dói. Sinto meus olhos arderem por segurar lágrimas por tanto tempo, mas, antes que

decida ir até Rafael, Luana é mais rápida e caminha, a passos firmes, até ele.

Renato solta mais um grito dentro do quarto, mas, tirando isso, não há sinal de movimento em todo andar. A chuva cai com sua força total do lado de fora e, por muito tempo, ficamos imóveis. Como se a vida tivesse acabado para todos; como se ela não fosse voltar a acontecer, nunca mais.

[41] EM PEDAÇOS

Olavo volta pouco depois, pedindo a Pedro ajuda para avisar as pessoas, já que seus dois filhos não parecem dispostos. Ele olha para Pedro como nunca olhou para Rafael e fala em tom frio, como se condenasse o sofrimento de Rafael e Renato. Eu tenho vontade de socar sua cara. Mas Pedro apenas diz um “claro” e se afasta ao lado dele

— Ele não tem limite pra babaquice – Vênus resmunga.

Quero concordar, mas minha cabeça dói só de pensar em mexê-la. Me encosto na parede gelada e fecho os olhos.

— Você está bem? – A voz de Daniel me tira da escuridão da minha mente, enquanto segura meu ombro. – Está meio pálida.

— Ei – Caio fala. – Como estão as coisas lá dentro?

— Acabamos de dopar Renato. Olavo já ligou para a funerária, então estamos apenas... esperando. – Ele olha para a frente. – Ele ainda não se mexeu, não é?

— O que a gente faz? – Vênus pergunta.

— Acho que Lua está fazendo o melhor que pode. – Volta a me olhar. – Quantos dedos têm aqui?

— Ela já errou essa pergunta antes.

Daniel arqueia a sobrancelha.

— Bati com a cabeça mais cedo. Agora está doendo muito, só isso.

— Mais cedo que horas? – A mão dele alcança meu pescoço e me encolho quando ele encontra o galo que formou. – Uau. Você foi atropelada?

— Por ela. – Indico Vênus com a cabeça.

— Você já tomou um analgésico?

— Não. Tínhamos um baile para ir, e eu achei que iria beber depois...

— Vem comigo.

— Eu não... – Olho para onde Rafael está.

— Ele não vai ficar pior do que já está, Juliana. Vamos cuidar de você.

Não questiono, porque minha cabeça dói muito. Daniel me leva para a sala de emergência, onde me examina. Ele me dá um analgésico e uma bolsa com gelo, que me faz suspirar de alívio quando coloco sobre o lugar que dói.

— Daniel, o que acontece agora?

— Agora você precisa de descanso. Tente ficar algumas horas sem ver muita televisão, ler, ou algo que estimule demais o cérebro.

— Não – o interrompo. – Com Rafael.

Daniel não responde de imediato. Foco minha atenção na higienização que ele faz nas mãos. É só quando termina que me responde:

— É difícil dizer. O processo de luto é diferente para cada pessoa.

— Olavo nem acha que eles deviam sofrer...

— Cada um lida com a dor da maneira que lhe parece mais fácil. Renato grita e esmurra a parede. Rafael fixa seu olhar num ponto aleatório. Olavo toma providências e segue em frente. É mais fácil lidar com dores como a de Renato. É mais físico, acho. Pessoas como Olavo são mais difíceis.

— E o que a gente faz? Com Rafael?

— Ofereça espaço e fique em silêncio. Quando estiver pronto, vai vir até quem é importante para ele.

— Eu queria ter tido iniciativa como Luana. Mas não... consegui.

— Juliana, Lua perdeu sua mãe aos dezoito anos. O que os dois estão

dividindo não pode ser compartilhado com mais ninguém. Só esteja lá quando Rafael precisar segurar a mão de alguém. É tudo o que você pode fazer.

— Posso ir?

— Pode. Tome outro remédio daqui seis horas, tudo bem? E coloque gelo quando começar a doer muito. Se sentir perda de consciência ou desmaiar, volte até aqui.

— Obrigada.

Quando volto, Rafael continua no mesmo lugar. Lua está com os braços em volta do seu ombro, mas ele não a abraça de volta. Eu me sento ao seu lado, sem saber muito bem o que fazer. Ele não desvia o olhar do ponto da parede. Ele não chora. Mesmo assim, é a cena mais triste que já vi na minha vida.

As coisas acontecem numa lentidão desnorteadora, como se todos estivessem em câmara lenta. Olavo volta e grita com Rafael, o mandando fazer alguma coisa. É horrível, mas produz algum efeito e ele ergue o rosto.

Primeiro, olha para o pai. Por muito tempo e em silêncio, então aperta o braço de Lua, que está em volta de seu pescoço, e o retira. Ele troca um olhar em silêncio com Pedro, que está ao lado de Olavo, ao mesmo tempo que sua mão procura a minha. Troco a bolsa de gelo de mão, para ele poder segurar, e o contato da minha pele quase congelada o faz arrepiar.

E é aí que Rafael produz seu primeiro suspiro.

É longo e profundo e dói tanto que aperto sua mão com mais força. Ele não reage, mas não me afasta. Então, continuo lá.

— Que tal você ir para casa e tomar um banho? – Pedro sugere.

Rafael encosta a cabeça na parede e fecha os olhos. Passa alguns segundos de silêncio de novo, o que faz Olavo começar a bufar. Lua e eu tentamos ajudá-lo a levantar, mas ele é alto e forte e parece mais fraco do que o

saudável. Pedro o sustenta, trocando de lugar com Luana antes que o amigo caia.

— Quero você daqui quatro horas no velório – fala Olavo. – Tente parecer mais humano até lá.

A ironia é tão bizarra que, fosse em outro momento, teria rido. Mas nesse, apenas ergo o rosto para encarar Rafael. Seu olhar ainda parece vidrado, ele parece que envelheceu vinte anos, e acredito que, se Pedro o soltar, ele desaba. Mas a amizade de seu primo o mantém de pé. E ele não solta a minha mão.

Olavo se vai antes que qualquer um fale alguma coisa.

— Certo. Vamos fazer assim. Caio – Pedro chama –, leve Rafael pro apartamento. Lua, você vai com os dois. Faça um café e o faça comer. Eu vou ficar aqui terminando de resolver as coisas.

— E quanto a mim? – pergunta Vênus.

— Pegue uma carona com Caio. Juliana...

— Não – Rafael fala.

E como é a primeira coisa que ele diz depois de muitas horas, sua voz sai sufocada. Todos nós o olhamos.

— Ela fica comigo.

E eu tenho que me esforçar muito para não chorar.

— É claro que fica. – Pedro aperta o ombro dele. – Mas você tem que colaborar.

Rafael nem mesmo concorda com a cabeça. Caio o segura, então, nós três saímos do hospital de um jeito bem estranho, já que Rafael tem metade do corpo sobre o ombro de Caio, e, mesmo assim, segura minha mão.

Chove como se o mundo fosse acabar a qualquer momento e nenhum de

nós tem sombrinha. Rafael fica parado um tempo debaixo dos pingos grossos e gelados, nos obrigando a ficar parados também, enquanto encara o céu.

Sinto a maquiagem se desmanchar e o vestido ficar muito pesado, mas não tenho coragem de apressá-lo. Ninguém tem.

Começo a tremer de frio quando ele volta a andar.

— Vênus, você para primeiro. Entra na frente. – Caio fala, abrindo a porta de trás.

Lua entra, então empurramos Rafael, que cai num movimento pesado e sem vida no banco de meio. Ele me leva junto, porque ainda não parou de segurar minha mão. Ela começa a ficar dormente, mas não consigo parar de segurar porque Rafael parece que vai se quebrar a qualquer momento.

Tudo é feito de maneira mecânica, como se estivéssemos desenvolvendo o papel de outra pessoa. Não sabemos nossas falas, então ficamos em silêncio. Não sabemos o que sentir, então ninguém chora. Há lágrimas nos olhos de todos, e ninguém ousa derramar. Acho que esperamos que Rafael faça isso primeiro. Mas seus olhos estão secos.

Na casa dele, Caio o carrega para o banheiro e Rafael segura minha mão até o último segundo, seus dedos deslizando entre os meus até pararem de me tocar. Luana corre para a cozinha e tenta achar o que precisa, de um jeito desastrado, mas sem resmungar coisa alguma.

— Eu posso ajudar. Sei cozinhar – digo.

— Graças a Deus – diz, pegando o pó de café. – Isso é a única coisa na cozinha que faço bem.

— O que faço?

— Algo leve e fácil de comer. Quente, de preferência.

— Sopa?

— Excelente.

Ligo para minha mãe e a aviso sobre o que aconteceu, enquanto Lua e eu trabalhamos. A cozinha de Rafael é bem abastecida, o que o difere da maioria dos homens solteiros que conheço. Mas ele é mesmo diferente da maioria. É fácil encontrar as coisas, porque ele também é organizado. E, vinte minutos depois, pouco antes da minha mãe traz uma roupa mais confortável e muitos *cookies* doces do meu pai, sentimos o cheiro de sopa por todo o lugar.

É quando percebo que estou faminta.

Estou cansada e com sono, mas sei que não posso parar agora. Assim que parar, vou chorar. Vou chorar tanto que não conseguirei abrir os olhos quando o dia clarear e não posso fazer isso. Tenho que estar aqui quando Rafael precisar de uma mão para segurar.

Quando Rafael volta, não precisa mais ser escorado por Caio, embora o amigo continue próximo o suficiente para ampará-lo. Rafael usa as paredes. Seus olhos não dão sinal de nenhum choro e, por alguma razão, isso me deixa mais aflita.

— A roupa que minha mãe escolheu está na casa do meu pai — ele fala.

— Vou pedir para Pedro trazer — Caio responde.

— Temos café. E Juliana fez sopa. E ainda tem *cookies*.

Ele não responde, mas não reclama. Caio o faz sentar na cadeira da cozinha e se afasta, ligando para Pedro. Eu coloco o prato de sopa na frente dele, mas Rafael só olha.

— Por favor — sussurro, enfiando minha mão em seu cabelo úmido.

Rafael fecha os olhos e segura a colher. Não fala nada enquanto come, nem quando ofereço um cookie e ele morde um pedaço. Ele não questiona quando Lua lhe entrega o café. Na verdade, segura com tanta força a caneca que fico com medo de quebrar. Mas ela não quebra.

Somos nós que estamos quebrados em volta dele.

Pedro aparece no fim da refeição, com um terno preto, gravata azul e um

sapato social brilhoso demais. A camisa que vem no conjunto, no entanto, é um pijama puído de Star Wars.

Acho que vejo os olhos de Rafael lacrimejarem por um momento, mas o instante é fugaz e vai embora antes que tenha certeza.

— Você consegue fazer isso sozinho? – Pedro pergunta.

Rafael assente uma vez e se arrasta para o quarto. Lua diz que é melhor eu aproveitar para tomar um banho rápido e tirar a roupa molhada do corpo. Pedro também trouxe uma roupa para ela e Caio, então, aproveitamos que ele permanece e corremos para nos arrumar o mais rápido possível.

Quando volto para a sala, Rafael já está sentado no sofá, tão arrumado que é difícil de assimilar. Seu cabelo foi penteado e seu terno está alinhado. Eu me sento ao seu lado e ele me abraça, mas continua em silêncio. Pedro fica no telefone o tempo todo e acho que cochilamos em alguma ligação que o ruído faz.

— Ei – a voz doce de Lua me acorda, o que parece ser minutos depois. – Precisamos ir.

Nos dividimos, então. Pedro leva Rafael e eu. Caio e Lua vão no carro dele, porque ela quer passar na cafeteria e pegar grãos de verdade para servir no velório. Ninguém a questiona, por mais absurda que pareça sua colocação.

Olavo já está parado na porta do velório como um cão de guarda. Ele segura o ombro de Pedro e o agradece, mas não olha para Rafael. Rafael também não o olha. Ao invés disso, ele para ao lado do caixão aberto da mãe. E não sai de lá por hora nenhuma do velório.

Tânia está com o lenço de cabelo que lhe dei de presente e meu coração se aperta com tanta força que preciso segurar a madeira do caixão para não gritar. Ela tem uma expressão serena, como alguém que descansa depois de uma longa viagem. Ela está com seu vestido lilás e segura sua edição de Emma.

As pessoas vêm e vão, dando pêsames, abraços, sussurrando pelos cantos.

Rafael continua imóvel ao lado do caixão. Ele olha para a mãe o tempo todo, raramente conversa com quem se aproxima e, a não ser que seja alguém que pareça considerar, não abraça. Ele se deixa ser abraçado pelo pai de Pedro e é uma visão tão estarrecedora que todos que estão presentes param de falar.

Rafael esconde seu rosto no ombro do tio. Não chora, mas acho que é o mais perto que chega disso. Eles ficam tanto tempo nessa cena que, quando se separam, ninguém mais está prestando atenção.

Meus pais vêm no começo da manhã. Rafael aceita as condolências, abraça a minha mãe, mas não diz nada. Ela me puxa, quando meu pai fica ao lado dele, e me pergunta:

— Você quer que a gente fique?

— Eu acho melhor não.

— Me ligue se precisar. – Beija minha testa. Mas eu a abraço com força, chorando um pouco na sua blusa branca.

Tento me recompor quando ela se afasta, mas é difícil parar de chorar quando se começa. Outra coisa que não para é a chuva, que continua caindo com toda sua força do lado de fora, produzindo um barulho atormentador dentro do velório.

As horas não passam e minha cabeça volta a doer. Vênus me entrega o remédio e murmuro um agradecimento, sentando na cadeira ao lado do caixão, sem me afastar de Rafael. Então, próximo ao almoço, Renato chega junto de Glória.

— Você precisa comer – Pedro segura o cotovelo de Rafael.

— Eu não vou sair daqui.

— Ok – Lua diz. – Apenas tome isso. – E lhe entrega uma caneca térmica de café.

Esse é o máximo de interação que acontece, mas nenhum dos amigos sai de perto de Rafael a partir daí. Glória também fica ao lado dele, segurando

sua mão. Renato não parece muito melhor e, em algum momento, me aproximo para lhe dar os pêsames.

Ele chora quando o abraço. Ele chora todas as vezes que é abraçado.

Os olhos de Rafael continuam secos.

Não acredito que haja um protocolo de como se portar num velório. Mas acredito que não chorar é perigoso. Sufocar sentimentos, especialmente sentimentos ruins e dolorosos como os que Rafael está sentindo, nunca é o melhor caminho para lidar com a perda.

Ele não está chorando porque não sente.

Ele não está chorando porque está sentindo demais.

Por fim, chega a hora da missa de corpo presente. Não tenho coragem de ver o caixão sendo fechado, então corro porta afora antes que aconteça. Rafael, Renato, Olavo, Simas, Pedro, Caio e Daniel são os homens que carregam o caixão até a igreja. Há muitas pessoas agora e os lugares ficam quase tomados.

A cerimônia é rápida e simples e, perto do final, o padre pergunta se algum familiar ou amigo quer dizer algumas palavras. Ninguém parece ter condição, mas Pedro se levanta e caminha até o altar.

— Há algumas semanas – ele começa –, num dos nossos encontros para discutir literatura, tia Tânia me fez um pedido de vir até aqui, falar alguma coisa boa dela, para que ninguém pensasse que era uma pessoa ruim. – Ele pausa e acho que sua voz embarga, mas Pedro disfarça bem. – Ela achava que seus filhos não conseguiriam e que eu era a melhor pessoa com as palavras que conhecia. É, ela era bondosa assim. – Ele dá um pequeno sorriso. – Mas é claro que todos que estão aqui sabem que ela era uma das melhores pessoas que conhecemos. Tia Tânia foi a melhor mãe que alguém poderia ter. Ela era doce, divertida, inteligente, estava sempre de bom humor e tinha um coração enorme para perdoar as travessuras dos seus filhos e amigos dos seus filhos, porque via graça em quase tudo que fazíamos. Ela também dava os melhores presentes e foi a responsável por me fazer gostar de mitologia quando me deu

uma enciclopédia completa, no meu aniversário de dez anos.

— Você sabia disso? – sussurro para Vênus.

— Não fazia a menor ideia.

— Eu não preciso dizer para nenhum de vocês como sofremos com essa perda. Tia Tânia aguentou firme até o último segundo, sem demonstrar metade da dor que sentiu. Eu não sei se acredito em Céu ou Inferno, em vida após morte ou se vamos mesmo para um bom lugar de descanso. Mas sei que ninguém merecia mais o Paraíso do que ela. Com essa chuva lá fora, penso em como ela estaria contente e feliz. Ela adorava chuva. Mas também penso que essa chuva resume bem o que estamos sentindo com a sua partida. Vamos lamentar e chorar pela morte dela por muito tempo e, enquanto isso, tia Tânia rodará debaixo dos pingos gelados, dançando na chuva como adorava fazer. Rindo. Porque é assim que ela queria ser lembrada. Como a mulher que sempre estava de bom humor, não importasse o tempo ruim que enfrentasse.

Então, estou chorando. Vejo Caio secar uma lágrima enquanto Lua se debulha, encolhendo-se no abraço dele. Vênus, ao meu lado, também chora, e isso é tão inédito que choro mais.

O padre agradece as palavras de Pedro, diz que o que fica das partidas é, justamente, as coisas boas que a pessoa fez por nós. Mas ninguém parece ter cabeça para escutar mais nada.

Está chovendo mais forte, quando saímos da igreja. Vênus abre uma sombrinha, mas não é capaz de nos proteger da quantidade de água. Os homens carregam o caixão até o lugar do enterro e, quando tudo parece que vai acabar, as coisas fogem do controle de vez.

Estou olhando a lápide “*Mulher inspiradora, sentiremos sempre sua falta – do seu marido, filhos e amigos íntimos*”, quando Renato empurra Rafael com força. Eles quase caem sobre mim, mas Vênus me puxa e, no segundo seguinte, Rafael desaba no chão molhado.

— A culpa é sua! – Renato grita e interrompe a saída de metade das

pessoas no velório. – A culpa é toda sua!

Rafael não reage.

— Se você não tivesse passado sete anos no hospital, nossa mãe não odiaria tanto o lugar. Ela teria se cuidado melhor. Ela teria se tratado de verdade. Ela ainda estaria aqui!

— Vamos, Renato – Olavo diz, abraçando-o. – Não vale a pena.

E é aí que perco a paciência.

— Qual é o seu problema? – grito.

— Juliana! – Vênus me segura.

— Qual a merda do seu problema? Ele era uma criança! Ele não tem culpa de nada! Ninguém tem culpa! E você deveria defender seu filho.

— Eu estou – Olavo responde.

— É. Só que o problema é que você tem mais de um.

Nós dois nos encaramos.

— Quem você pensa que é para falar assim comigo?

Tenho certeza de que ele vai avançar em mim, mas Rafael se levanta e me coloca atrás dele. Os dois homens se encaram, e sinto meu peito arder ao perceber como eles são tão fisicamente parecidos quanto distantes em personalidade.

— Não foi dita nenhuma mentira aqui – Olavo diz, depois de um tempo.

— Tenho certeza que não. – A voz de Rafael sai congelada.

E, depois de dizer isso, ele gira nos calcanhares e sai do cemitério, as passadas largas. Rafael dá um soco na janela do carro de Pedro, o alarme disparando no momento em que o vidro se quebra. Ele abre a porta e, tão

rápido quanto uma piscada, acelera, os freios cantando como um carro de fuga.

— Como raios... – Lua começa.

— Você esqueceu a droga da chave na ignição de novo, seu imbecil? – Vênus brada.

— Porra! – Pedro corre. – Caio! Seu carro, porra.

Os dois amigos somem do nosso campo de visão e, segundos depois, vejo o carro de Caio passar, também cantando pneu, atrás do rastro de Rafael.

— Merda – Lua fala.

— Puta que pariu! – Vênus é menos politicamente correta.

— O que a gente faz agora? – sussurro.

— Agora – Lua diz –, a gente vai pra casa, faz um café e mantém a fé de que ele vai voltar, quando ficar frio demais para suportar o tempo aqui fora. É tudo que podemos fazer.

[42] DEPOIS DA TEMPESTADE

Rafael não volta.

Três horas depois, Pedro e Caio aparecem, após terem rodado toda a cidade. Pedro liga para Daniel, que o coloca em linha direta com o plantonista da emergência, mas ninguém com a descrição de Rafael aparece no Hospital – o que é um alívio, apesar de nos deixar mais preocupados. Caio, por sua vez, liga para a polícia, mas como só se pode notificar um desaparecimento após vinte e quatro horas, não há nada que eles possam fazer. Então, ficamos os cinco sentados na sala de Rafael, sem saber como agir.

Estamos exaustos, mas ninguém consegue dormir. Ninguém consegue chorar, também. Há um silêncio pesado sobre todos e Vênus não abre a boca há tanto tempo que acho que perdeu sua própria voz. O barulho da chuva do lado de fora já é o bastante para todos nós.

Em algum momento, Pedro decide que precisa avisar Olavo. Mas ele não atende. E hora alguma retorna a ligação.

Esse tipo de relação de pais e filhos sempre será um enigma para mim. Cresci rodeada de amor, afeto e compreensão. Meus pais me amam e, por muito tempo, achei que todas as famílias eram assim. Achei que maternidade era um dom. Achei que paternidade talvez não fosse talento nato, mas todo homem poderia aprender.

Por isso, conhecer famílias diferentes, com dinâmicas diferentes, ainda é um choque mesmo que eu seja amiga de Vênus, a garota que, por dezenove anos, teve uma relação sem sentido com seu próprio pai. Lua foi amada por sua mãe, mas não tem pai. Pedro parece ser mais amado pelos parentes de seus amigos do que pelos seus próprios progenitores. E Rafael...

Rafael acabou de perder a única pessoa da família que o amava genuinamente.

E está sozinho.

Enquanto a madrugada avança, cada um é vencido pelo próprio cansaço. Minha mente ainda dá voltas quando perco a consciência e durmo no sofá. Mesmo assim, não descanso. É como se uma parte de mim continuasse em alerta, pensando em tudo que aconteceu, tentando descobrir onde ele foi, tentando decifrar por que, para ele, é melhor ficar sozinho no seu pior momento.

O dia está amanhecendo quando dou um pulo do sofá, sentindo minhas costas fílgarem pela posição das últimas horas. Lua está no outro sofá e Caio dorme sentado no chão, com uma mão segurando o telefone e a outra segurando a mão da namorada. Pedro pernoitou com seu corpo sobre a mesa, a mão em volta do celular. Vênus está apagada sobre o tapete. Pisco, zonza, metade de mim ainda dormindo, enquanto calço meus sapatos. Vasculho o apartamento. Não há sinal de Rafael por aqui.

Suspiro, entrando em seu quarto. O apartamento dele é tão organizado que me deixa mais desnorteada. Sua caixa de HQS é a única coisa fora da ordem, abandonada perto da cama. Eu me aproximo das fotos sobre o criado-mudo.

Rafael com Pedro e Caio. Rafael com a mãe. Rafael com Lua. Rafael com todos eles, mais Daniel, num bar. E Rafael pequeno, sorrindo, os cabelos bagunçados, uma covinha lateral o deixando ainda mais fofo, na clareira.

A clareira! Por que não pensei nisso antes?

Pego um cobertor do pé da cama e corro até a sala, mas todos parecem mais apagados do que antes. Deixo um bilhete para o caso de eles se preocuparem comigo e pego o chaveiro do carro de Rafael, no painel de chaves. Ainda está chovendo, embora bem menos do que no enterro. O carro de Rafael está estacionado na porta do prédio e eu entro, tremendo um pouco com a água gelada dos pingos que caem. O carro está quente e, por um instante, apenas seguro o volante tentando me esquentar. Ligo a ignição e dou a partida, ignorando a insegurança de alguém que tirou a carteira há três anos – e nunca mais pegou num automóvel depois disso.

Faço o caminho todo murmurando coisas aleatórias, para tentar me acalmar. Alguns motoristas buzina, mas são poucos, porque está cedo e é um domingo chuvoso e frio. Demora um pouco para achar qual foi a rua de

acesso que Rafael pegou para se afastar da cidade, mas, depois, as coisas vão mais rápidas. Leva meia hora para parar perto da trilha e do carro de Pedro.

Não acredito que ele passou a noite toda aqui, no meio do mato, no escuro, debaixo de chuva. Tenho vontade de socá-lo por ser tão imbecil, mas, ao mesmo tempo, estou quase sorrindo de alívio. E é nesse misto de emoção que corro pela trilha, não me incomodando com os galhos molhados, pesados e frios que batem nas minhas pernas e no meu rosto.

E, no final, está Rafael.

Ele está só com a blusa do pijama de Star Wars colada no seu corpo e a calça social. Está sentado com as costas e a cabeça encostada numa árvore. Seus cabelos estão tão ensopados que caem na sua testa. E a mão, com a qual deve ter quebrado o vidro, ainda tem sangue grudado, como se nem a chuva tivesse tido a capacidade de apagar aquele rastro.

Não chove mais onde estamos, o que me faz ficar insuportavelmente seca perto de toda a cena.

Por um momento, fico parada no final da trilha, apenas olhando para ele. Rafael ainda não abriu os olhos. Ele parece exausto e alguém muito doente que, com um vento mais forte, poderia se quebrar ao meio. Me esforço para não chorar, porque esse é o momento que tenho que ser forte.

A minha dor, perto da que ele está sentindo, é apenas uma fagulha de bobagem. Não posso alimentá-la. Não sou eu que preciso de cuidados agora. É o cara que está na minha frente. É o cara pelo qual estou tão apaixonada que, mesmo nesse estado, ainda me faz perder uma batida do meu coração.

Ele abre os olhos, piscando em seguida. Dá a impressão de que está acordando de um sonho. Então, olha para onde estou. Ainda não me mexo. Ele também não. Nós dois nos encaramos por quase um minuto antes que eu consiga falar:

— Estão todos preocupados com você.

Ele pisca, fechando os olhos por dois segundos, antes de abrir de novo. Os

passarinhos cantam, anunciando a manhã. Fora isso, não há nenhum barulho. O sol está nascendo ao meu lado.

É para ser uma paisagem linda, se não fosse tão triste.

— Você não é um sonho – ele diz, com a voz rouca.

— Não.

Rafael deixa a cabeça cair, numa tentativa de assentir que não se cumpre, e olha para outro lado.

Eu caminho até ele e me sento ao seu lado, contendo a reclamação pelo chão molhado. Passo o cobertor pelos seus ombros. Ele não reclama. Ele não diz nada, mas sinto seu corpo relaxar dentro do meu abraço.

Poderia dizer muitas coisas, mas nada parece certo, então mantenho o silêncio. Ele se contrai mais no meu colo e eu passo os dedos no seu cabelo molhado, numa tentativa de carinho que é impedida pela quantidade de água absorvida pelo seu cabelo durante a noite.

Nós dois estamos encarando o nascer do sol, tímido, por entre as nuvens pesadas de chuva. A luz amarela é quase branca, mas isso não torna a cena menos bonita. É quase tão bonita quanto o pôr do sol que ele me fez assistir, semanas atrás. Parece que aquela cena ocorreu séculos atrás. E pensar nisso faz meu peito se comprimir tanto que sinto tudo em mim arder.

— Era o momento preferido da minha mãe – ele sussurra, depois de muito tempo.

— Esse é o primeiro nascer do sol que vejo na vida – confesso.

Nós ficamos em silêncio de novo e, para compensar a falta de palavras, o abraço mais forte. Rafael entrelaça seus dedos sem marcas de sangue na minha mão. A machucada, deixa fechada e longe de mim.

— Você acha que algum dia essa dor diminui? – pergunta.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu escondo meu rosto em seu

pescoço, para que ele não veja, mesmo que não esteja olhando para mim.

— Não faço ideia – digo. – Acho que grandes dores nunca param, por completo. Acho que a gente só... aprende a conviver com elas.

— Ela me fez prometer que eu não iria sofrer. Mas como posso cumprir essa promessa? – Há uma agonia tão grande em sua expressão que não consigo impedir minhas lágrimas de caírem. – Eu sabia que ia doer. Eu só... – Ele fecha os olhos. – Não imaginei que seria tanto.

Beijo sua testa, apertando-o com mais força. Rafael não reclama, mesmo que pareça que vou esmagar seus ossos a qualquer momento.

— Renato está certo.

— Não!

— Ele está – diz, em tom resignado. – Ela se recusou a fazer o tratamento intensivo, porque não suportava mais o cheiro de hospital desde que saí dele.

— Não é sua culpa!

— Eu devia ter disfarçado melhor. Se eu tivesse provado que superei aquela época, talvez... talvez...

— Rafael! – Eu o sacudo até ele me encarar. – Você era uma criança! Seus problemas de saúde não foram causados por você! E, mesmo que tivessem sido, as coisas na vida não seguem esse tipo de lógica perfeita que você encontra na matemática!

Ele treme, mas não responde.

— Tenho certeza de que sua mãe não te culpava.

— Ela era incapaz disso.

— Ela te amava! O que aconteceu não é sua culpa. Nada do que aconteceu é sua culpa, Rafael! Por favor, me escuta. – Seguro o rosto dele para que me encare. – Não. É. Sua. Culpa.

É quando acontece. Rafael soluça uma vez, seu corpo todo tremendo. Então, soluça de novo. Antes do terceiro acontecer, ele chora. Eu o aperto no abraço e ele segura meu corpo, seu próprio corpo se convulsionando. Rafael solta pequenos gritos, que são abafados pelo seu próprio soluço, num choro tão agudo e dolorido que eu mesma não consigo conter o meu.

Então, nós choramos juntos.

Deixo que o corpo dele se sacuda o quanto pode, no meu abraço, sem soltá-lo. Rafael deixa sua cabeça cair no meu colo e parece tão pequeno quanto um garoto que perdeu a mãe no supermercado. Mas ele já não era criança e sua mãe não estava no corredor de laticínios. Eles não se encontrariam mais. Eles não se abraçariam mais. Tânia não leria mais para ele e ele não poderia mais dizer que a amava. Havia acabado. Para sempre. E, por isso, ele chora muito mais.

O sol já está quase alto no céu quando ele para de soltar gritos eventuais. E ainda demora muito tempo até o choro cessar, seu corpo ficando imóvel no meu abraço. Continuamos em silêncio, meus braços dormientes por causa da posição que mantenho. Então, Rafael espirra. Uma vez. Duas vezes. Três.

— Acho melhor irmos para casa – digo, esfregando o cobertor, que agora não está mais seco, ao redor de seu corpo.

Ele assente, mas não se mexe.

— Rafael? – Aperto seu ombro. – Me deixe cuidar de você.

Ele encosta sua testa na minha, mantendo os olhos abertos. A claridade e a proximidade deixam seu olhar tão claro que parece que são as pintas castanhas as intrusas da coloração verde, e não o contrário. Acho que ele vai dizer alguma coisa, mas, então, fecha os olhos e engole em seco. Passo os dedos pelo seu rosto até ele me encarar de novo.

— Me leva para casa – pede.

— É para isso que estou aqui.

Ele se afasta, para mais um acesso de espirro, enquanto o ajudo a levantar. Rafael é muito maior do que eu, mas parece tão crispado com a dor que fica menor. Ele passa os braços pelos meus ombros e, assim, com ele tremendo de frio, espirrando a cada dois passos, e um pouco tortos, consigo levá-lo de volta para seu lar, perto de pessoas que o amam e que podem cuidar dele também.

[43] SORTE SÓLIDA

Depois de horas em silêncio na casa de Rafael, ouvir tilintar de panelas e vozes na cozinha da minha casa me deixa paralisada na sala por alguns segundos. Estou exausta, minha cabeça dói e meus olhos ardem. Faz pouco mais de vinte quatro horas que saí de casa, mas tudo parece diferente.

— Mãe, pai – chamo, abandonando o chaveiro sobre a estante mais próxima.

— Ah! – Minha mãe dá um pequeno grito e aparece na porta da cozinha. – Aí está você. Conseguiram encontrá-lo?

— Hoje de manhã.

— Como ele está?

Vou até lá, parando na porta e observando a cena. Meu pai está cozinhando, enquanto minha mãe está com várias planilhas espalhadas pela mesa.

— Com quarenta graus de febre.

Minha mãe faz uma careta e meu pai xinga baixinho, mas nenhum dos dois emite opiniões.

— Vocês querem ajuda? – pergunto.

— Queremos que você se sente e coma alguma coisa – meu pai fala, mexendo a frigideira.

— Não estou com fome.

— Não me faça pedir uma segunda vez.

Assinto, sentando-me ao lado da minha mãe. Meus olhos pesam e bocejo, como se o cansaço tivesse piorado só pelo fato de eu ter parado. Deito a cabeça na madeira da mesa, mas, antes de fechar os olhos, vejo o jornal abandonado por baixo dos papéis da minha mãe. É a palavra Albuquerque

que me chama a atenção.

— Acho que o jornalismo está cada dia mais próximo do fim – minha mãe comenta, enquanto puxo o jornal para ler.

TRAGÉDIA NA FAMÍLIA ALBUQUERQUE TERMINA EM BRIGA.

Balanço a cabeça para a manchete, tornando a cena mais triste que já presenciei na vida em algo espalhafatoso. Mesmo achando ridículo, não consigo parar de ler. E doloroso pensar em que estado Rafael ficará se encontrar essa notícia. Então, leio meu nome e engasgo.

— É verdade? – Meu pai mexe com a colher na panela.

— Mas... como raios eles sabiam quem eu era?

— Somos uma cidade pequena, filha. É difícil se esconder.

Abandono o jornal ao meu lado, me sentindo ridícula por ter sido noticiada pela primeira vez na vida justamente por brigar com um homem mais velho, sofrendo pela dor da perda, muito mais rico e poderoso. A notícia faz parecer que eu estou errada.

— Vocês estão bravos?

— Esperei pelo momento de colocar Olavo no lugar por anos, fico feliz que alguém da minha família conseguiu – minha mãe diz, em tom displicente.

— Eu devia ter pensado melhor...

— Ninguém pensa muito na hora da dor. – Meu pai coloca o prato na minha frente. – E acho que você gosta desse seu amigo o bastante para arriscar.

— Só achei ridículo... quer dizer, ele era uma criança, não tinha culpa por precisar morar num hospital. E, então, no pior momento da sua vida, o próprio pai não o defende? – suspiro. – Fez parecer que relacionamentos familiares são difíceis.

— Relacionamentos familiares são difíceis. — Minha mãe me dá um sorriso.

— Não parece ser difícil aqui.

— Nós temos sorte. — Meu pai coloca o ovo mexido no meu prato.

— Eu acho isso muito... — Puxo o ar, tentando recolher as palavras que rodam embaralhadas em minha mente. — Nós crescemos ouvindo que a família é a base de tudo, que só eles vão ficar lá quando algo desmoronar, ajudando a reconstruir ou juntar os cacos. A gente cresce com a ideia de que é obrigado amar seus pais e irmãos e, então...

— Juliana... — Ela segura minha mão. — Nem todo mundo está pronto para ter uma família. Nem todo mundo está pronto a se sacrificar, algumas vezes, por isso. Mas mesmo assim montam uma família, porque é isso que a sociedade espera.

— Tudo parece tão errado! Quer dizer, Rafael é uma pessoa maravilhosa. Ele não merecia... ser odiado pelo próprio pai.

— Jujuba — diz meu pai —, nem sempre família é quem divide seu próprio sangue. Acho que você e os amigos dele fizeram muito mais essa função.

— Mas não é a mesma coisa.

— Não. Mas a gente precisa aprender a conviver com aquilo que nós temos.

Não tenho como responder a isso, então tento comer. Embora saiba que esteja muito bom, não consigo sentir o gosto da comida.

— Você acha que está muito cedo para trazê-lo aqui e nos apresentar? — meu pai pergunta.

— Vicente! — minha mãe xinga.

— Que foi? Nossa filha gosta dele. E eu preciso dizer que ele tem que cuidar bem dela, porque ela é minha filha preferida e eu o frito se a

machucar.

— Pai! Você não pode sair por aí dizendo que sou sua filha preferida!

— Posso tanto quanto posso negar que disse.

— A gente não tinha combinado de esperar que nossa filha nos contasse o que está acontecendo entre eles?

— Rebeca, um pai tem o direito de se preocupar.

Sinto minhas bochechas esquentarem.

— Não acho que seria uma boa ele vir agora. Ele acabou de perder a mãe e provavelmente a família, Vicente! Você não pode querer que ele venha aqui e assista nossa dinâmica em seguida! Isso acabaria com ele.

Meu pai abre a boca para responder, mas não consegue dizer nada, o que faz minha mãe dar um sorriso divertido.

— Eu amo vocês, sabiam? – digo.

Os dois sorriem para mim e me levanto, beijando minha mãe e abraçando meu pai. Ele me aperta e eu solto uma risadinha.

— Nós também te amamos, Jujuba. – Bate com o indicador no meu nariz.

— Vou tentar dormir.

Estou subindo as escadas quando escuto a voz do meu pai dizer:

— Talvez eu apenas possa ligar para ele?

— Vicente! Para de agir como idiota!

— Mas...

— Juliana vai trazê-lo quando ambos estiverem prontos. Não apresse coisas que não devem ser apressadas.

— Certo, certo. Então vou fazer alguns pratos ótimos para resfriado e ela pode levar, quando for visitá-lo. Está bom assim?

— Você não pode dar recados com sua comida!

Balanço a cabeça, as vozes dos dois tornando-se mais longe e baixas à medida que me aproximo do meu quarto. Eu entro na minha bolha de proteção e suspiro de exaustão e de alegria por estar num canto confortável. Deixo meu corpo cair na cama, compreendendo o que Vênus sempre disse, pela primeira vez na vida, toda vez que discutimos sobre família.

Eu sou uma garota de sorte.

E é bom poder agradecer por isso.

[44] PERDENDO O MEDO

É interessante como a morte muda nossa perspectiva sobre as coisas.

Não precisa ser exatamente de alguém íntimo, mas, quando recebemos uma notícia de morte, alguma coisa sai do lugar dentro de nós. Você se pega pensando em como a vida é frágil e simples, enquanto passamos o tempo todo nos convencendo que somos fortes e complicados. Você reflete que poderia ser você naquele acidente de carro – afinal, você passou dois minutos antes; ou você a morrer daquela doença – afinal, você não cuida tão bem da sua saúde quanto deveria.

Nos perguntamos o que estamos fazendo com nossa vida; se, caso morrêssemos amanhã, a existência teria valido a pena. Se nossas inseguranças são mesmos importantes para serem levadas a sério. Se tomamos a decisão certa ou se, principalmente, deixamos de tomar as decisões certas. Tentamos o suficiente? Nos apaixonamos o suficiente? Nos entregamos o suficiente? Vivemos nossa vida o suficiente?

Eu não acho que vivo.

Sempre soube que me escondo nas histórias das outras pessoas para conseguir viver. Foi pelos olhos dos meus personagens que tive a maior parte das minhas experiências. Sempre soube que, por medo de ser julgada por aquilo que sou e aquilo que não tenho, me escondi nas palavras de outra pessoa para sobreviver.

A morte de Tânia me faz pensar que, por causa disso, talvez eu não esteja vivendo.

E isso é uma crise existencial e tanta para quando você tem vinte e um anos.

Mas a verdade é que, embora eu não conhecesse Tânia tão bem quanto Rafael e seus amigos, embora eu só a tivesse visto duas vezes, a morte dela mexeu comigo. E não porque deixou seu filho arrasado, por mais que eu goste dele. Tem pouco a ver com Rafael. Tem muito a ver com o tempo que perdi com medo de me envolver com alguém só porque não sinto coisas

como a maioria das pessoas diz que sente.

Parece complicado para se pôr em prática. Estamos cercados de exemplos do que é um namoro saudável, e a maior parte deles não contempla o que quero de um relacionamento. Não estou falando sobre dar liberdade pro outro, não fiscalizar suas chamadas ou conversas, não o impedir de sair ou qualquer coisa assim – até porque isso é doença. Mas as pessoas enchem a boca para falar que relacionamento saudável precisa de sexo. E, quando você não quer fazer sexo, pode ser uma grande barreira que nos impede de viver uma relação.

A verdade é que só agora consigo compreender o que Vênus quis dizer semanas atrás, ao falar que a gente espera que o homem esteja sempre querendo sexo. Talvez ele não queira, às vezes. Talvez ele queira menos que a mulher. Talvez ele queira muito mesmo, e daí? Eu também quero ser passageira da Enterprise no universo Star Trek e tenho que conviver com a realidade de que nunca serei.

Assim, ficar com medo de me relacionar com alguém, só porque presumo que esse alguém vai querer coisas de mim que não posso retribuir, é dar a esse alguém um poder que deveria ser só meu. É dizer que ele decide por mim. E não deveria ser assim. Eu não tenho que ter medo de dizer que não quero, só para não machucar o outro. Eu não deveria me machucar só para não machucar o outro.

Eu estava fazendo tudo errado.

Não quero um relacionamento bom baseado em quantas vezes se faz sexo por semana. Não quero nem pensar num relacionamento à base de sexo. Não quero viver algo que só funciona se tem beijos e contato íntimo. E um namoro não é menos namoro por isso. O que faz um relacionamento ser amoroso não são quantos orgasmos ele consegue te dar. Medir e acreditar nisso é tanto ingenuidade quanto idiotice.

E talvez eu esteja sendo mais idiota do que gostaria.

Talvez Rafael estivesse sendo sincero quando disse que não sente tanta vontade quanto a maioria das pessoas espera que ele sinta. Talvez ele

estivesse mentindo. Ou talvez seja mesmo diferente de relação para relação. Mas isso eu só saberei se parar de ter medo e for viver meu sentimento, ao invés de me esconder e fugir. Eu tenho que romper a barreira da idealização e isso não é fácil, porque só assim saberei se amo mesmo Rafael. Ou se tudo o que sinto é apenas fruto da minha cabeça, alimentado todos esses anos por livros românticos com final feliz.

Eu não posso ignorar que ele me mandou livros em segredo por quase um ano. Ele se divertiu com minhas opiniões pré-concebidas e fez piadas sobre meus posicionamentos sobre ele, embora nunca tenha rido de mim. Ele é bem diferente de boa parte dos personagens que, algum dia, me apaixonei. Ele é um homem de personalidade e eu sou apenas uma garota sonhando acordada.

Mas a morte de Tânia me fez ver que não quero viver sonhando, porque talvez não seja isso que valha a vida no final.

Pode ser que não daremos certo juntos. Mas nunca saberei sem tentar. E, pela primeira vez, não quero apenas imaginar o que teria acontecido *se*. Talvez o mais importante da experiência seja o que aconteceu “independente de”.

Ou talvez só esteja ficando louca.

Mas isso só descobrirei se chegar ao final dessa história, sem medo dos machucados que possa adquirir no meio. É com essa resolução que abro a porta do apartamento de Rafael.

— Vocês querem dar pizza de novo para Rafael? – Lua diz, numa voz esganiçada.

— Pizza sempre melhora o ânimo de todo mundo – Vênus responde.

— Ele está doente!

— Ele só está gripado, Lua. – Caio revira os olhos.

— Ele fez um transplante de coração há vinte anos e precisa seguir uma dieta específica! Não sei vocês, mas eu gostaria de ter meu amigo por mais

uns quarenta anos.

— Oi – digo. – Meu pai mandou algumas comidas.

— Finalmente! – Lua caminha até a mim, pegando as sacolas da minha mão. – Vocês comam essa pizza toda se não quiserem que ela termine no lixo.

— Minha Deusa – resmunga Vênus, jogada no sofá, largando o controle do video game ao lado. – Você precisa ser estudada.

— Como Rafael está? – pergunto.

Já se passou três dias desde que o levei para casa, e em todos ele teve febre de quarenta graus. Daniel passava uma vez por dia para conferir o estado dele. Rafael quase não fica acordado e, mesmo quando abre os olhos, não parece estar presente. Então, Lua, eu, Vênus, Pedro e Caio estamos nos reservando para dar-lhe comida e remédio nas horas certas e, no caso dos homens, ajudando-o a tomar banho.

Seu pai não ligou nenhuma vez e, ainda que todos os outros ajam como se já esperassem, eu não consigo conter a onda de raiva e indignação pela falta de preocupação.

— Caio, levanta a bunda desse sofá, vai tomar um banho e ajudar Pedro no Café – Lua diz. – Vem comigo. – Ela me puxa pra cozinha, enquanto seu namorado resmunga. – Ele ainda está com febre alta, mas conseguiu ficar mais acordado de ontem pra hoje.

— Nada de Olavo?

— Olavo é o tipo de pessoa que precisa culpar alguém para continuar sobrevivendo. Ele não vai aparecer aqui.

— Certo, mas odiar o próprio filho?

Ela me sorri, abrindo as vasilhas que meu pai mandou. Há dois tipos de sopa, um pote com arroz, feijão e lasanha, e outro com doces.

— Você tem pais maravilhosos, mas nem todo mundo pode contar com isso. E vamos esconder essa daqui dos dois comilões da sala, por enquanto. — Ela coloca os doces no fundo da geladeira. — Olha, você se importa de ficar sozinha com Rafael hoje, até mais ou menos umas dez da noite, quando Pedro vier? Ele vai dar aula a tarde e não posso deixar Caio sozinho porque, você sabe, ele não sabe fazer café.

— Tudo bem.

— Obrigada. Nós temos muita sorte de ter você.

— Nós temos sorte de ter tio Vicente, isso sim — Vênus fala. — Senti cheiro de lasanha dos Galli?

— Você acabou de comer meia pizza gigante!

— Não se recusa massa de famílias italianas, Luana. — Ela revira os olhos, enfiando o garfo na lasanha e pegando um pedaço. — Muito menos quando é do pai dela.

— Ah, pelo amor de Nossa Senhora dos Cafezais! Pedro disse que você tem aula às três, então já pode se mandar daqui. Pega carona com Caio.

— Nossa, já chegamos ao ponto do relacionamento em que ela está me expulsando.

— Bem, algum dia a lua de mel adocicada de vocês tinha que acabar, né, Caiozinho? Fico feliz que foi antes de todos nós morrermos de diabetes. — Vênus dá um soco no ombro dele. — Vamos. Já tô com catorze faltas nessa matéria e não pretendo repeti-la semestre que vem.

Os dois saem e Luana suspira, lavando a louça suja da pia.

— Você consegue trocar os lençóis da cama de Rafael sozinha? Preciso colocar para lavar.

— Acho que sim.

Nós trabalhamos em silêncio, enquanto Rafael está apagado em sua própria

cama. Eu o viro de um lado para o outro para tirar o lençol. Ele ainda está quente, embora menos do que nos dias anteriores. E sua roupa continua molhada, embora não adiante trocá-la toda vez que percebemos, porque ele parece transpirar o tempo todo.

Como ele não se mantém acordado por muito tempo, ninguém parece decidir como agir sobre o que aconteceu. Acho que isso explica por que, apesar de Caio e Vênus jogarem video game na sala o tempo todo, nenhum de nós fala muito quando estamos aqui. O silêncio continua como um pano pesado e molhado sobre nós, que, mesmo quando acontecem interações, e ninguém se arrisca a sorrir.

Quando Luana sai, volto ao quarto de Rafael, sentando-me ao lado dele e abrindo o livro que preciso ler para a supervisão de TCC da semana. Eu leio uma vez o capítulo. Então, leio duas. Ainda não faz sentido e tento a terceira. Na quarta, estou lendo em voz alta. Mas as letras dançam na página, deixando minha cabeça zozna.

Manter minha qualidade na vida acadêmica parece ficar mais difícil enquanto avanço no tema de conclusão de curso. Estou lendo com a voz embargada quando uma mão segura meu braço.

— Oi – a voz de Rafael sai rouca.

Forço a esconder minhas próprias lágrimas antes de encará-lo.

— Eu te acordei?

— Estou passando tempo demais dormindo, não se culpe. O que houve?

— Nada.

Ele franze o cenho e volto a encarar o livro na minha mão. Rafael não solta meu braço nem quando tenta se sentar na cama.

Me viro para tentar ajudá-lo, mas, embora pareça mais frágil e magro do que a última vez que ficou em pé, ainda é um cara pesado. Ele leva minutos para se encostar na cabeceira da cama, então fecha os olhos por mais alguns

minutos, respirando com dificuldade.

— Uau. Fazia tempo que não pegava uma gripe tão ruim.

— É o que acontece quando ficamos muito tempo debaixo de chuva.

— É. Vou me lembrar disso.

Olho para ele de maneira gentil, sem conseguir arriscar qualquer sorriso. Há uma sombra de barba em seu rosto e as olheiras abaixo de seus olhos estão quase negras, ou talvez fosse só sua pele que estivesse pálida demais.

— Eu sei. Estou destruído.

— Gosto de você de barba.

Rafael arqueia uma sobrancelha, me encarando. Nós não falamos nada e ele tira o livro da minha mão.

— Qual é o problema?

— Talvez eu seja muito burra.

— Você é a garota mais inteligente que conheço.

— Acho que você não conhece muitas garotas.

Ele balança a cabeça, franzindo o cenho para a leitura que faz da página. Eu o observo por um tempo antes de me aproximar e colocar a mão na sua testa. Está morna, mas ele ainda transpira frio.

Rafael para de olhar o livro e me encara, perto o suficiente para eu ver os pontos verdes que me encantam no seu olhar.

— Como perder uma mulher em dez dias: fique insuportavelmente doente a ponto de parecer sempre fedido.

— Você acabou de fazer uma referência a uma comédia romântica?

Ele dá de ombros e desvia o olhar.

— É um bom filme. Então, vai me falar o que estava acontecendo?

— As letras estavam dançando na página.

Rafael volta a me olhar.

Eu olho para a parede.

— Tenho dislexia.

Ele não fala de imediato e sinto o rubor ganhar meu rosto antes que consiga evitar. Eu assumi aquilo para poucas pessoas. Nem meus professores, que costumam devolver meu trabalho com muitos riscos vermelhos nas palavras, sabem. A não ser Pedro, que foi esperto o suficiente para perceber que minha dificuldade não era com a língua portuguesa em si, não acho que algum deles tenha compreendido – continuo recebendo notas mais baixas por causa dos erros ortográficos depois de dois anos de curso.

— É por isso que você não lê em voz alta?

— Sim. E pelo fato de que leio muito mal, como você deve ter percebido.

— Preciso dos meus óculos. Ele está do seu lado da cama, dentro da gaveta do criado-mudo.

— Você usa óculos?

— Para leituras e elaboração de projetos. Pegue para mim.

Rafael fica mais novo, embora com cara de nerd-intelectual de óculos, bem diferente da aparência quase descuidada que ele sempre tem.

— Onde você estava? Vou ler para você.

— Não precisa.

— Não te perguntei se precisa. Você tem feito muito por mim nos últimos

dias, Jubs. Me deixa retribuir.

Balanço a cabeça e pego o livro, abrindo no capítulo que eu estava. Rafael demora um tempo para começar a ler em voz alta, analisando a frase que tem a frente. Mas, quando lê, mantém as pausas e narração do mesmo jeito que fez com sua mãe, tornando a leitura muito mais viva do que eu jamais conseguiria.

— Isso está fazendo sentido para você? – ele pergunta, quando peço para pausar e rabisco algumas coisas na minha folha de resumo. – Porque parece grego para mim.

— Você não pode ser tão ruim assim.

— Eu passei a vida escolar inteira colando de Pedro em História, Juliana, acho que posso sim.

Dou uma risada sem me conter, mas paro no meio do caminho. Eu deveria rir na presença de Rafael? Como a gente age perto de alguém que acabou de viver a pior dor da sua vida? Sinto a culpa me dominar e paro de escrever antes de terminar a palavra.

Nós dois ficamos em silêncio e não tenho coragem de encará-lo.

— Posso continuar? – ele fala, por fim.

— Sim. – É tudo o que consigo dizer.

Rafael continua, mantendo o mesmo ritmo de narração. Mas não me olha hora alguma, nem quando peço para ir mais devagar para eu escrever, nem quando me aproximo para fazer uma anotação na lateral da página do livro. Quando termina o capítulo, nós ficamos em silêncio um tempo.

— Você quer alguma coisa? – pergunto.

— Por favor, não aguento mais ver sopa na minha frente.

— Meu pai fez uma receita especial hoje.

— Droga – suspira, fechando o olho. – Tudo bem, pode ser sopa. E um copo d’água.

— Desculpe – digo, me levantando.

Não é só pela sopa que estou me desculpando, mas não consigo falar muito mais do que isso e não sei se Rafael compreende. Ele assente, escorregando pela cama até se deitar.

Daniel está abrindo a porta do apartamento quando volto com o prato de sopa quente e a água na bandeja.

— Ele está acordado?

— Há quase uma hora.

— Isso é bom. Você quer que eu leve isso? Vou aproveitar para colocá-lo debaixo do chuveiro.

— Obrigada.

Daniel me dá um sorriso e pega a bandeja da minha mão, sumindo pelo apartamento. Eu me jogo no sofá, me sentindo estranha e encarando os dois últimos pedaços de pizza abandonados na caixa, que Luana não teve coragem de jogar fora.

O video game ainda está ligado. Deixo que o algoritmo do jogo me bata, como se isso me fizesse sentir menos culpada, e estou perdendo minha sétima partida quando Daniel volta, carregando Rafael.

— Acho que alguém cansou da cama. – Daniel brinca e ajuda Rafael se sentar ao meu lado. – Ou só esteja procurando um motivo para ficar mais perto de você.

— Céus, Daniel, por que você não mantém sua boca fechada? – Rafael resmunga.

— Porque aí não teria tanta graça. – Dá de ombros. – E acho que a gente pode concordar que ele está se curando.

— Some da minha frente!

— Qualquer coisa me liga, Juliana. Tchau. E juízo vocês dois – fala, saindo e batendo a porta em resposta.

— Deixa eu ver se entendi... vocês estão me alimentando de sopa enquanto há pizza aqui?

— Reclame com Vênus e Caio.

— Você está tomando sopa há três dias?

— Eu sou filha de cozinheiro, Rafael.

— Você é uma garota de sorte. Posso jogar com você?

Eu me estico para pegar o outro controle e passo o meu para ele. Rafael segura minha mão, antes que me afaste, e me olha nos olhos.

— Eu sei que estou com esse constante cheiro de doença... e talvez não fosse uma decisão sábia ficar muito perto. Mas... Posso te abraçar?

Balanço a cabeça. Rafael passa os braços pelo meu pescoço, me deixando de costas para ele e apoiando seu queixo no meu ombro. Ele ainda tem cheiro de resfriado, embora esteja perfumado.

— Não deixe de rir por minha causa, tudo bem? – sussurra. – Você não precisa se sentir culpada por isso.

— Você sempre foi maduro assim?

— Acho que você não deveria dizer isso, já que vamos duelar no video game. Eu sou bem competitivo. E não sou maduro o suficiente para lidar com perdas.

— Ninguém é, Rafa. Mas você está com sorte. Eu sou péssima em jogos de luta.

— Não me decepcione. – Ele pisca para mim, apertando o play do jogo.

[45] À MODA ANTIGA

As férias se aproximam com a mesma rapidez que o inverno ocupa a maior parte dos dias, aumentando os ventos e despencando a temperatura. Infelizmente, Rafael não enfrenta sua tristeza com a mesma velocidade e, embora os dias tenham virado semanas e as semanas tenham se transformado em mês, ele não está muito melhor.

Ninguém o vê chorar. Ele vai para as aulas de mestrado e continua trabalhando na capital, mas passa a maior parte do tempo em silêncio, sem dar o menor sinal de sorriso. Ninguém o apressa em seu momento de luto, embora todos fiquem cada dia mais preocupados. Pelo menos, ele não se recusa a encontrar os amigos, ainda que só responda pontualmente com frases curtas quando alguém fala.

Lua é a primeira a propor a procura por um psicólogo, mas, se ele escuta, não demonstra sinal. Fora isso, Rafael continua sendo muito competitivo em jogos e Vênus tem vontade de chutá-lo toda vez que perde – o que acontece com mais frequência do que minha amiga é capaz de suportar.

Divido meu tempo entre a faculdade, a elaboração do TCC, meus livros e a tentativa de animá-lo. Seu apartamento se tornou o principal ponto de encontro, muito porque temos medo de, ao marcar em outro lugar, ele não aparecer. Meu pai ainda manda sobremesas, mas não tenho coragem de chamá-lo para ir a minha casa, por mais que todos digam que estamos num relacionamento.

Não sei se estamos. É difícil saber, quando o outro não conversa muito. Mas sei que ele sempre senta próximo de mim e segura minha mão entre seus dedos. Nós trocamos aqueles olhares e eu arrisco um sorriso, mas Rafael não continua por muito tempo a interação. Vemos muitos filmes, a maior parte dos anos oitenta, e eu o inicio na arte de Gossip Girl e Friends, porque é o que sempre vejo quando estou mal. Ele não reclama. É desnorreador como ele consegue ficar tanto tempo sem abrir a boca.

Não tenho coragem de perguntar nada. Embora ele não tenha ficado mais doente depois do que chamou de “pior resfriado da vida”, não parece saudável. Acho que Rafael emagreceu pelo menos uns cinco quilos, seu

cabelo está maior, quase sempre despenteado, e tem passado mais tempo com barba do que sem – o que o deixaria charmoso, não fosse o fato de que, antes de sua mãe morrer, nunca o ter visto visto assim.

Ele e eu estamos vendo Friends na sala quando Pedro chega, com uma caixa na mão. Hoje foi o dia de leitura do testamento, mas Rafael decidiu não ir, por mais implicações legais que possa ter. Pedro foi em seu lugar, por isso não me espanto a ruga entre suas sobrancelhas.

— Aqui. – Coloca a caixa à frente de Rafael. – Seu pai pediu...

— Esvaziar meu quarto o mais rápido possível? Ele deixou uma mensagem hoje de manhã.

— Você quer que eu faça isso?

— Preciso fazer sozinho.

— Tenho que dar aula daqui dez minutos, então preciso ir. Tem algumas coisas na caixa que são para Juliana. Qualquer coisa, me liguem.

Pedro sai enquanto Rafael abre a caixa. A capa amarela do livro que emprestei é a primeira coisa que vejo.

— Foi o último livro que ela leu. A crise de dor veio logo depois do final.

Seguro o livro com força. Rafael volta sua atenção para a caixa, mexendo nas coisas sem tirá-las de dentro. Passam-se alguns minutos, em que dá para ouvir as piadas de Joey e Chandler na tela, até que ele retira uma caixa grande, encapada de preta, com meu nome colado em cima. Seus dedos passam pela letra e ele suspira.

— Acho que esse é o seu.

— Você sabe o que é?

— Você vai gostar. – Se encosta no sofá, enfiando a mão nos cabelos

Não sei como agir, então fico bastante tempo admirando o papel de

presente. Levanto a caixa, sentindo o peso, a forma, tudo, antes de abrir. O bilhete só tem meu nome e o desprego com cuidado para não rasgar.

— Fui eu que fiz o embrulho. – Passa os dedos no pacote. – Minha mãe não conseguiu. Mas fez questão de escrever o bilhete que está dentro.

Dou um beijo na sua bochecha, fazendo-o fechar os olhos por um instante. Quando volta a me olhar, ainda estou próxima o suficiente para ver seus pontos verdes na íris. Rafael toca meu rosto, com dois dedos.

— Não tenho sido uma boa companhia, não é?

— Está tudo bem. Só... ficaria mais tranquila se você dividisse um pouco da sua dor com alguém.

— Não consigo pensar nas palavras. Elas fogem de mim, na maioria das vezes.

Assinto com a cabeça e recebo um beijo na testa.

— O que você vai fazer nas férias? – pergunta.

— Tentar não sucumbir ao tédio, acho.

— Eu... tenho que ir para BH trabalhar. Estava pensando... – Ele arqueia a sobrancelha, as juntando no alto da testa –, se você não me acompanharia?

Eu franzo o cenho.

— Sua irmã mora lá, não é? Você pode ficar com ela, se quiser. Ou... você pode ficar no meu apartamento. Comigo.

— Achei que seu apartamento fosse um motel para fazer hora-extra com sua secretária, ambos pelados – repito o que ele disse meses antes.

Há a primeira insinuação de um sorriso no rosto de Rafael e ele deixa as pálpebras caírem. Passo os dedos pela curva dos seus lábios até que ele volte a me encarar. Fico contente de ser a primeira a causar um quase sorriso, por isso me aproximo mais de seu corpo.

— Eu te contei que minha secretária tem sessenta anos?

Eu sorrio.

— Você pode ficar lendo seus livros ou minhas HQs enquanto estou na empresa. E à noite nós podemos sair. Ou ver filmes. Ou discutir sobre constelações. No fim de semana a gente pode viajar para as cidades próximas que tem cachoeira. — Ele enrola um fio de cabelo meu na mão. — Seus pais achariam ruim?

— Acho que não. Eles gostam de você.

— Seu pai nem me conhece.

— Ele confia no julgamento da minha mãe. Ele sempre brinca que ela o escolheu, então ela deve ter bom gosto.

Rafael deixa uma risada fraca escapar. É um som tão rápido e imprevisível que ele arregala os olhos depois. Seus olhos enchem-se de lágrimas e eu o abraço, antes que ele chore.

Sinto seu coração bater rápido contra meu peito e meu próprio coração disparar pelo contato. Nós só nos beijamos uma vez e nunca falamos disso, mas toda vez que ele se aproxima, meu corpo reage como nunca reagiu antes.

— Você pode, ao menos, pensar no meu convite?

— Vou pensar.

— Acho que o que você tem nas mãos pode ajudar.

Balanço a cabeça afastando-me para abrir o presente. Rafael me ajuda no final, puxando a caixa, e eu solto um grito sem conter.

— Isso é sério? Isso é... meu?!

Ele não responde e viro a caixa de um lado para outro, apaixonada. São os seis romances de Jane Austen, e tiro-os da caixa de proteção com cuidado. Estão na língua original e, quando olho a edição, solto outro grito que faz

Rafael quase sorrir.

— Eu ia te enviar em segredo, mas minha mãe insistiu por entregar todos de uma vez, me acusando de ser sádico.

A fala dele faz eu trazer algo à memória e eu coloco, relutante, a caixa de volta no meu joelho.

— Por que você me mandava os livros?

Rafael desvia o olhar, ficando em silêncio. Eu espero, prestando atenção nos detalhes da edição antiga, clássica e original no meu colo.

— Eu queria te conquistar.

Engasgo, voltando a encará-lo.

— Por quê?

— Porque estou apaixonado por você.

Ele fala isso como se declarasse o óbvio e meu coração bate tão forte que deixa um zunido no meu ouvido. Tenho vontade de perguntar, como as mocinhas dos meus livros preferidos, por que ele se apaixonou por mim. Mas essa pergunta faz pouco sentido na vida real, embora sirva para deixar os leitores suspirando enquanto leem o livro.

— Você está apaixonado por mim há um ano?

— Um pouco mais do que isso. — Dá de ombros.

— Por que você nunca falou?

— Você sempre se afastava e percebi que não conseguiria, se apenas jogasse isso no seu colo. Eu acreditava que mexia com você, pelo jeito com que você me olhava, às vezes... e achei que, se te conquistasse, você poderia se apaixonar por mim também.

— Mas como eu ia me apaixonar por você com livros sem remetente?

— Você não aceitaria se eu só te desse. Percebi muito rápido que você é uma garota à moda antiga. E, tudo bem por mim, eu também me acho um cara à moda antiga. E antigamente os homens cortejavam as mulheres com flores. Achei que a melhor versão para a atualidade seria livros, já que você adora falar deles.

— Como você acertou em todas as escolhas? – digo, zozza.

— Eu sou observador e detalhista. E assisto a seus vídeos.

Balanço a cabeça, como se a minha mente pudesse clarear com a ação.

— Percebi que sua dificuldade de me aceitar não era uma recusa a mim, mas não conseguia compreender muito bem o que era.

— Por isso a dedicatória no Mochileiro das Galáxias. Eu odiei aquilo. Odiei saber que você estava certo.

— Não era para você ter odiado.

— Mas... por que você se declarou no último livro?

— Eu ainda pretendo te mandar alguns livros, então não coloque como último. – Ele dá de ombros.

— Mas não faz sentido você continuar me mandando, se já sei que é você.

— O objetivo era te conquistar, não te fazer descobrir que era eu.

— Você já me conquistou – falo, sem pensar.

Os olhos de Rafael brilham e ele se aproxima, roçando seus lábios no meu. Ele mantém uma certa distância e espera por algum tempo. Sei que ele vai se afastar num sinal mínimo meu, e, por isso, passo os braços pelo pescoço dele trazendo-o para mais perto. Gosto como ele me respeita, como deixa a decisão final para mim, como sempre me dá espaço para recuar, sempre que quiser, sem se sentir ofendido por minha recusa. E, por isso, gosto de ficar cada vez mais próxima dele.

Seu beijo não tem gosto de cerveja dessa vez, só de pasta dental de menta. Ele mantém o mesmo ritmo lento, embora sua língua não tenha tanta hesitação. Sinto meu coração bater mais forte e paro o beijo quando parece que meu estômago vai embrulhar. E é quando percebo que, pela primeira vez, não pensei demais ou reparei em algum detalhe na parede na minha frente. Eu sorrio.

— O que foi esse sorriso?

— Você quase me faz gostar de beijos na boca.

— Lisonjeado. – Ele pisca.

— Mas você não me respondeu. Por que você se declarou no último livro?

— Porque você foi sincera comigo. Eu queria dizer que não me importava nada disso, que posso viver sem beijar você, que vamos fazer sexo quando e se você quiser. E porque só mesmo os idiotas não gostam da Grifinória.

Dou uma risada e ele encolhe os ombros.

— Eu queria te contar, mas achei que você nunca entenderia...

— Claro que achou, Lizzie Bennet.

O nome da personagem me faz olhar de novo para os livros no meu colo e eu passo os dedos pela capa. Um bilhete cai sobre meu joelho e o pego. Rafael se afasta, o que me faz erguer o rosto.

— Minha mãe me fez prometer que eu não leria, mas espero que você me conte.

A letra de Tânia está tremida, como se ela estivesse com dor na hora.

Querida Emma-Juliana-Bennet; ela começa, e eu dou um sorriso pela junção que ela faz. Rafael me deu essa edição de presente quando voltou da aventura de mochilão pela Europa. Se ele não te contou sobre, peça-o. Os três viveram excelentes histórias. São todos da primeira edição publicada por Jane Austen e não consigo nem imaginar o trabalho que meu filho teve

para encontrar esse presente perfeito. Queria ter tido mais tempo para conhecer você melhor, desconfio que teríamos sido excelentes amigas. Mas não dá para controlar a vida e, ao menos, vou morrer sabendo que ninguém, nos últimos meses, fez Rafael mais feliz do que você. Só tenho a lhe agradecer e não pensei em um melhor jeito do que lhe deixar esses livros; não conheço ninguém que cuidaria melhor dessas edições, assim como acredito que não há ninguém melhor para cuidar do coração do meu filho. Esses são meus bens mais preciosos, e agora são seus. Espero que esses livros te façam lembrar, nos momentos difíceis que por ventura vierem, que um romance não precisa de contato íntimo para ser uma história de amor. Jane Austen foi a autora que provou isso. O resto, espero, você vai aprender com a vida. Com amor, Tânia.

A lágrima desce pelo meu rosto antes que consiga evitar e Rafael passa o dedo pela minha bochecha.

— Então... — ele sussurra.

— Ela está me dando seus bens mais preciosos para cuidar. Seu coração e esses livros — digo com a voz embargada.

— Que responsabilidade e tanta. Mas lhe dou o direito de fugir quando quiser.

Dobro o bilhete com cuidado e lentidão, mas Rafael não me apressa a dizer nada. Ele nunca me apressa. Em vez disso, continua enrolando uma mecha do meu cabelo em seus dedos.

— Você acha que é possível? — sussurro. — Ter um relacionamento sem tanto beijo e sexo, como todo mundo diz que tem que ser, e mesmo assim ter uma boa relação?

— Não sei. Mas estou disposto a descobrir, se for com você.

Eu o olho e Rafael não desvia o olhar. Ele completa:

— Se você estiver disposta a descobrir comigo, também.

Brinco com meu nariz no seu nariz, balançando de um lado para o outro.

— Eu não te contei, mas acho que não tenho escolhas, porque estou apaixonada por você.

Rafael quase sorri, fechando os olhos. Ainda está longe de ser o sorriso que sempre deu, mas já é um começo. Eu sorrio e beijo sua bochecha, fechando os olhos.

É um começo para nós dois também.

EPÍLOGO

— E eu vos declaro marido e mulher – o padre diz.

— Esse momento é real! – Vênus guincha ao meu lado.

— Esse momento é nosso! – comemoro.

— Ei, vocês, é um casamento – Pedro cochicha, puxando a namorada que quase pula no seu salto alto. Quase, porque ela ainda não tem equilíbrio o suficiente pra fazer isso sem cair com a cara no chão. – Se comportem.

— Agora você se lembra que é um casamento, né? Que oportunista. Quando estávamos decidindo a dança especial dos padrinhos, ficou dizendo que não era nada demais...

— E não é. Eles já estavam casados. Ninguém precisa passar vergonha por isso.

— Você pode falar o que quiser, Pedro – Rafael debocha. – Mas vai dançar Anitta do mesmo jeito.

Pedro rosna, Vênus ri e Rafael me abraça me puxando para mais perto do seu corpo. Estou com um salto alto de quinze centímetros e, ainda assim, mal alcanço seu queixo. Eu sei que depois de dois anos deveria me acostumar com a diferença de altura, mas, na prática, é mais difícil. Como ele não está sempre no meu campo de visão, não consigo me acostumar com a beleza que Rafael tem, o que eu acho que explica o fato de meu coração bater tão descompensado quando levanto o olhar para encará-lo, todas as vezes.

Ou talvez eu só seja uma trouxa apaixonada sem conserto mesmo.

Caio e Luana exibem seus melhores sorrisos no altar. E ninguém na igreja parece acreditar que esse fato, finalmente, aconteceu. Claro que todos sabem que os dois estão morando juntos há, pelo menos, um ano. Claro que não há ninguém em Ponte Belo que não soubesse que eles estão irritantemente apaixonados. Mas vê-los dizer o Grande Sim em frente a um padre deixa todos com uma expressão meio estarecida, meio contemplada.

— Eu já disse que você está linda? – Rafael sussurra no meu ouvido.

— Eu já disse que você é exagerado?

— Eu já disse que vocês são nojentos? – Vênus provoca.

— Eu já disse que estamos numa igreja? – Pedro resmunga.

— Eu já disse que meu namorado está mais chato do que o normal porque vai dançar um mix de funk?

— Eu já disse que você é insuportável?

— Eu já disse que vocês deveriam calar a boca? – Rafael resmunga.

Nós rimos, fazendo metade da igreja nos olhar. Lua e Caio reviram os olhos em nossa direção.

— O que será de nós agora? – Vênus choraminga – Lua vai sair para um mês de lua de mel. Já sinto saudades do Mundo da Lua.

— Você ainda trabalha lá. – Pedro dá de ombros.

— Mas não é a mesma coisa. E ela está indo embora. – Aponta para mim.

— Você anda meio sentimental esses dias, não é? A idade tá chegando?

— Eu ainda quero saber como vocês vão fazer esse relacionamento acontecer! – rosna.

— Ele já acontece – Rafael encolhe os ombros.

Rafael havia defendido sua dissertação de mestrado há quase seis meses, mais cedo do que o prazo original, e deixou Ponte Belo para trás. Ele não é o tipo de pessoa que finca morada muito tempo num lugar e o fato do relacionamento entre ele e seu pai ter acabado para sempre, é uma justificativa muito boa para se manter o mais longe possível de lugares que Olavo frequenta.

Porque também havia se enjoado de Belo Horizonte, recomeçou a carreira praticamente do zero em Cuiabá. É o que mais gosto em Rafael, o fato de não ter medo de largar tudo o que tem, em busca de algo que vai deixá-lo mais feliz, mesmo que signifique que ganhará menos.

Mas, quando ele se mudou ainda estava no final da graduação e, portanto, continuei em Ponte Belo. Acho que continuaria em Ponte Belo, se não tivesse acontecido tanta coisa na minha vida, se eu não tivesse perdido tanto meus medos e, principalmente, se eu não tivesse aprendido tanto nesses dois anos de namoro com Rafael. Eu continuaria o mestrado na UFBelo, ainda com Pedro, porque é confortável fazer um trabalho com quem conhece meus limites de aprendizado. Eu ainda amo Ponte Belo, é claro, sempre vou amar e, em algum momento, vou voltar para cá. Mas é hora de tentar algo novo.

E, por isso, me inscrevi no mestrado da UFMG. E passei. E agora eu, a garota provinciana, estou arrumando as coisas para morar na capital.

— Como vou ficar sem minha melhor amiga?

— Deixa de drama. — Pedro revira os olhos. — Belo Horizonte é logo ali.

— Eu acho uma loucura vocês dois.

— É muito melhor Juliana em BH do que aqui. Lá tem aeroporto. Eu não preciso perder um dia nas estradas horrorosas do Brasil só para ver minha namorada.

— Ele é um engenheiro capitalista rico, Vênus, ele pode gastar dinheiro com avião quando quiser — Pedro provoca.

— Nós ainda estamos numa igreja. — Rafael faz uma careta.

Nós três rimos e ele cruza os braços, emburrado. Fico na ponta do pé para beijá-lo no rosto.

— Eles não estão exatamente errados.

— Nem a minha namorada fica do meu lado, eu estou perdido.

— A gente está sempre perdido com essas mulheres, não fique se sentindo especial. – Pedro dá de ombros.

— Você mora onde Judas perdeu as calças e vem me falar que ficou perdido com Juliana? Francamente! – Vênus bufa.

— Eu ia convidar vocês para passarem as férias por lá, mas já que parece longe demais, é melhor não ir, não é?

— As férias? As férias de Natal? Seus pais sabem disso? – Vênus cerra os olhos para mim balanço a cabeça. – Eles deixaram você passar o Natal fora de casa?

— Eles gostam de Rafael.

— Eu ainda não entendi tanto drama. Você também deixará Ponte Belo para trás em algum momento – digo.

— Ainda vai demorar. Eu tenho um ano de graduação ainda. – Suspira. – E eu, com certeza, não vou parar no meio do nada.

— Um ótimo lugar para juntar dinheiro.

— Juntar dinheiro, Rafael? Me poupe. Você é um Albuquerque. Tem a herança da sua mãe intocada no banco.

A menção de Tânia produz uma mudança de postura imediata em Rafael. As mãos dele se tencionam em volta da minha cintura e ele para de sorrir. Embora o processo de luto tenha finalizado sem grandes consequências, Rafael ainda fica triste quando se lembra da mãe. Não que seja uma reação estranha – ele não perdeu só sua mãe, ele perdeu uma família inteira. Estranho seria se não se afetasse.

Rafael não fala, mas sei que não ter contato com seu pai é algo que o incomoda. Não era o que Tânia queria dos dois e não cumprir uma das promessas o deixa amargurado em alguns dias. Mas tenho fé que em algum momento esse sentimento diminuirá, até parar de incomodar. Não é uma coisa que depende só dele, afinal. Ele não tem que se culpar por não

conseguir.

— Ela teria adorado estar aqui – Pedro diz.

— Sim. Mas ia ficar um pouco triste, porque gostava mesmo do casal Lua e Renato. – Rafael assente.

— Argh, pelo amor da deusa, esse nome não era necessário.

— Vocês precisam mesmo falar isso tudo? – Lua se aproxima de nós, puxando Caio. – E ainda estou esperando pelos parabéns dos meus melhores amigos?

— Por que eu te daria parabéns por casar com esse imbecil? – Pedro faz uma cara engraçada.

— É bom cuidar dessa mulher direito, se não vamos ter que destruir sua vida, e você não vai querer isso.

— Vocês são absurdos! Somos amigos a mais tempo! – Caio protesta.

— É verdade. Mas Lua é mais especial.

— Eu amo vocês – ela diz, jogando os braços em nossa volta e dando um abraço coletivo. Vênus resmunga quando quase nos beijamos.

— Garotos – a mãe chama, se de Caio aproximando. Ela acabou de colocar uma flor, arrancada de um arranjo, atrás da orelha e Caio faz uma careta. Ele está esticando a mão para tirar, quando Lua o detém e dá um sorriso gentil, primeiro para ele e depois para sua sogra. – Lua precisa jogar o buquê de flor antes de ir para a festa. Vocês precisam desocupar a igreja.

— Você vai mesmo reafirmar essa cultura idiota? – Vênus resmunga.

— Vou. E quero vocês duas lá. Porque sabem o que dizem, né? Depois que alguém do grupo íntimo de amigos casa, inicia um ritual em que todos se casam. E eu quero saber de quem vou ser madrinha primeiro.

— Deus me livre– Vênus diz, enquanto saímos da igreja. – Eu nem me

formei! Não posso me casar!

— Essa desculpa cola para você? – Rafael questiona Pedro.

— Eu quero o que ela quiser.

— Quem deve se casar são vocês, afinal Juliana tá no mestrado e você mora longe demais!

— Será que você poderia não ficar preocupada com a distância do meu relacionamento? – resmungo.

— Vem cá, vocês tomaram alguma poção especial para não calarem a boca? – Lua xinga.

— Vai jogar seu buquê e ser feliz, porra – Vênus retruca.

— Vão para a fila.

— Que dó. Eu não saio daqui nem por um engradado de cerveja.

— Ela não quer mesmo casar com você – Rafael dá um tapa de leve nas costas de Pedro.

— Ela só gosta de usar meu corpo – ele concorda.

— Olha os modos! Você está numa igreja! – Vênus devolve a frase dele, com um sorrisinho de canto.

— Você deveria vir, então – Lua diz. – Eu sei que você sempre quis casar.

Estou quase negando, mas Rafael se inclina para falar no meu ouvido:

— Eu não ficaria hesitante em me casar com você.

— É só um buquê. Vou ficar bem aqui.

— Acho que você está sendo desprezado também – Pedro enfia a mão dentro do bolso da calça.

— Ela só gosta dos livros que dou a ela.

— É verdade – digo. – Eles são em capa dura.

Nós rimos e Vênus me puxa para perto. Há umas quinze mulheres na porta da igreja, esperando Luana jogar o buquê de tulipas vermelhas – inclusive minha irmã, que está na primeira fileira. Ela continua solteira, algo que parece incomodá-la muito mais depois que levei Rafael para apresentar aos meus pais.

— Você ainda tem que me contar sobre a primeira vez de vocês – Vênus sussurra. – E tem que ser antes de ir embora.

— Nós estamos numa igreja! – Sinto meu rosto corar.

Vênus sacode os ombros para cima e para baixo e me dá seu sorriso típico.

— Depois da dança.

— É bom que seja mesmo.

Não foi um grande acontecimento, como não achei que seria. Aconteceu sem planejamento. Rafael e eu estávamos no meu quarto terminando de ver série. Era madrugada e a casa estava silenciosa. Ele disse alguma coisa engraçada e comecei a rir quase histérica, fazendo meu barulho na garganta típico e nada silencioso. Ele tentou abafar o som me beijando.

Já faz um tempo que me acostumei com beijos. E a palavra é mesmo essa: acostumar. Meu estômago não embrulha e me sinto mais à vontade, mas ainda é um momento que me pergunto por que as pessoas gostam tanto desse tipo de contato, pois para mim não significa muita coisa. Eu me apaixono mais quando ele e eu trocamos nosso típico olhar, longo, sem piscar. Eu o amo muito mais quando ele consegue me fazer rir.

Acho que uma coisa levou a outra. Rafael me perguntou umas cem vezes se estava tudo bem, e, como estava, o mandei continuar. Teve momentos bons. Teve momentos ruins. Teve momentos engraçados e complicados. Arrancou risadas em algum ponto. O que o fez dizer que me amava, enquanto

me sentia idiota por rir nua ao lado de um cara nu. Nós rimos quase em silêncio e continuamos dando risada por algum tempo, até que veio a dor. Foi o único momento que quase desisti. Teria desistido, se fosse outra pessoa, se eu não amasse tanto o cara que me olhava, com olhos ternos e intensos. Teria desistido, se ele não tivesse perguntado se eu queria parar. Porque quando ele perguntou, quando ele me deu a chance de dizer não, eu só quis dizer sim.

E foi isso. Não foi ruim. E também não foi a melhor coisa da minha vida. Posso viver sem. Eu disse isso a ele quando me perguntou o que eu tinha achado. Acredito que outros homens teriam se sentido ofendidos. Mas não Rafael. Ele não disse que melhora com a prática. Ele não pediu pra fazer de novo, tentando me provar que é melhor. Ele apenas se deitou ao meu lado, me puxou para seu peito, fez carinho no meu cabelo, sorriu e disse “é exatamente o que sinto.”. E acredito nele.

— Isso é meio patético, não é? – Vênus debocha, quando Lua está iniciando a contagem, de costas para as mulheres.

Caio está com uma cara de quem não sabe muito bem o que fazer, ao lado da sua mulher. E nós duas damos uma risadinha.

— Acho que é menos ridículo do que ver seu namorado rebolar ao som de Anitta, daqui alguns minutos.

— Quer parar vocês duas? – Pedro resmunga. – Seu namorado também vai rebolar.

Estou pronta para responder à provocação quando algo acerta minha cabeça. Eu solto um resmungo, um tanto tonta, e olho para baixo. O buquê de tulipas vermelhas está no pé de Vênus, que está com os olhos arregalados encarando a cena enquanto todas as mulheres da fila resmungam o quanto é injusto.

— Mas que porra?!

— O que aconteceu? – pergunto.

— Você foi acertada por um buquê maluco. – Rafael dá um sorriso

divertido.

— Isso significa que você é a próxima! – Vênus aponta o dedo para mim.

— Não! Ele parou no seu pé!

— A tradição não fala que é quem acerta primeiro?

— A tradição fala que é quem pega o buquê! E ele está no seu pé!

— Luana! O que raios aconteceu? – Vênus cerra os olhos para Lua.

— A base do buquê quebrou e ventou na hora que ia jogar e... – Ela se aproxima – Ele está batendo no pé das duas. Caio! Venha cá! Você é o cara racional, o que isso significa? Qual das duas vai casar primeiro?

— Acertou nela primeiro!

— Terminou no seu pé! – rebato.

— No nosso pé! Tocou mais você do que eu. Você venceu. É todo seu.

— Mas está tocando seu pé inteiro e o meu é só o dedão!

— Caio! – Luana volta a falar.

— Significa... – ele começa, em tom sério.

— ... que vocês... – completa Rafael.

— ... são completamente loucas – termina Pedro.

Nós três olhamos para os homens, depois para o buquê.

— Alguém precisa pegar o buquê. – Vênus diz, imóvel.

— Se eu pegar, dá azar. – Lua diz.

— Se eu pegar, o buquê termina na minha mão.

— Você nem acredita nessa tradição – digo.

— Mas prefiro não correr o risco.

— Ah, por favor... – Rafael se agacha e pega o buquê. – Se a tradição é com quem o buquê termina, alguma de vocês querem? – ele fala pras mulheres à nossa frente. Elas fazem barulhos e Rafael joga o buquê.

Nós olhamos as mulheres pularem, uma cair sobre a outra, o buquê passar de mão em mão. No final, as tulipas terminam na mão de minha irmã. Ela dá um pulo, rindo, enquanto as outras resmungam ao mesmo tempo que dão parabéns e riem.

— Caramba – diz Caio. – Isso acontece mesmo.

Nós nos olhamos por alguns segundos e, então, porque não há muito mais a fazer, nós caímos na risada. Juntos.

fim.

AGRADECIMENTOS

Uma história só é possível porque pessoas param para ouvi-las. Aqui vai meu agradecimento mais do que especial, com o perdão do eufemismo, às duas pessoas que viram que Juliana era mais do que só uma personagem muito meiga com ideais românticos, não me deixando ignorar a história que ela carregava: **Jéssica Zambello** e **Debora Theobald**. Esse livro não teria encontrado o papel não fosse a insistência de vocês. Obrigada pelas artes, pelos surtos, pelos e-mails e mensagens em *caps-lock* nas horas mais inusitadas do dia – vocês foram o fôlego, quando escrever se tornou dolorido.

À **Larissça Ribeiro**, por ter se tornado a terceira beta desse elo, e ser a responsável pelos suspiros mais românticos, bem como dos conselhos divididos pela madrugada afora. Você é uma amiga e uma autora incrível – nunca permita que te façam duvidar disso.

Às minhas primeiras-segundas leitoras, que leram o livro todo em menos de 24 horas porque não conseguiam parar: **Letícia Rabelo**, **Isis Alanis**, **Stephanne Smiths** e **Karinna Souza**. Vocês foram as primeiras a me fazer ver o tanto que esses protagonistas eram apaixonantes – e não há palavras para agradecer, assim como não tem como agradecer o poder da nossa amizade.

A **Nina Spim** que teve a gentileza de revisar o livro, tanto nos erros ortográficos que passaram da minha própria análise quanto da revisão crítica, apontando para frases e posicionamentos que fossem mais polêmicos.

A todas as garotas que tiveram a coragem de, em algum momento da vida, dizer não. Não somos só objetos sexuais. Não devemos solidificar qualquer relação apenas com base nisso. Não devemos alimentar preconceitos sobre sexualidade e, principalmente, não devemos dar biscoito para homens que não fazem mais do que a obrigação. E respeitar as pessoas, e, principalmente, seus limites é obrigação de todos os seres humanos. Rafael é apaixonante, mas não merece parabéns e suspiros por ter esperado o tempo de Juliana para tudo o que aconteceu entre os dois.

Juliana Galli está certa: o poder é nosso.

O poder é sempre nosso.

Nunca se esqueça disso.

PLAYLIST QUE ACOMPANHOU A HISTÓRIA

1-As Estrelas Sabem – Arnaldo Antunes

2-Quando Você Passa – Sandy & Jr.

3-Garotos II – O Outro Lado – Leoni

4-Apenas Mais Uma de Amor – Lulu Santos

5-Fearless – Taylor Swift

6-Love Will Set You Free – Kodamine

7-I Don't Wanna to Miss a Thing – Aerosmith

8-Só Sei Dançar Com Você - Tiê

9-Quase Sem Querer – Legião Urbana

10-Terra de Gigantes – Engenheiros do Hawaii

11-Pra Sonhar – Marcelo Jeneci

12-Os Outros – Kid Abelha

13-Supermarket Flowers – Ed Sheeran

14-Saturn – Sleeping At Last

15- Stand By Me – Oasis

16-Pra Você Guardei O Amor – Nando Reis

Coordenação editorial: Fernanda Campos

Copidesque: Nina Spim

Revisão: Nina Spim

Capa e projeto gráfico: Fernanda Campos

Foto da capa: pixabay

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

[1](#) Personagem do desenho animado Hora da Aventura, no ar desde 2010.

2 Personagem do desenho animado Pinky e Cérebro, que foi ao ar pela primeira vez em 1995.

[3](#) Personagem da série Guia do Mochileiro das Galáxias, de Douglas Adams.

[4](#) Terceiro volume da série Os Bridgertons, de Júlia Quinn.

[5](#) Série de TV norte-americana, no ar desde 2016.

[6](#) Personagem do livro O Duque e Eu, primeiro da Série Os Bridgertons, de Júlia Quinn.

[Z](#) Personagens da série de ficção científica Guia do Mochileiro das Galáxias.

[8](#) Do livro Sob O Mesmo Teto, de Bruna Fontes.